

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL

SÉRGIO WILLIAN DE CASTRO OLIVEIRA FILHO

“*ESTRANHO EM TERRA ESTRANHA*”:
PRÁTICAS E OLHARES ESTRANGEIRO-PROTESTANTES NO
CEARÁ OITOCENTISTA.

FORTALEZA

2011

SÉRGIO WILLIAN DE CASTRO OLIVEIRA FILHO

“*ESTRANHO EM TERRA ESTRANHA*”:
PRÁTICAS E OLHARES ESTRANGEIRO-PROTESTANTES NO CEARÁ
OITOCENTISTA.

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do Grau de Mestre em História Social à comissão julgadora da Universidade Federal do Ceará; sob orientação da professora Dra. Marilda Santana da Silva.

FORTALEZA
2011

“Lecturis salutem”

Ficha Catalográfica elaborada por

Telma Regina Abreu Camboim – Bibliotecária – CRB-3/593

tregina@ufc.br

Biblioteca de Ciências Humanas – UFC

O51e Oliveira Filho, Sérgio Willian de Castro.

“Estranho em terra estranha” [manuscrito]: práticas e olhares estrangeiro-protestantes no Ceará oitocentista / por Sérgio Willian de Castro Oliveira Filho. - 2011.

305f. ; 31cm.

Cópia de computador (printout(s)).

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em História, Fortaleza (CE),

11/04/2011.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Marilda Santana da Silva.

Inclui bibliografia.

1. PROTESTANTES – CEARÁ – ATITUDES – SÉC.XIX. 2. VIAJANTES – CEARÁ – ATITUDES – SÉC.XIX. 3. ESTRANGEIROS – CEARÁ – ATITUDES – SÉC.XIX. 4. CEARÁ – DESCRIÇÕES E VIAGENS – SÉC.XIX. 5. OUTRO (FILOSOFIA).

I- Silva, Marilda Santana da, orientador. II- Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em História. III- Título.

CDD: 280.498 (22^a ed.)

918.131044

26/11

“*ESTRANHO EM TERRA ESTRANHA*”:
PRÁTICAS E OLHARES ESTRANGEIRO-PROTESTANTES NO CEARÁ
OITOCENTISTA.

Dissertação submetida à Coordenação do Curso de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História Social. Área de concentração Cultura e Poder.

Aprovada em ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a Dra. Marilda Santana da Silva
(ORIENTADORA)

Prof^a Dra. Eliane Moura da Silva
(MEMBRO DA BANCA EXAMINADORA)

Prof. Dr. Francisco Régis Lopes Ramos
(MEMBRO DA BANCA EXAMINADORA)

Prof. Dr. Franck Pierre Gilbert Ribard
(SUPLENTE)

Aos que sentem ou já se sentiram de
algum modo estranhos em terra
estranha.

AGRADECIMENTOS

À minha esposa, Luana Pierre (minha sempre historiadora e agora gastrônoma), a qual me apoiou e deu-me forças nos momentos mais difíceis da escrita deste trabalho.

À minha mãe, Adizia, por seu extremo cuidado e preocupação para comigo. Mesmo quando não estávamos juntos ela sempre esteve comigo e eu com ela.

À minha família que foi paciente com respeito a minhas escolhas profissionais e sempre torceu pelo meu sucesso.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) que, em parceria com Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), financiou de maneira imprescindível a feição da presente dissertação.

À minha orientadora, professora doutora Marilda Santana da Silva, com quem pude ter momentos de agradável diálogo na busca pelos melhores caminhos a serem seguidos em minha jornada como historiador.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará, Almir Leal, Frederico de Castro Neves, Régis Lopes, Franck Ribard, Gilberto Nogueira, Ivone Cordeiro, Ana Amélia Melo, Meize Lucas, que diretamente auxiliaram em meu amadurecimento profissional.

Aos professores da Universidade Estadual do Ceará, Carlos Jacinto e Gledson Ribeiro, que ainda nos tempos de minha graduação contribuíram de maneira fundamental para o desenvolvimento de minha pesquisa.

À professora Ana Carla Fernandes, cuja solicitude em auxiliar-me no desenvolvimento das atividades junto à graduação exigidas por minha bolsa de mestrado foi excepcional.

Aos amigos de mestrado e graduação (cuja lista seria muito extensa para ser postada aqui), que em nossos diálogos em sala de aula ou informais auxiliaram na formatação de meu pensamento intelectual.

Aos amigos da igreja Batista Shema pela fraternidade com a qual sempre me trataram.

À minha tia, Anete Oliveira, por ter sido o canal pelo qual pude ter acesso a uma das fontes mais importantes deste trabalho, o romance “*Candida*” de Mary Hoge Wardlaw.

Aos responsáveis pelo magnífico trabalho de digitalização e divulgação de livros e documentos nos sites archive.org, Google books, footnote.com e ancestry.com.

Ao casal Nilo e Judite Sanchez, que de maneira tão hospitaleira me receberam quando de minha viagem à Recife e a seu filho Denílson Sanchez e sua esposa Simone Sanchez por seus espíritos alegres, empreendedores e tão inspiradores.

Aos meus cachorros Foucault e Mel, que ao distraírem-me durante nossos passeios diários me auxiliaram a pensar acerca de minha escrita.

RESUMO

“Estranho em terra estranha”: Práticas e olhares estrangeiro-protestantes no Ceará oitocentista.

No século XIX o Brasil vivenciou uma grande presença de estrangeiros em seu território. Dentre estes estrangeiros estiveram no Brasil os britânicos Henry

Koster e George Gardner; e os norte-americanos Daniel Kidder, De Lacey Wardlaw e Mary Hoge Wardlaw, todos eles protestantes. Apesar das várias peculiaridades destes sujeitos, eles escreveram relatos contendo suas impressões sobre este território e seus habitantes. Tal dissertação trata de uma análise dos discursos e experiências destes cinco viajantes estrangeiros protestantes anglo-saxões que através de seus escritos construíram um amplo jogo de relações de alteridade com o Brasil.

Palavras-Chave:

Viajantes – Protestantismo – Alteridade.

ABSTRACT

“Stranger in a stranger land”: Practices and looks foreign-protestants in Ceará in nineteenth century.

Keywords:

Travelers – Protestantism – Alterity.

SUMÁRIO

PRÓLOGO.....	12
--------------	----

INTRODUÇÃO	28
CAPÍTULO 1: OLHARES PROTESTANTES	47
1.1. ALMAS PROTESTANTES, ESPÍRITOS ESCLARECIDOS, SONHOS ROMÂNTICOS	61
1.2. HÁBITOS IMORAIS: OLHARES CIVILIZADORES PROTESTANTES NA VIDA E NA MORTE	83
1.3. “A TERRA ESTÁ CHEIA DE CRIMES DE SANGUE”: VIOLÊNCIA E COERÇÃO INTERNA	109
CAPÍTULO 2: “MOSTRAREI A MINHA FÉ PELAS MINHAS OBRAS”	130
2.1. AS LIBERDADES PROTESTANTES	135
2.2. O ELOGIO AO LABOR	158
2.3. “ENSINAI-LHES O QUE É RACIONAL ”	175
CAPÍTULO 3: O PORVIR IDEALIZADO	197
3.1. COMO AJUDAR CANDIDA?: O PROJETO DA EXPANSÃO PROTESTANTE.....	203
3.2. O PROGRESSO MATERIAL.....	222
3.3. O DEVER VIVENCIADO: O LEGADO DO BRASIL	241
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	263
BIBLIOGRAFIA E FONTES	272
ANEXOS	292
ANEXO 1: PASSAPORTE DE DE LACEY WARDLAW.....	293
ANEXO 2: PASSAPORTE DE MARY HOGE WARDLAW	295
ANEXO 3: PASSAPORTE DE CAROLINE CUNNINGHAM WARDLAW	297
ANEXO 4: NOTÍCIA DA MORTE DE DANIEL KIDDER PUBLICADA NO ‘THE CHICAGO TRIBUNE’	299

ANEXO 5: COMUNICAÇÃO DA MORTE DE GEORGE GARDNER PUBLICADA NO ‘HOOKER’S JOURNAL OF BOTANY’	300
ANEXO 6: CORRESPONDÊNCIA DE VIRGINIA RANDOLPH WARDLAW PUBLICADA NA REVISTA INFANTO-JUVENIL ‘ST. NICHOLAS’	302
ANEXO 7: ENTREVISTA DE DE LACEY WARDLAW PUBLICADA NO ‘THE CONSTITUTION’	303
ANEXO 8: PREFÁCIO DO ROMANCE ‘CANDIDA; OR, BY A WAY SHE KNEW NOT. A STORY FROM CEARÁ’ DE AUTORIA DE MARY HOGE WARDLAW	304

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: “ <i>ATRAVESSANDO UM RIO</i> ” - HENRY KOSTER	47
(Abertura do Capítulo 1)	

FIGURA 2: “*UM PADRE LENDO UM FOLHETO*” – DANIEL PARISH KIDDER ... 130
(Abertura do Capítulo 2)

FIGURA 3: “*FLORINDA’S FIRST HOME*” – MARY HOGE WARDLAW 197
(Abertura do Capítulo 3)

“Pode um historiador ser objetivo e desapaixonado? Não faz ele suas investigações como alguém que procura uma carta de amor perdida, carta que tornaria o amante para sempre feliz, como alguém que procura um testamento esquecido, testamento que faria rico o pobre que o busca? Onde a neutralidade? Todo trabalho de história deveria começar com uma confissão de amor – o que lhe tiraria sua assepsia científica e lhe daria significação política.”

(Rubem Alves)

PRÓLOGO,

*Ou uma invenção cerceada por liberdade poética e imaginação
histórica¹.*

Meu sobrinho Targino,

¹ Este prólogo trata-se de uma carta fictícia criada a partir da análise das fontes que compõem esta dissertação, sendo fruto de nossa pesquisa. No entanto, apesar de conter diversas informações retiradas dos documentos por nós trabalhados, tal escrito foi fundido com aspectos retirados de nossa imaginação. Nosso intuito com tal prólogo é o de trazer uma distração inicial ao leitor lançando sutilmente as bases pelas quais abordamos a questão da alteridade neste trabalho de pesquisa. Caso o leitor deseje transpor esta parte da dissertação não haverá prejuízo algum à compreensão do texto.

Ha tres dias recebi uma carta de seu pai relatando sua relutancia ante as ordens dadas por ele para sua partida para a Corte com o fim de dar continuidade a seus estudos. Pelo que Firmiao escreveu da vossa conversa, pude concluir que sua resistencia se da pelo immenso receio que tens de ir para um local totalmente estranho aos teus olhos, longe dos confortos e comodidades do seu lar em Aracaty. Teu medo procede do desconhecido e isto he totalmente aceitavel meu sobrinho, pois ser estrangeiro não consiste em ser algo tão facil. Quando se está em tal situação sempre lhe vem em mente as lembranças de tua terra, teus amigos, tua familia, e aquilo que te he estranho, as pessoas, os costumes, os edificios podem muitas vezes parecer de árdua aceitacao ou compreensao.

Resolvi te escrever estas breves linhas para lhe contar alguns fatos que aconteceram nesta minha longa jornada de quase oitenta annos. Posso dizer-te que já vi muita coisa e também conheci muita gente neste mundo de Nosso Senhor, e he sobre algumas destas pessoas que quero de fallar.

Quando ainda na minha tenra idade, morando em Areias, nas proximidades de Aracaty, com meus três irmãos e nosso pai, cheguei ao meu conhecimento pela boca de Joaquim, que um homem que viajava desde Pernambuco pedia lugar para poiso em nossa moradia. Corremos para casa e quando lá chegamos, nosso irmão mais velho, Juventino, e seu pai,

Firmado, já recebiam a tropa na varanda. Qual foi minha surpresa quando vi que dois dos viajantes eram bem diferentes das pessoas que já tinha visto, um deles, que julguei ser o líder da comitiva, era o único que estava montado no cavalo, com a pele de cor branca, mas perceptivelmente suja pelo sol que incidia fortemente e seu calor naquela época do ano, creio que era novembro ou dezembro.

Já o outro andava a pé vestindo-se com roupas diferentes, juntamente com os outros homens, um dos quais negro, porém mais a vontade que seu companheiro a cavalo, usando menos peças de roupas. Estava certo que o líder daqueles visitantes eram o homem a cavalo que inclusive não falava uma palavra em nossa língua, o que foi motivo de extrema curiosidade para mim e meus irmãos. Queríamos saber quem era, donde vinha, como era o local que aquele homem havia nascido. Ficamos sabendo que o homem a cavalo, cujo nome se não estou enganado era John, era proveniente da Inglaterra. Pouca coisa sabíamos desse lugar, daí nosso juvenil interesse por conhecimento. O mesmo parecia não gostar muito da nossa curiosidade e fazia expressões de desagrado no rosto ao mesmo tempo que falava palavras que eram incompreensíveis aos nossos ouvidos, mas que pareciam divertir bastante o outro homem inglês que punha-se a rir ante a situação.

No entanto seu tio estava enganado, na realidade o chefe daqueles homens era o outro inglês que estava a pé. Isso foi muito estranho para mim, pois o mesmo, o qual

constantemente e seus guias chamavam de Henrique, e o seu compatriota de Henry, apesar do ar doivo, era bastante jovem, e aparentava uma saúde debilitada, além disso, conversava conosco em nossa língua de maneira totalmente compreensível.

Nossa mãe já havia morrido quando de meu nascimento e nosso pai ausentara-se por alguns dias, não me lembro ao certo por que, era muito criança nessa época e as memórias me fogem como a água que depois de derramada pelo chão de areia some antes nossos olhos deixando apenas as marcas que por ali ela passou. Por isso, nosso irmão Juventino, que tinha, não me recordo bem, talvez quinze ou dezoito anos na época, tomava as decisões em nossa casa.

Tínhamos muito forte em nosso espírito a hospitalidade e não iríamos deixar aqueles homens sem lugar para pousar naquela noite, mas Juventino ficou receoso quanto ao fato de que nossos visitantes andavam armados com espadas, pistolas e bacanets, algo que era normal de vermos em viajantes que passavam ao largo na estrada, porém era a primeira vez que um grupo desejava hospedar-se em Areias, pelo menos na minha pequena existência era a primeira.

Então Firmino ofereceu aos viajantes a sala da frente para descansarem naquela noite e o aposento do lado de nossa casa para colocarem seus cavallos. Em que prontamente aceitaram e após arranjarem seus animais e bagagens resolveram conhecer as

redondezas, tendo ido até a praia e pelo que me disseram, terem comparado alguns animais para comê-los. Creio que não fomos os únicos a ficarem receosos com a comitiva do senhor Henry, nossos vizinhos logo repassaram para um dos guias desta a velha história das assombrações que rondavam o aposento que tínhamos destinado a eles.

Conta-se que quando nosso pai chegou em Areias encontrou o fogão em que passamos a viver abandonado, pois ninguém tinha coragem de mexer no mesmo, nem de derrubá-lo. Isto porque os habitantes do local contavam que na casa, morara por muitos anos um homem e uma mulher casados, mas que nunca tiveram filhos, os mesmos possuíam dois escravos os quais eram constantemente castigados pelo dono e pela dona, até que um dia, aproveitando o descuido de seu senhor, estes escravos assassinaram o casal e fugiram. Desde então os moradores de Areias afirmam que o espectro do velho proprietário da casa assombrava com sua bengala de ouro a bater pelo chão todos que se deitassem no aposento em que o crime havia acontecido.

Meu pai nunca se importou com a história, pelo menos dizia que não, mas mesmo assim a tal sala mal-assombrada permanecera vazia, servindo apenas para possíveis visitas, como a daquele dia. Apesar de nossos vizinhos terem recomendado aos viajantes, procurar outro lugar para passarem a noite, os mesmos não se importaram, pelo menos

os dois ingleses, já que percebi que o guia negro contou a história para seu patrão bastante ansioso parecendo preocupar-se com a situação.

Aparentemente o fantasma não apareceu, pois no dia seguinte, logo cedo nossos visitantes partiram, aparentando bastante alegria e saltando galhofas a um dos guias aos quais chamavam de covarde e mágicas. Essa foi a primeira vez que minha mente se abriu para outras possibilidades de existência, ainda tão jovem não sabia que poderia conhecer pessoas provenientes de lugares tão distantes e com alguns costumes deveras diferentes. Porém, Henry e John não foram os últimos ingleses que conheci.

Os anos passaram, e meu pai, um homem que apesar de conhecedor das letras e com algumas posses em dinheiro guardadas, mas que resolvera viver recluso em Areias, decidiu que não queria o mesmo para seus filhos. Na medida em que fomos ficando adultos fomos iniciados nas primeiras letras por ele que depois nos deu certa quantidade em dinheiro e nos mandou para tentar a vida em Aracaty, de onde partira décadas antes, somente Juvenino, não quis deixar Areias.

Chegando em Aracaty, resolvi iniciar um negócio de venda de cavalos e carne seca, hoje creio que tal empreitada foi devido o fascínio de quando criança ao conhecer viajantes que tanto necessitavam de tais itens para seus empreendimentos. Cheguei a conhecer um comerciante inglês, o qual tornou-se grande amigo, chamava-se senhor Miller,

homem que após muitos anos em nossa terra, já compartilhava conosco de muitos de nossos hábitos, a ponto de depois de alguns anos de amizade já não o considerar tão estranho como no início.

Porém, quando estava com meus trinta e poucos anos, cheguei na cidade, em uma escuna, um outro viajante que ascendeu em minha mente o espanto que sentira na minha juvenia. Hoje sei que se tratava de um jovem homem proveniente da Escócia, mas na época achei-o tão parecido com John, que eria ser outro inglês. Naquella momento ainda não tinha muita sciencia sobre geografia.

Este homem estava acompanhado de um empregado negro, e ambos acabaram hospedando-se na residência do senhor Müller. Sem perda de tempo resolvei sondar os novos visitantes para saber se precisariam de cavalos e suprimentos. Logo, através da ajuda de Müller consegui fazer negócio e vender os dois melhores cavallos que tinha. O tal estrangeiro, chamado George, ficou por duas semanas em Aracaty, e pude vê-lo algumas vezes já que frequentava o comércio do Sr. Müller assiduamente.

George era bastante estranho para mim, até hoje não compreendo ao certo o porque de sua viagem ao Brasil. O mesmo se denominava scientista e chegou em

Aracaty com uma parafarmácia imensa, com muitas caixas, que segundo ele serviriam para guardar suas amostras para enviá-las para a Inglaterra. Achei muito difícil entender o

porque desse desejo de viajar para tão longe e somente para juntar milhares de plantas e pedras. Dizia ele que aquilo era de fundamental importância para a ciência e para a humanidade, que na medida que os homens de ciência descobrissem e conhecessem todos os tipos de plantas, pedras e animais, as pessoas poderiam viver melhor. Resolvi não insistir na dúvida e dei-me por satisfeito com a explicação de George, já que o mesmo fizera tão longa viagem, então aquilo não poderia ser somente uma sandice.

Apesar de haver passado mais dias com o convívio deste homem da Escócia, achei-o mais recluso que aquele inglês que havia conhecido na meninice e que falava minha língua. Não apreciava ficar muito tempo em nossa companhia, talvez pela seu apetite em recolher o maior número das "preciosidades" pela qual viera a nossa terra. Por isso executava seu ofício metódicamente, reservando pouco tempo para o convívio social, seu mundo girava longe das outras pessoas e próximo das plantas.

Numa manhã George e seu empregado partiram a cavalo, lembro-me deste dia, pois chovia bastante, mas isto não os impediu de prosseguir sua jornada. Sei que conseguiram ajuda de dois portugueses no transporte de sua grande bagagem, pois estes iam para Icó com carros. Depois disso não soube mais que fim levava a viagem daquele estranho homem.

Como sabes meu sobrinho, nunca casei. Minha vida voltou-se para outras atividades, uma delas foi a leitura. Apesar de não ter outra coisa senão um pequeno conhecimento das letras por conta do empenho de meu pai, dei-me ao hábito da leitura muito do meu tempo. Na verdade as opções não eram muitas. Não me chegavam facilmente muitos livros, porém, aquilo que conseguia, proveniente principalmente de Pernambuco devorava com um ardor notável. E quando não tinha como fazer leituras novas pela escassez de materiais, relia aquilo que tinha adquirido, e assim o fiz por diversos anos.

Até que um dia, novamente o mundo dos estrangeiros voltou a cruzar-se com minha vida através de um livro. O ano era 1853, disto eu me lembro, pois anotei o ano e meu nome neste livro que chegou às minhas mãos. Tal livro tratava-se de uma bíblia,

Joaquim, seu tio e meu irmão, tinha partido para Fortaleza quando nosso pai nos mandou para Aracaty, e após muitos anos resolveu retornar, pois estava muito doente e viúvo, desejava morrer próximo de seus irmãos. Joaquim acabou vindo morrer comigo, e em menos de um ano faleceu. Mas antes de morrer distraía-me muito contando suas histórias de quando vivia em Fortaleza, coisa que fazia de forma primexosa e que parecia dar-lhe sentido a seus últimos momentos.

Sabendo que gostava muito de ler, Joaquim resolveu me dar um presente, mas antes teve que me contar uma história. Deitado em sua rede disse que por muitos anos

trabalhava para o senhor Guimarães na administração de um engenho na fazenda Vila Velha à margem do rio Ceará. Até que um dia, conheceu um homem que era extremamente comunicativo e que tempos antes havia se hospedado na residência do senhor Guimarães.

Tal homem, que partira da Corte e estava a viajar por vários pontos do Império, era na realidade um estrangeiro nascido nos Estados Unidos, e estando de passagem pelo Ceará hospedou-se na casa do senhor Guimarães, partindo em seguida para o Maranhão e Pará. Em seu retorno ao portar novamente em Fortaleza, o Sr. Guimarães resolveu levar seu amigo estrangeiro para conhecer seu engenho e chamou Joaquim para acompanhá-lo.

Segundo Joaquim este americano se chamava Daniel, e apesar de estar só era casado, sua esposa havia ficado na Corte. Ao que tudo indica Daniel gostou bastante de seu tio Joaquim, bem pudera, dificilmente alguém não acharia interessante ter como companheiro de passeio um homem como Joaquim e suas variadas histórias. Logo, Joaquim tratou de contar ao americano sobre sua cidade natal, Aracaty, e a "grandiosidade" da mesma, contou para o homem que tal cidade era a principal da Província, além de ter o porto mais importante, ao que parece ter convencido o estrangeiro. Por sua vez, Daniel tratou de falar sobre seu país e sua cidade, Nova York, tratando sua pátria como

grandiosa e próspera, relatando tudo com a mesma empolgação que Joaquim usou para falar de Aracaty.

Todo o percurso Daniel ficou fascinado com os montes de areia perto da praia pela qual percorriam na viagem, e ao chegarem já ao anoitecer, Joaquim despediu-se do visitante, que retribuiu o agradável dia, dando um livro de presente para meu irmão. Na realidade, este homem viera dos Estados Unidos com a finalidade de distribuir livros no Brasil, principalmente a bíblia. Trabalhava para uma sociedade que meu irmão não lembrava qual era o nome. Claro que não distribuía estes livros para qualquer um, mas para pessoas que de alguma maneira lhe auxiliavam, como no caso de Joaquim. Meu irmão disse que ele não era católico, o que foi bastante difícil de entender para ele. Como um homem que andava com tantas bíblias não era católico?

Bem, acontece que Joaquim, totalmente diferente de mim, nunca foi muito afeito a leituras, mesmo assim, como recordação e em consideração àquelle homem que viera de tão distante somente para entregar aquelles livros a pessoas desconhecidas, meu irmão resolveu guardar o mimo, sem sequer nunca ler uma palavra do mesmo.

Após me contar tudo isso, Joaquim retirou o livro de seu baú que estava ao lado de sua rede, era a bíblia que Daniel havia lhe dado mais de dez anos antes. Resolveu me presentear, pois disse que seria muito mais útil para mim que ainda teria tempo para

ela. Ora, eu tão voraz leitor achei o presente maravilhoso, já que há algum tempo não lera nada de novo, além do que a bíblia era um livro de tamanho razoável comparado aos folhetos que me chegavam.

Ao abrir o livro pude ver alguns detalhes que me vieram à memória tempos depois e que logo lhe dei o porque. A tal bíblia tratava-se de uma tradução feita por um homem chamado João Ferreira d'Almeida, e, além disso, trazia o nome da Sociedade a qual Daniel trabalhava e que Joaquim não lembrava do nome, era a Sociedade Americana da Bíblia. Prontamente escrevi meu nome e o ano em que estávamos no meu presente.

O tempo passou e com ele a partida de Joaquim e Juvenino para junto do Criador. Muita coisa aconteceu após a morte deles, até que veio a grande seca. Resistimos por um ano em Aracaty, mas em 1878, não havia mais nenhuma possibilidade de continuarmos na cidade, estávamos quase sem suprimentos e sem perspectiva. Foi quando eu e seu pai percebemos que muita gente estava indo para Fortaleza, então lembrei das histórias de Joaquim e da família Guimarães, quem sabe não poderíamos conseguir auxílio daquela gente.

Deves lembrar, não faz muito tempo. Eu e Firmino resolvemos partir para Fortaleza. Eu já estava velho, seu pai também, mas tinha sua pessoa e seus irmãos para nos ajudar. Foi tudo muito difícil naqueles meses que se seguiram à nossa partida.

Como sabes sua mãe morreu de bexiga a pouco tempo depois de chegarmos a cidade. Lembro-me que foram dias de capidos e dor.

Graças a Deus, a seca acabou e Firmão resolveu voltar contigo e com seus irmãos para Aracaty. Eu decidi ficar, não estava mais com forças para empreender viagens, queria passar meus últimos dias sossegado. Passei a viver com meus derradeiros parentes que havia guardando a muito tempo, talvez tenha aprendido isso com meu pai. Acabamos por não encontrar ninguém da família do Sr. Guimarães.

Até que há uns dois anos ao caminhar pela cidade, coisa que faço com bastante frequência, conheci um Senhor Christovam, homem jovem, proveniente de Pernambuco e com um comércio na cidade, que sabendo de minha história resolveu encarregar-me de cuidar de seu comércio se assim eu desejasse. Prontamente, aceitei o convite. Talvez o homem se compadeceu de mim e pensou que o velho aqui não duraria mais tanto tempo.

Acontece que assim como o tal do americano Daniel que Joaquim conhecera anos antes, Christovam também não era católico, mas frequentava reuniões na casa de um americano chamado Lacy, o qual corria o boato na cidade de ser um padre casado. Ao saber que eu gostava tanto de ler, Christovam convidou-me a ir na casa deste americano afirmando que lá havia um depósito repleto de livros e panfletos, e que eu não me arrependeria de tal passeio.

Resolvi aceitar o convite e ir com Christovam. A residência do americano fica na Rua das Flores, ao chegar na dita rua acontecia um sortido funebre na mesma já que esta rua consiste num tracado reto entre a Catedral e o cemitério. Aproximando-se da casa número 05 pude ver uma jovem senhora observando com muita curiosidade a movimentação da triste marcha na via, tratava-se da esposa do americano, depois descobri que o nome dela era Mary.

Entramos na casa e saiu a nosso encontro Lacy, um jovem homem branco com um vasto bigode. O mesmo tentou ser simpático com a minha pessoa, no entanto o seu português era extremamente sofrível, apresentou-me um outro homem, o Senhor Sussuarana, e em seguida me levaram ao tal depósito de livros.

Tratava-se de muitos livros, mas todos religiosos. Então, peguei um em minhas mãos e qual não foi minha surpresa ao ver que tratava-se de uma biblia que tinha como tradutor o mesmo João Ferreira d'Almeida da biblia que eu tinha em casa.

Passamos a tarde juntos, Lacy parecia ser um homem muito dedicado ao que fazia, disse ele que era recém-chegado quando partiu com a esposa para o Brasil para cumprir o que ele chamava de grande comissão dada por Deus a ele.

Retornei para casa muito satisfeito naquele dia, não que tenha passado a participar das tais reuniões na casa do americano, mas me senti feliz em poder ter encontrado um local onde poderia desfrutar de outras leituras.

Meu sobrinho, neste momento, vossa mãe deve estar se perguntando porque lhe contei tudo isso, já que o motivo de eu ter lhe escrito esta carta era outro. Talvez, lhe escrevi tudo isso porque seu medo de partir para a Corte me lembrou de todos estes estrangeiros que um dia conheci.

Todos estes homens puderam sentir o que foi sair de seus lares, para locais distantes, com pessoas estranhas, longe de tudo o que lhes era familiar. Assim como vossa mãe teme que venha a acontecer, meu sobrinho, eles passaram a ser estranhos, em terra estranha e convivendo com pessoas mais estranhas ainda, pelo menos ante os olhos deles.

Isto lembrou-me de algo que li muito tempo atrás, quando ainda morava em Aracaty. Era o livro de um escritor da França que escreveu que « *si non que chascun appelle barbare ce qui n'est pas de son usage. Comme de vray il semble que nous n'avons autre mire de la verité et de la raison, que l'exemple et l'usage des opinions et usances du pais où nous sommes: la est toujours la parfaite religion, la parfaite police, parfait*

et accomplir usag.e de tout choses. Ils sont, saung.es, de mesme que nous appellons saung.es les fruits que nature de soy et de son propre nature a produit, >>.

Ora Targino, o livro que Daniel deu para seu tio Joaquim fala sobre um homem chamado Abraão que teve um filho quando já estava velho, assim és tu para teu pai. Vossa merce he o filho da velhice de Firmão, por isso ele quer que partas e estudes.

Não te preocupes com o ser estrangeiro, afinal, onde quer que formos e o que quer que fizermos nós seremos ou viveremos com estrangeiros. Todos somos estrangeiros uns aos outros, e assim todos somos estrangeiros, muitas vezes estrangeiros para nós próprios, como poderíamos dizer que nos conhecemos totalmente?

Assim meu sobrinho, não tenha medo. Não tenha medo quando ante a diferença, de achar, sua cidade, sua gente, seus costumes os mais grandiosos, ou então de mudar de ideia, sobre isso depois de algum tempo. Todos temos pontos de referencia que nos guiam, assim como todos passamos por coisas na nossa vida que modificam esses pontos de referencia.

Um caloroso abraço de seu velho tio e que Deus lhe guarde. Cidade da Fortaleza de
Nossa Senhora d'Assumpção em 16 de março de 1884 -

Honorato Costa

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

A umas duzentas jardas da margem acampamos em baixo de uma grande árvore de murta (*Myrcia*), onde permanecemos um dia, pois achei o lugar excelente para minhas pesquisas. Em um paul perto do rio colhi espécimes de um *Isoetes*, que não parece diferir do que cresce na Grã-Bretanha (*Isoetes lacustris*, Linn.). A vista desta planta evocou-me gratas lembranças de remotos tempos, que me arrastaram em longas reflexões, acabando por me comparar com a planta, estranho em terra estranha e associado a companheiros ainda mais estranhos.²

Em uma entrevista publicada na edição 1946 de 08 de março de 2006 pela revista *Veja*³, o filósofo anglo-ganês Kwame Anthony Appiah discorre acerca do que chama de “*visão cosmopolita de mundo*”; segundo Appiah, atualmente as relações de ordem cultural entre nações e povos estão em um patamar de tal grau de intensidade que há a necessidade de percebermos que estes contatos podem se dar de maneira que não venham a prejudicar os sujeitos envolvidos em tais relações.

O filósofo afirma que a globalização necessariamente não precisa ser algo com efeitos danosos, e que muitas vezes a formação de pensamentos “*preservacionistas culturais*”, desenvolvidos em alguns países, parte de motivações estritamente políticas. Assim, Appiah defende a perspectiva que as pessoas possam fazer suas próprias escolhas respeitando as das demais, fundamento imprescindível para um mundo que se torna a cada dia mais repleto de inter-relações culturais, na medida em que, consoante Appiah “*As culturas são feitas tanto de continuidade quanto de mudanças. E as transformações não significam o fim de sua sobrevivência. As culturas estão o tempo todo emprestando elementos umas das outras e isso é bom.*”.

Acreditamos que todo trabalho historiográfico seja fruto de inclinações que o nosso presente histórico nos permitem ter. Daí nossa preocupação em levantar nesta dissertação a reflexão e discussão acerca da temática que busque perceber as relações de alteridade a partir do contato de viajantes estrangeiros e protestantes com os habitantes de espaços territoriais do Brasil no século XIX.

² GARDNER, George. *Viagem ao interior do Brasil, principalmente nas províncias do Norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841*. Tradução de Milton Amado. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975. p. 146.

³ <http://veja.abril.com.br/080306/entrevista.html> (acessado em 02 de janeiro de 2010).

As palavras que abrem esta introdução em forma de citação foram publicadas a mais de cento e sessenta anos na Inglaterra em um livro cuja autoria é de um naturalista escocês que havia passado cerca de cinco anos (1836-1841) viajando pelo Império brasileiro catalogando e coletando espécies animais, vegetais⁴, além de minérios. O presente trabalho se inicia com esta citação por sua excentricidade⁵, pois em uma obra de viagem que se colocou a seus leitores como algo que remeteria a uma ampla descrição das experiências de um naturalista em um país estrangeiro, esta passagem saltou aos nossos olhos como algo que irremediavelmente não pôde ser subtraído da escrita deste sujeito sobre suas vivências em uma territorialidade outra, que é justamente a complexidade do contato com a alteridade.

Como este estrangeiro, mas não apenas ele, percebeu os outros e a si mesmo, e de que modo esforçou-se por fazer com que aqueles que leriam seus escritos poderiam entender aquilo que unicamente fora vivenciado por ele? Crendo ter como seu público leitor principalmente homens, e por que não dizer também mulheres, que se interessavam pela botânica, zoologia ou mineralogia, nada melhor do que se comparar a uma planta que se mostrou extremamente solidária a seus sentimentos de estranho em uma terra estranha.

A *Isoetes* encontrada por Gardner na região do então norte de Goiás (atual Tocantins), que lhe pareceu tão familiar, possibilitou a este cientista em suas próprias palavras um momento de “*longas reflexões*” sobre “*gratas lembranças de remotos tempos*”, talvez de sua juventude em Glasgow. Esta atitude de tomar aspectos familiares de sua terra natal para tornar mais compreensível a experiência da viagem se torna uma constante na construção discursiva do viajante, a ponto daquilo que perpassa seu mundo cotidiano (como o trabalho de catalogação de vegetais) o fazer comparar-se a uma planta que era semelhante taxonomicamente a uma nativa da Grã-Bretanha.

Talvez a escolha em publicar tal trecho possa ter advindo de sua experiência no momento da publicação. Isto é, em 1846, Gardner já ocupava há dois anos o cargo de diretor do Jardim Botânico do Ceilão (atual Sri Lanka), então colônia britânica. Portanto, novamente, George Gardner encontrava-se no papel de estrangeiro em terra estranha. Uma questão nos inquieta: como estrangeiros que escreviam a seus compatriotas sobre suas vivências em

⁴ Segundo o *Dictionary of National Biography*, Gardner retornou à Liverpool em 1841 com sessenta mil exemplares de plantas, as quais representavam três mil espécies diferentes, tudo isto acomodado em seis grandes caixas que levavam estes espécimes vivos. In. *DICTIONARY OF NATIONAL BIOGRAPHY*. Edited by Leslie Stephen. Vol. XX (Forrest-Garner). New York: Macmillan and Co. London: Smith, Elder & Co. 1889. p. 431. (<http://www.archive.org/details/dictionarynatio20stepgoog>).

⁵ Excentricidade não pela perspectiva da alteridade presente no livro de Gardner, já que isto era lugar comum em todos os escritos de viagem, mas pelo fato do viajante fazer uso de uma comparação de si com uma planta.

territórios outros poderiam deixar de expressar suas percepções acerca dos outros e de si mesmos?

Tal percepção acerca dos outros é uma constante no decurso das relações humanas. Esta característica poderia ser considerada inerente aos indivíduos pela própria configuração social que abarca a existência dos sujeitos, ou seja, a idéia de viver em sociedade torna impossível qualquer tentativa de desvincularmo-nos de um olhar sobre aqueles e aquilo que nos rodeia. Desta maneira, a alteridade imiscui-se em nossas práticas cotidianas de inumeráveis modos, levando-nos a nos portarmos também de múltiplas maneiras.

Todorov nos chama a atenção que “*não podemos apenas estudar os outros: sempre, em qualquer lugar, em quaisquer circunstâncias, nós vivemos com eles*”⁶, isto é, a latente proximidade, contato, ou percepção daquilo que convencionamos como “outros”, está além de um objeto de estudo, faz parte de um intenso jogo de práticas e relações diárias.

Porém, isto não nos impede de nos questionar, por exemplo, acerca do posicionamento de um eremita. Seria possível excluir do jogo da alteridade aquele que escolhe pôr-se distante? Não estaria este a par deste movimento? Cremos que não, pois uma série de relações com “outros” se processaram antes do tornar-se ermitão, e tais experiências são levadas por este indivíduo em sua constituição pessoal, assim como uma série de outras relações de alteridade passam a se desenvolver, sejam elas com o espaço outro, com a memória outra e até mesmo com a possibilidade da morte, momento ímpar do manter relações com outra “realidade”, ao mesmo tempo desconhecida e fascinante.

Assim, a visão sobre os outros se desenvolve não apenas a partir do contato direto com os tais, mas também por uma série de construções que permeiam os indivíduos, os que vêm e os que são vistos estão constantemente sendo construídos, desconstruídos e reconstruídos. Por esta razão cairíamos em uma grande armadilha se não atentássemos para a pluralização desta visão sobre os outros, colocando-a como “visões”.

Entretanto as nuances da questão não param por aí. Existe um grande conflito constituído quando nos deparamos com o jogo das alteridades, isto porque outras questões passam a ser feitas, questões tais como: o que seriam estes outros? De qual ponto de referência partimos em nossas análises? Onde se coloca o “eu” nestas imbricadas e complexas relações?

⁶ TODOROV, Tzvetan. *Nós e os Outros: A reflexão francesa sobre a diversidade humana. Volume 1*. Tradução de Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

Isto é, o outro só nos é possível a partir da pré-concepção de um “eu”. Seria então uma espécie de análise comparativa. Ao mesmo tempo em que o “outro” pode ser colocado como radicalmente oposto, ele pode também ser identificável, percebido como comum, como no caso da pequena planta a que Gardner identificou-se, além do que, quando colocado ante uma análise meticulosa, o “eu” também se torna “outro” a partir do ponto de referencia que se toma.

Com este enfoque

Podem-se descobrir os outros em si mesmo, e perceber que não se é uma substância homogênea, e radicalmente diferente de tudo o que não é si mesmo; eu é um outro. Mas cada um dos outros é um *eu* também, sujeito como eu sou.⁷

E esta apreensão do “outro” como sujeito intrinca mais ainda a relação, pois, assim é visto o “eu”. Não é possível simplificar, não é possível homogeneizar, porque a uma só vez se é “eu” e “outro”. A analogia ou a diferenciação manifesta-se nas práticas discursivas, as quais denotam que “O outro é visto como o reflexo do eu”⁸.

Esta tentativa de apreensão do “outro” desenvolve-se com maior clareza na medida em que são travados contatos. Esta operação envolta nas relações de sociabilidade dos indivíduos permite que fluam de maneira mais aberta os discursos da alteridade.

O que dizer então do contato travado com indivíduos pelos quais atribuímos a conceituação de estrangeiro? Tal relação traz em seu bojo todas as complexidades marcadas pela radicalidade de tentar assimilar, conhecer, compreender, aquele que seria “estranho”. Tal radicalidade vem à tona de ambos os lados do contato, pois estando em uma territorialidade outra, ou na sua própria ante algum sujeito que está deslocado de seu lugar social sempre se é “estrangeiro”.

Desta maneira, poderíamos inferir que estas relações de tensão desenvolvem-se a partir do que Jean Baudrillard e Marc Guillaume denominam de “*l’altérité radicale*”, isto é, quando se percebe o “outro” como aquele:

⁷ TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América: a questão do outro*. 3 ed. Tradução de Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 03.

⁸ BURKE, Peter. *Estereótipos do outro*. In. *Testemunha Ocular: história e imagem*. pp. 153-174. Tradução de Vera Maria Xavier dos Santos; revisão técnica de Daniel Aarão Reis Filho Bauru: Edusc, 2004. p. 153

*qui n'est pas moi, ce qui est différent de moi, mais que je peux comprendre, voire, assimiler (...) Et la pensée occidentale ne cesse de prendre l'autre pour autrui, de réduire l'autre à autrui.*⁹

A oposição entre “outro” e “outrem” levantadas por Guillaume e Baudrillard correspondem à inquietação inerente ao sujeito quando este é levado a tentar perceber as relações de alteridade, pois, se levarmos em consideração que o olhar parte do “eu”, isto é, daquilo pelo qual nos identificamos ou nos desidentificamos, a solução posta é tornar o “outro” em “outrem”, pois o “outrem [é posto] em sua estranheza assimilável ao outro em sua diferença irreduzível”¹⁰. À subjetividade inerente ao “outro” não há espaço nas construções discursivas daí “*porque diante da alteridade radical do que permanece “incompreensível”, “impensável”, o outrem é o que no outro pode-se assimilar*”¹¹.

Ora, além destes fatores, deve-se ter em perspectiva que os sujeitos levam consigo uma série de códigos culturais construídos historicamente, códigos estes que são transformados e/ou reforçados a cada experiência vivida, assim, este contato com aquilo que é estranho ou familiar não pode ser dissociado destas construções culturais, nem o próprio contato pode ser percebido a parte, como não contribuinte para a formação destes códigos culturais.

Então, a partir do que foi exposto acima, estas relações são potenciais fontes propulsoras de discursos sobre os outros, ou sobre um “outro”. No entanto, cabe salientar que este discurso está localizado além de uma série de signos, ele é a própria expressão do conflito, ou seja, a operação discursiva dos sujeitos não foi meramente constituída, ela também constitui, constrói. Tais discursos não podem ser vistas como meras abstrações, mas como demonstração de uma vasta teia de jogos de poder presente nas lutas sociais.

Pesavento discutindo os escritos de Pierre Bourdieu pondera que

Para Bourdieu, o mundo social é também representação e vontade, e todo discurso contém, em si, estratégias de interesses determinados. A autoridade de um discurso e a sua eficácia em termos de dominação simbólica vem de fora: a palavra concentra o capital simbólico acumulado pelo grupo que o enuncia e pretende agir sobre o real, agindo sobre a representação deste real.¹²

⁹ BAUDRILLARD, Jean & GUILLAUME. *Figures de l'altérité*. Paris: Descartes & Cie, 1994. cit. p. 10. “*que não sou eu, que é diferente de mim, mas que eu posso compreender, ver, assimilar (...) E o pensamento ocidental não cessa de pegar o outro por outrem, de reduzir o outro à outrem*”. (Tradução Livre).

¹⁰ GONTARD, Marc. *O desejo do outro: por uma semiótica do olhar exótico*. In: FORGET, Danielle & OLIVEIRA, Humberto Luiz L. de (org.). *Images de l'autre: lectures divergentes de l'altérité./ Imagens do outro: leituras divergentes da alteridade*. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana; ABECAN, 2001. p. 175.

¹¹ Ibidem, p. 189.

¹² PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Em busca de uma outra história: Imaginando o imaginário*. In: São Paulo: Revista Brasileira de História. Volume 15 nº 29, pp. 9-27. 2009. p. 18.

Porém, seria bastante simplista tomarmos o discurso como expressão única de um sujeito, como se quiséssemos indicar um autor, enquanto o que na realidade percebemos é uma multiplicidade de vozes, uma polifonia que apodera-se de uma série de referências culturais que ressoam nos discursos. Temos então em mãos uma pluralidade discursiva da alteridade.

Desta maneira, pode-se por em relevo a estrutura discursiva produzida por estrangeiros inseridos em uma territorialidade outra como reflexos desta absorção do “outro” a partir de uma série de reestruturações culturais. Esta pluralidade discursiva torna-se o ponto de partida de nossa tentativa de compreender nosso objeto em questão. Isto é, a construção dos discursos de estrangeiros protestantes e suas experiências ante e sobre a cultura e as práticas cotidianas dos habitantes da região hoje denominada Ceará no decorrer do século XIX.

O Ceará, neste longo período histórico, passou por várias modificações, tanto a nível político-administrativo, como econômico e cultural. Uma destas transformações que se deu no início do oitocentos foi a livre presença estrangeira no Brasil, sendo que desde a União Ibérica não era concebida de maneira generalizada, devido o modelo econômico baseado no exclusivo metropolitano.

Logo em 1810, após o estabelecimento da família real portuguesa em terras brasileiras, ocorreu a assinatura dos tratados de Aliança e Amizade e de Comércio e Navegação entre as Coroas Portuguesa e Inglesa que, dentre outros pontos, no artigo 12 deste último, estabelecia a liberdade religiosa para os ingleses (em geral protestantes Anglicanos) e, além disso, proibia a ação da Santa Inquisição Portuguesa nas colônias, no caso, o Brasil. Com o fim da expansão napoleônica na Europa e a derrota dos exércitos franceses, em 1816 passou a ser permitida a livre entrada de franceses no Brasil.

Em seguida, após o processo de Independência e outorga da Constituição do Império do Brasil de 1824, estabeleceu-se a religião Católica Apostólica Romana como religião oficial do Estado, porém foi dada liberdade religiosa aos seguidores de outras crenças, os quais poderiam se reunir e praticar a sua fé, contudo seus templos não poderiam ter aparência exterior ¹³. Em um primeiro momento estes rudimentos de liberdade religiosa foram

¹³ Constituição política do Império do Brasil de 25 de março de 1824, “Art. 5: *A religião católica apostólica romana continuará a ser a religião do Império. Todas as outras religiões serão permitidas com seu culto doméstico ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo*”. Cf. KUGELMAS, Eduardo (org.). *José Antônio Pimenta Bueno, Marquês de São Vicente*. São Paulo: Editora 34, 2002. p. 477.

diretamente destinados às necessidades dos estrangeiros protestantes que passaram a habitar no Brasil, tendo em vista que ainda não havia se desencadeado os movimentos missionários protestantes com o objetivo de conversão de brasileiros, o que se iniciou apenas no início da segunda metade do século XIX. Ao tramitar destes tratados e da constituição imperial, a entrada de estrangeiros no Brasil tornou-se fato comum, porém devemos ressaltar que houve uma pluralidade imensa destes sujeitos, que aqui chegavam com objetivos, códigos culturais e anseios múltiplos.

Por outro lado parte da burocracia política e da intelectualidade do Estado Imperial brasileiro almejava fazer da imigração um meio de alcançar o que se convencionou como “civilização”. Na medida em que se cria que tais europeus brancos que adentravam no Brasil seriam dotados de um grau mais elevado de civilização, pois já haviam passado pelos estágios anteriores de barbárie e semicivilização registrados pela história de suas nações. A opinião de Tristão de Alencar Araripe publicada em 1867 era que:

Na sensata opinião de alguns autores, virá o tempo em que a primitiva raça caucásia predomine, espalhada na superfície do mundo, segundo a lei providencial do seu destino.

Os fatos humanos indicam que a raça caucásia promete absorver as demais raças. Basta atender que, quando a raça caucásia desenvolve-se pela sua imensa energia e vasta inteligência, as outras três raças conhecidas na opinião dos sábios, diminuem e desaparecem da face da terra por uma marcha gradual e retrógrada.¹⁴

Com todos estes fatores a seu favor a presença estrangeira acabou por atingir diversas províncias do Império, e não apenas Rio de Janeiro e São Paulo. No caso da Província do Ceará, principalmente no centro administrativo, a cidade de Fortaleza. No entanto nesta cidade a grande maioria destes estrangeiros não se estabeleceu como mão-de-obra para o setor agrícola, e sim como comerciantes e funcionários de companhias estrangeiras de serviços¹⁵.

¹⁴ ARARIPE, Tristão de Alencar. *História da Província do Ceará: desde os tempos primitivos até 1850*. Fortaleza: Edições Fundação Demócrito Rocha, 2002. p. 59.

¹⁵ Girão aponta que em 1811 ocorreu a fundação do primeiro estabelecimento de negócios estrangeiros em Fortaleza dirigido pelo irlandês William Wara, seguido com o passar dos anos por outros comerciantes, como Robert Singlehurst, John William Studart, Henry Ellery, Alfred Harvey, Richard Hugges, John Foster, John Graff, Charles Hardy e muitos outros. Além destes cita algumas empresas estrangeiras como as companhias de navegação a vapor *Booth Steam Company Limited*. e a *Red Cross Line of Mail Steamers*, ambas de Liverpool, a companhia de abastecimento de água *Water Work Company Limited*. e a companhia encarregada da iluminação pública e particular a *Ceará Gás Company Limited*., também inglesas; e a instalação do serviço de telégrafo feito pela empresa norte-americana *American Telegraph and Cable Company* que começou a funcionar na cidade a partir do ano de 1881. In: GIRÃO, Raimundo. *Geografia estética de Fortaleza*. 2 ed. Fortaleza: BNB, 1970. pp. 101-106.

Outra característica bastante peculiar deste momento foi o incentivo por parte do Governo Imperial a inúmeras comissões artísticas e científicas estrangeiras, desde as primeiras iniciativas por parte de Dom João VI, até o estímulo dado pelo imperador Pedro II a expedições científicas pelo Brasil com o intuito de se alcançar as “*origens da brasilidade, no autoconhecimento da história e do território*”¹⁶.

O projeto governamental de perseguição da cientificidade, do moderno, de uma identidade nacional, não acontecia por mero acaso, mas por um processo que se desenvolvia com vigor em vários Estados, principalmente com o desenvolvimento durante os séculos XVIII e XIX dos estudos científicos e filosóficos, que forjaram diversas correntes de pensamento como o iluminismo, o romantismo, o positivismo, o racionalismo, o naturalismo.

Ora, uma reciprocidade de interesses se fez bastante presente neste momento da história brasileira, pois ao mesmo tempo em que membros da administração e intelectualidade brasileira viam com bons olhos esta presença de intelectuais estrangeiros em seu território, diversas sociedades científicas de Estados europeus e dos Estados Unidos da América também ansiavam por poder “*explorar*” cientificamente o território brasileiro, e por que não dizer de toda a América Ibérica, território este cercado por tantos mistérios antes vedados pelas políticas colonialistas aos olhos de vários indivíduos de outras nacionalidades.

Com o desenvolvimento da botânica e zoologia, alavancadas no século XVIII pelos estudos de Carolus Linnaeus (Lineu), que forjou a classificação científica das espécies, outro grupo de viajantes passou a ser deveras valorizado: o viajante cientista. Tal classificação taxonômica dos seres gerou a grande ambição científica do setecentos e oitocentos, isto é, o poder de classificar e catalogar todas as espécies de seres vivos existentes no planeta, um projeto enciclopedista megalômano na medida em que “*as coisas se mantêm organizadas apenas porque podem ser encaixadas num esquema classificatório que permanece incontestado. (...) A classificação é, portanto, um exercício de poder*”¹⁷.

Desta maneira, veremos durante o século XIX uma inserção constante de viajantes e imigrantes estrangeiros em terras brasileiras. E como acima exposto estes viajantes possuíam motivações das mais diversas na vinda ao Brasil, como as de caráter científico, mera curiosidade turística aventureira, participação em missões religiosas, tanto de cunho católico bem como protestante, motivações comerciais, ofícios político-administrativos. Devido a este movimento de sujeitos rumo à América durante o oitocentos Barreiro acredita

¹⁶ ALEGRE, Maria Sylvia Porto. *Comissão das borboletas: A ciência do Império entre o Ceará e a corte (1856-1867)*. Fortaleza: Museu do Ceará / Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2003. p. 07.

¹⁷ DARTON, Robert. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Tradução de Sonia Coutinho. 5 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006. pp. 248-249.

então que este momento pode ser encarado como uma “*espécie de redescoberta e revisitação do Brasil pelos viajantes*”¹⁸.

Isto porque a partir da efervescência dos movimentos científicos e filosóficos surgidos em meados dos séculos XVII e XVIII, a que nos referimos anteriormente, as visões de mundo explanadas em tratados dos séculos XV e XVI sobre a América não eram mais aceitas pela comunidade científica, pois grande parte destes relatos passou a ser tido como uma série de fabulações cerceadas de misticismo e fantasia, daí um desejo de “*redescoberta*”.

Nesse contexto da presença estrangeira passou a ser praticado por parte de muitos destes visitantes o gênero narrativo-descritivo denominado ‘*literatura de viagem*’ que poderia perpassar, dentre outros aspectos, os hábitos, costumes, a economia, a história, as práticas políticas e a biodiversidade dos locais visitados. Devendo-se salientar que tais discursos muitas das vezes eram cerceados pelo referencial do que se compreendia como “*modernidade*” onde existia claramente o ensejo por “*amplas transformações no plano da sociedade e cultura*”¹⁹.

A literatura de viagem não se trata de uma invenção do século XIX, muito pelo contrário, o viajar e compilar as experiências e interpretações sobre o “outro” é algo que já compreendia a realidade de viajantes medievos. Porém tais relatos paulatinamente inspiravam novos escritos, isto pelo fato de que o relato do viajante, quando publicado, não traça apenas o fim de uma viagem, pelo contrário ele denota o início de tantas outras viagens que hão de ocorrer após a leitura do dito relato. Todorov pondera que “*O relato de viagem não é, em si mesmo, o ponto de partida, e não somente o ponto de chegada, de uma nova viagem? O próprio Colombo não tinha partido porque havia lido o relato de Marco Polo?*”²⁰, ao que Edward Said e Peter Burke parecem tentar responder ao problema acima com dois caminhos antagônicos, porém verossímeis:

Muitos viajantes se descobrem dizendo sobre uma experiência num país novo que ela não corresponde a suas expectativas, querendo dizer que ela não é o que um livro afirmava que seria.²¹

Pode-se mostrar que alguns viajantes haviam lido sobre o país antes de nele porem os pés, e, ao chegar, viram o que haviam aprendido a esperar.²²

¹⁸ BARREIRO, José Carlos. *Imaginário e viajantes no Brasil do século XIX: Cultura e cotidiano, tradição e resistência*. São Paulo: Editora UNESP, 2002. p. 11.

¹⁹ Ibidem, p.10.

²⁰ TODOROV, Tzvetan. Op. cit. (2003). p. 17.

²¹ SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 141.

²² BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Tradução de Sérgio Goez de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. p. 86.

Entretanto o decurso dos séculos trouxe em seu bojo uma série de modificações no modo de ver e vivenciar o mundo, desta forma modificaram-se os interesses ao viajar ao mesmo tempo em que ocorriam mutações nos interesses do público leitor deste gênero literário. Uma maior acessibilidade ao livro impresso nos séculos XVIII e XIX também diversificou os leitores.

Os séculos XVIII e XIX são marcados pela efervescência deste tipo de literatura. A Europa vivenciou um período de intensificação do interesse pelas viagens científicas ou de lazer, desenvolvendo ao mesmo tempo a escrita destes relatos das peripécias de viajantes em terras estrangeiras e aguçou a curiosidade dos leitores por estes “diários” repletos de aventuras exóticas²³.

O escrito do viajante passou a ser o guia, o ponto de referencia, dos que almejavam seguir seu exemplo, ou então, um aparato de lazer àqueles que não podiam viajar, mas que se divertiam em conhecer novidades acerca deste admirável mundo novo e estranho que se encontrava nas territorialidades outras, principalmente na América meridional e no interior do continente africano.

Robert Darnton²⁴ esboça que os livros de viagem e de história constituíam as categorias favoritas das bibliotecas francesas no século XVIII, os quais serviam para a formulação das teorias filosóficas esclarecidas do período acerca da natureza e do homem. Na medida em que o iluminismo teceu a figura do explorador, mais conhecido como “*voyageur philosophe*”, Todorov assinala que tal aspiração de viajante seria um tipo ideal inspirado em Montaigne:

*Le philosophe, en effet, est universaliste, évidemment, par destination; c'est la différence dans l'universalité qui l'intéresse, il n'est pas ethnocentrique en principe. Son but est la vérification de la variété, de la différenciation infinie des valeurs, des cultures et la tentative de conciliation de ceci dans une vision universelle des choses.*²⁵

Assim, os naturalistas, na literatura de viagem científica, esforçavam-se por legitimar seu posicionamento na sociedade que estavam inseridos, isto é, viajavam e relatavam suas viagens com o suposto objetivo de multiplicação do conhecimento científico

²³ ALEGRE afirma que “O período romântico, ao desenvolver o gosto pelo bizarro, pelo exótico, por aquilo que era diferente, tendeu a estimular as expedições às terras longínquas, reforçando a busca dos viajantes por países estrangeiros” In ALEGRE, Maria Sylvia Porto. Op. cit. p. 25.

²⁴ DARNTON, Robert. Op. cit. pp. 284-285.

²⁵ TODOROV, Tzvetan apud BAUDRILLARD, Jean & GUILLAUME. Op. cit. p. 10. “O filósofo, aliás, é universalista, evidentemente, por destinação; é a diferença sobre a universalidade que lhe interessa, ele não é etnocêntrico, em princípio. Sua finalidade é a verificação da variedade, da diferenciação infinita de valores, de culturas e a tentativa de conciliação disso em uma visão universal das coisas”. (Tradução Livre).

para que este ficasse para a posteridade e servisse para a utilidade geral, tendo desta maneira um assíduo público leitor dentre os “*esclarecidos*”.

Ao mesmo tempo em que viajantes deixavam tais tipos de relatos sobre os locais visitados e seus habitantes, alguns estrangeiros viajavam com objetivos religiosos, como no caso das missões protestantes norte americanas de vários agrupamentos religiosos, tais como presbiterianos, metodistas, batistas, que tinham por fim tornar prosélitos protestantes os habitantes das terras visitadas.

Tal projeto missionário fluía de um movimento nascido nos Estados Unidos no século XVIII e que se fortalecera sobremaneira nos oitocentos, que tinha por objetivo a propagação do protestantismo entre as nações. Os missionários geralmente escreviam relatos sobre suas impressões e convicções religiosas em periódicos das nações visitadas ou de sua terra natal, tais relatos perpassavam os sucessos e dificuldades da missão em terras estrangeiras.

Em meados do século XIX o Império do Brasil inseriu-se neste contexto missionário protestante norte-americano quando diversos comitês missionários estadunidenses passaram a perceber os brasileiros como almas a serem alcançadas e convertidas ao protestantismo.

De determinada maneira nossa seleção metodológica foi moldada para que desenvolvêssemos tal pesquisa justamente voltando-nos para estrangeiros protestantes, isto é, atinamos neste trabalho para uma discussão do olhar dos “WASP”²⁶ (*White, Anglo-Saxons, Protestants*) sobre as práticas e concepções dos habitantes do Ceará. Assim, como será percebido na leitura desta dissertação tais “WASP” escolhidos por nós foram: o inglês Henry Koster (anglicano), o escocês George Gardner, os americanos Daniel Parish Kidder (metodista), De Lacey Wardlaw (presbiteriano) e Mary Hoge Wardlaw (presbiteriana).

Esta peculiaridade se reveste aqui de nuances muito mais profundas e flexíveis que em uma breve análise passariam despercebidas, pois o fato de todos serem protestantes não os faziam ter o discurso totalmente semelhante, pelo contrário, esta característica que os unia era justamente a que os distanciava também, pois é necessário compreender o protestantismo a partir de uma óptica de diversidade tendo em vista que a Reforma Protestante suscitou o surgimento de seis grandes ramos: luteranos, presbiterianos, anglicanos,

²⁶ BURKE, Peter. (2004). Op. cit. p. 161.

congregacionais, metodistas e batistas e que tais “*famílias*” multiplicaram-se no decorrer dos tempos “*em numerosos sub-ramos, recebendo os mais diferentes nomes*”²⁷.

Após o movimento denominado Reforma Protestante no século XVI, pode-se considerar como motivação para o surgimento dessas diversas vertentes protestantes as divergências de cunho teológico dentre as lideranças das novas ortodoxias forjadas. Entretanto algumas características podem ser tomadas como comuns a todos os grupos considerados protestantes que é: a “*ênfase a três doutrinas principais: a justificação pela fé, o sacerdócio universal, a infabilidade apenas da Bíblia*”²⁸. Doutrinas estas que abrem precedente para o sectarismo já que, ao aceitar-se o sacerdócio como universal, sujeitos podem apontar como errôneas determinadas profissões de fé, isto é, já que qualquer homem pode ser inspirado por Deus para interpretar a Bíblia, o surgimento de cismas nos grupos protestantes se tornou algo recorrente.

Porém, é inegável, mesmo ante as particularidades de cada sujeito, que o fato de ser protestante, estrangeiro, anglo-saxão (inglês, escocês, estadunidense) e experienciando um território outro, possibilitou uma espécie de formatação do compartilhamento de redes de significado, ou “*Províncias de significado*”, isto é, tais sujeitos

Compartilharam, por algum tempo, de uma definição comum de realidade, operaram na mesma província de significados (...) Atuaram dentro de um sistema compartilhado de crenças e valores. Mesmo admitindo uma certa variação individual, o comportamento e a atitude dos participantes apresentavam notável homogeneidade.²⁹

Desta maneira, ao se postarem frente a frente concepções distintas do mundo o que era mal percebido ou totalmente despercebido passou a ser vislumbrado, sendo em seguida reafirmado ou questionado por estes estrangeiros.

Ora, toda pesquisa histórica possui um percurso repleto de reformulações e reavaliações contínuas e esta não está isenta de tal percurso. Tal proposta começou a despertar nossa atenção desde os tempos de graduação em história pela Universidade Estadual do Ceará quando iniciamos o trabalho como pesquisadores desenvolvendo nossa monografia de graduação sobre a inserção do presbiterianismo na cidade de Fortaleza e os processos de

²⁷ MENDONÇA: Antonio Gouvêa de. *O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas*. In: Revista USP, Dossiê 67 (set-out-nov), 2005. p. 51. Para uma melhor compreensão do movimento de formação das variadas correntes protestantes no início da Idade Moderna Cf. DELUMEAU, Jean. *Nascimento e afirmação da reforma*. Tradução de João Pedro Mendes. São Paulo: Pioneira, 1989.

²⁸ DELUMEAU, Jean. Op. cit. p. 59.

²⁹ VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose. Antropologia das sociedades complexas*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999. p. 17. Velho toma de empréstimo este conceito de Alfred Schutz.

disciplina eclesiástica ocorridos durante a década de 1890 na Igreja Presbiteriana da referida cidade ³⁰.

Nesta primeira empreitada de pesquisa, ainda com inexperiência, pudemos levantar uma série de análises acerca dos missionários encarregados desta missão protestante em Fortaleza, os norte americanos De Lacey Wardlaw e sua esposa Mary Hoge Wardlaw.

Para tal empreendimento tivemos que fazer um rápido levantamento da presença estrangeira (excetuando-se portugueses) no Brasil e na Província do Ceará durante o século XIX a partir de livros de Raimundo Girão ³¹ e escritos de Guilherme Studart ³², além de pesquisas nos Almanques do Ceará ³³.

Cremos que independente da qualidade alcançada na primeira pesquisa levada a cabo como historiadores, ela nos acompanhará por toda nossa jornada, e por esta razão a nossa proposta encaminhada para o curso de mestrado foi uma espécie de ampliação de horizontes da pesquisa anterior, em que decidimos pesquisar um número maior de estrangeiros protestantes que estiveram no Ceará durante o século XIX e que necessariamente não necessitariam ser presbiterianos.

O escrito de Guilherme Studart “*Extrangeiros e o Ceará*” nos serviu como um ponto de partida pelo fato de o mesmo fazer um levantamento de vários estrangeiros que passaram por este território. No entanto seria um empreendimento deveras ousado e impraticável, ante os prazos do programa, trabalhar todos os sujeitos ali citados, assim iniciou-se nosso trabalho de seleção.

³⁰ OLIVEIRA FILHO, Sérgio Willian de Castro. “*Emissários do frade apostata*”: *Inserção, transgressão e Disciplina Eclesiástica na Igreja Presbiteriana de Fortaleza (1882-1899)*. Fortaleza Monografia de Graduação UECE, 2008.

³¹ GIRÃO, Raimundo. Op. cit. (1980).

GIRÃO, Raimundo. *Pequena história do Ceará*. 4 ed. revista e atualizada. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1984.

GIRÃO, Raimundo. *Evolução histórica cearense*. Fortaleza: BNB, 1985.

GIRÃO, Raimundo. *Cidade de Fortaleza (Filmagem histórica)*. Fortaleza: Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda, 1945.

³² STUDART, Barão de. *Datas e Factos para a História do Ceará*. Edição fac-similar. Tomo II. Fortaleza: Fundação Waldemar de Alcântara, 2001.

STUDART, Barão de. *Datas e Factos para a História do Ceará*. Edição fac-similar. Tomo III. Fortaleza: Fundação Waldemar de Alcântara, 2001.

STUDART, Barão de. *Diccionario Bio-Bibliographico Cearense*. Volume Primeiro: Abel-João. Fortaleza: Typo-Lithographia a vapor, 1910.

STUDART, Barão de. *Extrangeiros e o Ceará*. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo XXXII. Ano XXXII. pp. 191-268. Typografia Minerva, 1918.

³³ Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província do Ceará. Confeccionado por Joaquim Mendes da Cruz Guimarães. (Anos de 1870 e 1873).

Almanach Administrativo, estatístico, mercantil, industrial, e literário do Estado do Ceará. Confeccionado por João Câmara. (Anos de 1895, 1896, 1897, 1898, 1900, 1902, 1903, 1904, 1905, 1906, 1907).

Tentando aproximar um pouco do que já havíamos trabalhado anteriormente optamos por focar em estrangeiros anglo-saxões e protestantes. Em seguida, tivemos que analisar a viabilidade de fontes para tal pesquisa, daí terem sido escolhidos os cinco estrangeiros já comentados, dentre os quais o casal Wardlaw, pois os mesmos deixaram registros em livros de viagem ou em periódicos.

Nossa problemática inicial voltava-se principalmente para uma discussão acerca da construção discursiva destes estrangeiros presentes em seus escritos sobre os habitantes da região denominada Ceará e a percepção dos mesmos como estrangeiros da ideia de civilização. Paulatinamente, pudemos perceber dois fatores que estavam sendo deixados para segundo plano ou totalmente omitidos de nossas reflexões, que eram a atuação da experiência vivida destes sujeitos ante seus escritos e o fator protestantismo dos mesmos. Pois mesmo postando claramente em nosso projeto que ansiávamos por uma análise destes protestantes, na realidade nos esquivávamos de tal embate quando ele efetivamente se punha.

Assim, um enriquecimento da reflexão histórica pôde ser alcançado graças ao explicitamento da problemática: como perceber o protestantismo destes sujeitos em seus escritos e suas vivências no Brasil, mesmo quando os mesmos não eram missionários (como era o caso de Koster e Gardner)? A partir do momento em que resolvemos encarar tal problema e não fugir do mesmo como estávamos tentando fazer anteriormente pudemos chegar até a análise presente.

Podemos afirmar que nosso intuito não é perceber veracidades ou não nos discursos, tampouco é nosso objetivo final compreender as características culturais do Ceará do século XIX, nem o que efetivamente estes estrangeiros vivenciaram quando de suas viagens. Os discursos sobre o “outro”, presentes nos escritos de Henry Koster, Daniel Kidder, George Gardner, Lacey e Mary Wardlaw, devem ter sido tão problemáticos em sua confecção para estes estrangeiros como o é para nós ao lê-los.

Desta maneira, postamos como nosso objetivo entender como estes estrangeiros (e protestantes), com formações culturais diferenciadas, objetivos diversos e, em alguns casos, vivendo em períodos distintos, viam os habitantes do Ceará no oitocentos. Isto é, ensejamos discutir não o que seriam os “viajados”³⁴, mas o que eles se tornaram a partir dos discursos formulados por estes estrangeiros e de suas vivências em “*terra estranha*”.

³⁴ Os “viajados” (*travelees*) seriam todos os indivíduos que travaram contato com o viajante durante a viagem. Cf. PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Tradução de Jézio Gutierrez. Bauru: Edusc, 1999. p. 234.

Tal tipo de metodologia no trabalho com as fontes propôs-se semelhante à utilizada por Robert Darnton quando este estudou o relato de um burguês anônimo, habitante de Montpellier, que resolveu “descrever” sua cidade no ano de 1768. Analisando as diversas e fascinantes nuances deste texto de 426 páginas intitulado de “*Etat et description de la ville de Montpellier fait em 1768*”, Darnton arremata que “*Nossa tarefa não é descobrir qual o verdadeiro aspecto de Montpellier em 1768, mas entender como nosso observador a observou*”³⁵.

Dito isto podemos afirmar, tomando a liberdade de parafrasear Darnton, que nossa tarefa não foi descobrir qual o verdadeiro aspecto do Ceará, seus habitantes e as experiências dos estrangeiros trabalhados durante o século XIX, mas entender como nossos sujeitos observadores observaram estes aspectos.

O primeiro capítulo do presente trabalho denominado “*Olhares Protestantes*” tem como pretensão perceber em que medida foram moldadas estas falas e olhares protestantes no complexo contexto da alteridade, denominado por Mary Louise Pratt como “*Zonas de contacto*”³⁶. Para isso aspiramos por fazer nos tópicos iniciais deste capítulo a apresentação ao leitor dos cinco estrangeiros trabalhados: Henry Koster (Inglês, nascido em Portugal, filho de comerciantes / Anglicano), George Gardner (Escocês, naturalista / Protestante), Daniel Parish Kidder (Estadunidense, pastor / Metodista), De Lacey Wardlaw (Estadunidense, missionário / Presbiteriano) e Mary Hoge Wardlaw (Estadunidense, missionária / Presbiteriana).

Por este motivo nossa discussão iniciará fazendo um paralelo entre diversas vertentes de pensamento que foram aglutinadas, apropriadas, reestruturadas, contribuindo para o cercear dos olhares destes estrangeiros tais como o pensamento esclarecido, os ideais românticos as nuances inerentes a vertente protestante que estes estrangeiros adotaram durante suas vidas, bem como suas motivações para as viagens.

Desta maneira nosso objetivo nesse capítulo é a discussão dos vários protestantismos desvelados a partir da publicação dos escritos desses estrangeiros. Porém, não podemos deixar de lado as discussões inerentes aos objetivos da emissão de tais constructos discursivos, bem como do seu processo de constituição, daí este capítulo ter demandado uma discussão para além da análise dos discursos.

Por esta razão faz-se necessário a compreensão da magnitude que o contacto com o outro se esboçou ante estes protestantes-estrangeiros, na medida em que um forte embate se

³⁵ DARNTON, Robert. Op. cit. p. 144.

³⁶ PRATT, Mary Louise. Op. cit. pp. 27-31.

travou conquanto postaram-se frente a frente repertórios culturais distintos (ou em alguns momentos semelhantes) em conjunto com as experiências vivenciadas durante as permanências destes estrangeiros no Brasil, além da estruturação discursiva ocorrida *a posteriori* em alguns dos casos.

Assim tal capítulo demandou uma discussão acerca dos olhares destes sujeitos sobre diversas práticas como os jogos de azar e os ritos fúnebres. Tal discussão acabou nos levando a debater de que maneira foram moldadas nestes olhares percepções que se voltaram para aspectos concernentes à civilização e ao autocontrole, a partir de olhares anglo-saxões e protestantes.

Em nossa caminhada de pesquisa paulatinamente um amadurecimento intelectual ocorreu, o que nos levou a dar uma maior ênfase no papel desenvolvido pelos sujeitos pesquisados. Isto é, durante algum tempo nosso olhar fixou-se somente no que concernia à construção discursiva destes sujeitos, o que fazia com que suas vivências fossem minimizadas.

A partir da constatação de tal deficiência uma nova constituição foi sendo colocada no processo da pesquisa o que resultou nas discussões levantadas no segundo capítulo. Tendo em vista que o primeiro capítulo teve como preocupação central a discussão sobre os olhares estrangeiro-protestantes sobre os habitantes do Ceará, a partir do embate das experiências pré-viagens cerceadas pelas configurações culturais destes sujeitos com o contacto possibilitado pela viagem; o segundo capítulo intitulado “*Mostrarei a minha fé pelas minhas obras*” tem por objetivo analisar em que medida as práticas destes estrangeiros em terras brasileiras denotaram concepções protestantes sobre o mundo. Isto é, o enfoque dado por nós neste capítulo envolveu as vivências destes estrangeiros, levando em consideração suas motivações nos empreendimentos de suas viagens.

Cabe ressaltar aqui que as principais fontes utilizadas são os escritos dos próprios estrangeiros, daí termos estado, durante a escrita desta dissertação, alertas a Raymond Williams, que, partindo das concepções da função da arte, faz uma crítica bastante oportuna ante a concepção da arte como “*Reflexo*”³⁷ da realidade. Levando em consideração que a arte passa por diversos fatores de mediação até chegar ao seu produto, a mesma não poderia de maneira alguma “refletir” a realidade.

Da mesma forma, tomando de empréstimo tal ponto de análise à nossa pesquisa, estes discursos estrangeiros que propomo-nos a discutir de modo algum podem ser tomados

³⁷ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1979. p. 99.

como um reflexo do real, algo que seria extremamente problemático, senão esdrúxulo. Além disso, não podemos englobar todos estes sujeitos com uma única percepção da realidade, pois os mesmos viveram em momentos distintos, em regiões geográficas diversas, e com ofícios diferenciados; por esta razão nem todos exprimiam explicitamente o seu *ethos* protestante nos seus escritos, daí nossa tentativa de perceber, nas entrelinhas do discurso e a partir das práticas estes protestantes; por isso a citação que dá nome ao capítulo retirada do livro bíblico de Tiago, que sugere a fé sendo mostrada pelas ações.

A ênfase deste capítulo se voltou a alguns fatores tais como as diversas concepções dos estrangeiros pesquisados sobre a “liberdade” (civil, política, religiosa, econômica, espiritual), bem como à percepção que estes sujeitos faziam acerca das práticas laboriosas, não apenas enquanto fator discursivo, mas também prático durante o período em que tais estrangeiros estiveram em terras brasileiras.

No mesmo capítulo travamos no tópico final uma análise acerca das práticas letradas desenvolvidas por estes protestantes, práticas estas que permearam os discursos de tais sujeitos como detentoras de vital importância em suas concepções de mundo.

Por fim o terceiro capítulo – “*O porvir idealizado*” - consiste na análise dos projetos lançados nos discursos destes estrangeiros acerca de um devir reservado ao Brasil. Mesmo após a partida destes sujeitos do Brasil algumas idealizações para esta nação estrangeira foram perpetradas pelos mesmos aos seus compatriotas. Assim, na derradeira parte desta dissertação retornaremos a discussão acerca das particularidades das fontes pesquisadas, na medida em que tal capítulo debruçou-se sobre escritos que tinham por público alvo as nações de origem de seus elaboradores.

Assim, neste capítulo debatemos dois projetos em especial que cercaram as construções discursivas destes protestantes acerca de um futuro almejado para este território estrangeiro: o Brasil protestante (a partir de um romance escrito pela missionária presbiteriana Mary Hoge Wardlaw sobre a missão protestante no Ceará) e o Brasil do progresso material.

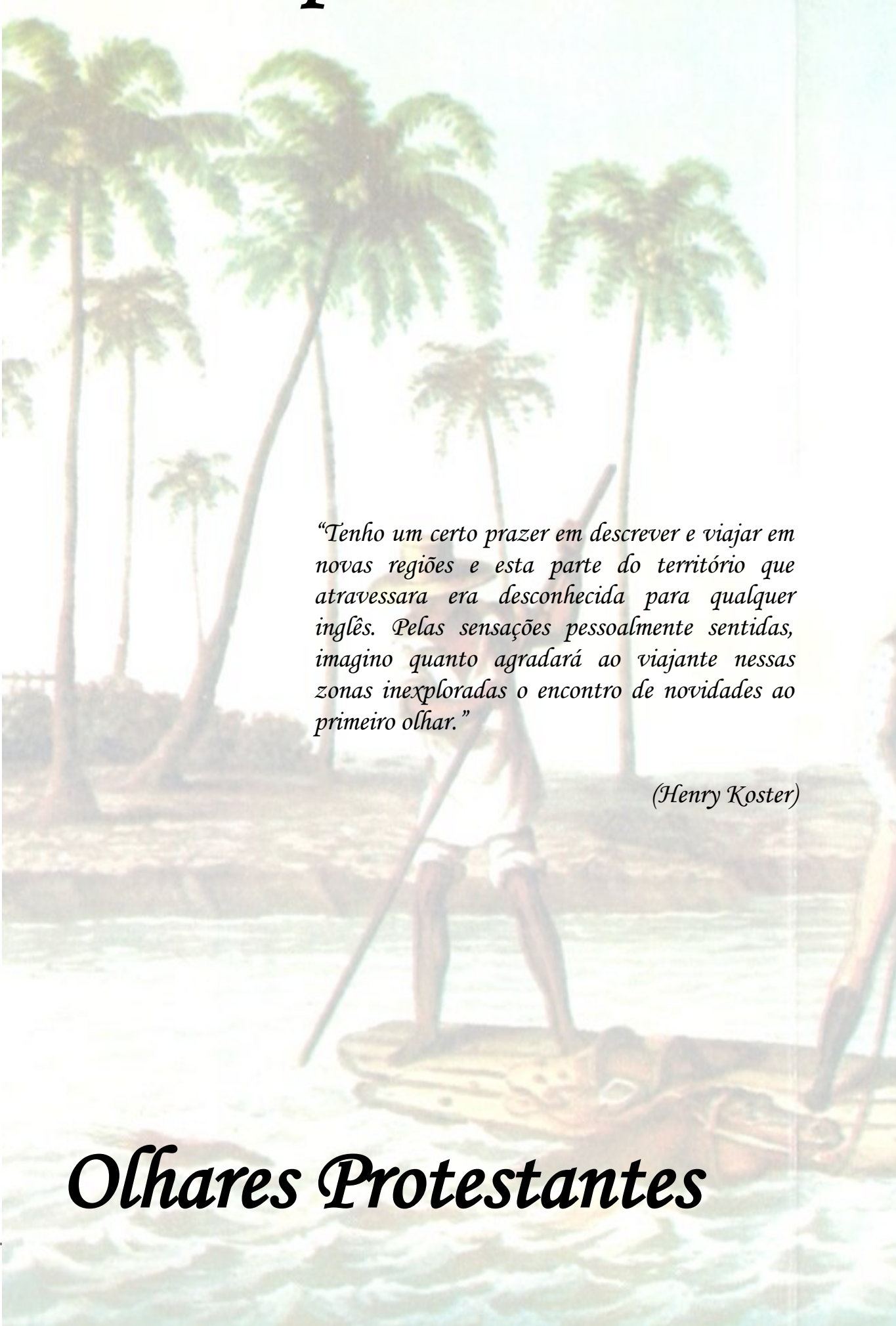
O último tópico da dissertação abordará as experiências dos estrangeiros trabalhados nesta dissertação após o retorno dos mesmos à suas nações de origem, e de que maneira a experiência destes no Brasil os influenciou em suas vidas pós-viagem.

Cabe ressaltar que, devido às nossas escolhas metodológicas que o leitor perceberá durante a leitura deste trabalho, certas temáticas serão recorrentes fluindo em diversas partes do texto, sendo abordadas em alguns pontos e retomadas posteriormente.

Ora, de maneira alguma poderíamos ter a pretensão de concluir a discussão acerca destes sujeitos e suas percepções sobre o mundo com este trabalho. Cremos que este escrito

possa ser uma contribuição para o debate, mas somos conscientes, e assim esperamos, que com o decorrer de novas pesquisas outros fatores e problemas possam ser levantados e possibilitem um enriquecimento da análise.

Capítulo 1

A painting of a tropical beach scene. In the foreground, two people are on a wooden raft in the water, using long poles to navigate. The background features a sandy beach with several tall palm trees under a bright sky. The overall style is that of a classic oil painting.

“Tenho um certo prazer em descrever e viajar em novas regiões e esta parte do território que atravessara era desconhecida para qualquer inglês. Pelas sensações pessoalmente sentidas, imagino quanto agradará ao viajante nessas zonas inexploradas o encontro de novidades ao primeiro olhar.”

(Henry Koster)

Olhares Protestantes

CAPÍTULO 1: OLHARES PROTESTANTES

Por que viajamos? Esta é uma pergunta que a um só tempo se mostra como simples e de uma fascinante composição, isto é, podemos considerá-la como uma boa questão. Acreditamos que para uma questão ser interessante ela necessita que sua resposta ou venha a ser impossível de ser averiguada, ou que o contrário ocorra, isto é, que haja múltiplas soluções à questão levantada, e justamente esse é o caso de nossa pergunta acima: “Por que viajamos?”.

O ser humano pode deslocar-se de seu local de habitação por inúmeras razões. Pode-se viajar em busca de satisfação pessoal a nível de lazer, aventuras, turismo, busca por conhecer e experimentar com os sentidos aquilo que é desconhecido ou que apenas ouviu ou leu-se a respeito. A execução de um ofício é outro mecanismo impulsionador de jornadas, tanto a busca por este ofício, que pode ser considerado como um trabalho ou uma missão, em outra territorialidade, como o cumprimento de uma função que desencadeie a viagem. Guerras, epidemias, catástrofes naturais, perseguições político-religiosas são outros fatores para a consecução de uma viagem através do que poderíamos denominar de maneira mais apropriada como fuga, que objetiva a busca por sobrevivência. Concomitante a isso existem também os diversos tipos de exílio, como o exílio forçado por determinações legais ou o autoexílio.

Propositalmente levantamos apenas um quadro deveras vago para a questão feita inicialmente, pois infindáveis poderiam ser as constatações acerca da mesma. Entretanto, cremos que uma característica se esboça em cada uma das possibilidades das motivações ao viajar, que é justamente a perspectiva de um “*projeto*”.

Gilberto Velho³⁸, tendo por referencial Alfred Schutz, faz uma discussão interessante acerca de como o “*projeto*” pode ser uma problemática analisável pela antropologia, entendendo que o mesmo seria uma “*conduta organizada para atingir finalidades específicas*”, isto é, o modo como os sujeitos agem conscientemente visando alcançar um objetivo. Contudo, na medida em que tal “*projeto*” posta-se individualmente passa a ser necessário percebê-lo a partir de uma série de negociações ante as possibilidades que permeiam o cotidiano dos sujeitos envolvidos.

³⁸ VELHO, Gilberto. Op. cit. p. 40.

Por esta razão “os projetos, como as pessoas, mudam. Ou as pessoas mudam através de seus projetos”³⁹, e esta mudança ocorre, dentre outras motivações, pelo fato de que “os projetos individuais sempre interagem com outros dentro de um campo de possibilidades”⁴⁰, ou seja, seria como se o contacto social com outros sujeitos gerasse um choque entre diversos “projetos”, que resultaria em alterações na consecução do mesmo.

Henry Koster lança em seus escritos qual fora o seu “projeto” quando de sua vinda ao Brasil em meados de 1809:

Tenho um certo prazer em descrever e viajar em novas regiões e esta parte do território que atravessara era desconhecida para qualquer inglês. Pelas sensações pessoalmente sentidas, imagino quanto agradará ao viajante nessas zonas inexploradas o encontro de novidades ao primeiro olhar. (...) sempre desejei ardentemente ser o primeiro homem civilizado que fizesse a jornada de Pernambuco a Lima.⁴¹

Porém, este foi seu olhar após já completada sua jornada em 1816. Ou seja, somente após seu retorno à Inglaterra, a edição de seus escritos, o auxílio de seu amigo Robert Southey na seleção de suas memórias sobre a viagem, foi que tais palavras foram publicadas sobre experiências de anos passados.

Henry Koster era filho do comerciante inglês e membro da Real Academia de Ciências de Lisboa Sir John Theodore Koster⁴², o qual, provavelmente por conta de suas atividades comerciais era residente de Lisboa, onde nasceu Henry. Desta maneira, apesar de possuir e considerar-se de naturalidade inglesa, Henry Koster nasceu e viveu grande parte de sua vida em Portugal, o que lhe possibilitou o aprendizado da língua portuguesa, a qual para ele era “mais familiar que a do meu país”⁴³.

Seu mal estado de saúde⁴⁴, possivelmente uma tuberculose, foi o estopim para sua viagem ao Brasil, tendo escolhido a Capitania de Pernambuco como destino pelo fato de tal

³⁹ Ibidem, p. 48.

⁴⁰ Ibidem, p. 46.

⁴¹ KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. 12 ed. Volume 1. Tradução de Câmara Cascudo. Rio – São Paulo – Fortaleza: ABC Editora, 2003. p. 208.

⁴² SMITHERS, Henry. *Liverpool, its commerce, statistics, and institutions; with a history of the cotton trade*. Liverpool: Thos. Kaye, 1825. p. 442.

(http://books.google.com/books?id=jdcAAAAYAAJ&pg=PA433&dq=%22henry+koster%22&lr=&as_brr=1&hl=ptBR&cd=16#v=onepage&q=%22henry%20koster%22&f=false).

⁴³ KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Op. cit. (Vol. 1 – 2003). p. 11.

⁴⁴ A “*The Gentleman’s Magazine*”, uma revista literária de Londres, noticiaria a morte de Koster em 15 maio de 1820 em Pernambuco aos 27 anos de idade, provavelmente em decorrência da doença que lhe fizera auto exilar no Brasil. In. *The Gentleman’s Magazine: and Historical Chronicle. From july to december, 1820*. Volume XC. London, 1820. p. 186.

(http://books.google.com/books?id=2nJKpRjYVugC&pg=PA186&dq=%22henry+koster%22&as_brr=1&hl=ptBR&cd=10#v=onepage&q=%22henry%20koster%22&f=false).

local ter sido indicado por amigos como ideal para o tratamento devido o clima e aos habitantes. Há de se ressaltar que neste momento a Europa passava pelo conturbado período das guerras napoleônicas, em que o próprio Koster estava em Liverpool e não mais em Lisboa quando de sua partida para o Brasil. Assim, neste contexto, a opção pelo Brasil não teve em Koster seu primeiro aderente, já que dois anos antes a família real portuguesa fugira de Lisboa rumo à colônia do outro lado do Atlântico.

Não podemos afirmar com certeza qual seria a idade deste estrangeiro quando de sua chegada ao Brasil, pois a única evidência acerca deste aspecto encontrada por nós foi a já citada na “*The Gentleman’s Magazine*”, isto é, segundo tal fonte ele teria cerca de 16 ou 17 anos de idade; podemos afirmar que era bastante jovem assim como os outros estrangeiros que citaremos adiante.

Cerca de um ano após sua chegada, crendo ter obtido melhoras em seu estado de saúde Koster decidiu empreender suas viagens, inicialmente por localidades próximas a Recife, e posteriormente por outras capitanias (Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Maranhão). Ao retornar de sua jornada ao Maranhão este inglês optou por tornar-se arrendatário de propriedades em Pernambuco e empreender as atividades inerentes a um senhor de engenho, algo que deve ter sido bastante marcante em sua vida já que seu livro de viagem - dividido em dois volumes na edição brasileira que utilizamos - possui quase um volume inteiro reservado a tal momento de sua estadia no Brasil.

No ano de 1815, devido a “*notícias da Inglaterra que tornavam necessária a minha volta ao lar*”⁴⁵, Henry retornou à Europa. Publicando no ano seguinte, em Londres, o livro “*Travels in Brazil*”. Tal publicação foi dedicada em 1816, quando de sua primeira edição, a Robert Southey, que auxiliou na divulgação da mesma em uma longa resenha de 43 páginas na “*The Quarterly Review*” em 1817 com os seguintes termos elogiosos:

*The general spirit of the book, indeed, is excellent; the manner more resembling the good, old, plain, straight-forward style of our best travelers (...) the most part equally curious and amusing, presenting a faithful picture of a very interesting stage in the progress of society.*⁴⁶

⁴⁵ KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Op. cit. (Vol. 2 - 2003). p. 416.

⁴⁶ The Quarterly Review. October & January, 1817. Vol. XVI. London, 1817. p. 387. (http://books.google.com/books?id=1svBWWpCWE0C&pg=PA344&dq=%22henry+koster%22&as_brr=3&hl=ptBR&cd=5#v=onepage&q=%22henry%20koster%22&f=false). “O espírito geral do livro, de fato, é excelente; a maneira mais semelhante do bom, velho, simples, honesto estilo dos nossos melhores viajantes (...) a maior parte igualmente curiosa e divertida, apresentando um retrato fiel do estágio mais interessante do progresso de uma sociedade” (Tradução Livre).

As relações estabelecidas entre Koster e Southey não eram recentes. Ao que tudo indica o tio de Southey, Herbert Hill, capelão anglicano em Lisboa, provavelmente conhecia a família Koster. Um dos volumes do livro de Robert Southey sobre a História do Brasil foi amplamente utilizada por Henry em seu escrito de viagem, enquanto, em contrapartida, Southey recebia informações acerca do Brasil através de constantes trocas de correspondência com Koster para compor os outros volumes da história do Brasil, nação a qual Southey nunca tocou os pés⁴⁷. Além disso, quando da permanência de Koster na Europa em 1815-16 “*Southey viajou com Koster para os Países-Baixos*”⁴⁸.

É inegável que tais relações beneficiaram ambos os lados, e a obra de Koster encontrou divulgação e grande espaço entre os leitores interessados em relatos de viagem, recebendo diversos elogios e propaganda em várias outras revistas literárias européias⁴⁹. Nos anos subsequentes a obra de Koster foi reeditada na Inglaterra (1817), Estados Unidos (1817), Alemanha (1817, 1831), França (1818, 1846), tendo sido publicada no Brasil somente entre os anos de 1898 a 1931 em forma de fascículos pelo Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano.

Além de informações acerca de suas viagens e permanências no Brasil colônia, o livro de Koster contou com gravuras feitas por um parente de Koster, cujo nome não é fornecido pelo autor, uma das quais está presente como marca d'água na abertura deste capítulo e demonstra a travessia de um rio.

Koster chegou ao Brasil justamente em um momento de grandes reviravoltas com relação à política externa e interna da metrópole Portugal, que fatalmente repercutiram na colônia ultramar a qual, ironicamente, tornou-se sede da Coroa Lusitana. Há de se notar que por sua vivência em terras portuguesas, o autodenominado inglês Henry Koster, havia de certa maneira experienciado a complexidade daquele período na medida em que por conta das guerras napoleônicas deslocara-se de Lisboa para a Inglaterra e posteriormente ao Brasil.

⁴⁷ DIAS, Maria Odila da Silva. *O fardo do homem branco: Southey o historiador do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.

⁴⁸ Ibidem, p. 48.

⁴⁹ “*Travels in Brazil (...) By Henry Koster. In one Volume, quarto, price 2l. 10s.*” In. The Augustan Review. A monthly production. Volume III. July to December. 1816. London, 1816. p. 750. (http://books.google.com/books?id=XvkEAAAAQAAJ&pg=PA541&dq=%22henry+koster%22&lr=&as_brr=1&hl=ptBR&cd=23#v=onepage&q=%22henry%20koster%22&f=false).; The Edinburgh Review, or Critical Journal: For Sept. 1816 - Dec. 1816. Volume XXVII. London, 1816. (http://books.google.com/books?id=Ohp0Z734tBYC&pg=PA540&dq=%22henry+koster%22&lr=&as_brr=1&hl=ptBR&cd=15#v=onepage&q=%22henry%20koster%22&f=false).

Desta maneira, Koster talvez pôde ter exclamado ou sentido o que Pechman assinalou como um “*contraste fascinante*” desse momento da história do Brasil, em que o Rio de Janeiro parecia:

Uma ilha de brancos cercada de escravos por todos os lados e no centro dessa ilha uma *corte* com rei europeu e tudo. Que contraste fascinante! Uma corte numa cidade movida a braço escravo. (...)

Deparei-me, então, com um fenômeno intrigante: o de uma corte numa colônia sem nenhuma cortesia e totalmente desconectada do circuito ocidental de civilização e civilidade. Tratava-se de uma tangida pelo chicote do feitor e governada pelas ácidas, ásperas e truculentas Ordenações Filipinas que espremia seus membros entre a pena de morte e o exílio. Sobre tal realidade, o rei com sua corte estenderia um manto de veludo “enobrecendo” nossa crua rudeza colonial.⁵⁰

Porém, Koster não seguiu os passos da família real portuguesa escolhendo o Rio de Janeiro como seu destino, mas, através de aconselhamento de amigos da família, partiu rumo ao Recife. Recife este que, apesar de apresentar-se como uma urbe, trazia no seu bojo “o *chicote do feitor*” e não o “*manto de veludo*” do rei.

Outra característica marcante deste momento da chegada de Koster ao Brasil foi que ela se deu justamente no momento em que a partir de um contexto de relações diplomáticas entre Portugal e Inglaterra, o fluxo de ingleses ao Brasil intensificou-se consideravelmente, principalmente nos centros urbanos do Rio de Janeiro, Recife e Salvador. Desta forma, o contato entre a população do Brasil e estrangeiros advindos das ilhas britânicas passou a ser mais constante, gerando um estranhamento recíproco. Acerca de tal estranhamento Koster relataria o que, segundo suas impressões, os brasileiros menos instruídos acreditavam serem os ingleses:

Porque era um bicho que nunca tinham visto (...) As fisionomias mostraram o desapontamento (...) porque esperavam ver uma besta estranha. John voltou e foi objeto de curiosidade e como não falava o português (...) Aturdidos, exclamavam: - “Fala a língua de negro!”.⁵¹

Em 1836, após dezesseis anos da morte de Koster o escocês George Gardner aportou no Rio de Janeiro. Gardner, sobre o qual já discorreremos rapidamente na introdução deste trabalho, veio ao Brasil com a missão de coletar e catalogar o máximo de espécies vegetais, animais e fósseis possíveis, percorrendo durante cinco anos diversos pontos do Império do Brasil. Gardner iniciou seus trabalhos na Serra dos Órgãos no Rio de Janeiro, de

⁵⁰ PECHMAN, Robert Moses. *Cidades estreitamente vigiadas: o detetive e o urbanista*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002. pp. 14-15.

⁵¹ KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Op. cit. (Vol. 1 - 2003). p. 144.

onde seguiu por via marítima até Bahia, Pernambuco, Alagoas e Ceará. Aportando em Aracati Gardner iniciou uma longa jornada a cavalo pelo interior do Império, atravessando a Província do Ceará até o Crato e daí seguindo para o Piauí, o atual Tocantins e a região das Minas Gerais, até chegar novamente ao Rio de Janeiro para em seguida embarcar rumo ao Maranhão e Inglaterra.

Tal empreendimento, de certa maneira ousado, tinha como motivação segundo o escocês “*fazer a descrição de uma grande porção desse interessante País, que ninguém ainda mostrou ao mundo*”⁵², em que a ambição do jovem naturalista, que tinha então cerca de 27 anos de idade, era percorrer territórios que não haviam sido explorados por cientistas europeus.

Ante plano tão ambicioso do escocês postava-se um Brasil com características bem diferentes daquelas vivenciadas por Henry Koster na década de 1810. Já decorridas quase duas décadas da livre presença estrangeira no Brasil, assim como findas as hostilidades na Europa entre Inglaterra e França, o então Império brasileiro passou a receber inumeráveis influências destas duas nações, forjando para alguns membros dos segmentos políticos, burocráticos e intelectuais do Brasil afinidades com linhas de pensamento político, econômico ou filosófico destes países europeus, isto é, estava tal momento a ver a formação de grupos francófilos e anglófilos brasileiros.

Justamente neste momento, as diversas correntes de pensamento vindas da Europa iriam contribuir para a tentativa do recém-criado Império do Brasil forjar-se como Estado-Nação. Ponto culminante de tal projeto pode ser vislumbrado com a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que se deu em 1838, curiosamente enquanto Gardner estava no Brasil. Manoel Salgado discute quais eram os principais objetivos que nortearam a ação dos primeiros membros do IHGB:

Uma vez implantado o Estado Nacional, impunha-se como tarefa o delineamento de um perfil para a “Nação brasileira”, capaz de lhe garantir uma identidade própria no conjunto mais amplo das “Nações”, de acordo com os novos princípios organizadores da vida social do século XIX.⁵³

Assim, ante a busca da formatação de uma identidade nacional uma segunda necessidade mostrava-se premente aos membros do IHGB no período que era a busca pela unidade do Império e a civilização do território e da população dos mais recônditos lugares,

⁵² GARDNER, George. Op. cit. p. 17.

⁵³ GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. *Nação e Civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional*. In. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, N° 1. pp. 5-27. 1988. p. 06.

através de um ideal iluminista de progresso linear da humanidade. Desta forma, a catalogação, o registro, a pesquisa e as viagens exploratórias com destino ao interior do Império visavam segundo Lúcio Ferreira uma “*interiorização da civilização*”⁵⁴.

A viagem de Gardner fora inspirada nos escritos de viagem dos naturalistas Alexander von Humboldt, Johann Baptiste von Spix, Carl von Martius e Auguste de Saint-Hillaire, os quais constantemente foram citados forjando assim uma cápsula de legitimidade científica⁵⁵. E para completar o estatuto de missão científica, tal expedição estava sendo patrocinada por “*quatro museus e vinte botânicos particulares*”⁵⁶, dos quais o principal era o professor e amigo de Gardner, Sir William Jackson Hooker, a quem o fruto da viagem, isto é, o livro, foi dedicado.

William Hooker eminente naturalista britânico, responsável pela publicação da revista científica “*Annals of Natural History*” já se interessava pelo estudo da natureza brasileira desde a década de 1820 quando recebeu constantes informações deste território por meio de correspondências trocadas com a viajante Maria Graham e o naturalista William Burchell⁵⁷.

Gardner e Hooker conheceram-se em Glasgow, quando Gardner, após ter terminado seus estudos em medicina, resolveu estudar Botânica, tendo Hooker como seu professor, o que posteriormente possibilitou a subvenção de sua viagem ao Brasil.

A viagem ao Brasil foi o grande impulsionador da carreira de cientista deste escocês, já que seu trabalho metódico de coleta e envio dos sessenta mil exemplares de plantas à Inglaterra durante os cinco anos que esteve no Brasil lhe renderam quando do retorno à Europa sua nomeação, em 1843, como sócio da Sociedade de Lineu, a qual seu mestre era Vice-Presidente, e no ano seguinte tornou-se diretor do Jardim Botânico de Peradenia no Ceilão⁵⁸.

⁵⁴ FERREIRA, Lúcio Menezes. *Ciência nômade: o IHGB e as viagens científicas no Brasil imperial*. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v. 13, n. 2, p. 271-92, abr.-jun. 2006.

⁵⁵ Não estamos afirmando que a escrita de Gardner deu-se com a exclusiva finalidade de legitimar suas concepções científicas. Ao final do século XVIII uma paixão por livros de viagem se alastrou por entre as classes letradas inglesas, desta maneira, é extremamente aceitável a idéia que certos padrões de escrita deste gênero literário tenham sido apropriados por Gardner. A percepção de ciência ilustrada era norteadas rumo à concepção de ordenação do mundo. Por outro lado é inegável o fato de que cada viajante que publicava seus relatos tinha a mínima consciência do público que desejava atingir, e desta forma traçava determinados direcionamentos à sua escrita.

⁵⁶ PAIVA, Melquíades Pinto. *Os naturalistas e o Ceará: II – George Gardner (1812-1849)*. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo CVII. Ano CVII. pp. 77-95. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1993. p. 77.

⁵⁷ MARTINS, Luciana de Lima. *O Rio de Janeiro dos viajantes: o olhar britânico (1800-1850)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. pp. 49-50 e 118.

⁵⁸ *DICTIONARY OF NATIONAL BIOGRAPHY*. Op. cit. p. 431.

Justamente quando no Ceilão Gardner enviou à Inglaterra para publicação a obra sob o título “*Travels in the interior of Brazil. Principally through the northern provinces and the gold and diamond districts during the years 1836-1841*”, tendo sido reeditada novamente em Londres em 1849, ano de sua morte, e um ano antes em alemão. A primeira tradução em português foi feita por Alfredo de Carvalho, tendo a parte referente às viagens pela Província do Ceará sido publicada pela Revista do Instituto do Ceará em 1912.

Seduzido pelo estilo narrativo-descritivo com tendências científicas do escocês, Alfredo de Carvalho caiu na armadilha de acreditar que Gardner teria sempre destaque devido a sua “*probidosa veracidade de suas observações e de serena imparcialidade de seus juízos*”⁵⁹, ao que foi seguido em opinião por Guilherme Studart que considerou o escocês como “*o mais exacto e minucioso naturalista de quantos percorreram os altos sertões cearenses no século passado*”⁶⁰.

Outro estrangeiro, contemporâneo de Gardner em viagens pelo Brasil, mas com objetivos bem distintos foi o norte americano Daniel Parish Kidder. Este jovem ministro protestante metodista chegou ao Brasil com 22 anos de idade, viajando por diversos pontos do Império, principalmente nas capitais de províncias e por via marítima entre os anos de 1838 e 1840, quando faleceu sua primeira esposa e o mesmo retornou aos Estados Unidos.

Este período, isto é a década de 1830 no Brasil ficou marcado pelo conturbado período regencial e as diversas revoltas nas Províncias periféricas. Tal situação chegou inclusive a estar presente nos escritos de Kidder e Gardner. Ao passar pelo Maranhão Kidder consideraria o movimento da Balaiada como a obra de desesperados inescrupulosos manipuladores de “*ignorantes e malfeitores*”:

Alguns desesperados sem escrúpulo, nada mais visando que o assassinio, o saque e o roubo, conseguiram insuflar o espírito revolucionário entre os ignorantes e malfeitores – dos quais a província deveria estar repleta.⁶¹

Por sua vez, Gardner, ainda no Piauí teve de mudar seus planos de viagem devido ao mesmo movimento “*Pouco depois de minha chegada a Oeiras ocorreram sérias*

⁵⁹ CARVALHO, Alfredo de. *Um botânico inglês no Ceará, de 1838 a 1839*. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo XXVI. Ano XXVI. pp. 143-205. Typografia Minerva, 1912. p. 143.

⁶⁰ STUDART, Barão de. Op. cit. (1918). p. 201.

⁶¹ KIDDER, Daniel P. *Reminiscências de Viagens e Permanências nas Províncias do Norte do Brasil: compreendendo notícias históricas e geográficas do Império e das diversas províncias*. Tradução de Moacir N. Vasconcelos. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 1980. p. 166.

*perturbações na província vizinha do Maranhão, as quais me impediram de levar avante meu plano original de seguir na direção oeste para o rio Tocantins”*⁶².

Kidder estava no Brasil a serviço da Sociedade Bíblica Americana, instituição surgida no início do século XIX, cujo objetivo era a venda e distribuição de bíblias e literatura protestante em nações não protestantes e no idioma dos países visitados por seus membros, o que era chamado por estes missionários de trabalho de “*colportagem*”. Inicialmente este missionário fixou-se por alguns meses na cidade do Rio de Janeiro auxiliando o reverendo protestante Justin Spaulding nos trabalhos religiosos destinados aos marinheiros e habitantes de língua inglesa desta cidade, porém, imbuído em um projeto missionário de conversão de brasileiros ao protestantismo dentro do campo de possibilidades que lhe era colocado, Kidder partiu rumo ao norte do Império para a consecução da missão que lhe fora dada pela Sociedade Bíblica Americana, para isso o reverendo metodista assinalou que

Como subsídio para os nossos trabalhos evangélicos, tínhamos preparado quatro novas publicações em português, especialmente adaptadas ao ambiente brasileiro. Delas tiramos larga edição e desembarcamos na Alfândega nova remessa de bíblias, testamentos e Saltérios, recebida dos Estados Unidos, que melhor nos aparelhou para o bom desempenho de nossa missão.⁶³

A presença de protestantes neste momento do Brasil não era algo de total desconhecimento por parte da população do Império. Isso não significa dizer que houvesse um conhecimento profundo acerca da fé protestante, mas a maior presença de estrangeiros que professavam tal fé, principalmente nos centros urbanos, possibilitou a criação de certos estereótipos acerca destes sujeitos.

Ademais, no momento em que Kidder empreendeu suas viagens no Brasil, em diversas cidades do Império já havia a presença de cemitérios destinados a protestantes, que recebiam a alcunha de “cemitério dos ingleses”. Desta maneira, mesmo que nem sempre bem vistos, muitas vezes tidos por hereges, estes estrangeiros protestantes não eram totalmente estranhos a muitos dos brasileiros.

O reverendo Daniel Kidder era natural de Darien (Nova York) e converteu-se ao protestantismo como metodista ao início da década de 1830, apesar de seu pai não ter visto com bons olhos tal fato, pois o mesmo não era simpático aos metodistas⁶⁴. Em seguida Daniel iniciou a carreira como ministro metodista, graduando-se na ‘*Wesleyan University*’ e

⁶² GARDNER, George. Op. cit. p. 129.

⁶³ KIDDER, Daniel P. Op. cit. (1980). p. 18.

⁶⁴ STROBRIDGE, G. E. *Biography of the Rev. Daniel Parish Kidder, D.D., LL.D.* New York: Hunt & Eadon, 1894. p. 27. (<http://www.archive.org/details/biographyofrevda00stro>).

aceitando o convite de seu superior eclesiástico Bispo Waugh para assumir uma viagem missionária ao Rio de Janeiro.

Cinco anos após seu retorno aos Estados Unidos Daniel publicou o “*Sketches of residence and travels in Brazil embracing historical and geographical notices of the empire and its several provinces*”, cujo objetivo seria mostrar a seus compatriotas “*alguns apontamentos históricos e geográficos, nossas reminiscências relativas a quase dois anos e meio de residência e viagens*”⁶⁵, apontamentos estes os quais o reverendo metodista fez questão de tentar fornecer uma idéia de fidedignidade a seu relato ao assinalar que para a consecução da obra havia consultado

freqüentemente a história de Southey e sua continuação pelo sr. Armitage.
(...)

Fizemos, além disso, numerosas referencias a relatórios de presidentes de Províncias, documentos oficiais, autores brasileiros, em suma, a todas as mais recentes e autenticas fontes de referencia de que nos pudemos valer com relação a todos os recantos do Império.⁶⁶

Esta não foi a única empreitada como escritor de Daniel Kidder. Após retornar aos Estados Unidos Daniel assumiu o cargo de Editor da “*Sunday School Publications and Tracts*”⁶⁷ entre 1844 e 1856 o que lhe possibilitou publicar diversos escritos direcionados às atividades das Escolas Bíblicas Dominicais metodistas dos Estados Unidos, além disso, retornou ao tema Brasil, em 1857, através da publicação do famoso “*Brazil and the brazilians: portrayed in historical and descriptive sketches*” em parceria do ministro presbiteriano James Cooley Fletcher, também membro da Sociedade Bíblica Americana, o qual esteve diversas vezes no Brasil durante a segunda metade do século XIX.

Ao contrário de suas opiniões acerca da obra de Gardner, Guilherme Studart, mostrou-se indignado com os escritos de Kidder e Fletcher sobre o Brasil denominando-os de “*Ministros protestantes, americanos do norte, disfarçados em historiadores*”⁶⁸, tal opinião de Studart explica-se na medida em que, sendo extremamente devoto à Igreja Católica, o Barão tomou como insultos as críticas feitas pelos reverendos protestantes à dita religião.

Apesar de Studart não ter conhecido Kidder e Fletcher pessoalmente, pôde vivenciar nas décadas de 1880 e 1890 a atuação de outros dois missionários protestantes, um

⁶⁵ KIDDER, Daniel P. *Reminiscências de Viagens e Permanências no Brasil [Rio de Janeiro e Província de São Paulo]: compreendendo notícias históricas e geográficas do Império e de diversas províncias*. Tradução de Moacir N. Vasconcelos. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2001. p. 19.

⁶⁶ Ibidem, pp. 19-20.

⁶⁷ STROBRIDGE, G. E. Op. cit. pp. 161-216.

⁶⁸ STUDART, Barão de. (1920). Op. cit. p. 252.

casal de presbiterianos norte-americanos que moraram na cidade de Fortaleza neste período: De Lacey Wardlaw e Mary Hoge Wardlaw.

Em um domingo, 27 de setembro de 1882 aportou na cidade de Fortaleza o paquete “Pará”, vindo da cidade do Recife trazendo o casal Wardlaw, ele com 26 anos de idade e a esposa com 27 anos de idade, que hospedaram-se no Hotel do Norte, localizado à Rua Floriano Peixoto, nas proximidades do Passeio Público, tal hotel era de propriedade do também estadunidense Silvestre Randal.

No mesmo dia em que chegaram, uma celebração religiosa foi realizada pelo reverendo Wardlaw no Hotel do Sr. Randal, cujo sermão foi baseado em torno da seguinte passagem bíblica: “*Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu filho unigênito para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha vida eterna*”, como relataria mais tarde o jovem pregador em matéria sua no jornal ‘*Libertador*’⁶⁹.

A atuação missionária do casal presbiteriano voltou-se principalmente para a cidade de Fortaleza; mas não só Fortaleza viria a ter conhecimento do jovem Reverendo, também cidades como Baturité e Mossoró receberiam a ação da missão presbiteriana liderada por Lacey.

De Lacey (Lacy) Wardlaw nasceu em 1856 na pequena cidade de Paris no estado do Kentucky, ao sul dos Estados Unidos da América. Seu pai, irlandês, chamado Thomas De Lacey Wardlaw era Ministro Protestante e professor de literatura americana. Sendo de família protestante, Lacy foi direcionado às crenças do pai e da mãe. Fez seus estudos iniciais em Nova Jersey e entre 1878 e 1880 estudou no *Union Theological Seminary* na Virgínia. Lá se graduou em Teologia, Ciências e Letras.

No mesmo ano em que o jovem Wardlaw licenciou-se no seminário, filiou-se no comitê missionário de Nashville, e casou-se com uma moça um ano mais velha chamada Mary Swift Hoge (que após o casamento passou a chamar-se Mary Hoge Wardlaw). Mary Hoge era natural da cidade de Baltimore, estado de Maryland. Seus pais chamavam-se William James Hoge e Virginia Randolph Harrison. Talvez não por coincidência, seu pai, William Hoge, fosse ministro protestante. Além disso, o irmão de Mary, também se tornou pastor protestante. Estas características muito devem ter contribuído para o casamento do jovem ministro protestante haver se consolidado.

O matrimônio ocorreu em 29 de julho de 1880, em um ambiente de despedida, pois os jovens recém-casados dentro de poucos dias partiram para uma nação estrangeira.

⁶⁹ Jornal ‘*Libertador*’. Fortaleza, 20 de fevereiro de 1886. Seção ‘*Tribuna do Povo*’. Coluna ‘*Notas Religiosas*’ de autoria do Reverendo De Lacey Wardlaw.

Assim, nove dias após a união matrimonial, De Lacey Wardlaw e Mary Hoge Wardlaw foram enviados para Pernambuco pelo ‘*Committee of Nashville*’. Viagem que durou três semanas terminando em 26 de agosto na cidade de Recife.

A missão de Lacey, inicialmente, foi a de auxiliar o Reverendo John Rockwell Smith na Igreja Presbiteriana de Recife. Sendo posteriormente enviado para a Província do Ceará, como já exposto. Atuando no Brasil como missionários já nas duas últimas décadas do oitocentos, o casal Wardlaw pôde acompanhar o desenvolvimento dos movimentos abolicionista e republicano no Brasil, pelo quais poderíamos dizer que, de certa forma militaram a favor, como discutiremos nos próximos capítulos.

Concomitante a isto ao findar do oitocentos alguns pontos do Brasil já imiscuíam-se na vasta rede da busca pela modernização técnica, podendo já se perceber o uso da navegação a vapor, do telégrafo, das estradas de ferro e de companhias responsáveis pela iluminação pública das cidades.

Já os Estados Unidos postavam-se neste momento como uma potência imperialista que expandia sua influência nas Américas, retirando das mãos inglesas e francesas parte do intervencionismo sobre o Brasil, na medida em que a Europa do fim do século XIX já iniciava um processo de tensões entre os Estados imperialistas.

Dentre os missionários protestantes norte-americanos em países estrangeiros neste período existia uma prática bastante comum, que era o envio de correspondências para sua terra natal, relatando os progressos e dificuldades da missão e tendo por fim a publicação de tais relatos em periódicos protestantes que faziam apologia ao movimento missionário. Desta maneira, o periódico ‘*The Missionary*’ publicou várias matérias do casal Wardlaw sobre a atuação missionária destes no Brasil.

O ‘*The Missionary*’ era uma publicação mensal que tinha por fim a divulgação de correspondências de missionários trazendo informações sobre o transcorrer das missões em diversas nações. Era publicado em Richmond sendo editado pelas secretarias de missões estrangeiras da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos. A cidade de Richmond destacava-se como um grande centro aglutinador do presbiterianismo nos Estados Unidos concentrando tanto o “*Presbyterian Committee of Publication*” como o “*Committee of Foreign Missions*”, responsável pela publicação deste periódico. Tal comitê tinha por finalidade a divulgação entre os norte-americanos dos resultados das missões protestantes em nações estrangeiras.

Um ano depois do retorno dos missionários aos Estados Unidos em 1901, Mary Hoge publicou um romance intitulado “*Candida; or, By a Way She Knew Not. A Story From Ceara*”. Tal publicação tinha o objetivo de mostrar o processo de desenvolvimento da missão

protestante presbiteriana no Ceará na década de 1880. Apesar de os nomes dos personagens serem fictícios, a autora tinha por ensejo demonstrar seu ponto de vista sobre a missão protestante no Norte do Brasil, a própria Mary afirma que “*Every incident relating to the introduction and spread of the gospel, with the accompanying persecutions, is strictly true, and is recorded without embellishment*”⁷⁰. Desta forma, a partir da personagem principal, Candida, a autora traça em um total de 33 capítulos o processo de conversão ao protestantismo no Ceará e como a sociedade percebia tal fenômeno.

Podemos considerar que todos os escritos destes cinco estrangeiros (Koster, Gardner, Kidder, Lacey Wardlaw e Mary Wardlaw) sobre esta territorialidade outra e seus habitantes foram forjadas a partir da combinação de dois elementos fundamentais: suas concepções de mundo moldadas culturalmente e a experiência do contato com o outro. Isto é, tomando de empréstimo o termo de Pratt, consideramos que ao postarem-se sobre uma “*zona de contacto*” estes sujeitos formaram suas impressões acerca dos outros. Para Pratt a “*zona de contacto*” seria:

Espaços sociais onde culturas díspares se encontram, se chocam, se entrelaçam uma com a outra, freqüentemente em relações extremamente assimétricas de dominação e subordinação.⁷¹

Espaço de encontros coloniais, no qual as pessoas geográfica e historicamente separadas entram em contato umas com as outras e estabelecem relações contínuas, geralmente associadas a circunstâncias de coerção, desigualdade radical e obstinada.⁷²

Ora, apesar de trabalharmos estrangeiros anglo-saxões e não lusos, e em um período em que pelo menos quatro dos cinco estrangeiros pesquisados vivenciaram um Brasil já não mais colônia, podemos sustentar que esta relação se moldou como uma série de “*encontros coloniais*” com relações “*assimétricas*”, pois o olhar demandado pelos movimentos de contato com o “outro” por parte dos europeus com relação a América podem ser vistos como “*Um desejo primário de contemplação do outro, um desejo secundário de saber os segredos maravilhosos contidos no exotismo e um desejo explícito de dominar para civilizar e instituir a racionalidade instrumental na fisionomia do mundo*”⁷³.

⁷⁰ WARDLAW, Mary Hoge. *Cândida; or, by a way she knew not. A story from Ceará*. Richmond: The Presbyterian Committee of Publication. 1902. p. 6. “*Todos os incidentes relacionados com a introdução e propagação do evangelho, com o acompanhamento das perseguições, são estritamente verdadeiros, e são recordados sem embelezamento*” (Tradução Livre).

⁷¹ PRATT, Mary Louise. Op. cit. p. 27.

⁷² Ibidem, p. 31.

⁷³ CARVALHO, Edgar Assis de. *Estrangeiras imagens*. In. KOLTAI, Caterina (Org.). *O Estrangeiro*. pp. 21-36. São Paulo: Escuta / FAPESP, 1998. p. 24.

Termo semelhante à “*Zona de Contacto*” é o que Peter Burke denomina de zonas de encontros culturais, os quais não são apenas “*locais de encontro, mas também sobreposições ou interseções entre culturas, nas quais o que começa como mistura acaba se transformando na criação de algo novo e diferente*”⁷⁴.

O período específico em que trabalhamos, ou seja, o contacto durante o século XIX, um ideal de projeto civilizatório cerceava diversos segmentos políticos e intelectuais na Europa e nos Estados Unidos. Nações cujas recentes transformações políticas e econômicas, tais como as revoluções Francesa e Industrial, faziam-nas ver-se como pertencentes a uma vanguarda da civilização, enquanto os recantos do mundo na Ásia, África e América Ibérica, ainda vivenciavam estágios inferiores de civilização, necessitando, assim de auxílio para enquadrarem-se na grande marcha civilizadora.

Assim, os “WASP”, percebiam-se em vários aspectos superiores: na cor branca da pele, na constituição histórica considerada heróica, na religião protestante crida como livre dos mitos e superstições que atrasavam a evolução dos outros povos, e na economia industrializada que encaminhava o progresso à humanidade. Dito isto, cremos que em primeira análise devamos discutir este olhar estrangeiro protestante sobre o outro, daí a necessidade inicial de compreendermos como diversas vertentes de pensamento puderam ser coadunadas para a formação deste olhar, pensamentos como o protestantismo, o iluminismo e o romantismo.

1.1: Almas protestantes, espíritos esclarecidos, sonhos românticos:

Segundo Michel de Certeau⁷⁵, os séculos XVII e XVIII marcam uma ruptura entre moral e religião, ou seja, trouxeram a “*história de um divórcio*” entre estas duas esferas presentes na vida social do Ocidente. Tal ruptura pode ser notada a partir da reflexão de vários pensadores do chamado Iluminismo, os quais passaram a propugnar uma sociedade que viesse a ser varrida do obscurantismo que impregnava as mentes dos homens e os impedia de libertarem-se do jugo que lhes impunham os arcaicos sistemas políticos e religiosos.

⁷⁴ BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. Tradução de Leila Souza Mendes. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2006. p. 73.

⁷⁵ CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 194.

Cabe salientar que o pensamento esclarecido não possuiu uma uniformidade a qual poderíamos expressar, mas pelo contrário, os diversos pensadores iluministas desenvolveram análises filosófico-sociais que em vários aspectos podem ser consideradas muitas vezes com pensamentos divergentes. Ademais muitos pensadores esclarecidos eram inimigos ferrenhos de ideias de outros iluministas, ou divergiam severamente de condutas outras, como no caso da relação entre D'Alembert, Diderot e Rousseau ⁷⁶.

Porém, um dos fatores que ganharam relevo dentre vários teóricos iluministas, como em Voltaire, foi o desenvolvimento da filosofia deísta, a qual considerava a existência de Deus, mas sem admitir a ideia de revelação divina. Desta forma qualquer ortodoxia ou denominação religiosa seria inconcebível, pois a relação com o divino seria realizada a partir do exercer da razão.

Com os avanços da Revolução Francesa e o posterior desenvolvimento do pensamento liberal pela Europa e nas Américas, os sistemas políticos aristocrático-clericais começaram a ruir paulatinamente. A moral forjada pelo iluminismo passou a almejar o campo do universal, enquanto a religião cristã, compartimentada entre o catolicismo e as diversas vertentes protestantes, assumiu o campo das particularidades.

Poder-se-ia levantar a hipótese de um divórcio absoluto com relação a tais apontamentos filosóficos que então se desenvolviam e qualquer tipo de pensamento religioso que remontasse a alguma ortodoxia cristã, levando em consideração que

Transcorria (...) o século das “Luzes”. A elite culta parecia abandonar os dogmas cristãos por uma filosofia simplesmente deísta, até mesmo materialista. As igrejas que prevaleciam-se de Jesus ficaram subitamente em confronto com novos problemas postos pelo desenvolvimento da ciência e emancipação do pensamento.⁷⁷

No entanto, não cremos que este abalo significou a ruptura total entre o pensamento iluminista e o cristianismo. O protestantismo, em alguns grupos sociais, forjou uma apropriação, como no caso dos protestantes norte-americanos de diversos postulados esclarecidos, isto pelo fato de a formação histórico-religiosa estadunidense haver compactuado com um ideal de religião civil⁷⁸, em que houve uma adequação entre religião e moralidade universal.

⁷⁶ DARNTON, Robert. Op. cit. pp. 296-297. Para Darnton, Rousseau rompera com os *philosophes* ao considerar Diderot, D'Alembert e outros enciclopedistas como pertencentes “ao mundo elegante dos teatros e salões”, comportamento este que aludiria ao sistema de poder do Antigo Regime.

⁷⁷ DELUMEAU, Jean. Op. cit. pp. 245-246.

⁷⁸ CATROGA, Fernando. Nação, Mito e Rito: Religião civil e comemoracionismo (EUA, França e Portugal). Fortaleza: Edições NUDOC / Museu do Ceará, 2005. pp. 21-76.

Sobre esta possibilidade de encarar os pensadores do iluminismo como portavozes de hostilidade a toda crença, Hugo Cerqueira afirma que:

Caracterizar os iluministas como “revolucionários”, “democratas”, “céticos”, “ateus” e outros adjetivos do mesmo calibre significaria aceitar de modo ingênuo e acrítico a retórica de alguns dos *philosophes* que, a despeito da aversão que nutriam por cardeais e reis, não chegaram a abrir mão de suas sinecuras para por em prática planos de revolucionar a sociedade.⁷⁹

Desta maneira, pretendemos discutir como o olhar protestante dos estrangeiros Henry Koster, Daniel Parish Kidder, George Gardner, De Lacey Wardlaw e Mary Wardlaw, expresso em seus escritos, pôde ser fundido a um discurso civilizador, partindo de pressupostos iluministas e em alguns casos com traços que antagonicamente revelam-nos influências e concepções românticas.

Tais estrangeiros estiveram em território brasileiro em momentos distintos do oitocentos e aportaram em tal território com motivações também diversificadas. Além do que possuíam nacionalidades diferentes: Koster e Gardner eram britânicos (inglês e escocês respectivamente), enquanto os outros três estrangeiros citados eram norte-americanos.

Antes de iniciarmos tal debate, gostaríamos apenas de alertar para uma peculiaridade que se insinuou perante nossos olhos nesta pesquisa, peculiaridade esta que pode ser apresentada nas palavras de Maria Odila Dias: “Qualquer indivíduo é sempre impregnado de incoerências, não sendo jamais suficientemente autônomo para tomar posição lógica e coerente ante os grandes temas de seu tempo”⁸⁰.

Isto é, o olhar do historiador, talvez por possuir uma faceta retrospectiva, por vezes desemboca em armadilhas de cunho conceitualista, taxativo, em que se toma os indivíduos de uma temporalidade outra com códigos culturais alheios aos nossos e os encaixa em receptáculos denominacionais como “iluministas”, “românticos”, “protestantes”, sem apercebermo-nos que tais homens e mulheres, como expressa Dias também eram cerceados por incoerências (aos nosso olhos), ou seja forjavam seu pensamento e seu modo de vida a partir da apropriação de diversos repertórios que estivessem ao seu alcance.

O século XIX na Europa Ocidental iniciou-se com o fermentar das guerras napoleônicas e o desenvolvimento frenético da Revolução Industrial, além disso, vários sujeitos desse período puderam assistir o entrelaçamento e o embate de vários pensamentos

⁷⁹ CERQUEIRA, Hugo E. A. da Gama. *Adam Smith e seu contexto: o iluminismo escocês*. In: Anais do VIII encontro de Economia da Região Sul. Área 4 Metodologia, História do Pensamento Econômico e Economia Política. pp. 1-20. 2005. pp. 4-5.

⁸⁰ DIAS, Maria Odila da Silva. Op. cit. p. 10.

sociais, tais como o próprio iluminismo e seu ideal de progresso, o romantismo e seu espírito de nostalgia, o liberalismo, os socialismos. Seria demasiado simplista admitirmos que houve uma adesão ou uma rejeição total por parte dos agrupamentos protestantes na Europa e nos Estados Unidos por algum destes movimentos, mas podemos ponderar que uma série de negociações passou a ser realizada entre os seguidores das várias vertentes protestantes existentes e as concepções de mundo forjadas por estes movimentos intelectuais.

Um forte espírito de progressivismo e crença na perfectibilidade da natureza humana podem ser percebidos nos escritos destes estrangeiros, tais características são nitidamente frutos da ilustração, que formulara uma teoria do progresso baseado em estágios da civilização. Maria Odila Dias ao fazer uma análise da obra de Robert Southey percebeu que, de certa maneira, tal autor operou com uma série de negociações ante os pensamentos que rodeavam o findar do século XVIII e início do XIX com sua fé anglicana, em que Southey

Identificava o processo histórico com a providência divina; o progresso da humanidade com o processo humanizador, de plena realização das potencialidades do homem e este com a expansão do cristianismo.⁸¹

Tal perspectiva assemelha-se muito às percepções acerca da civilização de Henry Koster⁸². Ao relatar sobre os hábitos da população brasileira em seu livro de viagens, Koster comenta que

Muitos brasileiros, também, mesmo de classe superior, seguem os costumes mouriscos, de sujeição e reclusão, mas tendo alguma comunicação com a cidade, veem depressa que é preciso preferir maneiras mais civilizadas e rapidamente possuem hábitos de polidez.⁸³

É notável o olhar deste inglês acerca da importância da consecução de um processo civilizador advindo do contato com a cidade, isto pelo fato de o meio urbano ser percebido por este como possibilitador à confrontação com mecanismos de instrução e aparatos comerciais relacionados ao liberalismo. Seu nascimento e vivência durante muitos anos em Portugal o fez comparar as práticas de muitos brasileiros com aquilo que lhe era familiar na Península Ibérica, os mouriscos, que tratavam-se de mulçumanos “*convertidos*” ao

⁸¹ Ibidem, p. 107.

⁸² Como já afirmado anteriormente Southey nutria laços de amizade com Koster e com a família deste. Ambos trocavam correspondências constantemente. Enquanto Koster fornecia fontes para a “*História do Brasil*” de Southey, este auxiliou Koster na edição do “*Travels in Brazil*”, além de publicar resenhas da referida obra na “*Quartely Review*”. Cf. DIAS, Maria Odila da Silva. Op. cit.

⁸³ KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Op. cit. (Vol. 1 – 2003). p. 91.

cristianismo durante as Guerras de Reconquista nos territórios de Espanha e Portugal nos séculos XV e XVI.

Tal discurso de teor liberal mostrara-se como um dos carros-chefes do pensamento ilustrado, vislumbrando a universalização dos ideais burgueses de propriedade e trabalho racionalizado.

Entretanto, cabe salientar que o posicionamento de Koster possuía algumas peculiaridades ante este pensamento liberal, isto pelo fato de durante seu período de estadia pelo Brasil, ao tornar-se o que poderíamos denominar de senhor de engenho e possuidor de escravos, este inglês confessou que

Possivelmente eu, em breve tempo, não podia ser membro de outra sociedade. Sentia-me inclinado para a vida que levava. Eu era jovem, era livre e tinha poder. Embora estivesse inteiramente convicto dos males que decorrem de uma sociedade ou estado feudal, amava ter escravos. Poderia tornar-me tão arbitrário como apaixonado por essa existência meio selvagem. Podia ficar sentindo tanto sabor pela ociosidade, não tendo regras, como desgostando tudo o que fosse racional e lógico no mundo.⁸⁴

Mediante a leitura do livro *“Raízes do Brasil”* de Sérgio Buarque de Holanda podemos tentar compreender o porquê desta inclinação confessada de Koster à adaptabilidade ao que este estrangeiro cria ser *“uma sociedade ou estado feudal”*, segundo Holanda:

A verdade é que o inglês típico não é industrioso, nem possui em grau extremo o senso da economia, característico de seus vizinhos continentais mais próximos. Tende, muito ao contrário, para a indolência e para a prodigalidade, e estima acima de tudo a “boa vida”. Era essa a opinião corrente, quase unânime, dos estrangeiros que visitavam a Grã-Bretanha antes da era vitoriana.⁸⁵

Ora, além de poder ser visto como este inglês na transição para a era vitoriana, Koster ainda possuía a peculiaridade de haver nascido e vivido grande parte de seus poucos anos em Portugal e depois no Brasil, o que talvez tenha contribuído para esta visão de mundo, já que poderíamos estender a adaptabilidade de Koster em terras tropicais àquela que Holanda atribui aos colonizadores portugueses, os quais no Brasil *“onde lhes faltasse o pão de trigo, aprendiam a comer o da terra (...) farinha de mandioca fresca (...) Habitaram-se a dormir em redes (...) iam ao ponto de beber e mascar fumo”*⁸⁶.

Gilberto Freyre por sua vez, ao fazer um ensaio acerca da presença de ingleses ativamente imiscuídos no Brasil do século XIX, comentaria que, se no Brasil a receptividade

⁸⁴ KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Op. cit. (Vol. 2 - 2003). p. 416.

⁸⁵ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 45.

⁸⁶ *Ibidem*, p. 47.

por parte dos produtos ingleses tais como vestimentas, janelas de vidro, carruagens, maquinarias, alimentos, animais, relógios, dentre outros, foi grande, por outro lado este Brasil conquistou

muito inglês aqui chegado cheio de ódio santo à escravidão para as doçuras do pecado quase nefando de possuir escravos e de fazer-se, como todo branco, rico ou simplesmente remediado, servir e até vestir, e carregar em palanquins, por negros trazidos da África.⁸⁷

Porém, se por um lado podemos inferir estas influências da vivência em um mundo Ibérico nas percepções de Koster, por outro não podemos relegar toda a formação de repertórios culturais forjados a partir de sua formação familiar inglesa inserida em uma comunidade britânica em Lisboa.

Henry Koster pode ser percebido como um sujeito híbrido neste jogo de relações, tendo em vista que enquanto de família inglesa e autodenominado inglês, nascera em Lisboa onde passara grande parte de sua vida, tendo vivido outros quase dez anos no Brasil aonde veio a falecer, desta forma pode-se inferir de sua experiência um caso de adaptação cultural, a qual *“pode ser analisada como um movimento duplo de des-contextualização e re-contextualização, retirando um item de seu local original e modificando-o de forma que se encaixe em seu novo ambiente”*⁸⁸.

Tanto que como num lapso de tomada de consciência daquilo que estava tornando-se, ou seja, um homem que aos seus olhos se encaminhava rumo a uma vida incivil e semibárbara alegrava-se por haver partido do Brasil: *“Abandonei com relutância o meu desejo de residir no Brasil, mas hoje muito me alegro de haver sucedido esse caso”*⁸⁹.

Tempos antes de tal resolução, durante suas viagens ao chegar na vila do Assu, após longa jornada Koster expressou em seus escritos acerca da alegria de se chegar a uma vila; local que subentendia um mínimo de “civilização”: *“Oh, que alegria tive vendo uma igreja!... e a perspectiva regular de uma vila, com pessoas civilizadas, se assim as posso chamar de “civilizados”, de acordo com as idéias européias”*⁹⁰.

A presença ativa do Estado ou algo que trouxesse uma clara representação deste era vista como outro sinal de civilização, na medida em que o controle estatal seria importante, pois se coadunaria com o autocontrole exigido a sujeitos civilizados. Por esta

⁸⁷ FREYRE, Gilberto. *Ingleses no Brasil: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil*. 3 ed. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 2000. p. 237.

⁸⁸ BURKE, Peter. Op. cit. (2006). p. 91.

⁸⁹ KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Op. cit. (Vol. 2 - 2003). p. 416.

⁹⁰ KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Op. cit. (Vol. 1 - 2003). p. 146.

razão o mínimo de organização e ação estatal poderia ser vistos como positivos. Gardner após longa jornada pelo interior do Império adentrara a região das minas, quando, a partir de um pedágio sobre uma ponte, construiu uma fronteira imaginária no Brasil que trazia o dualismo civil-incivil:

Pelo meio deste vale corre o Rio Jequitinhonha (...) a travessia foi facilmente feita por uma ponte de madeira (...) sobre a qual existe uma barreira de pedágio a primeira que encontramos no país, dando mostra de que nos estávamos aproximando de uma parte mais civilizada que qualquer outra por nós atravessada no Brasil.⁹¹

Existem nos textos de Koster e Gardner traços explícitos de uma diferenciação acerca de estágios de civilização. A localidade visitada por Koster apresentava “*peessoas civilizadas*”, porém dificilmente poderiam este inglês e seus compatriotas reconhecê-los como civilizados segundo os padrões europeus. Rupp-Eisenreich, discutindo as idéias ilustradas setecentistas de Joseph-Marie de Gérando⁹² sobre as concepções deste acerca dos estágios da civilização humana, esboça as graduações da civilização humana segundo este filósofo:

*Gérando adopte encore le gradualisme culturel et économique en parlant des “degrés de civilisation”. Au degré zero, l’ “état sauvage, age des sens”, se superposent quatre âges de la civilisation où le développement intellectuel accompagne la progression des modes de production: aux peuples pasteurs succèdent les cultivateurs qui s’organisent en castes, puis apparaissent les cites, et finalement la navigation et le commerce; ce quatrième âge verra s’accomplir le perfectionnement du langage.*⁹³

A vivencia de Koster arrendatário de terras em Pernambuco, administrando um engenho, lhe serviu como exemplo para publicação de um panfleto na Inglaterra em 1816 sobre a abolição da escravatura nas Antilhas Britânicas. Koster se mostrava favorável à abolição da escravatura, mas compactuava da opinião de William Wilberforce, parlamentar inglês e anglicano, que tal abolição deveria ocorrer de forma gradual, e que só poderia acontecer após civilizarem-se os escravos, mas para isso “*O “negócio” da conversão e da*

⁹¹ GARDNER, George. Op. cit. p. 206.

⁹² Gérando é denominado por Todorov como “*bom discípulo dos enciclopedistas*” In. TODOROV, Tzvetan. Op. cit. (1993). p. 36.

⁹³ RUPP-EISENREICH, Britta. *Christophe Meiners et Joseph-Marie de Gérando: un chapitre du comparatisme anthropologique*. In. Études sur le XVIII siècle. *L’homme des lumieres et la decouverte de l’autre*. Volume hors serie 3. pp. 21-49. Bruxelles: Editions de l’Universite de Bruxelles, 1985. p. 29. “*Gerando adota ainda o gradualismo cultural e econômico ao falar em “graus de civilização”. Ao grau zero, o “estado selvagem, idade dos sentidos”, se sobrepõem quatro idades da civilização onde o desenvolvimento intelectual acompanha a progressão dos modos de produção: os povos pastores sucedendo os agricultores que se organizam em castas, depois aparecem as cidades, e finalmente a navegação e o comércio; na quarta idade será realizado o aperfeiçoamento da linguagem*”. (Tradução Livre).

instrução dos negros nas primeiras letras deve ser levado a cabo pelos ministros da Igreja da Inglaterra”⁹⁴.

Percebe-se claramente aqui o ideal de uma civilização perpetrada pela ação do cristianismo, já que à maneira do amigo Robert Southey, Koster embasara-se nos ideais do humanitarismo filantrópico inglês, para o qual a escravidão negra se postava como um dos principais fatores de discussões no século XIX.

O humanitarismo filantrópico se constituiria como uma ideologia de apoio às antigas estruturas do poder conservador. Tratava-se de justificar, explicar, definir a missão civilizadora dos ingleses; de estimular a expansão colonial; de incentivar a campanha pela abolição do tráfico com novas teorias de civilização e com projetos de colonização na África Ocidental e do Sul. (...) Pretendiam criar um Império duradouro, baseado principalmente no sistema representativo e na implantação das leis, da língua e da religião inglesa.⁹⁵

De tal modo que Koster sugeria empenho na conversão dos escravos ao cristianismo com o objetivo de “*dar-lhes o mínimo de conforto a fim de torna-los menos suscetíveis aos maus costumes (...) para que ajam segundo os princípios do certo e do errado com sentimentos morais, e se convertam ao cristianismo*”⁹⁶.

A opinião de uma Inglaterra propagadora da civilização não era uma juízo que restringia-se apenas a Koster, Southey e Wilberforce, mas ganhava respaldo crescente nos escritos de outros românticos ingleses, como Wordsworth, Coleridge, Thelwall⁹⁷, dentre outros, que percebiam-se

Como povo eleito, identificavam-se os ingleses com o processo benéfico de aperfeiçoamento dos homens, ditado por Deus; que se ativessem, então, a esses princípios e exercessem sua missão civilizadora através do exemplo e da ascendência moral.⁹⁸

Este aspecto se torna notável na medida em que pontos de convergência podem ser percebidos entre pensamentos divergentes como eram iluminismo e romantismo. Isto por que, trazendo as luzes como ponto de embasamento a sua teoria, outro estrangeiro no Brasil oitocentista, o estadunidense Daniel Kidder, via a escravidão como algo pernicioso à

⁹⁴ KOSTER, Henry. *Como melhorar a escravidão*. Natal: EDUFRN – Editora da UFRN, 2003. p. 61.

⁹⁵ DIAS, Maria Odila da Silva. Op. cit. p. 141.

⁹⁶ KOSTER, Henry. *Como melhorar a escravidão*. Op cit. (2003) p. 35.

⁹⁷ Thompson discorre de maneira interessante acerca destes românticos ingleses durante o período da pós-Revolução Francesa. Cf. THOMPSON, E. P. *Os Românticos: a Inglaterra na era revolucionária*. Tradução de Sérgio Moraes Rego Reis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

⁹⁸ DIAS, Maria Odila da Silva. Op. cit. p. 205.

sociedade, para ele “*A idéia do cativo é sempre revoltante aos espíritos esclarecidos, quer seja essa condição imposta sobre o negro, sobre o branco ou sobre o vermelho*”⁹⁹.

Kidder percebia em seu trabalho missionário protestante um mecanismo prioritário da missão civilizadora que se propunha nos moldes da teoria do “Destino Manifesto” segundo a qual

Tendo a América sido escolhida por Deus, a sua história só pode ser a da objectivação de um *manifest destiny*

(...)

Em termos concretos, reivindicava-se o direito de os EUA ocuparem todo o continente, em nome da realização dos valores consignados nos seus textos fundadores.¹⁰⁰

Se por um lado o ideal civilizatório inglês era impulsionado pelo humanitarismo filantrópico, nos Estados Unidos o Destino Manifesto embasava a construção de uma nação abençoada por Deus e que deveria espalhar tal graça divina aos outros recantos do mundo, bênçãos estas que podem ser citadas como democracia, liberalismo, progresso e protestantismo.

No entanto para a consecução de tal empreendimento o letramento da população brasileira era imprescindível para o êxito do projeto missionário, pois Kidder percebia o aumento do nível intelectual da população brasileira como único meio para findar com a barbárie ainda existente e para o esclarecimento dos habitantes do país, tendo em vista que para tal missionário o clero brasileiro não possuía tal capacidade. O reverendo metodista ao chegar no Pará comenta haver recebido resistência por parte das autoridades eclesiásticas que o acusaram de ser um indivíduo perigoso, desta maneira, Kidder comenta ironicamente que poderia se esperar mais “*de seus espíritos esclarecidos*”¹⁰¹.

Além disso, comentando sobre a prisão de um oficial da marinha inglesa, a qual considerou injusta e bárbara, arrematou que “*Sem dúvida esse tipo de traços de barbárie irão se dissipando à medida que for melhorando o nível intelectual do povo e de seus dirigentes*”¹⁰².

O aspecto da alfabetização mostrava-se fundamental para estes protestantes como mecanismo de consecução da civilização, até mesmo porque se para estes tal civilização consistia de forma premente na adoção do protestantismo, tal processo somente obteria

⁹⁹ KIDDER, Daniel P. Op. cit. (1980). p. 185.

¹⁰⁰ CATROGA, Fernando. Op. cit. pp. 67-68.

¹⁰¹ KIDDER, Daniel P. Op. cit. (1980). p. 189.

¹⁰² Ibidem, pp. 189-190.

sucesso na medida em que a sociedade brasileira se tornasse letrada, já que o protestantismo tinha como um de seus fundamentos chaves a livre interpretação da Bíblia e a valorização da letra. Assim, a prática da leitura sistemática dos praticantes da referida fé era algo considerado imprescindível.

Tal instrução deveria possuir em seu cerne elementos de cunho ilustrado. Kidder considerou o exame de admissão de noviços carmelitas que presenciou em Salvador algo marcado pelo obscurantismo escolástico medieval, logo degradante: “*Os temas escolhidos seriam mais próprios para a era dos antigos escolásticos que para o nosso “século das luzes”*”¹⁰³. Assumindo claramente sua posição como “*esclarecido*” que estaria vivenciando um período histórico em que as luzes reinavam.

Ora, na medida em que se postavam como possuidores desta consciência superior, modelos eram postos para serem adotados de maneira integral pelos estadistas brasileiros, caso estes desejassem a concretização da civilização. No caso da instrução pública, como dito, elemento prioritário para este projeto, Kidder postava como modelo sua terra natal:

A questão da instrução pública, no Brasil, é de grande relevância.
(...)

Não será fora de propósito sugerir aos brasileiros o sistema atualmente em voga nos Estados Unidos como adaptável ao seu ambiente e capaz de atender as conveniências brasileiras acima de qualquer expectativa.¹⁰⁴

Assim, modelos de civilização eram lançados para que o Brasil pudesse se espelhar, como os presentes nos artigos do Reverendo presbiteriano norte-americano De Lacey Wardlaw, em que o modelo também era a República dos Estados Unidos da América ou em suas palavras “*A Grande República*”¹⁰⁵.

Para este Reverendo presbiteriano a sua nação era abençoada pelo fato de ter sido uma república moldada por indivíduos protestantes, desde George Washington até: “*O presidente actual e, ao menos, dois de seus Secretários do Estado ou Ministros [que] são Presbyteros da Igreja Presbyteriana e nos consta que os outros são membros de outras comunhões evangélicas*”¹⁰⁶. Contudo o segundo fator da prosperidade dos Estados Unidos, segundo o Reverendo americano, se dava por conta de que na história de sua nação não ocorreu ligação entre a Igreja e o Estado, e conseqüentemente a liberdade sempre foi presença

¹⁰³ Ibidem. p. 65.

¹⁰⁴ Ibidem, pp. 266-267.

¹⁰⁵ Jornal ‘Libertador’. Fortaleza, 03 de maio de 1890. Seção ‘*Tribuna do Povo*’. Coluna ‘*Notas Religiosas*’ de autoria do reverendo De Lacey Wardlaw.

¹⁰⁶ Ibidem.

constante. Diferentemente do Brasil que tivera uma ligação duradoura com a Igreja Católica e que para Wardlaw era a causa do atraso e da intolerância religiosa no Brasil:

E o que nos legou a antiga religião do Estado depois de mais de trezentos annos de domínio ecclesiastico; depois de trezentos annos de monopólio no ensino religioso; depois de ter recebido biliões de dinheiro do estado? Como comparar com a Grande Republica, este paiz que gozou do privilegio da união com a Igreja Romana? A antiga Igreja do Estado nos legou a ignorância, uma pessoa de dez sabe ler e escrever.

A antiga Igreja do Estado deixou o povo sem moralidade. ¹⁰⁷

Lançam-se aqui as noções tão caras à ilustração que influenciaram a formação dos Estados Unidos como nação, isto é, a liberdade civil, o republicanismo e a separação institucional da Igreja e do Estado, mas que na prática forjou uma religião civil atrelada ao protestantismo, a qual, segundo Catroga, bebeu muito mais das influencias de Rousseau do que das de Locke ao montar uma

Arquetípica mitificação das origens (caracterização da América como um novo mundo (...) iniciador de uma nova ordem do tempo (...); encerra uma história da salvação que narra como Deus protege os americanos dos seus inimigos; fomenta ritos (discursos, inaugurações, funerais nacionais, etc) que elegem e promovem seus santos (Washington, Jefferson, Lincoln, e outros) (...) [chegando ao culto] da bandeira nacional, a qual, por sua vez, também se encontra exposta nos altares das igrejas; invoca um credo maior – a liberdade. ¹⁰⁸

Entretanto, para Lacey, um fator primordial era apontado como o caminho rumo à esta civilização: o protestantismo. Sobre isso o missionário expôs para seus leitores no ‘*Libertador*’ como agiam os missionários presbiterianos entre uma tribo indígena nos Estados Unidos, os “*Chotaws*”. Segundo Wardlaw a civilização foi alcançada por estes indígenas pelo fato de “*Estes missionarios que educavam e civilisavam os selvagem da América do Norte são Protestantes e casados*” ¹⁰⁹.

No que diz respeito às celebrações cívicas, tão caras às religiões cívicas constituídas pelas influências revolucionárias do século XVIII, as tais deveriam possuir as marcas do que constituiria cidadania à nação através da celebração de ritos de civismo. Neste contexto, nada mais natural que esperar destes estrangeiros a busca por sinais de demonstração de características cívicas no Brasil ao molde de suas nações de origem.

¹⁰⁷ Jornal ‘*Libertador*’. Fortaleza, 10 de maio de 1890. Seção ‘*Tribuna do Povo*’. Coluna ‘*Notas Religiosas*’ de autoria do reverendo De Lacey Wardlaw.

¹⁰⁸ CATROGA, Fernando. Op. cit. pp. 30-31.

¹⁰⁹ Jornal ‘*Libertador*’. Fortaleza, 30 de outubro de 1886. Seção ‘*Tribuna do Povo*’. Coluna ‘*Notas Religiosas*’ de autoria do reverendo De Lacey Wardlaw.

As celebrações do 7 de setembro no Brasil deveriam conter os principais traços de manifestação popular reconhecendo os ideais esclarecidos para o progresso da nação, assim como era o que acontecia com o 4 de julho norte-americano e o 14 de julho francês. Entretanto, as festividades do dia da independência do Brasil em Pernambuco não se mostraram tão cidadãs aos olhos do reverendo Kidder:

Nessa ocasião nos convencemos de vez que as comemorações cívicas não visam a melhoria do espírito público nem de sua moral. O que todos desejam é ver e serem vistos. Não se fazem discursos, não se lê a proclamação da independência, nem se faz coisa alguma – mesmo durante os mais importantes festejos nacionais – o que possa instruir o povo com relação aos princípios da liberdade civil.¹¹⁰

Tais características demarcam o quão peculiares se mostraram estes processos de apropriação e utilização de diversas ideias iluministas atreladas ao protestantismo no caso norte-americano. Mas este ideal da formação do cidadão não era particular apenas a estes estrangeiros estadunidenses.

O inglês Henry Koster acreditava que “*Se o homem civilizado tiver de esperar que seus irmãos incivilizados o convoquem para ensinar-lhes o que sabe, o avanço da civilização e da religião será, sem dúvida, lento*”¹¹¹, ou seja, era necessário que os povos “civilizados”, neste caso os ingleses, tomassem a iniciativa e agissem rapidamente para que os “irmãos incivilizados” pudessem avançar com relação à civilização e à religião.

Compreende-se daí que, para estes protestantes que de certa forma haviam tomado para si alguns elementos das luzes e do romantismo, os mesmos acreditavam que não bastava apenas a busca pela salvação das almas, mas que era de suma importância a integração destas almas como bons cidadãos servidores do Estado. A própria ideia da formação de uma nacionalidade era *per si* uma das tendências mais vigorosas nas narrativas românticas.

Romantismo este que possuía em Lorde Byron um de seus grandes representantes, o qual, curiosamente, tinha em Gardner um leitor. Logo nas suas primeiras páginas o cientista escocês tenta expor aos seus leitores sua perplexidade ao desembarcar na cidade do Rio de Janeiro, para isso faz uso de uma passagem do ‘*Childe Harold*’ de Byron, obra que também narra as aventuras de um viajante:

“Quem quer que entra nesta cidade, que cintilando ao longe, parecia ser celestial, desconsolado errará em meio de tanta coisa repugnante a olhos estranhos: porque

¹¹⁰ KIDDER, Daniel P. Op. cit. (1980). p. 106.

¹¹¹ KOSTER, Henry. *Como melhorar a escravidão*. Op cit. (2003). p. 36.

palácio e choupana são igualmente imundos: os esquálidos habitantes na imundície se criam”.¹¹²

Além de Byron, Gardner parecia ser apreciador dos escritos de sir Walter Scott, ou pelo menos tinha um mínimo de conhecimento dos mesmos, tanto que ficou surpreso ao, em Diamantina, ter encontrado de posse de uma das filhas de uma família que visitara traduções em português do “*Ivanhoe*” e do “*Guy Mannering*”¹¹³, ao que Gardner concluiu que a jovem havia recebido boa educação e escrevia bons versos.

Ademais, havemos de levar em consideração que George Gardner era proveniente da Escócia, foco do pensamento esclarecido nas ilhas britânicas no século XVIII. Não seria exagero imaginarmos que Francis Hutcheson, David Hume, Adam Smith, Thomas Reid, James Huton, dentre outros, todos compatriotas de Gardner e responsáveis pela difusão do *Scottish Enlightenment*¹¹⁴, houvessem influenciado a formação do jovem naturalista Gardner em Glasgow.

Enquanto Koster e Kidder apresentavam-se como leitores de Southey e Armitage, Gardner de Byron e Scott, a Sra. Mary Wardlaw fazia a leitura de variados autores ingleses e norte-americanos tanto românticos como com estilo de escrita puritana, escritores os quais Mary cita, em forma de epígrafes, a cada abertura de capítulo de seu romance: Nathaniel Hawthorne, Jean Ingelow, William Wordsworth, Horatius Bonar, Dinah Mulock, William Cowper, Elizabeth Browning, William Bryant, Felicia Hemans, Alfred Tennyson, Phoebe Cary, Oliver Goldsmith, Paul Hayne, Henry Longfellow, Coventry Patmore, Mathew Arnold¹¹⁵.

Nota-se que havia uma verdadeira interligação entre variados pensamentos e visões de mundo por parte destes estrangeiros protestantes. Uma espécie de adequação consciente da fé protestante, do nacionalismo e idealismo romântico e da sede de progresso e civilização iluministas.

Ora, o decorrer dos séculos XVIII e XIX para as nações imperialistas ocidentais, principalmente Inglaterra, França e Estados Unidos, foi norteador de certa maneira pela aceleração da industrialização, ocorrida com intensidades diferentes nestas nações, mas que

¹¹² GARDNER, George. Op. cit. p. 20.

¹¹³ Ibidem, p. 211.

¹¹⁴ O Iluminismo Escocês é considerado como um tipo peculiar de esclarecimento na medida em que grande parte de seus representantes buscavam meios racionais, exclusas quaisquer modalidades de utopia, para alcançarem o progresso social a seus compatriotas. Tal pensamento voltava-se grande parte para temas econômicos sociais. Cf. CERQUEIRA, Hugo E. A. da Gama. Op. cit.

¹¹⁵ WARDLAW, Mary Hoge. Op. cit.

trouxe consigo uma construção discursiva que promulgava uma era de progresso, o que contribuiu para uma percepção linear da história da humanidade.

Desta maneira, ao progresso técnico configurou-se uma ligação à idéia de modernização e quiçá civilização. Para o reverendo Wardlaw tal progresso tinha clara relação com outro fator, o religioso, e assim Lacey se expressaria comparando o Brasil aos Estados Unidos em 1887:

O Brasil não é um paiz pobre; o seu povo não é naturalmente incapaz de aprender; porém conserva a religião de seus pais, o carro de boi dos seus pais, a ignorância de seus pais; e enquanto preservar estas cousas vai ficar atraz dos outros paizes. (...) O que o Brazil tem de bom vem dos paizes protestantes; As estradas de Ferros, os vapores, as linhas telegraphicas vem em maior parte dos paizes protestantes, são geralmente invenções de protestantes e com dinheiro dos protestantes, e a regra é onde há mais protestantes há mais progresso ou onde há mais progresso há mais protestantes.¹¹⁶

Desta maneira, aparece aqui não uma conotação de um Brasil em que sua população estaria excluída da civilização moderna, mas pelo contrário, de modo semelhante ao pensamento iluminista, a civilização alcançar-se-ia na medida em que etapas fossem cumpridas. Assim, estabeleciam-se níveis hierárquicos que iam da “barbárie” à “civilização”, como nos escritos de Buffon, o qual, partindo de numerosos relatos de viagem dos séculos XVII e XVIII pôde desenvolver sua obra de 44 volumes, a “*História Natural*”, texto que segundo Todorov “*articula sobre essa hierarquização: no cume se encontram as nações da Europa setentrional, logo abaixo os outros europeus, depois vêm as populações da Ásia e África, e, na parte mais baixa da escala, os selvagens americanos*”¹¹⁷.

Mas, notemos que para Lacey Wardlaw o protestantismo apresenta-se de maneira contundente nesse processo de ressignificação das ideias. A então religião majoritária dos brasileiros, o catolicismo, era relacionada diretamente por este missionário ao carro de bois e à ignorância enquanto o protestantismo trazia consigo o progresso materializado em ferrovias, navios a vapor, telégrafos, ou seja, todos os benefícios da modernidade exaltada.

Esboça-se neste ponto aquilo que Elias supunha como fundamental no processo civilizador que é a própria consciência deste processo, que seria

Uma fase fundamental do processo civilizador [que] foi concluída no exato momento em que a *consciência* de civilização, a consciência da superioridade de seu

¹¹⁶ Jornal ‘Libertador’. Fortaleza, 30 de abril de 1887. Seção ‘*Tribuna do Povo*’. Coluna ‘*Notas Religiosas*’ de autoria do reverendo De Lacey Wardlaw.

¹¹⁷ TODOROV, Tzvetan. Op. cit. (1993). p. 115.

próprio comportamento e sua corporificação na ciência, tecnologia ou arte começaram a se espalhar por todas as nações do Ocidente.¹¹⁸

Essa consciência da superioridade do comportamento anglo-saxão protestante se esboçou com muito vigor com relação ao tema progresso. Uma relação direta passou a ser desenvolvida entre progresso material e protestantismo, a ponto de este ser um dos pontos frequentemente levantados por Lacey Wardlaw em seus escritos direcionados àqueles que o referido missionário desejava converter ao protestantismo:

Alargae o horizonte. Olhae para o mundo e vereis quatro potencias, somente quatro, que estão dando signal de progresso no século actual – a Allemanha, a Russia, a Inglaterra e os Estados Unidos. Destas nações nenhuma é catholica romana.¹¹⁹

Se por um lado pudemos perceber este ideal civilizador a partir dos escritos dos missionários Kidder e Wardlaw, o ofício do naturalista George Gardner no Brasil já trazia consigo uma representação clara desta consciência de execução de uma missão civilizadora, tendo em vista que a motivação de sua viagem à América do Sul inseria-se em uma perspectiva nos moldes iluministas na medida em que trazia em seu bojo a valorização da ciência e da racionalidade.

A História Natural ganhou grande impulso a partir das ideias esclarecidas ao findar do século XVIII, vindo adquirir grande status no oitocentos. A classificação taxionômica lineana herdara sua metodologia do ideal enciclopedista das Luzes. Ou seja, norteava-se por uma obsessão da acumulação e classificação de dados.

No entanto não se tratava somente em um acúmulo exaustivo de informações, o grande plano em questão era uma espécie de tentativa de dar ordem ao mundo, uma maneira de criar-se uma perspectiva de ciência como um todo orgânico subdividida em múltiplas ramificações de conhecimentos.

Assim “a botânica justifica a esperança de chegar a uma nomenclatura sistemática do mundo natural que satisfaça assim o gosto enciclopédico do século pelo inventário e pela taxionomia”¹²⁰. Esta sede classificatória enquadra-se como uma prática de

¹¹⁸ ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador. Volume 1: Uma História dos costumes*. Tradução de Ruy Jungmann. Revisão de Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994. p. 64.

¹¹⁹ Jornal ‘Libertador’. Fortaleza, 21 de novembro de 1886. Seção ‘Tribuna do Povo’. Coluna ‘Notas Religiosas’ de autoria do reverendo De Lacey Wardlaw.

¹²⁰ BOURGUET, Marie-Noëlle. *O Explorador*. In: VOVILLE, Michel (Org.). *O homem do Iluminismo*. pp. 207-249. Lisboa: Editorial Presença, 1997. p. 233.

estabelecimento de categorias e desta forma o discurso da História Natural seria também o “discurso taxionômico ligado à teoria dos signos e ao projeto de uma ciência da ordem”¹²¹.

Pode-se considerar que esta busca científica de catalogação das espécies configurou-se como uma espécie de utopia adâmica, isto é, da mesma maneira que a lenda judaica narra Javé concedendo ao homem o poder de nomear todos os seres vivos e em seguida o domínio sobre os mesmos, deste modo também sentiam-se os *philosophes* das luzes com o mesmo poder de Adão. Não mais necessariamente um poder concedido por Deus, mas legitimado através da racionalidade humana que voltava-se para o avanço da cientificidade. Para se ter uma vaga noção acerca disto, no século XVIII o projeto de domesticação dos animais era visto como algo promissor, pois isso possibilitaria a transição do estágio selvagem para algo parecido com a civilização.

A formatação da área do conhecimento denominada de história natural pautava-se em aspectos de cunho prático, isto é, de que modo o domínio da natureza pelo homem poderia trazer benefícios à vida humana. Assim, “A botânica nasceu como uma tentativa de identificar os “usos e virtudes” das plantas, essencialmente para a medicina, mas também para a culinária e a manufatura”¹²².

Bourguet afirma que o grande incentivador ao conhecimento das plantas por parte dos viajantes naturalistas vinha do uso que se fazia das mesmas pela medicina, além de muitas destas espécies ao serem enviadas à Europa serviria para alimentação, para agricultura e para a indústria, assim, “l’intérêt que les voyageurs portent aux flores étrangères s’articule étroitement aux goûts et aux besoins, aux attentes, aux conceptions économiques du temps”¹²³.

Gardner adentrava então em um simbolismo europeu que via no cientista explorador o herói de uma utopia liberal “que promete com um único movimento – o do comércio entre os homens – a riqueza a toda a terra e a civilização aos povos selvagens”¹²⁴.

Entretanto, este naturalista escocês não era apenas um cientista imbuído do espírito do esclarecimento, ele também nos apresenta sua fé protestante, mesmo que de

¹²¹ FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe de Baeta Neves. Revisão de Ligia Vassalo. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997. p. 204.

¹²² THOMAS, Keith. *O Homem e o mundo natural: Mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. Tradução de João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 35.

¹²³ BOURGUET, Marie-Noëlle. *La Collecte du monde: voyage et histoire naturelle (fin XVII siècle – début XIX siècle)*. In: C. Blanckaert et al (eds). *Le Muséum au premier siècle de son histoire: 163-196*. Museum national d’Histoire naturelle. Archives. Paris, 1997. “o interesse dos viajantes estrangeiros para com as plantas se articulam perto dos gostos e das necessidades, das expectativas, das concepções econômicas do tempo”. (Tradução Livre).

¹²⁴ BOURGUET, Marie-Noëlle. *O Explorador*. (1997). Op. cit., p. 215.

maneira implícita, ao taxar como baixa a moralidade de grande parte da população do Brasil, sendo isto um entrave à civilização.

Há aqui a idéia de uma moral única e ideal, para a qual não havia perspectiva para múltiplas formas de relações sociais, mas sim uma espécie de moral universalista, a qual esboçar-se-ia nos moldes protestantes e britânicos.

Assim, a imoralidade é percebida por George Gardner em vários momentos do contacto, quando sua moral nativa foi confrontada ante práticas rejeitadas por tal moral, como, por exemplo, com relação ao clero católico brasileiro, que segundo as palavras do escocês *“É-me penoso dizê-lo, mas digo-o com plena ponderação da assertiva que o atual clero brasileiro é mais imoral e corrompido que qualquer outra classe social”*¹²⁵.

Sua publicação de viagens acerca da vila do Crato trouxe características nada elogiosas com relação à população do local, após enumerar uma série de aspectos negativos, tais como criminalidade, jogatina, ócio, homens vivendo com mulheres sem serem casados com as mesmas. Gardner em sua busca por compreender o que motivaria as atitudes da população encontrou nos representantes da Igreja Católica da localidade sua resposta:

Não é de admirar tal nível de moral, quando se leva em conta a conduta do clero. O vigário, então, um velho de setenta anos era pai de seis filhos naturais, um dos quais educado para sacerdote, depois se tornou presidente da Província e era senador do Império, conquanto ainda conservasse seu título eclesiástico. Durante minha estada em Crato veio ele visitar o pai, trazendo consigo sua amante, que era sua prima (...) Além do vigário, havia na vila mais três outros sacerdotes, todos com famílias de mulheres com quem conviviam abertamente, sendo uma das mulheres esposa de outro homem.¹²⁶

Tais críticas ao clero brasileiro constituíam-se como um modo de combate ao que estes estrangeiros viam como os elementos propagadores do obscurantismo na sociedade do Brasil. Pode-se perceber que Henry Koster, possuidor de opiniões menos radicais com relação à Igreja Católica no Brasil, tendo inclusive contato e amizade com vários sacerdotes católicos e acreditando que a catequese e conversão dos escravos ao catolicismo era algo positivo, também não deixou de expor certo espanto ante o contacto com algumas formas de celebração religiosa católica.

Estando Koster em Recife assistindo os festejos da semana santa em uma igreja ficou assombrado após uma encenação teatral da paixão de Cristo durante a missa: *“Concluído o sermão, deixamos a igreja. Ficara completamente assombrado. Pensei que*

¹²⁵ GARDNER, George. Op. cit. p. 50.

¹²⁶ Ibidem, p. 94. O presidente de Província e senador do Império a que Gardner se refere tratava-se de José Martiniano Pereira de Alencar, pai do romancista José de Alencar.

haveria de ser algo surpreendente, mas nunca tive a idéia que levariam tão longe a representação”¹²⁷.

Este forte posicionamento com relação à fé católica havia tido em Montesquieu e depois em Voltaire vorazes porta-vozes, que de maneira veemente condenavam já no século XVIII a ação da Santa Inquisição. O Barão de Montesquieu esmiúça qual seria a opinião das luzes neste assunto trazendo como um dos baluartes iluministas a tolerância religiosa em seu “*O Espírito das Leis*”.

Bethencourt fazendo uma análise sobre as Inquisições modernas de Portugal, Espanha e Itália, comenta acerca desse posicionamento dos *philosophes* sobre da ação da Igreja Católica e dos tribunais:

Os escritos de Voltaire sobre a Inquisição, e não apenas o *Candide*, são claramente seguidos pela *Encyclopédie* (tal como os textos de Montesquieu), onde se encontra uma longa introdução histórica sobre a origem e evolução do tribunal que condensa todas as tradições críticas na perspectiva das Luzes. Com efeito, o “Santo Ofício” é apresentado como uma manifestação da profunda ignorância da sã filosofia, ignorância responsável pelas dificuldades da Igreja, pela destruição de Estados, pela perturbação da tranquilidade pública e pela ruína do comércio.¹²⁸

Tal enfoque crítico com relação à ação inquisitorial e a proclamação da liberdade religiosa como requisitos necessários à civilização legitimavam a defesa de Henry Koster ao Tratado de Comércio e Navegação estabelecido entre Portugal e Inglaterra em 1810, isto porque, o artigo XII do referido tratado concedia rudimentos de liberdade religiosa para estrangeiros no Brasil, impedindo a atuação da Inquisição portuguesa em território brasileiro. Comentando tal artigo do Tratado Henry assim se expressaria:

É vergonhoso que um semelhante artigo seja necessário num Tratado entre duas nações civilizadas, mas um passo em direção da democracia deve ser recebido com alegria, especialmente nos países onde domina a religião Católica. Essa parte do artigo concede a liberdade de consciência não somente para os súditos britânicos, mas também para qualquer estrangeiro.¹²⁹

Algumas palavras-chaves do comentário de Koster saltam aos nossos olhos ante o que estamos a discutir, tais como, “*nações civilizadas*”, “*democracia*”, “*liberdade de*

¹²⁷ KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Op. cit. (Vol. 1 - 2003). p. 54.

¹²⁸ BETHENCOURT, Francisco. *História das Inquisições: Portugal, Espanha e Itália - séculos XV-XIX*. São Paulo: Companhia das letras, 2000. pp. 367-368.

¹²⁹ KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Op. cit. (Vol. 2 - 2003). p. 564. A redação do referido artigo é a seguinte “*Artigo XII: Os súditos britânicos e todos os outros estrangeiros residentes nos domínios de Portugal terão perfeita liberdade religiosa, lhes sendo permitido construir Igrejas e Capelas, com certas restrições quanto ao aspecto exterior. Qualquer pessoa que tente converter os católicos ou insulte publicamente a Igreja Católica, será expulsa do País onde o delito for perpetrado*”.

consciência”; palavras estas que se coadunam com as opiniões dos outros estrangeiros por nós discutidos e com alguns tópicos do pensamento esclarecido.

Curioso é que o simbolismo inquisitorial tornou-se tão negativamente poderoso ante as críticas esclarecidas que de certa forma um acontecimento já ao findar do século XIX, fez a missão presbiteriana em Fortaleza, sob a direção de Lacey Wardlaw, utilizar-se deste símbolo. O acontecimento que nos referimos foi que no ano de 1885 a Assembleia Provincial do Ceará decretou no orçamento para este ano o imposto de quinhentos mil réis a qualquer negociante ou vendedor de livros acatólicos ¹³⁰; levando em consideração que esta era uma das atividades empregadas por Lacey na cidade de Fortaleza, o reverendo logo disparou:

A Assembléia Provincial do Ceará acaba de decretar o imposto de 500 mil réis sobre negociante ou vendedor de livros acatólicos.
 Por acatólicos entende os que não são da chamada igreja de Roma – uma assembléia de inquisidores não teria legislado melhor!
 Na impossibilidade de decretar a fogueira e arrancar a vida daqueles que se esforçam por pregar a verdade entre seus semelhantes, arrancam-lhe a bolsa!
 E é uma Assembléia Legislativa a que isto fez! Vergonha! ¹³¹

Apesar destes fatores, como foi dito anteriormente a civilização era vista por estes sujeitos de almas protestantes, espíritos esclarecidos e sonhos românticos como algo processual. Assim ao mesmo tempo em que se esboçavam diversas características reprovadas por estes estrangeiros dentre as práticas sondadas por seus olhares, outras ações dos habitantes do Brasil foram consideradas louváveis e civilizadas.

Algumas características eram tidas como fatores da presença de condutas civilizadas dentre os brasileiros, tais como, diálogos agradáveis, sujeitos letrados e comunicáveis, a hospitalidade e cortesia, a presença de pensamentos liberais e tolerantes. Isto pelo fato de tais serem as características ideais trazidas da construção cultural de cada um destes estrangeiros.

Sobre isso já discorreu Todorov ao tentar compreender o comportamento de Colombo quando do contacto com os nativos americanos, para Todorov as *“figuras básicas da experiência da alteridade baseiam-se no egocentrismo, na identificação de seus próprios valores com os valores em geral, de seu eu com o universo”* ¹³². Desta maneira, muitas das características tidas por louváveis nos brasileiros partiam de um esforço por parte destes estrangeiros de perceberem no outro a identificação de seus próprios valores. O contato com o

¹³⁰ OLIVEIRA FILHO, Sérgio Willian de Castro. Op. cit. pp. 55-58.

¹³¹ Jornal ‘Libertador’. Fortaleza, 13 de março de 1886. Seção ‘Tribuna do Povo’. Coluna ‘Notas Religiosas’ de autoria do reverendo De Lacey Wardlaw.

¹³² TODOROV, Tzvetan. Op. cit. (2003). pp. 58-59.

outro trazia a necessidade de parâmetros comparativos que adivinham logicamente das vivências e valores de tais estrangeiros em suas territorialidades de origem, mas que poderiam sofrer alterações ante o contato¹³³.

Daniel Kidder chega a comparar atitudes que ele considerou positivas com ações tidas por degradantes a ingleses na embarcação que partiu do Rio de Janeiro com destino às Províncias do norte. Acompanhado na viagem por três ingleses e um coronel brasileiro, comentaria em seu livro que enquanto a companhia do coronel era “*interessante e agradável*”, não podia dizer o mesmo dos ingleses que constantemente consumiam bebidas alcoólicas, expressavam-se com linguagem reprovável e jogavam cartas¹³⁴.

Geralmente a idéia que se fazia de uma companhia agradável para estes estrangeiros era a de sujeitos que tivessem o mínimo grau de instrução letrada. Tanto que Koster já na fronteira com a Capitania do Ceará, resolveu pedir água em uma das casas que estavam no caminho ao que admirou-se com o comportamento de uma jovem que lhe atendeu, isto porque geralmente, as mulheres comportavam-se aos olhos destes estrangeiros como deveras reclusas e acanhadas. No entanto, esta garota agiu de maneira diferente, pois “*Falava desembaraçadamente, mostrando haver residido em lugar mais civilizado*”¹³⁵.

Tão notável era esta tentativa de perceber-se no outro que Kidder¹³⁶, desta vez no Maranhão, pôde identificar-se com uma tipografia cujo nome era “*Tipografia de Temperança*”, a qual imprimia publicações contra o consumo de bebidas alcoólicas¹³⁷. Para completar este quadro “*o proprietário do estabelecimento era um cavalheiro inteligente e distinto. Dois de seus filhos haviam sido educados nos Estados Unidos*”, isto é, não se pode negar que o fato de a educação nos Estados Unidos por parte dos filhos do dono da tipografia dava a este *status* de cavalheirismo e distinção ante o olhar do reverendo metodista.

A hospitalidade prestada por parte dos habitantes do Brasil a estes viajantes era um dos aspectos pelos quais provinham bastantes felicitações nos escritos destes. Pode-se

¹³³ Gardner comenta que em suas viagens pelo interior do Brasil fora obrigado a usar a rapadura como substituta do açúcar, mas que posteriormente acabou “*por achá-la tão boa, que a preferia ao açúcar*” In. GARDNER, George. Op. cit. p. 85. Por sua vez, Kidder, em Itamaracá dormiu pela primeira vez em uma rede, a qual diz haver aprovado sem restrições as “*camas oscilantes*”. In. KIDDER, Daniel P. Op. cit. (1980). p. 118. Percebemos daí a analogia rotineira em escritos de viagem de partir do conhecido ao desconhecido, do açúcar à rapadura, da cama à rede.

¹³⁴ KIDDER, Daniel P. Op. cit. (1980). p. 20.

¹³⁵ KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Op. cit. (Vol. 1 - 2003). p. 158.

¹³⁶ KIDDER, Daniel P. Op. cit. (1980). p. 169.

¹³⁷ Nada mais natural um missionário metodista ter visto tal empreendimento como louvável, já que o metodismo buscava seguir os ensinamentos de John Wesley que davam “*maior realce à santificação. Renascer para o espírito de Cristo significava uma conduta reta e pura, uma infatigável caridade, não beber álcool,...*), rezar, praticar a confissão pública, participar regularmente da ceia” In. DELUMEAU, Jean. Op. cit. p. 244.

considerar que o bem receber visitantes seria uma qualidade extremamente civilizada, denotando o grau de cortesia que possuía determinada sociedade.

Existia ante estes estrangeiros uma percepção que apesar de estarem visitando em alguns momentos regiões incivilizadas, poderiam encontrar pessoas as quais a barbárie havia sido superada. A hospitalidade seria um dos modos de se perceber isto:

Fui recebido no Ceará hospitaleiramente. O nome de inglês era uma recomendação. (...) Pela tarde passava à casa do senhor Marcos onde se reunia a grande assembléia usual. Sua companhia, a de sua mulher e filha, eram sempre agradáveis, particularmente nessas incivilizadas regiões.¹³⁸

Era bastante corriqueiro que como estrangeiros estes sujeitos necessitassem constantemente do auxílio dos habitantes com os quais interagiam, auxílios estes que poderiam ser hospedagem, alimentação, água, informações, trabalhadores, isto é, elementos imprescindíveis para a sobrevivência destes sujeitos em uma territorialidade outra. Por isso, Pratt considera que neste contexto

a palavra que dá lustro e idealiza as relações entre colonos e viajantes é “hospitalidade” (...) tendo por base o apreciado cenário burguês do rude e humilde campônio, repartindo alegremente seus víveres com o homem ilustrado da metrópole, cuja superioridade essencial é aceita, ainda que suas fragilidades sejam desprezadas.¹³⁹

Ao levantarmos tal discussão não estamos afirmando que o que estes estrangeiros fizeram foi uma reprodução dos pensamentos iluministas ou românticas. Até mesmo porque como protestantes a totalidade dos pensamentos esclarecidos ou românticos não poderiam ser aceitas. Como querer, por exemplo, que o deísmo de Voltaire fosse tido por assimilável a estes protestantes?

Tal rejeição se torna mais perceptível no modo irônico pelo qual o reverendo Wardlaw referiu-se a este *philosophe*, afirmando que Voltaire enganara-se quando discorreu acerca do cristianismo “*No século dezoito, Voltaire, o grande philosopho atheo, disse, <<NO FIM DO SECULO DEZENOVE, A RELIGIÃO DE CHRISTO SERÁ EXTINCTA.>> Os factos mostram que os philosophos não são sempre bons prophetos*”¹⁴⁰.

¹³⁸ KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Op. cit. (Vol. 1 - 2003). p. 188.

¹³⁹ PRATT, May Louise. Op. cit. p. 102.

¹⁴⁰ Jornal ‘Libertador’. Fortaleza, 22 de janeiro de 1887. Seção ‘*Tribuna do Povo*’. Coluna ‘*Notas Religiosas*’ de autoria do reverendo De Lacey Wardlaw.

Além disso, pouco tempo após sua chegada ao Brasil, em 1881, quando ainda estava em Pernambuco, Lacey, ao escrever ao periódico ‘*The Gospel in all Lands*’ mostrou-se insatisfeito com o que viu nas livrarias brasileiras:

*The education of the Brazilian is very superficial. The books he reads are mostly those of French authors, or French translations of English authors. In a book store, and book stores are numerous here, you will find a few Portuguese Bibles, missals, some copies of Thomas a Kempis, of the genius of Christianity and other works of Chateaubriand, the lives of many different saints, and the works of comparatively a few Portuguese writers; a few medical works, many law books, and some books against Protestantism, constitute the Portuguese library. Then come the works of Darwin, Spencer, and Huxley, of Hume and Paine translated into French; then the works of Voltaire, Rousseau, etc., with a large stock French novels.*¹⁴¹

Percebe-se alguns incômodos por parte do missionário presbiteriano com relação a dois fatores: a grande presença de obras em francês de Darwin, Spencer, Huxley, Hume, Voltaire e Rousseau e a escassez de bíblias em português. Tal característica seria um dos fatores para se explicar aquilo que Lacey chamou de educação superficial dos brasileiros.

Coadunando da mesma impressão de Wardlaw, o metodista Kidder tampouco agradou-se do que viu nas bibliotecas que visitou no Brasil: “*Faz pena, às vezes verificar-se, em tais ocasiões, como é grande a quantidade de livros profanos em circulação. As obras de Voltaire, Volney e Rousseau*”¹⁴².

Gilberto Freyre comenta que os escritos de Voltaire eram os mais conhecidos e admirados na Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro ao início do século XIX, no entanto, da mesma opinião de Wardlaw e Kidder era a da britânica Maria Graham que via com maus olhos o filósofo francês e sua “*“indecência” com relação à religião*”¹⁴³.

Desta forma, o que estamos tentando demonstrar é que esta relação entre protestantismo, iluminismo e romantismo, que poderia a um primeiro olhar superficial mostrar-se como algo revestido de incoerências e incongruências, torna-se plausível dentro de certos limites na medida em que vemos tais ações como apropriações, reinterpretações e

¹⁴¹ Jornal, ‘*The Gospel In All Lands*’. An Illustrated Monthly Missionary Journal. Representing the Missionary Society of the Methodist Episcopal Church and the missions of other churches and societies. Nova York, April, 1881. Coluna ‘*Brazil*’, matéria ‘*Religious Condition of Brazil*’ de autoria do Reverendo De Lacy Wardlaw. pp. 160-161. (<http://www.cmalliance.org/resources/archives/gospel-in-all-lands>). “*A educação do Brasileiro é muito superficial. A maioria dos livros que ele lê são de autores Franceses, ou traduções Francesas de autores Ingleses. Em uma livraria, e livrarias são numerosas aqui, você encontrará umas poucas Bíblias em português, missais, algumas cópias de Thomas Kempis, dos gênios do cristianismo e outros trabalhos de Chateaubriand, a vida de muitos e diferentes santos, e poucos trabalhos de escritores portugueses; um pouco de trabalhos médicos, muitos livros de leis, e alguns livros contra o Protestantismo, constituem a biblioteca portuguesa. Em seguida vem as obras de Darwin, Spencer e Huxley, de Hume e Paine traduzidos do Francês; em seguida as obras de Voltaire, Rousseau, etc, com um largo estoque de novelas francesas*” (Tradução Livre).

¹⁴² KIDDER, Daniel P. Op. cit. (2001). p. 103.

¹⁴³ FREYRE, Gilberto. Op. cit. p. 76.

ressignificações contínuas e graduais entre os vários protestantismos aqui trazidos e as ideias que então circundavam vários lugares sociais no oitocentos como o iluminismo e o romantismo, o que configurou-se como uma série de artifícios extremamente coerentes àqueles que as vivenciaram.

Feito esta análise inicial, cremos que será importante agora nos atermos a alguns aspectos mais particulares cujo olhar destes estrangeiros protestantes voltou-se com bastante atenção, falamos dos jogos de azar e dos ritos fúnebres.

1.2. Hábitos imorais: olhares civilizadores protestantes na vida e na morte:

Partindo das discussões do tópico anterior, no qual discorremos sobre as diversas formatações de pensamento que se desencadearam entre os séculos XVII e XIX, tais como o iluminismo, o romantismo e o uso que foi feito destas correntes de percepção do mundo por parte dos sujeitos protestantes que estamos trabalhando, cremos que agora poderemos adentrar em aspectos mais práticos no que concerne ao olhar destes protestantes sobre determinadas práticas perscrutadas pelos mesmos quando de suas vivências no Brasil.

Ora, este aspecto do olhar, foi de suma importância para todos estes viajantes que empreenderam seus respectivos projetos no oitocentos. Isto porque, este momento é cerceado pelo florescimento da convicção de que o viajante poderia exercer um papel muito mais importante que o de um mero turista, estes viajantes enquadravam-se no ideal setecentista do etnólogo.

Isto é, ao registrar experiências, percepções, encantamentos e desapontamentos de suas jornadas em um país estrangeiro ao seu público compatriota, estes estrangeiros estariam exercendo a prática da expansão do conhecimento sobre outros territórios, outros modos de viver, outros costumes, descrevendo tudo de maneira a mais minuciosa possível. Tal atitude esboça-se coadunada à perspectiva esclarecida do enciclopedismo, ou seja, uma vasta rede de descrições e catalogações, mas no caso dos escritos destes estrangeiros o foco principal voltava-se para outros homens.

Rupp-Eisenreich, fazendo uma discussão interessante acerca de dois intelectuais esclarecidos europeus do século XVII, Christophe Meiners e Joseph-Marie de Gerando, traz-nos a concepção que Meiners tinha acerca da função do “*voyageur philosophe*”¹⁴⁴ etnólogo:

*Meiners pense pouvoir construire la “vraie image” de la variété humaine dans “toutes les parties du monde”, comme une phénoménologie des traits culturels, allant du physique aux formes sociales et aux représentations collectives, aux produites de l’esprit – les idées et les opinions.*¹⁴⁵

Desta maneira compreendia-se muitos destes escritos de viagem ou textos publicados em periódicos que relatavam experiências em países estrangeiros, como um modo de se perceber os aspectos de outras “civilizações”. As características físicas dos nativos eram descritas, as formas de organização social e os costumes cotidianos, tais como, modos de lazer, ritos religiosos, práticas alimentares.

No entanto, sabe-se que este tipo de viajante a que nos referimos na introdução deste trabalho trata-se na realidade de um tipo ideal, isto porque o mesmo supões uma isenção total do sujeito no aspecto julgamento de valor, isto é, o escritor refletiria de maneira imparcial aquilo que seus olhos perceberam em sua experiência de viagem, o que na prática é bastante improvável.

Estes olhares sobre o outro foram marcados por uma série de mediações culturais que se configuraram a cada vivência destes estrangeiros. Desta forma seria difícil não percebermos na análise de tais escritos determinados trechos que foram construídos através de perspectivas etnocêntricas¹⁴⁶. Ora, este “*etnocêntrico é, por assim dizer, a caricatura natural do universalista: este, em sua aspiração ao universal, parte de um particular, que se empenha em generalizar*”¹⁴⁷, no qual este particular é o que lhe é familiar, isto é, acredita ter em seus valores os valores ideais.

O antropólogo Clifford Geertz nos dá um auxílio de extrema valia ao esboçar sua compreensão acerca do que denominou “*senso comum*”, para isso Geertz cita a experiência

¹⁴⁴ BAUDRILLARD, Jean & GUILLAUME, Marc. Op. cit. p. 10.

¹⁴⁵ RUPP-EISENREICH, Britta. Op. cit. p. 24. “*Meiners pensava poder construir a “verdadeira imagem” da variedade humana de “todas as partes do mundo”, como uma fenomenologia dos traços culturais, partindo do físico às formas sociais e às representações coletivas, aos produtos do espírito – as idéias e opiniões*” (Tradução Livre).

¹⁴⁶ Entendendo etnocentrismo como “*uma atitude coletiva que apresenta dois aspectos complementares entre si o desprezo por todas as formas culturais (religiosas, sociais, estéticas, etc.) que divergem daquelas vigentes em uma determinada sociedade e, simultaneamente, a identificação do sistema cultural próprio desta última com a Cultura em sentido absoluto. Em outras palavras o etnocentrismo consiste na negação da diversidade; negação que induz a relegar para a esfera da natureza o culturalmente alheio e que chega ao ponto de gerar comportamentos inspirados na intolerância*” In MASSENZIO, Marcello. *A História das Religiões na Cultura Moderna*. Tradução de Camila Kintzel. São Paulo: Hedra, 2005. p. 41.

¹⁴⁷ TODOROV, Tzvetan. Op. cit. (1993). p. 21.

descrita por outro antropólogo, o britânico Evans-Pritchard, quando este empreendia estudos sobre a população Azande na África Central:

Tomemos como exemplo um menino azandiano, que, segundo ele próprio, deu “uma topada num toco de árvore e ficou com o dedo do pé infeccionado”. O menino diz que foi feitiçaria. “Bobagem”, diz Evans-Pritchard, utilizando o senso comum de sua própria tradição, “você não teve foi cuidado, tinha que olhar com mais atenção aonde pisa”. “Mas eu olhei aonde pisava”, diz o garoto, “e se eu não estivesse enfeitiçado, teria visto o toco. Além do mais, cortes nunca ficaram abertos tanto tempo, pelo contrário, fecham logo, pois os cortes são assim por natureza. Mas este infeccionou, então tem que ser feitiçaria”.¹⁴⁸

Este diálogo entre o antropólogo Evans-Pritchard e um menino azandiano que acreditava haver sido alvo de feitiçaria por haver levado uma topada e infeccionado o pé, faz parte de um exemplo usado por Geertz para discorrer sobre este “*senso comum*”. Para Geertz o senso comum seria algo tão embutido nas práticas que passaria deveras despercebido no cotidiano, não havendo reflexão sobre tais práticas, pois elas se enquadram em um universo de “*coisas que são consideradas certas e inegáveis, um catálogo de realidades básicas da natureza*”¹⁴⁹.

Desta forma, Geertz toma o diálogo do antropólogo com o menino “objeto de estudo”, para demonstrar que determinados acontecimentos “extraordinários” entre os azandes poderiam ser explicados e aceitos como um lançamento de feitiço. Isto expressaria a opinião não apenas da concepção de “senso comum”, mas também de que aqueles que se inseriam neste padrão agiam com “bom senso”, desviando de si futuros inconvenientes.

Entretanto, gostaríamos de tomar outro direcionamento. Em vez de partirmos do olhar dos azandes sobre um pé infeccionado após uma topada, partiremos da percepção de Evans-Pritchard da referida situação. Assim como o garoto azandiano estava inserido em um contexto cerceado por códigos culturais, aquele antropólogo não estava isento de tal circunstância. Desta maneira, ao iniciar suas considerações com a expressão “Bobagem”, o que o antropólogo fez senão tomar o seu “senso comum” como se este fosse de todos os outros indivíduos?

Antes de chegar a ter contato com seu objeto de estudo o britânico Evans-Pritchard esteve imerso em um repertório cultural que lhe levou a tomar a conclusão que simplesmente o garoto não prestara atenção por onde pisava, porém seria bastante simplista expormos que as condições pré-viagem forjariam tais concepções sobre o outro no discurso

¹⁴⁸ GEERTZ, Clifford. *O senso comum como um sistema cultural*. In. *O Saber Local: Novos ensaios em antropologia interpretativa*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1997. pp. 118-119.

¹⁴⁹ Ibidem, p. 114.

do antropólogo, ou seja, não podemos descartar que o contacto com os azandes foi outro elemento que contribuiu para a construção de tal discurso. Isto é, as concepções culturais pré-viagem e as experiências vivenciadas em uma territorialidade outra, com outros elementos culturais.

Tal característica não pode ser tomada como particular a Evans- Pritchard, mas estendida aos estrangeiros anglo-saxões e protestantes que esta dissertação analisa: Henry Koster, George Gardner, Daniel Kidder e o casal Lacey e Mary Wardlaw. Os mesmos formataram em seus escritos uma percepção sobre o outro moldada a partir do “*senso comum*”, escritos estes constituídos como discursos, em que tal:

discurso produz um contrato enunciativo entre o remetente e o destinatário. Funciona como discurso didático, e o faz tanto melhor na medida em que dissimule o lugar onde fala (o eu do autor), ou se apresente sobre a forma de uma linguagem referencial (é o “real” que lhes fala), ou conte mais do que raciocine (não se discute um relato) e na medida em que tome os seus leitores lá onde estão (ele fala sua língua, ainda que de outra maneira e melhor do que eles).¹⁵⁰

Dito desta forma podemos afirmar que havia então uma sedução intrínseca ante o relato daqueles que vivenciaram aquilo sobre o que relatavam. O escrito destes estrangeiros adquiriu um status de fascinação na medida em que remetiam a uma experiência que seus leitores acreditavam ser verdadeira tendo em vista que aqueles estiveram lá, no local sobre o qual escreveram. Além disso, como expõe Certeau, por falarem a mesma “língua” que seus leitores, o discurso tornou-se intimista, aceitável.

Apesar de apresentadas de formas diferenciadas em seus escritos cada um destes textos de viagem esboçaram direta ou indiretamente as opções religiosas de seus compiladores. Henry Koster, filho do comerciante inglês John Theodore Koster, possuidor de nacionalidade britânica, porém nascido em Portugal, como apresentado anteriormente demonstrava em seus escritos e círculos de amizade que provavelmente fosse seguidor da Igreja Anglicana. No entanto, talvez por sua vivência em uma nação com população majoritária católica romana como era Portugal, tivesse um olhar menos ortodoxo no que dizia respeito a defesa de sua fé como a única a ser aceita, tanto que constantemente em suas viagens nas capitâneas do norte do Brasil frequentava festas católicas, bem como mantinha relações de amizade com vários sacerdotes católicos.

Para se ter ideia do que estamos afirmando Koster se referia sobre catequese católica dos escravos no Brasil como algo positivo:

¹⁵⁰ CERTEAU, Michel de. Op. cit. pp. 102-103.

O excitamento do sentimento piedoso entre os escravos, sobretudo esses deveres que a Igreja Católica sabe determinar, são necessários, e se os homens devem viver como escravos, é certo que a religião é a melhor adotada para indivíduos que estão nesse estado de sujeição.¹⁵¹

Entretanto, ante a situação religiosa de seus compatriotas protestantes britânicos em Recife, Henry Koster mostrou-se extremamente contrariado.

Não havia Capela Protestante nem clérigo nem mesmo um Cemitério para os nossos compatriotas (...) Sem alguma aparência exterior de culto, pode-se esperar que o povo do Brasil tenha uma idéia melhor sobre aqueles que representam, desde longos anos, como pagãos, bichos e cavalos? (...) Não será dessa maneira que a Nação Britânica se fará respeitada. (...) A essas razões políticas pelo estabelecimento local do culto, devemos juntar outras de grande importância, e antes as quais um cristão não poderia ser indiferente.¹⁵²

No caso do naturalista George Gardner o ser protestante é inferido em seus escritos muito mais de maneira implícita quando este se ateve a discorrer, com relação à moralidade e às práticas dos habitantes dos locais por ele visitados. É importante salientar que mesmo protestante, o ofício de George Gardner não era o de um missionário, assim, o declarar-se protestante poderia trazer mais inconvenientes do que auxílio em sua missão de cientista. Por esta causa, quando de sua passagem por Icó, na Província do Ceará, Gardner tomou uma resolução acerca deste assunto após um diálogo com um sacerdote católico.

Um de meus visitantes mais assíduos era um velho sacerdote, muito curioso de saber tudo o que dizia respeito à Inglaterra. Uma de suas primeiras perguntas, foi se eu era ou não batizado e em que religião. E, como eu lhe respondi que era protestante, retrucou-me: Ah! Então o sr. é pagão! (...)

Tive grande custo em convencê-lo de que os princípios fundamentais de nossas respectivas religiões eram iguais; depois disso, quando perguntado sobre minha fé religiosa, limitava-me a dizer que era cristão, e isso bastava para merecer respeito.¹⁵³

O posicionamento de Gardner neste momento foi de preocupação em não gerar problemas na execução da missão a que estava encarregado, pois talvez cresse que em sua jornada pelo interior do Império brasileiro, necessitando ser acolhido ou ter suprimentos através de brasileiros tão devotos ao catolicismo, a declaração pública como protestante pudesse dificultar bastante sua jornada em um país onde até alguns membros do clero o consideravam pagão. Ademais, deve-se levar em consideração que o escocês estendia a visão

¹⁵¹ KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Op. cit. (Vol. 2 – 2003). p. 352.

¹⁵² Ibidem, pp. 489-491.

¹⁵³ GARDNER, George. Op. cit. p. 87.

deste sacerdote a todo o baixo clero do norte do Império: “*Esta sua ignorância vi prevalecer igualmente em quase todo o clero inferior nas províncias do norte*” ¹⁵⁴.

De maneira diferenciada postou-se o pastor metodista estadunidense Daniel Kidder, contemporâneo de Gardner em suas viagens pelo Brasil. A serviço da Sociedade Bíblica Americana, seu objetivo principal no Brasil era a venda e distribuição de bíblias e literatura protestante. Em antagonismo direto ao posicionamento do naturalista Gardner, o missionário Kidder almejava ser percebido como protestante, até mesmo pelo fato de que este era seu ofício, ou seja, o ensejo pelo proselitismo de brasileiros ao protestantismo, ainda de maneira incipiente, tendo em vista o “campo de possibilidades” ¹⁵⁵ do momento histórico vivenciado, isto é, o momento de atuação missionária de Kidder no Brasil não possibilitava a este reverendo metodista grandes liberdades legais ¹⁵⁶ no contexto de uma implementação de uma missão protestante fixa com o intuito de fundação de uma comunidade metodista voltada aos brasileiros.

Assim, Kidder expôs aos seus leitores (e compatriotas) sobre quais aspectos voltara-se ao escrever sobre esta outra nação, relacionando seu olhar diretamente a sua profissão:

Quando lá estivemos, nossa atenção esteve principalmente voltada a capítulos tais como a Educação, a Moral e a Religião, aos quais na qualidade de missionários cristãos, nos cumpria de preferência observar. ¹⁵⁷

Torna-se claro a percepção que o enfoque dado por Daniel Kidder à sua construção discursiva esteve envolto de maneira muito mais incisiva a aspectos de cunho religioso que os outros estrangeiros acima citados. Entretanto, tal enfoque proselitista, não foi uma particularidade de Kidder. Pois, como já apresentamos, em 1882 o casal de protestantes norte-americanos De Lacey e Mary Hoge Wardlaw chegaram à Fortaleza com o objetivo de implantar uma missão presbiteriana.

Um dos mecanismos de atuação desta missão protestante foi a utilização do jornal ‘Libertador’ como meio de propagação dos objetivos e convicções religiosas destes

¹⁵⁴ Ibidem.

¹⁵⁵ VELHO, Gilberto. Op. cit. p. 28.

¹⁵⁶ Diversos mecanismos legais impossibilitavam uma atuação efetiva de missões protestantes neste primeiro momento do Brasil Imperial, alguns pontos da Constituição Imperial, por exemplo, traziam uma liberdade religiosa de maneira contraditória, já que expressava categoricamente a religião Católica Apostólica Romana como religião oficial a ser respeitada, não sendo admitidas manifestações religiosas públicas nem aparência exterior de templo a agrupamentos acatólicos. Cf. OLIVEIRA FILHO, Sérgio Willian de Castro. Op. cit. pp. 44-59.

¹⁵⁷ KIDDER, Daniel P. Op. Cit. (2001). p. 19.

presbiterianos, convicções estas até então desconhecidas por grande parte dos habitantes da cidade. E, justamente neste periódico, encontramos com clareza qual o posicionamento de Lacey Wardlaw com relação ao protestantismo e seu trabalho de missionário no Brasil: “*Nosso fim n’este paiz é pregar a verdade, e convencer os iludidos da falsidade d’estas inovações, e persuadir-os acceitarem Jesus Christo como lhes é oferecido no Evangelho*”¹⁵⁸.

Percebe-se que vários fatores impulsionaram as viagens dos estrangeiros supramencionados, fatores estes que influenciaram diretamente em suas observações sobre o Brasil e seus habitantes, o olhar de todos eles voltou-se para variados aspectos, no entanto eram guiados por prismas peculiares ante a experiência vivenciada e objetivada por estes sujeitos. De modo algum poderíamos afirmar que a elaboração discursiva destes estrangeiros foi apenas a efetivação de um projeto previamente definido. Até mesmo por que, reforçando aquilo que dissemos sobre a metamorfose dos projetos ao início deste capítulo, quando estes projetos são postos em contato com a experiência e com outros sujeitos, a ação humana torna-se um processo

Cujo resultado não pode ser inteiramente previsto e que está portanto além do controle de seu autor. Isso significa simplesmente que o homem nunca é exclusivamente homo faber, e que mesmo o fabricante permanece ao mesmo tempo um ser que age, que inicia processos onde quer que vá e com o que quer que faça.¹⁵⁹

Por esta razão, vários aspectos podem ser encontrados na construção discursiva destes estrangeiros protestantes, tais como a percepção acerca da prática dos jogos de azar e os ritos fúnebres. Práticas de vida e morte. Percepção esta, que acreditamos terem sido moldadas por uma vasta rede de repertórios religioso-culturais defrontados ante uma realidade outra.

A prática do jogo de cartas, ou outros similares era algo deveras imiscuído entre os brasileiros no período da presença dos estrangeiros que aludimos. Prática esta que, por um lado alocava-se como um dos divertimentos preferenciais de parte da população, e por outro, no caso das loterias, servia ao Estado Imperial no que dizia respeito à arrecadação de impostos com destino à construção e reformas de estabelecimentos pios.

Adolfo Caminha inicia seu memorável “*A Normalista*” apresentando as personagens centrais da trama em uma atividade que remontava ao cotidiano destas pessoas nas últimas décadas do século XIX, que era o víspera (bingo):

¹⁵⁸ Jornal ‘*Libertador*’, Fortaleza, 15 de janeiro de 1887. ‘Seção ‘*Tribuna do Povo*’. Coluna ‘*Notas Religiosas*’.

¹⁵⁹ ARENDT, Hannah. *O conceito de história –Antigo e Moderno*. In. *Entre o passado e o futuro*. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1992. p. 91.

João Maciel da Mata Gadelha, conhecido em Fortaleza por João da Mata, habitava há anos no Trilho (...) Era amanuense, amigado, e gostava de jogar o víspera em família aos domingos.

Nessa noite estavam reunidas as pessoas do costume. Ao centro da sala, em torno d'uma mesa coberta com um pano de xadrez, à luz parca de um candieiro de louça esfumado, em forma *d'abat-jour*, corriam os olhos sobre as velhas coleções desbotadas, enquanto uma voz fina de mulher flauteava arrastando as sílabas numa cadência morosa: - Vin... te e quatro! Sessen... ta e nove!... Cinquen... ta e seis!...¹⁶⁰

Em muitos dos relatos de viajantes estrangeiros estão presentes as descrições daquilo que estes apontavam como divertimentos da população no Brasil, que poderiam ser festas, danças, batuques, procissões, entrudos, jantares e também jogos. Koster assim se referia após algumas observações destes divertimentos:

Em várias casas portuguesas encontro mesas de jogo de baralho, ocupadas desde as nove horas da manhã. Quando uma pessoa se levanta, outra toma o lugar, e assim estão sempre repletas, exceto durante o calor do dia, quando cada um retorna para jantar em seu lar.¹⁶¹

A prática de tais divertimentos não era algo inerente apenas à sociedade no Brasil. Em outras tantas nações do globo a prática de jogos e esportes os mais variados configuravam-se como práticas cotidianas do *homo ludens*.

Livros destinados à compilação de relatos de viajantes publicados na Europa, como “*O viajante Universal*” traz o olhar de um viajante sobre a Inglaterra do início do século XIX e os lazeres preferenciais dos ingleses, dentre os quais

A mania de fazer apostas em Inglaterra chega ao maior excesso e muitos se arruinão com semelhantes apostas. Seria preciso formar hum volume para referir as extravagâncias desta espécie em Inglaterra, e principalmente em Londres. Este furor de apostar se manifesta particularmente com motivo da loteria, e para este effeito há vários sítios em todos os bairros da cidade.¹⁶²

Porém, em um universo de concepções protestantes, os jogos inseriram-se em um contexto de inaceitabilidade, compondo-se como atividades prejudiciais ao indivíduo e à sociedade. O protestantismo, com seu ideal de conduta ascética, voltou-se para a formação de

¹⁶⁰ CAMINHA, Adolfo. *A Normalista*. Rio de Janeiro – São Paulo - Fortaleza: ABC Editora, 2004. p. 6.

¹⁶¹ KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Op. cit. (Vol. 1 – 2003). p. 50. Vale ressaltar que a refeição denominada jantar nesse período geralmente ocorria ao meio dia.

¹⁶² O Viajante Universal, ou Notícia do Mundo Antigo e Moderno. Obra recopilada dos melhores viajantes. Tomo XLVI. Lisboa: Typographia Rollandiana, 1808. pp. 204-205. (<http://books.google.com/books?id=IC1FAAAAYAAJ&pg=PA204&dq=%22A+mania+de+fazer+apostas+em+Inglaterra+%22&hl=ptBR&cd=1#v=onepage&q=%22A%20mania%20de%20fazer%20apostas%20em%20Inglaterra%20%22&f=false>).

fiéis com total empenho em atividades relacionadas à vida religiosa, onde o ócio e os prazeres não poderiam ser aceitos, pois a vida do homem deveria servir tão somente à busca pelo caminho da salvação.

Os jogos, tornaram-se desta forma, modos de lazer que serviam

Como meio de expressão espontânea de impulsos indisciplinados (...) e a medida que fosse apenas um meio de diversão, de estímulo ao orgulho, de despertar de baixos instintos ou do instinto irracional da aposta, era obviamente condenado. O regozijo impulsivo da vida (...) era, como tal, inimigo do ascetismo racional.¹⁶³

A luta discursiva desencadeada pelo reverendo presbiteriano De Lacey Wardlaw contra os jogos de azar na cidade de fortaleza mostrou-se bem perceptível e direta. Isto não era algo particular ao reverendo presbiteriano encarregado da “protestantização” da cidade de Fortaleza, pois este embate inseria-se em toda uma ordem discursiva moral já estabelecida dentro de um quadro maior, o quadro da moral presbiteriana conceituada por Rubem Alves como “*Protestantismo da Reta Doutrina*”¹⁶⁴. Segundo tal corrente doutrinária protestante a jogatina era algo inadmissível para um cristão, isto porque este ato estava não só em uma classe de pecados condenáveis, mas em várias, como apregoaria Lacey Wardlaw:

Cobiça é proibida por Deus(...). Cúbiça e preguiça são os males das roulettas e as mãos que giram a roda das machinas de loterias. É a inspiração do jogador e o instigador do ladrão. O homem cúbiça um mil reis de 4000 de seu próximo; a saber; quer o seu dinheiro sem lhe dar o valor em trabalho ou em fazendas e portanto compra um bilhete de loteria. Este vicio é grande e comum, porque é nutrido tanto pela Igreja como pelo Estado. A Igreja o nutre; e os Christãos são escandalizados pelos annuncios blasphemos de Loteria da Santa Trindade ou Santíssimo Sacramento, ou Loterias a favor de templos e estabelecimentos religiosos.¹⁶⁵

Inicialmente, percebemos que para Wardlaw o jogo desmoralizava e desmontava toda a rígida ética de valorização do trabalho, pois, sendo ao mesmo tempo cobiça e preguiça, fazia com que o dinheiro ganho com suor do trabalho fosse lançado “fora” no jogo, não se dando o devido destino a este que seria o sustento da casa do fiel e o auxílio à “obra do Senhor”.

¹⁶³ WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Tradução: Pietro Nassetti. São Paulo: Editora Martin Claret, 2002. p. 121.

¹⁶⁴ Para Alves tal protestantismo se caracteriza “pelo fato de privilegiar a concordância com uma série de formulações doutrinárias, tidas como expressões da verdade, e que devem ser afirmadas, sem nenhuma sombra de dúvida, como condição para participação na comunidade eclesial” In. ALVES, Rubem. *Religião e Repressão*. São Paulo: Edições Loyola, 2005. pp. 43- 44.

¹⁶⁵ Jornal ‘Libertador’, Fortaleza, 26 de junho de 1886. Seção ‘Tribuna do Povo’. Coluna ‘Notas Religiosas’.

A ética protestante possuía como ação fundamental o trabalho, o labor. O protestante era ensinado a ver o trabalho como uma ação honrosa para o homem, ação esta estabelecida por Deus; todo homem honesto, levando em conta que a honestidade deveria ser característica fundamental de todo protestante, tinha que trabalhar para ter o sustento de si próprio e de sua família.

Desta maneira, percebemos que a relação jogos-ócio construiu-se de maneira muito concisa no discurso protestante, o fato de ver habitantes do Brasil na prática de jogos de azar, relacionava-se diretamente a ociosidade dos mesmos no discurso dos estrangeiros protestantes, como o do missionário metodista Kidder:

Em uma ou duas delas [das casas], vimos casais jogando baralho despreocupadamente, enquanto nada parecia acontecer em torno deles.¹⁶⁶

Confrangeu-nos observar que de todos os divertimentos o que parecia despertar maior interesse era o jogo.¹⁶⁷

Em segundo lugar os escritos sobre a loteria e os demais jogos de azar, potenciais alvos de ataques destes estrangeiros protestantes, transformavam aquele que jogava em um indivíduo que desejava ganhar mais dinheiro do que havia gasto em tais atividades, sem executar trabalho algum, desta forma tal dinheiro ganho seria do próximo, isto é do fruto do trabalho de outra pessoa engodada pelo jogo de azar.

Por esta razão tal ato se enquadrava em outros dois grupos de quebra de preceito: os pecados do vício, pois assim se atribuía à constância desta prática, e os pecados de crimes contra a propriedade ou desonestidade, pois ao se cobiçar o ganho na loteria, cobiçava-se o dinheiro do próximo, e já que este dinheiro não seria ganho com trabalho seria uma espécie de furto.

Temos então um ponto que evoca a um constructo discursivo que lança mão do relacionamento social, isto é, os jogos de azar não seriam apenas prejudiciais ao indivíduo que o praticava particularmente, mas ao mesmo tempo era considerado um mal social.

Em viagem pela Província do Ceará, o naturalista Gardner constantemente aludia a situação moral da população, tida por este escocês como baixa, especificamente na vila do Crato, onde Gardner não nutriu simpatias pela população do local. Logo após afirmar que a vila do Crato seria um reduto de fugitivos que haviam cometido diversos crimes, inclusive

¹⁶⁶ KIDDER, Daniel P. Op. cit. (1980). p. 74.

¹⁶⁷ Ibidem, p. 202.

homicídios, discorrendo sobre as constantes práticas de vingança, o viajante relaciona a moralidade da população à prática do jogo de cartas:

Aqui foi, e até certo ponto ainda é, embora em menor extensão um esconderijo de assassinos e vagabundos de toda a espécie vindos de todos os cantos do país. (...) A moralidade dos habitantes de Crato, é em geral baixa, o jogo de cartas é sua ocupação principal durante o dia.¹⁶⁸

Quase trinta anos antes da passagem de Gardner pela Província do Ceará, o inglês Koster, também aludiria acerca da prática de jogos de cartas, quando de sua passagem na vila de Fortaleza, da então Capitania do Ceará.

Logo após minha chegada, procurei o senhor Marcos Antônio Brício, chefe da Tesouraria e do Departamento Naval e de vários outros títulos que não são traduzíveis em nosso idioma. Para esse cavaleiro trazia eu uma carta de apresentação, do Senhor Barroso. Encontrei muitas pessoas em sua casa bebendo chá e jogando cartas.¹⁶⁹

As loterias, por sua vez, passaram a ser autorizadas e incentivadas pelo Estado tanto no período imperial como no republicano, forjando para vários estrangeiros protestantes uma visão do homem brasileiro como um homem entregue aos vícios, vadio, e até mesmo preguiçoso.

O vício para o protestante seria “*um comportamento obsessivo, pelo qual o sujeito é possuído pelo objeto, como uma possessão demoníaca*”¹⁷⁰, fazendo que aqueles imersos na prática do jogo acabassem do modo como Gardner descreveu os habitantes de São Romão na região das Minas Gerais: “*reunindo-se todos os dias para esse fim na residência de um velho capitão*”¹⁷¹.

Talvez o que mais chocasse alguns destes protestantes fosse a nutrição desta prática no período imperial “*tanto pela Igreja como pelo Estado*”, isto porque sendo a religião Católica, religião oficial do Estado, este tinha dentre suas obrigações, como dito anteriormente, financiar aquela, tanto com o salário dos clérigos, bem como com as construções, reformas dos templos e pelas verbas aos chamados estabelecimentos pios: colégios, hospitais, asilos. Ora, para que o Estado repassasse qualquer verba pública para quem quer que fosse precisaria de uma fonte, fonte esta advinda de impostos.

¹⁶⁸ GARDNER, George. Op. cit. pp. 93-94.

¹⁶⁹ KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Op. cit. (Vol. 1 – 2003). p. 174.

¹⁷⁰ ALVES, Rubem. Op. cit. p. 229.

¹⁷¹ GARDNER, George. Op. cit. p. 185.

Daí percebermos o empenho do Estado em regulamentar as loterias, pois sendo estas atividades legalizadas, seus promotores deveriam pagar impostos, e estes impostos que sobrevinham ao Estado eram repassados para as despesas junto a Igreja Católica. Já na década de 1880, Sinval Odorico de Moura, Presidente da Província do Ceará, discursando à Assembleia Legislativa, relatando sobre má condição financeira de algumas igrejas da Província e sobre a impossibilidade do Governo Provincial dispor de maior auxílio a estas sugeriu que

Entretanto, urge fazer o que fôr possível, e nesse intuito eu vos lembro um meio indirecto, que, embora não isempto de outros inconvenientes, acha-se generalizado e não estamos em condições de ser os primeiros a banil-o: refiro me á concessão de loterias.¹⁷²

Dois anos antes, outro Presidente de Província no relatório de entrega do cargo informaria que havia recebido

Um officio de 21 de março do corrente anno, no qual a commissão incumbida das loterias da província expunha o resultado das que tinham sido extrahidas até então, accusando em seu poder o saldo do beneficio pertencente ás obras da egreja de S. Benedito d'esta capital, na importância de 2:069\$800.¹⁷³

Isto caía como uma luva nas mãos dos protestantes como mais uma crítica à Igreja Católica, pois não devemos perder de vista que tal choque tivesse um caráter duplo, pois ao mesmo tempo em que o protestante se escandalizava com tais práticas ele procurava escandalizar seus interlocutores.

Kidder, com a mesma intenção anti-católica e anti-jogos de Wardlaw, observaria que após uma festa de Nossa Senhora de Nazaré no Pará o principal divertimento seria o jogo e que, além disso,

Era penoso imaginar-se que muita gente poderia ter aí iniciado uma vida de jogatina, prostituição ou qualquer outro vício que lhe causaria completa ruína. Entretanto apesar de serem possíveis e até prováveis tais resultados, durante todos esses dez dias não se pregou um único sermão, nem se fez cousa alguma no sentido de instruir e moralizar o povo.¹⁷⁴

¹⁷² Falla que o Exm. Sr. Conselheiro Sinval Odorico de Moura, Presidente da Província do Ceará, dirigio á respectiva Assembleia Legislativa no dia 2 de julho de 1885 por ocasião da instalação de sua sessão ordinária. p. 5.

¹⁷³ Relatório com que o Exm. Sr. Comendador Antonio Theodorico da Costa 2º Vice-presidente da Província do Ceará passou a respectiva administração ao Exm. Dr. Satyro D'Oliveira Dias em 21 de agosto de 1883. pp. 22, 23.

¹⁷⁴ KIDDER, Daniel P. Op. cit. (1980). p. 203.

Lacey Wardlaw no ‘Libertador’ (por ironia em uma seção do dito jornal localizada ao lado de outra que divulgava a extração e as premiações de várias loterias) vinha a relatar a construção de 255 igrejas Luteranas nos Estados Unidos em 1884, sendo que o dinheiro “*para edificar estes Templos foi das livres ofertas dos crentes, sendo que lá não ha loterias ou outros jogos para <<sustentar os estabelecimentos piedosos>>*”¹⁷⁵.

Havia toda uma propaganda por parte de tal missionário relatando que nos Estados Unidos as Igrejas Evangélicas não recebiam auxílio financeiro nem do Estado e nem através da jogatina, ao contrário do que acontecia com a Igreja Católica no Brasil segundo a acusação de Lacey. Além disso, tentava-se convencer os interlocutores do malefício da prática do jogo e dos possíveis benefícios de uma ação do Estado no combate a esta prática, assim se vê em uma matéria do dia 17 de abril de 1886 congratulações a um ato da Assembléia Legislativa da Província de São Paulo:

LOTARIA. – É com verdadeira alegria que consignamos em nossas columnas o facto altamente moralizador praticado pela Assembléa Provincial, rejeitando em 1ª discussão o projecto n. 15 deste anno concedendo uma loteria de 200 contos á Casa de Misericórdia desta capital.

Para aquelles que, como nós, tem combatido este cancro social deve causar grata impressão a attitude assumida pela Assembléa Provincial de São Paulo, ainda mais quando o hediondo vicio tem como advogado, naquella casa, um sacerdote romano, que imbuído, talvez, na moral jesuítica, quiz convencer os seus collegas da Assembléa que os fins justificam os meios.¹⁷⁶

É importante notar que o protestantismo se postava aqui como o “*espírito da liberdade, da democracia, da modernidade e do progresso*”¹⁷⁷, e como tal, o discurso construído por alguns destes “WASP” foi cerceado por uma relação direta entre binômios antagônicos como civilização-selvageria, educação-ignorância, protestantismo-catolicismo.

Nestes discursos a prática dos jogos de azar no Brasil transformou-se, de um modo de diversão de grande parte da população, a um “cancro social” que adestrava a população a uma vida voltada para o ócio, a preguiça, a cobiça, o ideal de ganho fácil e ao vício, traçando, desta maneira, para esta nação um futuro nada promissor e incivil. Isto é, os jogos seriam a uma só vez uma perdição espiritual e uma ameaça à almejada busca pela civilização moderna.

Este momento em que tais escritos são publicados trazia em seu bojo uma série de visões de mundo que tinham como ápice a idéia de modernidade:

¹⁷⁵ Jornal ‘Libertador’, Fortaleza, 03 de abril de 1886. Seção ‘Tribuna do Povo’. Coluna ‘Notas Religiosas’.

¹⁷⁶ Ibidem, 17 de abril de 1886.

¹⁷⁷ ALVES, Rubem. Op. cit. p. 48.

Mas o século XIX foi o grande século da idéia de progresso, na linha dos dados adquiridos e das idéias da Revolução Francesa. Como sempre, o que mantém esta concepção e a faz desenvolver são os progressos científicos e técnicos, os sucessos da Revolução Industrial, a melhoria, pelo menos para as elites ocidentais, do conforto, do bem-estar e da segurança, mas também os progressos do liberalismo, da alfabetização, da instrução e da democracia.¹⁷⁸

Tal ideal de progresso inseriu-se de forma bastante abrangente nos escritos dos estrangeiros que estamos analisando. Principalmente pelo fato de que quando escreviam suas obras de viagem suas nações de origem estavam passando de maneira avassaladora pelo processo acima citado por Le Goff.

Havia então uma correlação estabelecida entre este progresso a nível material e moral à ideia de civilização. Correlação esta tão estreita que poderia passar a ser considerado como algo único, daí a solução encontrada pelo Reverendo Kidder no que concernia à civilização do Brasil.

É de se desejar que chegue logo o dia em que o Brasil possa dispensar as isenções, e, o que é ainda pior, as loterias, como meios de desenvolver as atividades necessárias à vida de qualquer nação civilizada.¹⁷⁹

Esta noção de civilização deve ser entendida como um processo em contínua transformação. O olhar destes estrangeiros sobre o Brasil e seus habitantes foi moldada por uma tendência advinda da visão iluminista do século XVIII de o florescimento da civilização que seria alcançada paulatinamente, ou seja, através do “*aprimoramento das instituições da educação e da lei (...) realizado pelo aumento dos conhecimentos*”¹⁸⁰. Assim, seria impensável a estes estrangeiros protestantes o alcance da civilização e da modernidade coadunados às práticas cotidianas dos jogos no Brasil.

Estes estrangeiros criam serem os propagadores, ou pelo menos, os detentores do real modo de vida civilizado. Tomando de empréstimo o que Elias considera como domínio do Ocidente com relação a ideia de civilização poderíamos estender a estes estrangeiros protestantes, isto é, a civilização seria

A consciência que o Ocidente tem de si mesmo. Poderíamos até dizer: a consciência nacional. Ele resume tudo em que a sociedade ocidental dos últimos dois ou três séculos se julga superior a sociedades mais antigas ou a sociedades contemporâneas

¹⁷⁸ LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução de Bernardo Leitão [et al]. 5 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003. p. 257.

¹⁷⁹ KIDDER, Daniel P. Op. Cit. (1980). p. 265.

¹⁸⁰ ELIAS, Norbert. Op. cit. (Vol. 1- 1994). p. 61.

“mais primitivas”. Com essa palavra a sociedade ocidental procura descrever o que lhe constitui o caráter especial e aquilo de que se orgulha: o nível de sua tecnologia, a natureza de suas maneiras, o desenvolvimento de sua cultura científica ou visão do mundo, e muito mais.¹⁸¹

Tal civilização perpassaria os bons modos, o falar de maneira polida, a cordialidade, o autocontrole, a censura de si próprio. No caso específico da nossa discussão a moral protestante enrijece ainda mais tais imposições, pois, somado a tudo isto que expusemos acima percebemos a tentativa de embutir-se socialmente uma moral comum, uma moral religiosa cristã-protestante, tão rígida e recheada de aspectos exteriores a serem praticados ou, na maioria das vezes, controlados.

E é justamente neste ponto acerca do controle de si protestante que denotaria a formatação de uma vida civilizada no qual se inserem alguns dos relatos da missionária Mary Hoge Wardlaw sobre os brasileiros. Como missionária frequentemente Mary Wardlaw escrevia para os seus compatriotas perpassando o desenvolvimento de seu trabalho. Tais escritos geralmente eram publicados em periódicos missionários nos Estados Unidos, onde tais publicações eram bastante comuns no século XIX. Neste caráter de descrição dos costumes locais, católico romanos, Mary deparou-se com algo que chamou muito sua atenção descrevendo-o em novembro de 1890 no periódico ‘*The Missionary*’, que foram “*the customs existing there with regard to the dead and the dying*”¹⁸².

Talvez a escolha de Mary por escrever toda uma matéria aos seus compatriotas sobre tal tema tenha a ver com o fato de a morte ser um fenômeno biológico que sempre mexeu com o imaginário e com o cotidiano do homem. A ideia de um fim que se encaminha, de algo que é humanamente inevitável acabou durante milênios tornando-se também fruto de teorias, rituais, motes para proselitismo, tentativas de explicação. A relação entre os vivos e a morte tomou diversos caminhos por entre as várias sociedades no decorrer da história. E o homem até então busca desvendar os “mistérios” que rodeiam este acontecimento tão coletivo

¹⁸¹ Ibidem, p. 23. Acerca da noção de “civilização ocidental” Adauto Novaes faz a seguinte ponderação: “Se o que define a Europa é a submissão a três influências – Roma, com suas normas, leis, o *civis romanus* e a criação de um novo homem político; o cristianismo e a conquista que empreendeu, que “visa e atinge o profundo da consciência”; e, por fim, a Grécia, a que devemos nosso modo de pensar e boa parte da constituição da ciência no Ocidente –, então podemos considerar que somos também “europeus”. São três conceitos que definem o europeu, mas que são tidos também como os pilares da ideia de “civilização ocidental”” In. NOVAES, Adauto (Org.). *Civilização e Barbárie*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 16.

¹⁸² Jornal ‘*The Missionary*’. A monthly Journal, issued in behalf of The Foreign Missions of the Presbyterian Church in the United States. Edited by the secretaries. Vol. XXIII. Published by Whittet & Shepperson. Richmond: Novembro de 1890, p. 428. (<http://www.archive.org/details/missionary00missgoog>). “os costumes existentes com relação a morte e aos mortos”. (Tradução Livre).

e ao mesmo tempo tão individual que é morrer, expressão maior disso são as explicações religiosas para a morte.

Uma condição inaceitável da morte se expressa no cristianismo a partir de suas inúmeras saídas, isto é, a morte passou a ser percebida não como mero “fim” e sim como via para uma transição. Entra em cena aí o cerne da religião cristã, ou seja, a salvação, a vida eterna, a ressurreição dos justos, o que atinge diretamente aqueles que morreram ou os que irão morrer.

A transição entre vida e morte mostra-se aos indivíduos envolta em um complicado jogo de tensões tendo em vista que o destino do falecido é moldado por suas ações durante a vida. Porém, por haver se configurado como um momento fundamental para os indivíduos, coube também um papel àqueles que eram próximo do morto. Apesar de serem atingidos pela perda do familiar, ou do amigo, as pessoas próximas acabaram imbuídas de uma série de ritos para auxiliarem o morto (ou sua alma) em sua nova jornada.

Isto não se trata de uma característica monopolizada pelo cristianismo, pois é perceptível dentre as várias sociedades uma pluralidade de ritos fúnebres realizados pelos vivos em prol de seus mortos:

Nas diversas concepções da morte, o defunto não morre definitivamente, mas adquire apenas um modo elementar de existência; é uma regressão, não extinção final. Na expectativa de retorno ao circuito cósmico (transmigração) ou de libertação definitiva.¹⁸³

Desta forma as expressões ritualísticas funerárias adquiriram função complementar às ações do falecido enquanto este ainda vivia. Dentre as nações católicas são bastante comuns os rituais fúnebres, donde um dos mais conhecidos é o sacramento da extrema unção, mas além deste poderíamos citar, as orações e missas em prol dos mortos, as marchas fúnebres, e até datas do calendário anual que se prestam à celebração ou ao relembrar dos mortos.

Cláudia Rodrigues analisando testamentos de habitantes do Rio de Janeiro dos séculos XVII e XVIII constatou que havia uma constância com relação a pedidos em tais testamentos de diversas ações ritualísticas a serem efetuadas pelos vivos próximos ao morto após o falecimento deste, tais como celebrações de diversas missas, solicitações de intercessão pela alma do finado junto a vários santos, doação de quantias à Igreja. Assim,

¹⁸³ ELIADE, Mircea. *Tratado de História das Religiões*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 161.

Rodrigues, discutindo um testamento de 1799 de um negro forro chamado Narciso do Amaral, assinala que

O ex-cativo demonstrou ter estado bastante preocupado em garantir para si uma “boa morte”, seja procurando fazer seu testamento, seja buscando os sacramentos da Igreja quando moribundo. Ambas eram medidas que, segundo a Igreja, deveriam ser cumpridas pelos fiéis na iminência da morte, a fim de garantir a salvação da alma.¹⁸⁴

No entanto estas características ritualísticas concernentes à morte tomaram outra direção dentre os grupos cristãos protestantes. Para o “*Protestantismo da Reta Doutrina*”, nenhuma ação ritualística do homem poderia contribuir para a decisão de Deus quanto ao destino dos fiéis. Buscou-se evitar ao máximo práticas rituais, muitas das quais foram relacionadas a práticas mágicas, satanizadas, pelos protestantes, ou simplesmente vistas como expressões da ignorância humana. Dentre estes rituais desprezados encontramos justamente aqueles relacionados a morte, pois:

O puritano genuíno rejeitava até todos os sinais de cerimônia religiosa no enterro, e sepultava seus entes mais queridos e próximos sem cânticos ou rituais para que nenhuma superstição ou confiança nas forças mágicas e sacramentais de salvação pudesse se insinuar.¹⁸⁵

Tais características mostram-se presente no discurso dos estrangeiros protestantes que estamos a analisar quando os mesmos discorrem sobre como a morte era tratada por determinadas pessoas no Brasil durante o século XIX. Havemos de levar em consideração que em alguns segmentos a religiosidade católica moldou-se no Brasil de maneira espetacularizada; tal religião neste país afeiçoou-se a grandes espetáculos litúrgicos, não necessariamente no que diz respeito à ostentação financeira, mas sim pelo fato dos rituais haverem se tornados fundamentais para a concretização dos desígnios sagrados.

Daniel Kidder passa a idéia de haver ficado impressionado com o modo como as celebrações religiosas eram desenvolvidas no Brasil, mas principalmente com os rituais do dia de finados:

O estrangeiro provavelmente não se interessará tanto pelas comemorações desses dias quanto pelas de 2 de novembro, consagrado à memória dos que se foram. Nesse dia pela manhã, há missa em todas as igrejas. Depois abrem-se os claustros para que os fiéis possam visitar, em silêncio, os túmulos de seus amigos. (...) Saber e ignorância, riqueza e miséria, tudo reduzido ao nível comum, pela mão da morte.

¹⁸⁴ RODRIGUES, Cláudia. *A arte de bem morrer no Rio de Janeiro setecentista*. Varia hist., Belo Horizonte, v. 24, n. 39, jun. pp. 255-272. 2008. p. 258.

¹⁸⁵ WEBER, Max. Op. cit. (2001). p. 80.

E até mesmo entre túmulos a vaidade humana aspira distinção.¹⁸⁶

A festa, as procissões, o pagamento de promessas, as missas, as penitências, todas estas cerimônias adquiriram no decorrer dos séculos, em uma nação que nem sempre pôde manter contato tão próximo com a sede de sua religião, um caráter de fundamental importância para seus participantes.

A morte era então um elemento de fundamental relevância para o desenvolvimento desta pedagogia cristã católica. Havia instruções religiosas voltadas especificamente para as ritualísticas concernentes à hora da morte e que tinham por finalidade ajudar os moribundos a “*bem morrer*”. Tais manuais, datados dos séculos XIV e XV eram chamados de “*artes moriendi*” e, segundo Rodrigues, circularam também em edições portuguesas pelo Brasil colonial¹⁸⁷.

Além destes manuais voltados especificamente às questões da morte, outros escritos foram publicados trazendo referências ao modo de como lidar com a morte como o “*Compendio da doutrina Christã na língua portuguesa, e brasílica*”¹⁸⁸ do jesuíta João Filipe Betendorf que chegou ao Brasil como missionário em 1661. Tal compêndio visava a catequese de indígenas do Brasil, trazendo em suas páginas os ensinamentos que os jesuítas deveriam incutir àqueles, tais como orações, sacramentos, ritualísticas, estando o texto disposto em uma edição bilíngüe (português e tupi), bem como, configurado em formato de diálogo entre um “*mestre*” e um “*discípulo*”.

Assim como os manuais anteriormente comentados, este compêndio tinha como público alvo sacerdotes católicos visando instruir os mesmos em diversos procedimentos religiosos, porém na medida em que tais ritualísticas passaram a ser efetivadas entre os fiéis no decorrer da colonização do Brasil, podemos dizer que tais práticas passaram por um processo de apropriação da população, cuja experiência cotidiana da morte trazia práticas “*para ajudar a bem morrer hum moribundo com todos os actos necessarios em aquella hora*”¹⁸⁹.

¹⁸⁶ KIDDER, Daniel P. Op. cit. (2001). p. 156.

¹⁸⁷ RODRIGUES, Cláudia. Op. cit. p. 263.

¹⁸⁸ *COMPENDIO DA DOCTRINA CHRISTAÃ NA LINGUA PORTUGUESA, E BRASILICA*. Composto pelo P. João Filipe Betendorf, antigo missionário do Brasil, e reimpresso de ordem de S. Alteza Real o Príncipe Regente Nosso Senhor por Fr. José Mariano da Conceição Vellozo. Lisboa: Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1800. (http://books.google.com/books?id=XZA_AAAAcAAJ&printsec=frontcover&hl=ptBR#v=onepage&q=&f=false). Podemos notar como tal compêndio foi considerado de grande relevância por parte do clero católico em Portugal e no Brasil na medida em que, ao trazer as bases rudimentares da fé católica romana, a fonte que utilizamos trata-se de uma edição do ano de 1800, isto é, mais de um século da primeira edição.

¹⁸⁹ Ibidem. p. 118.

Entretanto, para muitos estrangeiros que vislumbravam tais práticas no Brasil, o estranhamento é visível em suas impressões, e isto muito se deveu a formação religiosa desses visitantes:

muitos deles protestantes, fossem eles anglicanos (no caso dos ingleses), luteranos (na maioria alemães), e calvinistas (norte-americanos, principalmente presbiterianos e metodistas). É importante assinalar nessas Igrejas reformadas o caráter mais individualista e introspectivo de experiência e um conteúdo ético de conduta mais preponderante, o que em última instância reservava à relação do indivíduo com Deus o único ponto a considerar na sua salvação após a morte.¹⁹⁰

Mary Hoge Wardlaw inicia seu texto presente no *'The Missionary'* descrevendo como em algumas cidades do país as pessoas se comportavam ante o moribundo nos seus últimos momentos de vida. Segundo a missionária, os familiares e amigos do enfermo enchiam o quarto onde este se encontrava e iniciavam uma sessão de gemidos, gritos e lamentações.

Segundo Mary Hoge tal comportamento ante o doente era pautado na idéia de que se estaria ajudando-o a morrer. Provavelmente Mary percebeu que, assim como foi para ela, estaria sendo difícil para seus leitores compatriotas compreenderem o que seria este ajudar a morrer, por esta razão inicia-se a descrição de um acontecimento vivenciado pela própria Mary Hoge.

Conforme a missionária uma jovem moça chamada Firmina, convertida ao protestantismo através do trabalho missionário presbiteriano, estava prestes a morrer, quando em seu leito de morte, a avó da moribunda passou a chorar e berrar ante a jovem doente. Sem saber ao certo o que estava acontecendo e temendo que tal atitude pudesse vir a ser incomodo à moça, Mary voltou-se para a avó da mesma alertando que o barulho poderia ser prejudicial, ao que prontamente a mulher respondeu: “*“What would you have?” she demanded. “I must help my child die” and resumed her distressing screams. “My child is going” she shrieked (...) “Oh great and hideous death!”*”¹⁹¹.

De certa forma o que Mary Wardlaw presenciou na morte de Firmina era o modo segundo seus familiares de postar a morte sob o controle dos vivos, na medida em que a avó

¹⁹⁰ VAILATI, Luiz Lima. *Os funerais de "anjinho" na literatura de viagem*. Revista Brasileira de História, 2002, vol. 22, nº. 44.

¹⁹¹ Jornal *'The Missionary'*. A monthly Journal, issued in behalf of The Foreign Missions of the Presbyterian Church in the United States. Edited by the secretaries. Vol. XXIII. Published by Whittet & Shepperson. Richmond: Novembro de 1890, p. 428. (<http://www.archive.org/details/missionary00missgoog>). “*“O que você espera?” ela perguntou. “Eu tenho que ajudar minha criança a morrer” e recomeçou com seus gritos angustiados. “Minha criança está partindo”, ela gritava (...) “Oh grande e horrível morte!”*” (Tradução Livre).

de Firmina tentava ajudar sua neta a morrer no momento certo. Para Lia Fukui tais ritos fúnebres tinham objetivos variados, tais como

evitar a contaminação da morte, para evitar morrer antes do tempo, para evitar morrer depois do tempo e para ajudar a bem morrer, são ritos dos vivos e não dos mortos. São os vivos que administram a morte, que tentam submete-la ao seu controle.¹⁹²

Depois de algum tempo a moça veio a falecer e todos os vizinhos foram convidados para ver o defunto. Uma das convidadas passou a assustar a missionária que ainda estava presente ao recinto, pois começou a olhar fixamente para o cadáver ordenando que Firmina fechasse os olhos. Ao que uma senhora idosa, percebendo que Mary encontrava-se chocada com tudo aquilo, explicou que o morto obedeceria às ordens se o chamassem pelo nome. Com isso Mary fecha este primeiro caso relatando nunca haver escutado algo tão “*antinatural*”.

Relato semelhante foi o apresentado por Koster sobre um ritual fúnebre quando de sua estadia na vila de Pilar, Capitania de Pernambuco; um sacristão mulato da igreja desta vila chamara a atenção de Koster devido a algumas de suas atitudes, uma das quais durante os últimos momentos de um moribundo

Esse camarada, um dia, punha a vela na mão de um agonizante, repetindo a palavra “Jesus”, como é o costume e estando o paciente inquieto e aflito, Gonçalo continuou sossegadamente o lúgubre ofício, ajuntando, com perfeita indiferença: - *Morra, e deixe de bobagens...*¹⁹³

Desta forma, a surpresa de Koster ante o procedimento do sacristão Gonçalo e a conclusão por parte da Mary Hoge de haver presenciado ações e ouvido palavras “*antinaturais*”, remonta justamente ao aspecto tão caro a estes sujeitos protestantes que era a prática do controle de si. A coerção interna¹⁹⁴ era vista como peça fundamental para a formatação de uma sociedade “civilizada”, e deveria ser exercida nos vários momentos da vida em sociedade, um recato das emoções era extremamente necessário; isto valeria inclusive para o momento da morte de um familiar, quando o homem civilizado exerceria o controle de suas pulsões.

¹⁹² FUKUI, Lia Garcia. *O culto aos mortos entre sitiantes tradicionais do sertão de Itapecerica*. In. MARTINS, José de Souza. *A morte e os mortos na sociedade brasileira*. pp. 252-269. São Paulo: Editora Hucitec, 1983. pp. 261-262.

¹⁹³ KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Op. cit. (Vol. 2 - 2003). p. 394.

¹⁹⁴ THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*, volume II: *A maldição de Adão*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 234.

Este “*auxílio*” na hora da morte prestado por parte de familiares ou amigos do defunto no momento da morte foi motivo de outro espanto para Henry Koster durante sua viagem entre Pernambuco e Natal. Em um dos dias da jornada Koster e seu guia tiveram que dormir ao relento ao lado de uma fogueira, o inglês passou então a refletir acerca dos hábitos deste país estrangeiro e a mudança de costumes a qual ele fora submetido durante a viagem, até que

Essas reflexões foram interrompidas pelo grito de “Jesus!”, repetido incessantemente, cada minuto, por uma voz sombria. Chamei o guia, supondo que partisse de alguém em perigo. Ele despertou e lhe disse o que se passava. Respondeu-me que alguém ajudava outrem a bem morrer, como depois soube ser tradicional, que qualquer agonizante deve ter junto de si um amigo repetindo a palavra “Jesus”, até que deixe de responder, para que esse nome de salvação não fique esquecido, seja para afugentar o Diabo.¹⁹⁵

Esta repetição constante da palavra “*Jesus*” correspondia justamente ao que se aconselhava nos manuais e recomendações acerca do auxílio aos que estavam prestes a morrer, os quais comentamos anteriormente. Isto se dava pela crença entre grupamentos católicos romanos que acontecia uma encrudecida “*luta entre anjos e demônios, no leito de morte, pela posse da alma*”¹⁹⁶, partindo daí a necessidade de repetição constante por parte do moribundo até quando este pudesse e por parte daqueles que o rodeavam, de palavras que o fizessem resistir, pois haveria a possibilidade de “*o inimigo o tentar na hora da morte*”¹⁹⁷. Dessa maneira instruía-se que a repetição era necessária “*conforme der lugar o tempo, e a enfermidade; e de quando em quando se lhe lembrarão os Santíssimos nomes de Jesus e Maria, e lhe farão dizer algumas destas breves orações*”¹⁹⁸.

Para Mary Wardlaw, era importante ressaltar a seus leitores que de maneira contrastante ao que viu no Brasil, onde os gritos, gemidos, falácias com os mortos, são considerados “*sombrios costumes e obscuras superstições*”, ela ainda lembrava de mortes mais tranquilas sem alvoroço ante o moribundo. Tal morte concebida de maneira tão natural e quiçá racionalizada que poderia ser percebida em sua terra natal sobrepunha-se no discurso da missionária como superior àquela em que a ritualística funerária era espetacularizada.

¹⁹⁵ KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Op. cit. (Vol. 1 - 2003). pp. 108-109.

¹⁹⁶ RODRIGUES, Cláudia. Op. cit. p. 263.

¹⁹⁷ *COMPENDIO DA DOCTRINA CRISTÃ NA LINGUA PORTUGUESA, E BRASILICA*. Composto pelo P. João Filipe Betendorf, antigo missionário do Brasil, e reimpresso de ordem de S. Alteza Real o Príncipe Regente Nosso Senhor por Fr. José Mariano da Conceição Vellozo. Lisboa: Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1800. (http://books.google.com/books?id=XZA_AAAAcAAJ&printsec=frontcover&hl=ptBR#v=onepage&q=&f=false). p. 122. Segundo este compêndio o diabo poderia tentar o moribundo em primeiro lugar para que este duvidasse dos artigos de fé e da igreja católica, posteriormente a tentação viria com intuito de desesperar quem iria morrer sobre o seu destino após a morte, devido seus pecados cometidos durante a vida.

¹⁹⁸ *Ibidem*. pp. 127-128.

Uma das grandes motivações que levaram a senhora Wardlaw a tanto se interessar pela questão da morte e como ela era tratada no Brasil foi justamente sua relação cotidiana com a mesma. Quando chegou à cidade de Fortaleza em 1882 o jovem casal de missionários passou a residir na então Rua das Flores (atual Rua Castro e Silva). O curioso deste novo endereço é que sua localização era exatamente a via que fazia a ligação entre a antiga Catedral da cidade e o Cemitério São João Batista, por isso esta rua recebia com frequência procissões fúnebres que saíam da Catedral com destino ao cemitério.

Os indivíduos das classes mais abastadas da cidade, geralmente expressavam sua ostentação e poder após a morte ¹⁹⁹, desta maneira, ficava por obrigação dos parentes a feição dos desejos fúnebres dos falecidos. O cortejo era indispensável. Inicialmente uma missa, com a igreja muito bem decorada, e uma palestra executada de maneira exímia pelo sacerdote que lançaria fervorosos elogios ao homenageado. Após a celebração na catedral o caixão era posto para fora do templo sendo carregado pelas pessoas mais “importantes” (familiares ou autoridades), em uma marcha lenta e compassada. Flores estariam presentes a enfeitar o caixão ou nas mãos daqueles que assistiam o ritual para poder enfeitar a sepultura ou ser lançado nesta juntamente com o caixão.

No entanto chama-nos a atenção o fato de Mary Hoge não haver descrito em sua matéria um cortejo desta magnitude. Mary preferiu descrever um cortejo simples, triste e solitário. Segundo a norte-americana passava um homem com flores belíssimas sobre a cabeça na rua, imaginando ser uma nova variedade de ramalhetes a venda, rapidamente a missionária pôs-se à janela para ver melhor, quando, chocada, percebeu o que acontecia de fato: uma pequena criança morta era levada ao cemitério por entre as belas flores.

Algumas características desse cortejo chamaram a atenção da norte-americana, o primeiro deles foram as flores o que a fez supor que alguém tivesse muito amor ou cuidado pela criança. Por não estar dentro de um “*little coffin covered with blue or white cambrie trimmed with silver braid*” ²⁰⁰, nem haver a companhia de uma comitiva de crianças acompanhando o defunto, a senhora Wardlaw concluiu que o pequeno morto teria uma família muito pobre.

¹⁹⁹ Para uma percepção mais detalhada sobre aspectos concernentes ao cotidiano da morte em Fortaleza do oitocentos Cf. BATISTA, Henrique Sérgio de Araújo. *Assim na morte como na vida, arte e sociedade no cemitério São João Batista (1866-1915)*. Fortaleza: Museu do Ceará, 2002.

²⁰⁰ Jornal ‘*The Missionary*’. A monthly Journal, issued in behalf of The Foreign Missions of the Presbyterian Church in the United States. Edited by the secretaries. Vol. XXIII. Published by Whittet & Shepperson. Richmond: Novembro de 1890, p. 428. (<http://www.archive.org/details/missionary00missgoog>). “*pequeno caixão coberto de azul ou branco enfeitado com fita prateada*” (Tradução Livre).

Apesar disso as roupas coloridas, a touca púrpura e os sapatos vermelhos da criança destoavam com a simplicidade de seu cortejo. O fato é que a hora da morte no Brasil exigia aos vivos que vestissem da melhor maneira possível o defunto em sua última homenagem, por mais pobres que fossem os familiares, o morto tinha o direito de estar vestido com a melhor roupa que seus parentes pudessem lhe fornecer.

O ritual do luto no Brasil também se mostrou estranho no discurso de Mary Wardlaw. Não pelo luto em si, pois para a mesma o luto era algo universal, porém Mary considerou o luto no Brasil como algo exagerado, tendo em vista que o vestir-se de preto como manifestação de luto era uma obrigação não apenas da família do morto mas também dos serviçais e inclusive de bebês. Ariès nos fornece uma pista acerca desse luto exagerado no século XIX:

Os sobreviventes aceitam com mais dificuldade a morte do outro do que o faziam anteriormente. A morte temida não é mais a própria morte, mas a do outro. Esse sentimento é a origem do culto moderno dos túmulos e dos cemitérios (...) Sua importância poderia passar despercebida pelos americanos de hoje, como pelos habitantes do noroeste da Europa industrial – e protestante.²⁰¹

Mary Hoge, devido à sua formação cultural anglo-saxã e protestante, não conseguia compreender a dimensão do luto como manifestação ritual da forma como era seguido entre os brasileiros: uma manifestação que visava demonstrar à sociedade a dor dos parentes com relação à morte do familiar, dor esta que por vezes poderia sequer existir.

Em seu texto a senhora Wardlaw expôs que não falaria sobre os ritos da administração da extrema unção e da missa em favor da alma do morto, por crer que tais práticas seriam idênticas em todos os países católico romanos. Porém, algo curioso sucedeu com o esposo da missionária, Reverendo De Lacey Wardlaw, no segundo ano da presença da missão presbiteriana em terras cearenses.

Em 1883, o filho de um membro da comunidade protestante de Fortaleza veio a falecer, tendo ocorrido o sepultamento no cemitério São João Batista, estava entre os que assistiam ao funeral o Reverendo Protestante. Este período inicial da atuação proselitista presbiteriana na cidade de Fortaleza foi deveras complicado, aconteceu uma verdadeira batalha discursiva de acusações recíprocas na imprensa local entre alguns membros da sociedade fortalezense que recusavam a presença protestante na cidade e os missionários e conversos presbiterianos. Uma destas acusações por parte de um habitante da cidade contra os protestantes teve seu início por conta do episódio do sepultamento acima exposto.

²⁰¹ ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003. p. 72.

O articulista anônimo publicou no jornal ‘*Libertador*’, supondo como destinatário de seu escrito o Presidente da Província e, segundo o mesmo, baseando-se na Constituição Imperial, que estabelecia discrição ao culto acatólico, a seguinte denúncia:

Não pode passar incólume o procedimento d’um Evangelista as esquerdas, existente n’esta capital, fazer encommendação de um corpo no cimiterio catholico.
(...) O Evangelista Senhor Lacy, si é sacerdote, não teve a necessária licença para celebrar esse acto, elle afrontou os nossos direitos.²⁰²

Essa relação conflituosa denota muito mais que uma simples disputa ideológica e religiosa, ela traz consigo a inevitável percepção do “outro” através de si mesmo. Como poderia um brasileiro católico, com pouco contato e informações acerca do protestantismo deduzir da presença de um sacerdote da dita religião em um funeral, senão a que ele estaria realizando ritos fúnebres semelhantes ao catolicismo? Tal situação foi vista como insuportável para tal articulista.

No dia seguinte, a 21 de setembro, outro articulista anônimo pôs-se a defender o Reverendo protestante no mesmo periódico, relatando que o artigo do dia anterior que tratava de uma “*Phantasiada emcommendação de cadáver no cemitério catholico pelo Ministro Evangélico, Sr. De Lacey*” só poderia ser encarada como algo que levasse ao “rizo”, pois,

Os Evangelistas (...) nem encommendam cadáveres, nem oram pelos mortos; porque sendo bem aventurados os que morrem no Senhor, sabe-se, que aos que assim não morrem de nada aproveitam garganteados, responsórios, nem occanos, quanto mais caldeirinhas d’agoa benta.²⁰³

Tais ações concernentes à morte trouxeram, de ambos os lados deste jogo discursivo a pluralidade cultural dos indivíduos, sua formação social, e neste caso também a religião, que são imprescindíveis para compreender as formulações expostas pelos mesmos.

Este aspecto que se relacionava diretamente à legislação imperial que dotava ao clero católico ou irmandades católicas o controle dos cemitérios era algo que já havia sido preocupação nos escritos do missionário Kidder, décadas antes do embate acima citado. Quando de passagem pela cidade de Salvador, o missionário metodista se referiu à situação dos protestantes residentes no Brasil nos seguintes termos

A Bahia é a única cidade brasileira onde existe um cemitério norte-americano. Sendo muito mais numerosa a colônia inglesa – e contando, ainda com o auxílio

²⁰² Jornal, ‘*Libertador*’, Fortaleza, 20 de setembro de 1883.

²⁰³ Ibidem, 21 de setembro de 1883.

financeiro de seu governo para diversos empreendimentos sociais e religiosos, tais como a construção de igrejas e a manutenção de capelães, em países estrangeiros, - mantém ela cemitérios em quase todas as cidades importantes do Império. Não somente os súditos britânicos se beneficiam dessa louvável atitude do governo inglês. Protestantes de todas as nacionalidades, especialmente cidadãos norte-americanos, devem grande soma de obrigações à colônia inglesa, pelo fato de freqüentemente facilitar, esta última, o enterramento de seus mortos. Não fora a cortesia dos ingleses, os nossos conterrâneos ver-se-iam embaraçados, principalmente em países essencialmente católicos, quando tivessem que realizar funerais.²⁰⁴

Ao findar do século XIX circulavam na cidade de Fortaleza diversos periódicos (*'Libertador'*, *'Cearense'*, *'Gazeta do Norte'*, *'Pedro II'*, etc.), os quais constantemente traziam em suas páginas anúncios e convites para missas em prol da alma de algum falecido ou para funerais. Tais anúncios, por serem pagos, eram encomendados por famílias com bom poder aquisitivo, e o objetivo, além de ser a iniciação da ritualística funerária, isto é, o convite à participação dos ritos, trazia em seu bojo também o desejo de mostrar o esplendor do funeral das famílias abastadas.

Tais anúncios despertaram a curiosidade de Mary Wardlaw porque para a mesma tais escritos apresentavam um

*tone in which the papers record the death of friends or prominent citizens - "the unfortunate young man", "the unhappy lady", "the ill-starred youth". Never is there a whisper of a hope beyond the grave.*²⁰⁵

Uma súbita interpretação expõe-se nestas palavras. Pelo simples motivo dos adjetivos “infeliz rapaz”, “infeliz senhorita”, mostrar-se nos convites dos periódicos, logo a senhora Wardlaw concluiu a inexistência de esperança no além sepultura para aqueles que publicavam tais anúncios. O fator em jogo é que um confronto cultural fora exposto ante os olhos destes estrangeiros.

Após enumerar suas várias experiências com relação à morte na cidade de Fortaleza Mary demonstra sua posição com relação aos ritos fúnebres vistos no Brasil: “*When*

²⁰⁴ KIDDER, Daniel P. Op. cit. (1980). p. 55.

²⁰⁵ Jornal *'The Missionary'*. A monthly Journal, issued in behalf of The Foreign Missions of the Presbyterian Church in the United States. Edited by the secretaries. Vol. XXIII. Published by Whittet & Shepperson. Richmond: Novembro de 1890, p. 429. (<http://www.archive.org/details/missionary00missgoog>). “*tom de desespero pelo qual os jornais registram a morte de amigos ou cidadãos importantes – “o infeliz rapaz”, a infeliz senhorita”, “o jovem sem sorte”. Nunca há uma ponta de esperança além da sepultura*”. (Tradução Livre).

*all was over, the chastened sorrow told of a heart that bowed to God's will (...) solemn funeral elevated the soul of the mourner”*²⁰⁶.

Percebe-se claramente uma concepção da morte por parte destes protestantes semelhante à concepção romântica dos pensadores europeus do século XVIII, onde

A morte entendida como liberação, como descanso, como “sorriso”, a morte que nos livra da dor, da fome, da sede, da separação, do ciúme, do ódio, do cansaço, do desamparo, do desespero... A morte com o alívio e promessa.²⁰⁷

Logicamente essa semelhança não é total, pois enquanto os românticos percebiam a morte como um descanso final, os protestantes a viam como a transição gloriosa do indivíduo. A morte deveria ser encarada da maneira mais positiva possível²⁰⁸, pois ela nada mais era do que a via de acesso à paz e a salvação tão almejada pelos cristãos.

Apesar do que foi exposto cabe ser ressaltado que para estes protestantes a morte também possuía tons de tragédia, no entanto, ao mesmo tempo, transfigurava-se em um processo de libertação. Isto porque este tipo de cristianismo de certa maneira aboliu o *status* da morte. Pois, a morte humana mostrava-se para os mesmos não como o fim em si, mas como a revelação dos mistérios antes encobertos à humanidade.

Esta morte é percebida como o caminho pelo qual o homem poderá ser apropriado por Deus, desta maneira, como sugere Alves, “*o elogio da morte é uma das notas mais marcantes da maneira pela qual os protestantes vivem seu mundo*”, enquanto a vida é “*um nível inferior da realidade*”²⁰⁹.

É notável o fato de ocorrer aqui uma inversão de valores, pois a morte passa a ser o ápice da existência humana, enquanto a vida, por conta do pecado, é vista como um caminho doloroso, espinhento, a ser vencido. A idéia da morte passa a ser mais aceitável sob este prisma, quando esta passa a prometer melhores expectativas do que a vida. A vida torna-se sinônimo de “morte” e a morte de “vida”.

²⁰⁶ Ibidem. “*Quando tudo termina, o comedimento da dor mostra um coração que aceitou a vontade de Deus (...) solene funeral eleva a alma das pessoas que estão de luto*”. (Tradução Livre).

²⁰⁷ PELBART, Peter Pál. *A morte estrangeira e o tempo não-reconciliado*. In. KOLTAI, Caterina (Org.). *O Estrangeiro*. São Paulo: Escuta / FAPESP, 1998. p. 132.

²⁰⁸ Apesar desta idealização por parte de vários segmentos protestantes, cuja face da morte deveria ser vista da maneira mais piedosa possível, estando o cristão tranquilo por conta da certeza do destino de sua alma, muitas são as indicações trazidas por Delumeau de que nem sempre a morte era percebida de maneira tão aceitável por parte dos protestantes, na medida em que o desespero tomava conta dos moribundos que nos momentos finais temiam que seus destinos fossem os suplícios infernais que, assim como na teologia católica medieval, era tema constante da pastoral protestante. Cf. DELUMEAU, Jean. *O Pecado e o Medo: a culpabilização no Ocidente (séculos 13-18). Volume II*. Tradução de Álvaro Lorencini. Bauru: EDUSC, 2003. pp. 355-369.

²⁰⁹ ALVES, Rubem. Op. cit. pp. 167-168.

Ora o que seriam para estes protestantes algumas práticas, tais como os jogos de azar descritas anteriormente senão um modo de morte dos valores individuais e coletivos apregoados pelo o que os mesmos entendiam como civilização e progresso? Ao mesmo tempo o comedimento no encarar a morte como uma esfera positiva remete justamente ao tornar este momento como mais aceitável ante as manifestações do ser humano que passam a ser cada vez mais internalizadas, isto é, a prática do controle de si.

Cabe discutir ainda neste capítulo um pouco mais sobre um aspecto que se mostrou constante ante estes olhares estrangeiro-protestantes por nós analisados e que se relaciona diretamente à experiência do contacto com o outro e suas correlações com os ideais de civilização e progresso, falamos das práticas tidas como violentas.

1.3. “A terra está cheia de crimes de sangue”²¹⁰: Violência e coerção interna:

Encontramos um cavaleiro que acabava de regressar de uma viagem de dez ou doze dias pelo interior. Dizia ser lamentável a situação moral e o estágio de civilização nos sertões do Rio Grande do Norte (...) a intriga, a discórdia e o crime que aí imperavam. A vingança arrogava-se o direito de ministrar justiça e os mais nefandos crimes tripudiavam sobre a lei, desafiando-a impunemente. Afrontazinhos de somenos eram punidas com a morte e a vida de qualquer pessoa podia ser objeto de mesquinhas transações com vis assassinatos.²¹¹

Civilização e controle de si sempre andaram de mãos dadas nos discursos acerca do processo civilizador. A ideia de um arrefecimento das práticas consideradas violentas ou de uma transferência das mesmas para outros campos da vida social não consideradas perniciosas, tais como os esportes foram amplamente discutidas pelos teóricos do “processo civilizador”, tendo em Norbert Elias seu principal porta-voz.

Percebe-se a partir da citação que abre este tópico que vários dos estrangeiros visitantes do Brasil no oitocentos formataram uma generalização acerca do cotidiano violento dos sertões brasileiros neste período. Locais que para muitos destes viajantes imperavam a vadiagem, a vingança, os roubos os latrocínios e a ausência quase total do Estado na reprimenda a tais ações.

²¹⁰ Passagem extraída do livro bíblico de Ezequiel capítulo 7 versículo 23.

²¹¹ KIDDER, Daniel P. Op. cit. (1980). p. 134.

Daniel Kidder, que apesar de não haver percorrido o interior do Império, não deixou de expor as informações acerca da violência que provavelmente lera em relatos de outros viajantes acerca do Brasil, bem como de habitantes desta nação estrangeira. Relacionando desta forma a lamentável “*situação moral e o estágio de civilização*” de recônditos locais do Brasil àquilo que se convencionou como a realidade violenta de tais espaços.

Tal percepção de um Brasil cujos sertões estavam repletos de “*crimes de sangue*” não era peculiaridade do reverendo metodista, todos os outros estrangeiros que estamos discutindo deixaram registros acerca do contato ou do medo que tal contexto lhes impunha.

Notável é a constância de tal tema nos escritos destes estrangeiros, em que tais atos tidos como atos fora da lei eram considerados inaceitáveis a estes sujeitos, denotando totalmente o quanto esta nação ainda teria que caminhar para tentar chegar ao nível civilizacional de Estados Unidos e Inglaterra. Ademais, expunha-se uma relação direta de tais ações violentas com a falta de moralidade da população praticante destas atividades.

Os grupos armados que cruzavam com estes estrangeiros nas estradas do interior do Brasil complementavam nestes últimos esta impressão de insegurança e medo. Ao comentar sobre um destes grupos armados que encontrara na Província de Pernambuco, Daniel Kidder deixa transparecer certo antagonismo de sentimentos com relação à situação encarada, pois se por um lado o medo tomara conta de seus sentimentos, Kidder notou um ar totalmente diferente com relação aos homens armados que cruzaram seu caminho:

Logo que entramos no primeiro mato, cruzamos com dois homens armados de espadas e espingardas, que nos causaram má impressão apesar de passarem conversando alegremente sem nos molestar.²¹²

Já na província do Ceará, George Gardner cruzaria com outro destes grupos armados, que somadas à suas leituras e informações da população destas regiões a às suas experiências na “*zona de contato*” levou-o a tirar a seguinte conclusão acerca da moral da população:

Para o europeu acostumado a viajar com relativa segurança, sem recurso ao porte de armas, o encontro de viajantes trigueiros com ar de salteadores, cada qual armado de pistolas, espada, adaga, faca e espingarda dá idéia muito desfavorável da moral dessa gente. Assassinatos e roubos são freqüentes entre eles, raramente se verificando um sem o outro, e sempre por traição.²¹³

²¹² KIDDER, Daniel P. Op. cit. (1980). p. 140.

²¹³ GARDNER, George. Op. cit. p. 84.

A comparação inevitável ao estrangeiro aparece novamente. Ante o europeu que teoricamente seria acostumado a viajar com sentimento de segurança mesmo desarmado, postava-se uma realidade diferenciada a qual surgia o estereótipo de nativos brasileiros armados com “*ar*” de assaltantes que era reforçado quase que de forma inconsciente pela cor da pele de tais sujeitos, “*viajantes trigueiros*”, isto é, de pele morena.

Ante esta situação de encontro a alteridade molda determinadas atitudes comportamentais. Imbuídos da noção de sertões marcados por furtos, assassinatos, latrocínios e vinganças, muitos destes estrangeiros tomaram algumas feições daquilo que Todorov denominou de estrangeiro “*l’assimilé*”²¹⁴ que seria aquele que penetrando em outra cultura assumiria um outro modo de vida.

Gardner que tanto amedrontara-se com o encontro de nativos armados, logo passou a comportar-se de maneira semelhante àqueles “*viajantes trigueiros*”, descrevendo o arsenal que ele e seus homens levavam:

Eu levava um par de pequenas pistolas, além das que tinha nos coldres e tinha na cinta uma grande espada. Mr. Walker carregava, além do facão usual dos brasileiros, uma pequena espada. Os homens todos tinham espingardas.²¹⁵

Além do escocês Gardner, tanto Henry Koster como seus guias e empregados viajavam todos armados, armas estas que serviriam justamente para proteção pessoal ante os habitantes do Brasil. Após solicitar o passaporte com o fim de viajar por terra até o Ceará, Koster relata as provisões e equipamentos da jornada:

Sr. Félix, eu, John, meu criado inglês, a cavalo, armados de espadas e pistolas, e o guia negro, também montado, sem sela nem brida, carregando um bacamarte e levando diante de si um cavalo conduzindo a bagagem, com um mulatinho escanchado entre os cestos.²¹⁶

Tal situação, segundo o próprio Koster, quase gerou um confronto armado entre ele e seus homens e um grupo de milicianos na fronteira do Rio Grande do Norte com o Ceará. Especificamente no Arraial Santa Luzia (atual Mossoró), Koster fora ordenado por um português, sargento do distrito, a mostrar seu passaporte, no entanto recusou-se terminantemente a obedecer ao miliciano pelo fato deste não estar uniformizado, vestindo

²¹⁴ TODOROV, Tzvetan Apud BAUDRILLARD, Jean & GUILLAUME, Marc. Op. cit. p. 87.

²¹⁵ GARDNER, George. Op. cit. p. 144.

²¹⁶ KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Op. cit. (Vol. 1 - 2003). pp. 85.

apenas camisa e ceroulas, além de não haver se comportado de maneira respeitosa ante um inglês. Após ser irônico e galhofar o sargento ao perguntar a seu guia se o mesmo ouvira o que aquele solicitara, Koster completa:

O sargento saiu e preparamos nossas armas, para distração e assombro de alguns pacatos moradores. Viu-o, logo depois, vir em nossa direção, acompanhado de duas ou três pessoas. Gritei-lhe que se detivesse à distância sob pena de Júlio disparar contra ele. Julgou mais prudente parar. (...) Essas nonadas, embora aparentemente sem importância, têm grande peso para as pessoas que se adiantam lentamente na civilização – a opinião pública é tudo.²¹⁷

Quase oitenta anos após esse episódio, o reverendo De Lacey Wardlaw relataria suas impressões acerca de ações tidas como violências fruto da ignorância e intolerância da população do interior brasileiro. Escrevendo ao periódico “*The Missionary*” em 1887, este missionário presbiteriano relataria sua recepção em Mossoró:

Era uma segunda-feira. Tive dificuldades em alugar uma casa, pois aos nossos não se permitia cantar nem mesmo em seus lares. Eu não pude visitar a todos. Terça-feira, anunciado o culto, juntou-se uma multidão, que apedrejou a casa. Eu estava só, mas fiquei lá apesar do ataque. (...) Na noite seguinte fiz um culto só para homens. Não estava ainda bem no meio do sermão, e a casa foi atacada. À segunda leva de pedradas a congregação estava do lado de fora, e depois da trigésima carga, puseram fogo de ambos os lados, e o quarto ficou iluminado.²¹⁸

Em outra ocasião, Lacey comentaria novamente acerca de ataques sofridos no Ceará, desta vez por sua esposa Mary Hoge Wardlaw: “*Still we are making progress and have had very little to disturb us in the meetings we have had in the outskirts, even in that part where on two former occasions my wife was struck with stones while visiting with me*”²¹⁹.

Nota-se toda uma construção discursiva por parte destes estrangeiros de um Brasil, principalmente nas regiões longe das cidades e vilas mais habitadas, que reinava a violência manifesta em forma de assassinatos, assaltos, furtos, vinganças, brigas, distúrbios.

Não podemos negar que tais ações eram praticadas no Brasil do século XIX. A violência emergia no cotidiano dos habitantes dos sertões brasileiros como uma forma de negociação ante uma realidade construída historicamente por pactos familiares, famílias estas

²¹⁷ Ibidem, p. 162.

²¹⁸ Jornal ‘*The Missionary*’, Richmond, Janeiro de 1887 Apud FERREIRA, Júlio Andrade. *História da Igreja Presbiteriana do Brasil*. 2 ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992 (vol. I). p. 226.

²¹⁹ Jornal ‘*The Missionary*’. A monthly Journal, issued in behalf of The Foreign Missions of the Presbyterian Church in the United States. Edited by the secretaries. Vol. XXIII. Published by Whittet & Shepperson. Richmond: Novembro de 1890, p. 421. (<http://www.archive.org/details/missionary00missgoog>). “*Assim mesmo estamos fazendo progresso e temos tido pouco a nos perturbar nas reuniões que realizamos nos arredores, mesmo naquela parte onde, em duas ocasiões minha esposa foi atacada com pedras quando me visitava*”. (Tradução Livre).

que não eram constituídas apenas por laços consangüíneos, mas através de acordos de apadrinhamentos.

Partindo das representações de administradores coloniais, câmaras municipais locais e particulares ao Conselho Ultramarino acerca de constantes queixas com relação à criminalidade, Eudes Gomes ²²⁰ constatou que a violência percebida nas impressões tanto de Koster como de Gardner no Ceará do século XIX, não era algo constituído em tal período, mas que tinha uma longa periodicidade remontando ao próprio processo de colonização durante os séculos XVII e XVIII.

Vieira Júnior ²²¹ afirma que estas expressões de violência se mostravam no dia-a-dia deste homem sertanejo como uma linguagem, a qual que acreditamos que deva ser compreendida em sua tênues tramas de negociações e complexidades e não apenas como surtos e picos de incoerências e extremos psicológicos.

Logicamente a compreensão destes estrangeiros anglo-saxões constituía-se de maneira diferenciada àquilo que Vieira Júnior percebeu em seus estudos. Cabe a nós refletirmos então como se moldou esta percepção estrangeira.

A primeira tentativa de compreensão de tal quadro seria a lógica questão: Se tais sujeitos estranharam de forma tão veemente este aspecto do contacto, seria então pelo fato de que na Europa e nos Estados Unidos não haveria manifestações de violência semelhantes às vivenciadas no Brasil do oitocentos?

Ora, a resposta vem com uma negativa surpreendente. O cotidiano de violência também era marca premente da realidade britânica e norte-americana do setecentos e oitocentos.

Bandos de “vadios” e “vagabundos”, como eram denominados por seus compatriotas, vagavam pela Inglaterra amedrontando viajantes ante a possibilidade de assaltos e assassinatos. Emblemática é a figura lendária do assaltante Robin Hood, que habitando com seu bando na floresta de Sherwood roubava os incautos ricos. Interessante é que o mito de Robin Hood com o passar dos séculos ganhou contornos quase épicos, configurando uma inversão de concepções, onde o criminoso tornou-se o herói, justamente pelo fato de o criminoso verdadeiro ser encarnado pelo governante que oprime o povo.

²²⁰ GOMES, José Eudes Arrais Barroso. “Vagabundos e ladrões, assassinos e facinorosos”. *Violência, crime e impunidade na Capitania do Ceará (século XVIII)*. In. Documentos Revista do Arquivo Público do Ceará. V. 1 nº 4, pp. 127-155. Fortaleza: Arquivo Público do Ceará, 2005. pp. 127-128.

²²¹ VIEIRA JÚNIOR, Antonio Otaviano. *Apresentando a família a partir da violência: Tramas, tensões e cotidianos no Ceará (1780-1850)*. In. Documentos Revista do Arquivo Público do Ceará. V. 1 nº 4, pp. 9-32. Fortaleza: Arquivo Público do Ceará, 2005. p. 11.

A prática de crimes por parte de bandos na Inglaterra não ficou restrita a estórias como as de Robin Hood. Peter Linebaugh ²²² nos traz uma lista de gírias que denominavam grupos de ladrões e vagabundos na Inglaterra, como os “*Files – batedores de carteira (de meados do século XVII a XIX)*”, os “*Dunakers – ladrões de gado, especialmente de vacas (de finais do século XVII até início do século XIX)*”, os “*Roberds-men – membros de um bando de vadios saqueadores, como Robin Hood*”, os “*Swadlers – aqueles que não apenas roubavam e batiam, como também matavam viajantes*”, os “*Anglers – ratoneiros que com varas curvas roubavam através de janelas e portas abertas (de meados do século XVI até XIX)*”.

O século XVIII com o fervilhar das concepções românticas e iluministas levou à formulação do “*Grand Tour*”, uma prática muito apreciada por jovens intelectuais e artistas com boas condições financeiras que empreendiam viagens aos centros das civilizações clássicas greco-romanas com a ideia de que tal jornada seria imprescindível para a formação intelectual de tais sujeitos.

No entanto, ao contrário daquilo que Gardner afirmara ao dizer que o viajante na Europa não tinha problemas com a segurança, Valéria Salgueiro comenta que tais viagens eram repletas de problemas com as estradas, hospedagens, alimentação e “*Além de todos esses problemas, havia freqüentes riscos à segurança do viajante: segundo Goethe, assassinatos eram corriqueiros, e, não raro, pessoas eram mortas a facadas*” ²²³.

A sociedade letrada inglesa do século XIX pôde contemplar e apreciar os romances de Charles Dickens e Arthur Conan Doyle. Alguns destes romances apresentavam uma Inglaterra cuja delinquência e crimes de morte cerceavam o dia-a-dia dos ingleses da era industrial.

O Oliver Twist de Dickens apresenta a delinquência juvenil forjada a partir das mazelas provocadas pelas condições precárias de sobrevivência que foram submetidos as classes subalternas na ilha da rainha Vitória. Por outro lado o Sherlock Holmes de Conan Doyle surge a partir de uma série de contos acerca do espetacular detetive habitante de Londres que desvenda crimes quase perfeitos através de sua arguta percepção.

Não podemos afirmar que tais escritos traziam em si traços que podem nos levar a inferir que aquela era a realidade do cotidiano britânico, já que se tratava de textos repletos de liberdade da imaginação de seus autores, porém, por outro lado não podemos também afirmar que tais romances surgiram como de uma manifestação sobrenatural na mente de seus

²²² LINEBAUGH, Peter. *Todas as montanhas atlânticas estremeceram*. In. Revista Brasileira de História. pp. 7-46. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, nº 6, 1984. p. 20.

²²³ SALGUEIRO, Valéria. *Grand tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura*. In: São Paulo: Revista Brasileira de História. Volume 22 nº 44, 2002. p. 297.

criadores, sem uma série percepções e negociações com as realidades que circundavam Dickens e Doyle.

De certa forma, pode-se considerar que os assassinatos e roubos apresentados nos diversos romances policiais da era vitoriana tivessem sua inspiração em casos que deixaram perplexas a sociedade inglesa do período, como a famosa série de assassinatos de prostitutas que assolou Londres no ano de 1888, crimes estes que ficaram insolúveis, cuja única conclusão a que se chegou foi a que um assassino apelidado de Jack, o estripador, era o autor dos brutais crimes.

Poderia-se considerar figuras como Robin Hood, Oliver Twist, e até mesmo Jack, o estripador, como portadores de uma aura muito mais de fantasia que de realidade. Porém, sujeitos comuns, muitas vezes anônimos, atuaram neste mundo da criminalidade inglesa do século XIX, executando seus atos nos papéis de ladrões, falsificadores, assassinos, arruaceiros.

Em um artigo na ‘*Endinburgh Magazine*’ de março de 1820, certo articulista autodenominado ‘*T.H.*’ ao discutir sobre os códigos criminais na Inglaterra, chegou à conclusão que comparativamente com o restante da Europa, as leis penais inglesas não estavam surtindo muito efeito com relação aos crimes contra a propriedade, levando-se em consideração que, segundo ‘*T.H.*’, “*the laws of Great Britain are, in this point, severer than those of any country. Now, it is a certain fact, that proportionately more crimes against the right of property are committed in England tahn in any other country of Europe*”²²⁴.

Curioso é notar que tais códigos criminais concernentes a defesa da propriedade não era algo tão recente na história da Inglaterra, já que desde o século XVI²²⁵ haviam sido formulados os primeiros estatutos contra o roubo, o furto e o latrocínio, forjando no aspecto da legislação criminal a nova concepção capitalista de propriedade perpetrada com a ascensão burguesa.

Os irlandeses, sempre acusados pelos ingleses do período como propensos a criminalidade por possuírem uma ignorância inata, tentaram por sua vez rebater tais constatações dos ingleses a partir do artigo “*Comparative statistics of Irish and England*

²²⁴ The Edinburgh Magazine, and literally miscellany; a new series of the Scots Magazine. January-June 1820. Vol. VI. Edinburgh, 1820. p. 252.
(<http://books.google.com/books?id=eFwAAAAAYAAJ&pg=PA252&dq=%22that+proportionately+more+crimes+against+the+right+of+property+are+committed+in+England+%22&hl=ptBR&cd=1#v=onepage&q=%22that%20proportionately%20more%20crimes%20against%20the%20right%20of%20property%20are%20committed%20in%20England%20%22&f=false>). “*As leis da Grã-Bretanha são, neste ponto, as mais severas que as de qualquer país. Agora, é um fato certo, que proporcionalmente mais crimes contra o direito de propriedade são cometidos em Inglaterra do que em qualquer outro país da Europa*”. (Tradução Livre).

²²⁵ LINEBAUGH, Peter. Op. cit.

crimes” publicado na ‘*The Dublin Review*’²²⁶, o qual tentava demonstrar que a punição de crimes era muito mais eficiente na Irlanda que na Inglaterra e País de Gales. O articulista lança diversos dados de condenações por vários crimes na Inglaterra, País de Gales e Irlanda concernentes aos anos de 1835, 1836 e 1837.

Assim, o número de condenações levantadas por tal periódico destes três anos podem ser visualizados na tabela abaixo que formulamos a partir das informações do articulista da matéria:

	Inglaterra e País de Gales	Irlanda
Assassinatos	260	598
Assaltos	1.026	12.927
Motins	1.278	4.104
Arrombamentos de residências	614	189
Apropriação indébita	27.309	67

Não estamos confirmando que tais dados expressem a realidade com relação às práticas de violência na Inglaterra deste período, até mesmo pelo fato de que números assim lançados tornam-se apenas elementos vazios ante a experiência social de inúmeros sujeitos que vivenciaram tal momento da história. Porém, seria inocência de nossa parte não vermos tais informações, que apesar de terem sido lançadas com uma série de intencionalidades, nos indicam um contexto repleto de conflitos e embates.

Mas não eram apenas a atuação de bandos de ladrões, assassinos e falsificadores que pintaram o quadro da violência na Inglaterra do oitocentos. Constantes foram os distúrbios, brigas em tabernas e levantes que se deram nas ilhas britânicas do período. O contexto da industrialização muito contribuiu para a recorrência de tais atos, na medida em que houve uma explosão urbana em diversos pontos da Inglaterra, ao mesmo tempo que uma massa de miseráveis concentravam-se em tais cidades. A insatisfação com relação ao desemprego ou ao preço dos alimentos gerava constantes tensões entre as autoridades com relação a esta população.

²²⁶ The Dublin Review. Vol. VI. February-May, 1839. London, 1839. pp. 269-276. (http://books.google.com/books?id=HecluhQbckoC&pg=PA274&dq=murder+england+ireland+wales&lr=&as_brr=1&hl=ptBR&cd=4#v=onepage&q=murder%20england%20ireland%20wales&f=false).

Por outro lado, a imigração irlandesa trouxe outro ingrediente à já conturbada situação da Inglaterra. Isto pelo fato de que tais irlandeses não eram bem vistos pela grande maioria da população inglesa, sendo considerados inferiores, bárbaros, ignorantes e brigões. Havia uma forte ideia na Inglaterra que os irlandeses seriam comparáveis a animais: “*Viviam “como bichos” afirmava o elisabetano Barnaby Rich; “Em condições brutais e detestáveis”, dizia sir William Petty. Comiam carne crua e bebiam sangue quente de vacas*”.²²⁷

Muito se deveu tal consideração pelo fato de que tais irlandeses eram católicos romanos, sendo tal concepção acerca de tais sujeitos uma opinião não apenas da elite inglesa, mas, inclusive, da grande massa pobre de ingleses, o que gerava uma série de constantes distúrbios nos bairros populares entre ingleses e irlandeses.

Mas não eram apenas os membros das classes subalternas que promoviam arruaças nos campos e nas ruas das cidades inglesas. Thompson²²⁸ ao analisar o momento vivenciado por alguns românticos ingleses do findar do século XVIII e início do XIX, afirma que foram constantes as ameaças e distúrbios provocados contra Samuel Coleridge por conta de seus discursos jacobinos. Diversas vezes marinheiros eram enviados por seus oficiais com o intento de impedir de maneira violenta que as palestras de Coleridge fossem realizadas. Tal era o espírito dos ânimos que o poeta inglês sempre andava armado com uma pistola.

Já do outro lado do Atlântico a literatura policial também se manifestou nas linhas do estadunidense Edgar Allan Poe através de seu detetive Dupin. Auguste Dupin, um detetive francês, que morava em Paris, e que agia com procedimentos semelhantes ao inglês Sherlock Holmes para desvendar assassinatos e roubos.

Se na Europa figuras criminosas quase míticas tiveram espaço de destaque, nos Estados Unidos tantas outras viriam se manifestar no século XIX. Como no caso de Jesse James, líder de um bando de assaltantes de bancos que agiram no oeste dos Estados Unidos. De certa maneira a história dos Estados Unidos está repleta de episódios sangrentos, a própria expansão rumo ao oeste americano no oitocentos, a chamada “*corrida do ouro*” propiciou dentre outros aspectos, o extermínio de nações aborígenes, a formação de grupos armados visando a prática de assaltos e assassinatos. Tanto que se construiu desta maneira o imaginário tantas vezes representado no cinema americano dos filmes de *far-west* onde despontam roubos, homicídios, duelos, tudo isto em um local geralmente denominado de terra sem lei.

A formação dos Estados Unidos da América deu-se de maneira deveras irônica, pois apesar de postar-se numa mitologia da liberdade política, religiosa e econômica, por ter

²²⁷ THOMAS, Keith. Op. cit. p. 57.

²²⁸ THOMPSON, E. P. Op. cit. (2002).

seu mito de origem justamente na busca pela liberdade de alguns puritanos que fugiam das perseguições religiosas na Inglaterra, esta nação constituiu-se culturalmente através de elementos de forte intolerância racial e religiosa.

Os diversos conflitos armados como as guerras de Independência e de Secessão complementaram este estado de intolerância já presente. Levando-se em consideração a inaceitabilidade da abolição da escravatura por parte de parcela da população estadunidense coadunada com o estilo administrativo federativo norte-americano, entende-se a consecução de diversos códigos excludentes e discriminatórios com relação a população negra, principalmente ao Sul dos Estados Unidos.

Se no Oeste a expansão se fazia com tons de violência, no sul conflitos raciais se faziam presentes, o Leste trazia a imigração de irlandeses e italianos como outra fonte propícia a crimes, principalmente na cidade de Nova York. Assim como na Inglaterra, o desenvolvimento da economia estadunidense no século XIX tornou-se um chamariz para a imigração de estrangeiros pobres que almejavam melhores condições de vida, e assim muitos irlandeses ²²⁹ e italianos embarcaram rumo aos Estados Unidos, entretanto grande parte da população norte-americana não via com bons olhos a presença de tais sujeitos, a maioria católicos.

Assim o palco estava pronto para o desenvolvimento de conflitos entre os diversos grupos envolvidos neste contexto, o que possibilitou a aglutinação de diversos segmentos que se uniam para protegerem-se de eventuais ataques. Constantes eram as notícias no ‘*The New York Times*’ acerca dos confrontos entre as diversas gangues étnicas que atuavam na cidade ao findar do século XIX ²³⁰.

Além da atuação destes grupos o ‘*The New York Times*’ lançou uma matéria no dia 11 de agosto de 1887, trazendo um levantamento de uma onda de crimes de morte que haviam acontecido no território norte-americano na época, que tinham como característica alguns aspectos que envolviam relações familiares:

²²⁹ O pai do Reverendo Wardlaw, trabalhado nesta dissertação, cujo nome era Thomas De Lacey Wardlaw tratava-se de um destes imigrantes irlandeses que chegou aos Estados Unidos, segundo seu filho, em 1842 no período de uma das maiores levas de fluxo imigratório proveniente da Irlanda. Cf. United States Passport applications, 1795-1905 [microform]. Passaporte de 13 de abril de 1919. Nº 75634. (<http://search.ancestry.com/search/db.aspx?dbid=1174>).

²³⁰ No dia 25 de setembro de 1893 foi publicada uma matéria sobre um confronto entre italianos e irlandeses no Brooklyn envolvendo 50 homens, onde foram presos 20 italianos; Com o título de “*Hard Work for the police*”, uma matéria de 17 de agosto de 1885 noticiou o ataque de gangues a policiais da cidade; outro confronto foi noticiado em 29 de novembro de 1885, neste caso entre duas gangues de negros que se enfrentaram com facas e navalhas, deixando como saldo um homem chamado Denison em estado grave com um corte na cabeça e outro chamado Morgan cujos olhos foram arrancados, apesar disso, ninguém foi preso. In. Jornal ‘*The New York Times*’. Nova York, 25 de setembro de 1893. (<http://query.nytimes.com/search/site>).

*In Georgia a man, 28 years of age, has murdered a family of nine persons, all of them his own relations. In New-York a father has killed a daughter because she insisted upon marrying a man whom he did not wish her to marry, and a young German has killed his wife, a girl 16 years old, because she refused to live with him.*²³¹

Tal situação da cidade de Nova York não era algo restrito ao findar do século XIX. Fazendo uma comparação da região da cidade chamada “*The five points*” dos anos de 1846 e 1896, o ‘*The New York Times*’ comentaria que em 1846 tal região “*was famous as the abode of thieves, thugs, and murderers*”²³².

Levantado este quadro, confessamos bem generalista, mas que a partir do mesmo podemos ponderar que o grande espanto por parte de Koster, Kidder, Gardner, e o casal Wardlaw ante a violência no Brasil, não se tratava de uma questão de estranhamento total às práticas de assaltos, furtos, assassinatos, latrocínios e brigas, já que tais práticas também ocorriam em suas nações.

Logicamente não significa dizer que tais práticas possam ser postadas em uma unidade absoluta. Havia uma série de aspectos culturais que diferenciavam a violência nestas diferentes territorialidades, há de se entender as manifestações tidas por violentas partindo de várias negociações culturais que estão em constante processo de reformulação. Daí entendermos que se por um lado disputas étnicas davam ensejo a várias ações violentas na Europa e nos Estados Unidos, no Brasil tínhamos as relações familiares como propulsora de conflitos. Além disso, havia toda uma configuração diferenciada com relação a noções de propriedade privada entre os habitantes destas nações.

Mas retornando à questão do estranhamento destes estrangeiros no Brasil, podemos encontrar uma pista na própria escrita de George Gardner quando este, então no interior do Ceará, esteve prestes a presenciar um confronto entre seu criado Pedro e o guia que contratara para a viagem, e pelo qual não nutriu muita simpatia:

Este [o guia] me fora recomendado como muito útil para a viagem, mas mostrou-se um sujeito preguiçoso e falador, bem ao contrário de Pedro, que era ativo e inteligente. A briga nasceu de recusar o guia fazer certo dever enquanto se descarregavam os cavalos, e, apesar de minha interferência, esquentaram-se tanto,

²³¹ Jornal ‘*The New York Times*’. Nova York, 11 de agosto de 1887. (<http://query.nytimes.com/search/sitesearch>). “*Na Geórgia um homem de 28 anos de idade, assassinou uma família de nove pessoas, todas elas pertencentes às suas relações. Em Nova York um pai matou a filha porque ela insistia em se casar com um homem a quem ele não queria que ela se casasse, e um jovem alemão matou sua esposa, uma menina de 16 anos, porque ela se recusou a viver com ele*”. (Tradução Livre).

²³² Jornal ‘*The New York Times*’. Nova York, 21 de março de 1896. (<http://query.nytimes.com/search/sitesearch>). “*era famosa como morada de ladrões, bandidos e assassinos*”. (Tradução Livre).

que ameaçaram esfaquear-se, *modo usual de liquidar desavenças nesta terra sem lei*.²³³

As ameaças de morte de ambos os lados, motivadas por uma discussão banal, pareceram para o naturalista explicáveis pelo fato de se estar em uma “*terra sem lei*”. Do mesmo modo Koster fez considerações acerca da prática da vingança no Brasil: “*Essa gente é vingativa. As ofensas muito dificilmente são perdoadas e, em falta da lei, cada um exerce a justiça pelas próprias mãos*”²³⁴.

A esta “*falta de lei*” cremos que poderíamos inferir qual era o grande incômodo ante os olhos destes estrangeiros com relação à violência no Brasil, que era a ação do Estado no combate ao crime. De modo que para estes anglo-saxões a ideia levantada por Max Weber de “*monopólio do uso legítimo da força física*” por parte do Estado já era algo tão entranhado culturalmente que lhes parecia como natural, e que quando fugia deste prisma do monopólio estatal da violência legítima nos moldes britânicos ou norte-americanos o estranhamento se desencadeava.

Para Weber esta característica da monopolização da legitimidade da violência é ponto crucial para a existência do Estado, já que a autoridade deste está contida na obediência dos membros de determinada sociedade que constituiu como uma de suas identidades a pertença a alguma territorialidade a qual deve possuir seu *Estado*, desta maneira:

Hoje, porém, temos de dizer que o Estado é uma comunidade humana que pretende, com êxito, o *monopólio do uso legítimo da força física* dentro de um determinado território. Note-se que “*território*” é uma das características do Estado. Especificamente, no momento presente, o direito de usar a força física é atribuída a outras instituições ou pessoas apenas na medida em que o Estado o permite.²³⁵

Elias em seus estudos acerca do processo civilizador deu bastante ênfase naquilo que denominou de sociogênese do Estado. Segundo Elias, a formação do Estado como hoje é compreendido só pode ser entendido através da percepção histórica de um processo de longa duração em que paulatinamente o uso legítimo da força foi centralizado na figura do Estado e de suas instituições. Isto é, nem sempre houve uma compreensão de que era papel do Estado a

²³³ GARDNER, George. Op. cit. p. 91. O grifo é nosso. Há outro relato acerca de uma briga envolvendo Pedro, mas que não foi publicado no livro de viagem de Gardner. Tal relato foi fornecido pelo escocês através de uma carta enviada a William Hooker. Em tal correspondência Gardner afirma que Pedro quase perdia dois dedos por conta de um ataque a faca e o que o salvou foi uma pá que este usou para proteger-se, já o agressor fugiu. In: Information respecting Botanical Travellers. Mr. Gardner's Journeys in Brazil. In: Annals of natural history; or Magazine of zoology, botany and geology Vol. III, Number XVIII. pp. 327-336. Printed and by R. and J. E. Taylor. London, 1839. p. 335. (<http://www.archive.org/details/annalsofnaturalh03lond>).

²³⁴ KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Op. cit. (Vol. 1 – 2003). p. 211.

²³⁵ WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. 4 ed. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. p. 98. Grifo do autor.

repressão de determinados comportamentos considerados perniciosos à sociedade, e que tal repressão, através de punições físicas e morais, fosse tida como algo natural.

Desta maneira, o fortalecimento das instituições estatais deu-se concomitantemente a formação de concepções culturalmente constituídas acerca do autocontrole dos sujeitos, ou seja, uma série de aparatos morais foi sendo forjando visando o controle das ações que passaram a ser tidas como bárbaras e prejudiciais:

A teia de ações tornou-se tão complexa e extensa, o esforço para comportar-se “corretamente” dentro dela ficou tão grande que, além do autocontrole consciente do indivíduo, um cego aparelho automático de autocontrole foi firmemente estabelecido.²³⁶

Isto não significa afirmar que esta ação do Estado representava a extinção dos crimes e da violência como já pudemos demonstrar, porém tais estrangeiros possuíam uma concepção de que era papel do Estado a punição de determinados atos, isto é, o poder de vingança não podia ser um direito da população como um todo. Tal percepção da função do Estado inicia-se com a constituição do Estado Moderno, o qual atribuiu-se a função de impor limites claros entre o privado e o público²³⁷.

Assim, a atuação do Estado com relação ao que convencionou-se como violência parece ser o ponto chave desta questão. Storch afirma que durante todo o século XIX houve uma grande mobilização por parte das autoridades britânicas na reestruturação da polícia, que passou a atuar não somente com o intuito de capturar assassinos e ladrões, mas principalmente na regulamentação e repressão de inúmeras ações que passaram a ser vistas como delitos, tais como jogos violentos, festas, corridas, brigas de galo:

No início do século dezenove, lançou-se um ataque sem precedentes sobre muito do que anteriormente fora tolerado dentro dos antigos limites, especialmente sobre pequenos crimes, divertimentos populares e todos os tipos de desordem urbana desde a violência coletiva até brigas em tavernas e danos de menor importância. Uma quantidade considerável de recursos humanos e materiais foi investida neste empreendimento, sendo a polícia uma das agências mais importantes criadas para fazer frente à grande desordem cotidiana.²³⁸

²³⁶ ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador. Volume 2: Formação do Estado e Civilização*. Tradução de Ruy Jungmann. Revisão de Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993. p. 196.

²³⁷ CHARTIER, Roger. (Org.). *História da vida privada, 3: Da Renascença ao Século das Luzes*. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 28.

²³⁸ STORCH, Robert D. *O policiamento do cotidiano na cidade vitoriana*. In: Revista Brasileira de História. pp. 7-33. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, v. 5. nº 8-9, 1985. p. 8.

O Crato mostrou-se para o britânico Gardner como um ponto do território do Império do Brasil, cuja violência não o deixou nem um pouco à vontade, a ponto de o mesmo haver declarado que fora um dos locais que empreendeu mínimos relacionamentos com os habitantes locais. Uma das principais queixas do naturalista estava justamente com relação aos crimes de vingança, que, segundo Gardner, imperavam na localidade:

Os habitantes desta parte da província, geralmente conhecidos pelo cognome de cariris, *são famigerados no país por sua rebeldia às leis*. Aqui foi, e até certo ponto ainda é, embora em menor extensão um esconderijo de assassinos e vagabundos de toda a espécie vindos de todos os cantos do país. *Embora haja um juiz de paz, um juiz de direito e outros representantes da lei, seu poder é muito limitado e, ainda assim, quando o exercem, correm o risco de tombar sob a faca do assassino*. Muitos criminosos de morte foram mostrados andando livremente. O principal perigo a que se expõe é da parte dos amigos dos assassinados, que os seguem a grandes distancias e não perdem oportunidade de tomar vingança.²³⁹

Assim, a construção discursiva deste escocês forjou acerca de tal localidade as diversas características que tanto espantavam estes estrangeiros com relação à violência no Brasil: A fama da população em desobedecer as leis, a ineficácia da presença das autoridades estatais na localidade, que inclusive corriam o risco de serem vítimas da “*faca do assassino*” e a sede de vingança dos “*amigos dos assassinados*”.

Apesar do espanto e tom de indignação de Gardner ante a limitação do poder das autoridades instituídas pelo Estado no combate às práticas tidas como perniciosas, na realidade, muitos destes representantes do Estado estavam também imiscuídos em diversas tramas que envolviam acordos familiares, truculências, violências como discute Eudes Gomes em sua dissertação de mestrado ao referir-se aos conflitos entre as famílias Feitosa e Monte no interior do Ceará. Segundo Gomes, membros da família Feitosa assumiram diversos cargos relacionados à administração colonial como de sargento-mor, oficial de cavalaria, coletor de dízimos, juiz ordinário, juiz de órfãos, capitão-mor de ordenanças, cavaleiro da Ordem de Cristo, os quais apoiando-se nestas funções

utilizavam-se de práticas violentas para fazer valer o seu poder de mando, dentre as quais se contavam ameaças e agressões a oficiais da câmara da vila de São João do Príncipe, prisões arbitrárias, acusações falsas e testemunhas forjadas, além de crimes de encomenda, já tidos por habituais nos sertões cearenses.²⁴⁰

²³⁹ GARDNER, George. Op. cit. pp. 93-94. O grifo é nosso.

²⁴⁰ GOMES, José Eudes Arrais Barroso. *As milícias d'El Rey: Tropas militares e poder no Ceará setecentista*. Niterói Dissertação UFF. 2009. p. 22.

Gardner quando ainda estava no Crato, em 1838, escreveu uma carta a seu principal patrocinador, William Hooker, a qual foi publicada na revista de História Natural coordenada por Hooker. O principal objetivo da correspondência, datada de 05 de dezembro de 1838, era relatar os achados botânicos realizados por Gardner em sua jornada pela Província do Ceará, como uma espécie de relatório. No entanto, algumas linhas do escocês foram reservadas para as impressões que o naturalista teve da população local:

*They are remarkably revengeful, and their frequent quarrels are commonly settled by the treacherous use of the long sharp knife (faca de ponta), which every one carries at his side. (...) For my own part I find necessary to be very cautious as to what I say or do among them.*²⁴¹

De certa forma as precauções tomadas por Gardner quanto ao que dizer e fazer no Brasil foi algo que se estendeu aos outros estrangeiros que estamos pesquisando. Como havia um receio constante com relação a bagagem que carregavam a vigilância das mesmas era algo constante. Koster, em sua passagem por Aracati, resolveu precaver-se de possíveis furtos comprando “um grande cão a quem haviam ensinado a guardar as bagagens dos viajantes”²⁴².

Entretanto nem sempre todos os cuidados tomados por estes estrangeiros foram capazes de evitar determinados contatos mais diretos com aquilo que tentavam poupar-se. Henry Koster, já fixado em Pernambuco como senhor de engenho, não pôde fugir do jogo de relações conflituosas que se davam entre os proprietários locais de terras. Pelo que, quando na função de dono de engenho, geralmente em suas descrições mostrava-se constantemente acompanhado de uma pequena tropa de criados escravos e livres para proteção pessoal, tendo em vista que “Era um distrito bem turbulento esse em que fixara minha residência. Muitos proprietários das redondezas viviam perpetuamente em luta e eu tivera que tomar o mesmo caminho, porque se não fizesse seria enganado”²⁴³.

A narrativa de Koster se nos mostra bastante interessante na medida em que o mesmo declarou-se como participante desta imensa trama que cerceava os jogos de poder entre os senhores de engenho da região em que resolvera viver. Geralmente tal rede de

²⁴¹ Information respecting Botanical Travellers. Mr. Gardner's Journeys in Brazil. In. Annals of natural history; or Magazine of zoology, botany and geology Vol. III, Number XVIII. pp. 327-336. Printed and by R. and J. E. Taylor. London, 1839. p. 335. (<http://www.archive.org/details/annalsofnaturalh03lond>). “Eles são muito vingativos, e suas brigas frequentes são normalmente resolvidas com o uso traiçoeiro da faca afiada longa (faca de ponta), que cada um carrega na cintura. (...) De minha parte eu achei necessário ter muito cuidados quanto ao que dizer ou fazer entre eles”. (Tradução Livre).

²⁴² KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Op. cit. (Vol. 1 – 2003). p. 194.

²⁴³ KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Op. cit. (Vol. 2 – 2003). p. 318.

relações era formada a partir de uma série de apadrinhamentos e criações de aparelhos de laços familiares entre o dono da propriedade e os diversos empregados que tornavam-se agregados do proprietário.

Havia uma espécie de solidariedade comum que se estabelecia a partir de uma série de negociações e barganhas que se davam entre os membros destas “*famílias*”. Isso não significa dizer que existia uma fidelidade extrema por parte dos agregados e apadrinhados, já que são constantes os relatos de violências cometidas entre proprietários de terras e seus agregados, entretanto, as redes de acordos eram extremamente necessárias a ambas as partes, formando-se inimigos comuns, geralmente outras famílias, cujo objetivo era o domínio de certas regiões. Logicamente havia também acordos que se estabeleciam entre famílias diferentes, no entanto, tais acordos, quando se davam, geralmente eram bastante tensos, podendo ser rompidos a qualquer sinal de desavença, gerando virulentos conflitos armados.

O próprio Koster comentaria acerca do modo como agiam os Feitozas no interior do Ceará e Piauí, os quais “*Vingavam pessoalmente as ofensas*”, e que “*Os indivíduos condenados eram assassinados publicamente nas aldeias do interior*”²⁴⁴. Este poder de uso da violência por parte de famílias que arrogavam a si o direito de vingança era algo inaceitável a tais viajantes, na medida em que em suas nações de origem, tal poder pertencia unicamente ao Estado.

Por esta razão a desconfiança com relação à moralidade dos donos de terras não era menor do que a que estes estrangeiros declaravam à população pobre. Ainda na Província do Ceará, George Gardner, hospedado por um pequeno senhor de engenho, tendo alguns objetos pessoais furtados de sua bagagem logo desconfiou de seu anfitrião²⁴⁵, que apesar de ser proprietário de terras, não mostrou ser mais confiável aos olhos de Gardner que os outros brasileiros que lhe rodeavam na “*zona de contacto*”.

Além da bagagem havia outras possibilidades de subtração de elementos imprescindíveis para a viagem como os cavalos, mulas, e outros animais de carga. A astúcia era um elemento preponderante nestas relações entre os “*viajados*” e os viajantes, na medida em que alguns habitantes do Brasil possuíam uma série de artimanhas para lidarem com estes estrangeiros, artimanhas estas nem sempre bem vistas por parte dos viajantes que quase

²⁴⁴ KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Op. cit. (Vol. 1 – 2003). p. 184.

²⁴⁵ GARDNER, George. Op. cit. p. 91. Posteriormente o criado de Gardner denunciou a este a desconfiança que fora o guia da comitiva que cometera o furto, ao que o escocês resolveu dispensar o guia sem pagamento, mas temendo alguma represália voltou atrás em sua decisão, afirmando que “*sabia da índole vingativa de tal gente*” In. GARDNER, George. Op. cit. p. 92.

sempre tomavam os modos de negociação cotidiana daqueles com os quais travavam contato no Brasil como fruto da baixa moralidade dos mesmos, que os tornava indolentes ou ladrões.

Discutindo acerca destas astúcias cotidianas dos brasileiros no século XIX percebidas a contrapelo no olhar dos viajantes estrangeiros, Barreiro nos fornece um relato do francês Saint-Hilaire acerca do furto de animais no Brasil:

Saint-Hilaire narra a sagacidade de um mulato, que, na região de Taubaté, em aliança com o caixeiro de uma venda, roubou o burro de uma comitiva de viajantes. O animal roubado fora escondido no pasto do próprio vendeiro. Enquanto isso, o mesmo mulato praticante do furto, dizendo-se sabedor do paradeiro do animal, procurava extorquir da vítima a quantia de dois mil réis com a promessa de conduzi-lo até o local em que encontrava o produto do roubo.²⁴⁶

Logicamente o mulato autor do crime sabia da importância do burro furtado para a comitiva de viajantes, e desta maneira, em vez de cometer um assalto a tais viajantes, correndo o risco de alguma reação, o mesmo preferiu “sequestrar” o animal tão valioso à comitiva. Ao que parece tal prática astuciosa era bastante corriqueira em diversos pontos do Brasil e não somente nas regiões próximas a São Paulo, tendo em vista que outros viajantes fazem relatos acerca de tais furtos.

Gardner teve constantes problemas em sua jornada pelo interior do norte do Império devido a tais furtos e pedidos de resgate, tendo em vista que os animais eram importantíssimos para a missão do naturalista no Brasil. Havia a necessidade de cavalos e mulas para servir como seu meio de transporte, aliás, únicos existentes para longas jornadas pelo interior, bem como para transporte da imensa carga de espécimes vegetais e animais, além dos fósseis que Gardner coletava com o objetivo de enviar à Inglaterra.

Após descrever um destes episódios de furto ocorrido em Icó, o escocês tentou explicar a seus leitores compatriotas como agiam os que praticavam tais ações:

Freqüentemente um animal é levado por alguém que deseja fazer uma curta viagem, reaparecendo um ou dois dias depois no lugar donde foi tirado. Outras vezes são levados e escondidos por uns poucos dias, para quando achados, renderem uma gratificação; e, ainda que certo deste embuste, nunca recusei pagar o preço, para evitar coisa pior.²⁴⁷

Se por um lado Gardner mostrava-se deveras ciente dos procedimentos que seguiam os ladrões de animais, tendo inclusive precauções em sempre entrar no jogo dos que solicitavam o resgate pela posse furtada, temendo inclusive que caso contrário algo fosse feito

²⁴⁶ BARREIRO, José Carlos. Op. cit. p. 28.

²⁴⁷ GARDNER, George. Op. cit. pp. 88.

contra sua integridade física, para Koster pareceu ser de mais difícil compreensão tal prática. Assim se expressou este inglês:

Admirou-me o número de ladrões de cavalos num país onde esses animais são tão abundantes. È quase a única espécie de latrocínio para cuja execução firmaram bandos regulares, mas esses homens, quando tem oportunidade, roubam bois e vacas.²⁴⁸

A admiração de Henry Koster se dava por este compreender que furtos só poderiam ser explicados pela carestia de determinado gênero, isto é, se o Brasil abundava em cavalos, bois e vacas, como sugere o inglês, os roubos e latrocínios provocados com o fim de obterem-se tais animais tornavam-se espantosos ante o repertório de práticas e concepções culturais deste estrangeiro.

Toda esta discussão volta constantemente à idealização de uma moral universalista intentada por estes viajantes, crimes contra a propriedade eram inaceitáveis ante uma ética moral burguesa, sendo papel dos poderes públicos a repressão de tais atividades. Mas como compreender esta moral? Inicialmente faz-se necessário uma rápida conceituação de moral emprestada de Agnes Heller:

*La moral es la relación entre el comportamiento particular y la decisión particular, por un lado, y las exigencias genérico-sociales por outro. Dado que esta relación caracteriza cada esfera humana de la realidad, la moral puede estar presente en cada relación humana (...) Tal diversidad se expresa entre otras cosas, em los conflictos morales.*²⁴⁹

Posto desta forma, a moral é compreendida por nós como fruto de uma constituição histórica e cultural, entretanto, tal não era o pensamento que enraizou-se nos redutos intelectuais europeus e norte-americanos no século XIX. O ideal que se fez de moral em tais locais foi a de culturas superiores, as quais possuíam valores morais também superiores, restando aos outros adaptarem-se com a moral idealizada. Porém, como afirma Heller a diversidade pela qual se constitui a moral propicia a formação de uma série de conflitos morais.

Este aspecto do conflito moral é justamente que faz com que determinados elementos culturais como cruzeiros postas nas margens das estradas, que para os habitantes do

²⁴⁸ KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Op. cit. (Vol. 1 – 2003). p. 291.

²⁴⁹ HELLER, Agnes. *Sociología de la vida cotidiana*. 3 ed. Barcelona: Edicions 62 s/a, 1991. pp. 132-133. “A moral é a relação entre o comportamento particular e a decisão particular, por um lado, e as exigências genérico-sociais por outro. Dado que esta relação caracteriza cada esfera humana da realidade, a moral pode estar presente em cada relação humana (...) Tal diversidade se expressa entre outras coisas, nos conflitos morais”. (Tradução Livre).

Brasil trazia representações de rememoração e de relacionamento com a morte e auxílio no caminho dos mortos, compreendia para estes estrangeiros uma percepção totalmente outra. Percepção esta que denunciava os violentos costumes locais e o medo que tais símbolos inspiravam a estes estrangeiros:

Durante a jornada desse dia vimos quatro ou cinco cruzeiros, toscamente construídas, eretas à margem da estrada. Marcavam os lugares onde assassinatos foram cometidos.²⁵⁰

A presença de uma cruz à beira da estrada, no Brasil, faz sempre supor que naquele lugar ou em suas proximidades se tenha dado um assassinio, pensamento esse que de forma alguma inspira reflexões agradáveis, principalmente a um viajante indefeso, em meio de uma floresta escura e isolada, onde freqüentemente se encontram tais cruzeiros.²⁵¹

Este aspecto da moral é ponto de importante função em tal análise, na medida em que não podemos deixar de lado o *ethos* protestante presente nos escritos destes estrangeiros. A moral protestante prima por uma série de regras de comportamentos, em que as prescrições do meio social devem alcançar os comportamentos particulares.

Weber em seu clássico “*A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*”²⁵² analisou o aspecto do ascetismo mundano tão prezado e reivindicado por parte de diversos agrupamentos protestantes. Tal preocupação protestante configurava-se como uma busca exacerbada daquilo que Elias denominou de privatização dos modos, ou fortalecimento do recato, existente nos processos civilizadores.

A tendência do processo civilizador a tornar mais íntimas todas as funções corporais, a encerrá-las em enclaves particulares, a colocá-las “atrás de portas fechadas” (...) com o avanço da civilização a vida dos seres humanos fica cada vez mais dividida entre uma esfera íntima e uma pública.²⁵³

Tal tendência de “*coerção interna*” empreendida por cada sujeito, não poderia ser efetiva se contasse apenas com a boa vontade dos membros individuais da sociedade, por esta razão fazia-se necessário a constituição de um elemento que representasse simbolicamente a efetivação das regras práticas de obediência, tal elemento era o Estado.

Aqui retornamos à discussão acerca do Estado, porém agora coadunando com a percepção protestante de mundo. Para a maioria dos agrupamentos protestantes o Estado

²⁵⁰ KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Op. cit. (Vol. 1 – 2003). p. 90.

²⁵¹ KIDDER, Daniel P. Op. cit. (2001). p. 239.

²⁵² WEBER, Max. Op. cit. (2001).

²⁵³ ELIAS, Norbert. Op. cit. (Vol. 1- 1994). p. 188.

postava-se como algo benéfico para a sociedade, contanto que este não interferisse diretamente nos aspectos religiosos, que ficaria a cargo das comunidades eclesiais.

Dito de uma maneira mais simples: diversos protestantismos pregavam que o Estado deveria ser responsável pelo cuidado dos assuntos seculares, civis e econômicos, enquanto a igreja seria responsável pelas questões espirituais, se o Estado cumprisse sua função de não interferência direta na igreja, os membros desta deveriam obediência àquele.

Weber assim se expressa com relação a este assunto:

Normalmente, o protestantismo, porém, legitimou de forma absoluta o Estado como instituição divina e daí a violência como meio. O protestantismo legitimou especialmente o Estado autoritário. Lutero isentou o indivíduo da responsabilidade ética pela guerra e transferiu-a para as autoridades. Obedecer às autoridades em assuntos fora da fé jamais poderia constituir culpa.²⁵⁴

Talvez este seja um aspecto imprescindível para nossa compreensão acerca do espanto a que foi submetido o olhar destes estrangeiros com relação à violência no Brasil. Pois, a partir de uma idéia de um Estado que é legitimado de forma absoluta através da obediência de sua população, a contrapartida seria a de um Estado ativo, eficiente e respeitado pela população que representava.

Entretanto, a “*zona de contato*” reservou uma outra feição do Estado, tanto na sua ação, como na representação que o mesmo possuía ante os diversos segmentos sociais que viviam no Brasil durante os diversos momentos do século XIX. Uma feição que se revestiu para estes estrangeiros protestantes com ares muitas vezes de inferioridade, ou quando percebiam que alguns “*espíritos iluminados*” no Brasil buscavam moldar uma nova estrutura estatal a partir dos modelos europeus ou norte-americanos elogiavam como a sujeitos que buscavam a civilização deste lugar chamado Brasil.

Desta maneira, as ações representativas a estes estrangeiros denominadas de violência, tinham para os mesmos uma explicação que se voltava geralmente para o estado de civilização dos habitantes do Brasil, civilização esta que como já pudemos discutir nos tópicos anteriores se relacionava diretamente a aspectos morais modelares, à economia, à religião, às práticas cotidianas.

Porém, o que tais sujeitos não conseguiram compreender foi a amplitude e complexidade das práticas culturais que os cercaram ante os outros. De determinada maneira Koster, Kidder, Gardner, Lacey e Mary Wardlaw puseram suas observações naquilo que

²⁵⁴ WEBER, Max. Op. cit. (1979). p. 148.

Todorov denominou de “*Plano Praxiológico*”²⁵⁵, isto é, impuseram ao outro sua própria imagem, tentaram assimilar e compreender aquilo que lhes era estranho a partir daquilo que compreendiam como coerente à suas próprias culturas.

As vinganças, os assassinatos, os furtos de cavalos, os latrocínios, os homens armados com suas facas de pontas prontas para serem usadas, devem ser entendidos como uma série de elementos constituintes de repertórios culturais que objetivavam uma espécie de ordenação social cotidiana. Não se pode explicar tal contexto cultural como fruto da barbárie da população, ou sua moral reprovável, ou ignorância, miséria e indolência dos sujeitos que praticavam tais ações.

Muito mais que isto o Brasil do século XIX, e principalmente o que se convencionou de sertão, possuía uma outra lógica da existente nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha do mesmo período, uma lógica que a partir de algumas práticas consideradas violentas buscavam imprimir aos membros da sociedade uma espécie de senso de justiça, uma preservação de determinada tradição social, que possuía outros elementos além do sangue, tais como solidariedade familiar, busca pela sobrevivência, defesa da honra.

Devemos ter em consideração os direcionamentos a que foram levados os olhares destes estrangeiros protestantes anglo-saxões com relação às suas experiências no Brasil sem perdermos de vista toda esta carga cultural constituída historicamente entre estes sujeitos. Não obstante, podemos também concordar com a seguinte afirmação de Vieira Júnior: “*O debate europeu e americano, entre os burgueses ilustrados e vitorianos, estava longe de alcançar as práticas cotidianas inerentes à família cearense*”²⁵⁶, quiçá às de todo o Brasil.

Este debate comentado por Vieira Júnior partia muitas das vezes dos escritos de viagem, na medida em que tais relatos almejavam dar a seus leitores uma visão fidedigna da realidade dos locais visitados, constituindo discursos acerca de um “outro” que necessitava enquadrar-se aos padrões da civilização moderna, dentre os quais destacava-se a necessidade premente do controle das pulsões dos indivíduos como pré-requisito ao alcance de tal status, que segundo muitos teóricos setecentistas e oitocentistas de nações europeias e dos Estados Unidos já havia sido efetivado justamente em seus solos pátrios.

²⁵⁵ TODOROV, Tzvetan. Op. cit. (2003). p. 269.

²⁵⁶ VIEIRA JÚNIOR, Antonio Otaviano. Op. cit. p. 31.

Capítulo 2

“Tornei-me íntimo para com o meu amigo major. (...) Surpreendeu-o saber que tínhamos igrejas na Inglaterra, das quais nunca ouvira falar. Declarou que não mais acreditaria que os ingleses fossem pagãos. Eu lhe disse que um dos pontos que diferenciava minha religião da sua é que nós não somos obrigados a confessar-nos”.

(Henry Koster)

***“Mostrarei a Minha Fé Pelas
Minhas Obras”***

CAPÍTULO 2:

“MOSTRAREI A MINHA FÉ PELAS MINHAS OBRAS”

Um dos principais elos dentre os diversos protestantismos surgidos após o movimento do século XVI denominado Reforma Protestante foi a doutrina da justificação pela fé, isto é, a salvação das condenações eternas reservadas ao homem devido à sua natureza pecadora só poderia ser revertida mediante a fé em Jesus Cristo, o qual através do seu sacrifício vicário dava a oportunidade à humanidade de se redimir ante Deus. Porém isto não poderia ser alcançado através das boas obras dos homens, mas tão somente pela graça divina.

Assim, independente da vertente protestante, um dos aspectos fundamentais de seus ensinamentos era que:

Os homens não se podem justificar perante Deus pelos seus próprios poderes, méritos ou obras, mas estão livremente justificados, para a causa de Cristo, por meio da fé, quando crêem que são recebidos em favor e seus pecados perdoados, por amor de Cristo, que por Sua morte resgatou nossos pecados.²⁵⁷

Tal doutrina visava bater de frente com a vertente que afirmava que o homem poderia alcançar sua salvação de maneira meritória, isto é, a partir da prática de boas obras. Entretanto, as boas obras não foram extirpadas do meio das doutrinas protestantes, sendo até mesmo ponto de polêmicas teológicas tendo em vista a aparente contradição existente entre as passagens bíblicas de Paulo que afirmava a salvação ser fruto da fé não tendo relação com as boas obras e as da Epístola de Tiago que dizia que a fé sem obras deveria ser considerada sem valor:

Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus. Não vem das obras, para que ninguém se glorie.²⁵⁸

Assim também a fé, se não tiver as obras, é morta em si mesma.²⁵⁹

²⁵⁷ DUNSTAN, J. Leslie. *Protestantismo*. Tradução de George Braziller. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1964. p. 57.

²⁵⁸ Epístola de São Paulo aos Efésios, Capítulo 2 versículos 8-9. Tradução Revista e Atualizada de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. p. 248.

²⁵⁹ Epístola de São Tiago, Capítulo 2 versículo 17. Bíblia Sagrada. Tradução Revista e Atualizada de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. p. 295. Notável foi o fato de Martinho Lutero haver visto a epístola de Tiago com certa resistência justamente por tal escrito trazer um entrave a idéia da justificação tão somente pela fé.

Tal questão foi resolvida pelos protestantes da seguinte maneira: a salvação adviria pela graça divina, porém isto não excluiria da conduta cristã a prática de boas obras, já que “*as boas obras não fazem um homem bom, mas um homem bom faz boas obras*”²⁶⁰, isto é, a feição de boas obras seria uma consequência natural da salvação alcançada pelo homem que externalizaria tal estado de graça divina através de sua conduta.

Para podermos ter uma pequena noção do que isto significava citaremos um breve trecho da profissão de fé de quatro conversos ao protestantismo na Igreja Presbiteriana de Fortaleza sob a direção do Reverendo De Lacey Wardlaw em uma celebração religiosa do dia 27 de fevereiro de 1887:

Pastor – Prometteis vós que, como membros da Igreja de nosso Senhor Jesus Christo, sereis obedientes às leis estabelecidas no Evangelho para governa-la; procurareis fazer bem a vossos irmãos, e dar bom exemplo aos incrédulos, afim de que o nome de Jesus seja glorificado pelas vossas boas obras?
Resposta – Prometto.²⁶¹

Desta forma, as obras, ou seja, o modo de vida, dos que se denominavam protestantes, necessariamente deveriam condizer com uma série de percepções acerca da realidade. Em nações cujo movimento reformador conseguiu prosperar este modo de vida protestante fundiu-se às práticas tornando-se algo intrínseco aos repertórios culturais dos sujeitos destas territorialidades, trazendo conotações diferenciadas, se comparadas a outros espaços do globo, com relação a conceitos e práticas tais como: trabalho, ócio, progresso, liberdade.

Partindo de tal enfoque este segundo capítulo tem por objetivo analisar como as práticas cotidianas em território estrangeiro por parte dos sujeitos protestantes trabalhados nesta dissertação (Koster, Kidder, Gardner e o casal Wardlaw) denotaram visões de mundo com raízes protestantes. Ou seja, o centro de discussão neste capítulo são algumas das vivências destes estrangeiros no Brasil, suas motivações e suas conclusões acerca de suas próprias atividades.

Em que medida os Britânicos Henry Koster e George Gardner e os estadunidenses Daniel Kidder, De Lacey e Mary Wardlaw nos dão a entender a partir de suas práticas que suas posturas remontam ao que Mendonça denomina de protestante, isto é,

²⁶⁰ DUNSTAN, J. Leslie. Op. cit. p. 35.

²⁶¹ Jornal ‘Libertador’. Fortaleza, 05 de março de 1887. Seção ‘Tribuna do Povo’. Coluna ‘Notas Religiosas’ de autoria do reverendo De Lacey Wardlaw.

o homem que se sente liberto por Cristo, segue exclusivamente a Bíblia “como única regra de fé e prática”, cultiva uma ética racional de desempenho para contribuir para a glória de Deus e vive moralmente segundo os “10 mandamentos” e os padrões da moral burguesa vitoriana.

(...)

A preguiça, a ociosidade e a falta de objetividade na vida, assim como desregramentos sexuais e desorganização familiar, eram pecados graves para os vitorianos.²⁶²

Devemos salientar que na medida em que abordamos como fontes os próprios relatos destes estrangeiros é nossa tarefa não tomarmos tais relatos como reflexo da realidade como já deixamos claro em nossa introdução, mas sim como representações mediadas culturalmente pela escrita de tais sujeitos.

Já explicitamos que três dos cinco estrangeiros que trabalhamos deixavam claro em seus escritos seu interesse em serem vistos como “diferentes”, isto é, protestantes, pois eram missionários (Daniel Kidder e o casal Wardlaw); entretanto Henry Koster e George Gardner, apesar de protestantes, não tinham como preocupação primordial o mostrar-se protestantes, tanto para os brasileiros como para seus compatriotas. Assim, nosso esforço será o de perceber, nas entrelinhas dos discursos, a partir das práticas, o protestante existente em cada um destes sujeitos.

Assim sendo, elegemos as temáticas liberdade, trabalho e letramento como elementos chave para esta discussão. Para a ideia de trabalho, partimos do conceito de vocação inaugurado por Lutero, que seria “*a valorização do cumprimento do dever nos afazeres seculares como a mais alta forma que a atividade ética do indivíduo pudesse assumir*”²⁶³. Max Weber afirma que tal ideia migraria para os diferenciados ramos do protestantismo abordando o ideal de trabalho, visto que a vocação dada por Deus aos homens passou a ser considerada as atividades seculares laboriosas dos fiéis, e assim

O trabalho fiel, mesmo com baixos salários por parte daqueles cuja vida não lhe ofereça outras oportunidades, é algo sumamente agradável a Deus (...) a sanção psicológica pelo conceito de trabalho como vocação, o melhor meio e, muitas vezes o único, de obter a certeza da graça.²⁶⁴

O protestantismo ampliou e renovou a conceituação de trabalho, em que não tratava-se da simples noção de valorização deste, mas para além disso, vinha a ser a visão de que o trabalho era uma virtude dada por Deus aos homens, os quais, por sua vez, deveriam

²⁶² MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas*. In: Revista USP, Dossiê 67 (set-out-nov) pp. 48-67, 2005. p. 51.

²⁶³ WEBER, Max. Op. cit. (2002). p. 65

²⁶⁴ Ibidem. p. 129.

retribuir dando o melhor de si em suas atividades produtivas, empregando o resultado de seu labor em empreendimentos construtivos para sua espiritualidade.

Com forte auxílio das morais protestantes, tanto na Grã-Bretanha, quanto nos Estados Unidos houve a construção de uma educação econômica voltada para “*A habilidade de concentração mental (...), um frio autocontrole e frugalidade que aumentam enormemente o desempenho*”²⁶⁵. E com o advento da indústria no século XVIII teremos concomitante a isto, o aumento no rigor da supervisão sobre os operários das fábricas e mudanças nos métodos de comercialização. Vemos então uma reciprocidade na relação do disciplinamento entre indústria e a valorização protestante do trabalho e não a formação de um aspecto por consequência do outro.

Thompson nos oferece uma boa ideia do ocorrido na Inglaterra em fins do século XVIII início do XIX ao fazer a relação entre a industrialização e o metodismo:

As pressões em favor da disciplina e da ordem partiam das fábricas, por um lado, e das escolas dominicais, por outro, estendendo-se a todos os demais aspectos da vida: o lazer, as relações pessoais, a conversação e a conduta. Juntamente com os instrumentos disciplinares das fábricas, das igrejas, das escolas, dos magistrados e dos militares, havia outros meios semi-oficiais para se impor um comportamento moralizado e disciplinado.²⁶⁶

Trabalho: esta era a palavra abençoada. O homem cristão protestante tinha por dever a dedicação ao trabalho, na medida em que a ociosidade era sinônimo de vagabundagem e fruto de uma vida voltada aos prazeres mundanos.

Weber já deixou claro como a perspectiva acerca do trabalho pode servir como uma via de mão dupla ao *ethos* protestante e aos padrões morais burgueses, desta maneira nosso intuito não será o de apenas expor as concepções que estes estrangeiros tinham acerca do trabalho, mas ir além disto, isto é, buscar perceber esta ética do elogio ao trabalho e da condenação ao ócio a partir das práticas destes estrangeiros protestantes, tomando por base suas rotinas cotidianas.

Não obstante, antes de adentrarmos na discussão acerca do trabalho, cremos ser importante darmos uma pausa e refletirmos acerca de outro elemento chave da ética protestante, a noção de liberdade para estes anglo-saxões, e que, como discutiremos, coadunar-se-ia às concepções de propriedade e trabalho.

²⁶⁵ Ibidem. p. 53.

²⁶⁶ THOMPSON, E. P. A formação da classe operária inglesa, volume II: A maldição de Adão. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 292.

A perspectiva acerca da liberdade se mostrou deveras recorrente nos escritos de Koster, Kidder, Gardner e Wardlaw, assemelhando-se diversas vezes às concepções de liberdade iluministas e isto se torna compreensível levando em conta que

Hegel vê na Reforma [Protestante] a precursora do espírito do Iluminismo e do espírito de sua própria filosofia. Não é por acidente que ele a compara ao sol que tudo ilumina e a contrapõe às trevas medievais. Na verdade, a confiança dos filósofos do Iluminismo na racionalidade dos homens (...) parece ser uma versão secularizada da doutrina do sacerdócio universal dos crentes.²⁶⁷

Dito isto, cremos ser bastante pertinente neste momento esmiuçarmos a citação que dá nome ao presente capítulo que remete ao livro bíblico de Tiago, o qual sugere a fé sendo mostrada pelas ações.

2.1. : As liberdades protestantes:

Enquanto o mundo civilizado contempla admirado o espetáculo sem paralelo na historia, de um povo que sem derramar uma gota de sangue esmigalha de uma só vez e para sempre o jugo da escravidão, emancipando milhões dos seus semelhantes por meio d'um nós queremos e está feito; e em seguida despedaçando o jugo monarchista sem sequer sacrificar uma só vida, levanta-se livre e independente; a nação (...), caminha, a passos largos, o progresso, esse filho da liberdade – a liberdade política – que dá (...) o direito de se governar a si mesmo – a liberdade religiosa – que garante ao individuo o pleno direito de seguir conscienciosamente as suas convicções religiosas.

O que em outras nações custou longos annos de guerra – guerras sanguinárias que deixaram o solo pátrio ensopado com o sangue de seus próprios filhos, empobrecendo o povo, e sobrecarregando os thesouros nacionaes com dividas immensas – aqui se obteve em poucas horas, sem sacrificio algum!

Bem pode o povo prorromper n'um grande

VIVA A LIBERDADE !!!²⁶⁸

República e Abolicionismo, conceitos propugnados pelos ideais liberais esclarecidos desde meados dos séculos XVII e XVIII na Europa e Estados Unidos, mas que tomaram forma no Brasil em fins do século XIX, com estas palavras, como vestígios de progresso e civilização, o missionário presbiteriano De Lacey Wardlaw fazia uma espécie de elogio à Proclamação da República e à abolição da escravatura no Brasil.

²⁶⁷ ALVES, Rubem. *Religião e Repressão*. São Paulo: Edições Loyola, 2005. p. 51.

²⁶⁸ Jornal 'Libertador'. Fortaleza, 06 de dezembro de 1890. Seção 'Tribuna do Povo'. Coluna 'Notas Religiosas' de autoria do reverendo De Lacey Wardlaw. Tal trecho foi retirado por De Lacey Wardlaw do periódico "Imprensa Evangélica" de São Paulo, utilizamos aqui como palavras de Wardlaw na medida em que o mesmo toma para si tal discurso concordando plenamente com o mesmo.

Notável é o vigor e a recorrência de uma idéia que norteava o discurso deste Reverendo estadunidense, que era a ideia de liberdade, soando no escrito de Wardlaw palavras que remetem a tal conceito, tais como, “*emancipando*”, “*despedaçando o jugo*”, “*levanta-se livre*”, “*filho da liberdade*”, “*liberdade política*”, “*liberdade religiosa*”, encerrando com ênfase e letras garrafais em um “*VIVA A LIBERDADE*”, que nos faz lembrar os brados revolucionários de ‘*vive la liberté*’ da França do fim do século XVIII.

A proclamação da República no Brasil repercutiu de maneira extremamente positiva ante as lideranças das igrejas protestantes no Brasil. Isto por alguns motivos em especial: com a República o Estado brasileiro se tornou laico desligando-se da Igreja Católica Romana e a legislação republicana deu maior liberdade de culto a outros credos não católicos.

Além disso, ao findar do século XIX grande parte dos líderes protestantes no Brasil, como no caso de Lacey Wardlaw, eram naturais dos Estados Unidos nação que trazia, ante a doutrina do Destino Manifesto, o baluarte da República, da democracia, da liberdade e do protestantismo na América.

Tais aspectos constituíam apenas um traço de um dos grandes elementos pelos quais os WASP distinguiam-se dos habitantes de outras nações que era a ideia de liberdade. Ora, a mudança política de uma nação antes monárquica com uma religião postulada legalmente como oficial, para uma República laica surgiu diante dos olhos de muitos destes estrangeiros como um sinal da tão desejada liberdade política e liberdade religiosa ao Brasil.

Mas não foi apenas no momento da proclamação da República que se fizeram presentes nos discursos de estrangeiros anglo-saxões estes ideais que deixavam transparecer tais liberdades protestantes, outros viajantes do período imperial (Kidder e Gardner) e até mesmo do período Joanino (Henry Koster), desenvolveram através de seus escritos e práticas cotidianas concepções acerca de tais liberdades, na medida em que expressavam opiniões acerca da vivência em uma realidade outra com organizações políticas e sociais distintas. Daí a recorrência ao tema da liberdade por parte destes estrangeiros com relação à política, à escravidão e à religião.

A proposta aqui se volta para uma percepção desta configuração que envolvia aspectos da cultura brasileira, mas que estes estrangeiros, mesmo de passagem pelo Brasil, envolviam-se de maneira ativa, já que parte de seus repertórios culturais coadunavam-se com projetos universalistas protestantes.

Podemos considerar a efetivação do projeto missionário protestante norte-americano visando o proselitismo de brasileiros bem como a fundação de igrejas protestantes no Brasil a partir da articulação de dois comitês missionários presbiterianos organizados nos

Estados Unidos ²⁶⁹: a Missão do Norte sediada em Nova York e a Missão do Sul sediada em Nashville, as quais em 1859 enviaram Ashbel Green Simonton ²⁷⁰ ao Rio de Janeiro com os objetivos acima mencionados. Em seguida a missão se estendeu para o interior das Províncias do Rio de Janeiro e São Paulo seguindo a trilha do café.

Apenas na década de 1870 o protestantismo de missão estabeleceu suas raízes no norte do Brasil, tendo por base principal a cidade de Recife, tendo como líder o Reverendo John Rockwell Smith. Recife passou a ser a cidade que recebia os missionários encarregados de fundarem comunidades protestantes em outros pontos do norte do Império. Antes de chegarem à cidade de Fortaleza o Reverendo De Lacey Wardlaw e sua esposa Mary Hoge Wardlaw, encarregados da formação da Igreja Presbiteriana de Fortaleza e de sua tutela por cerca de quinze anos, residiram por dois anos em Recife.

No entanto, da mesma forma que sua antiga Metrópole, o Brasil imperial estabeleceu uma forte ligação com a Igreja Católica Romana, até mesmo porque a igreja era um dos grandes sustentáculos do Império devido o seu poder de intervenção sobre a população. Assim como em Portugal, as relações entre igreja e Estado se davam por meio do padroado, ou seja, competia ao governo brasileiro indicar as pessoas que ocupariam os principais cargos eclesiásticos, os quais o Papa poderia aceitar ou rejeitar, sem, contudo, poder nomeá-los diretamente.

Em consequência, o clero recebia salário do Estado, equiparando-se ao funcionalismo público. Devido a isto, a prerrogativa utilizada para estabelecer uma religião oficial do Estado foi que a grande maioria da população do império a professava. Além disto, a Constituição só permitia deputados e imperadores que professassem a fé Católica Romana, pois os mesmos teriam que jurar manter tal religião.

O artigo 5º da Constituição do Império, corroborado pelo artigo 179§5º, abriu a liberdade a outros cultos, além de assegurar que os mesmos não poderiam ser perseguidos contanto que respeitassem a religião do Estado e que não ofendessem a moral pública. Entretanto não há evidências do que seria não respeitar a religião do Estado, e isto torna-se algo bem mais complexo principalmente se estamos falando de protestantismo, pois devemos levar em consideração o grande conflito ideológico existente entre catolicismo e protestantismo.

²⁶⁹ No Brasil atuaram dois grupos missionários presbiterianos estadunidenses, o primeiro do norte dos Estados Unidos: Missionários da Igreja Presbiteriana do Norte dos Estados Unidos (PCUSA), que formavam a '*Junta de Nova York*' e estabeleceram a '*Missão do Brasil*'; o segundo do sul dos Estados Unidos: Missionários da Igreja Presbiteriana do Sul dos Estados Unidos (PCUS), que formavam o '*Comitê de Nashville*' e estabeleceram a '*Missão no Brasil*'.

²⁷⁰ MENDES, Marcel (org.). Op. cit. pp. 59- 60.

A legislação imperial também impunha várias outras objeções aos grupos acatólicos (judeus e protestantes), como o casamento. Durante grande parte do período imperial, o casamento só era reconhecido se o mesmo houvesse sido realizado por sacerdotes da Igreja do Estado, caso fosse feito de outra maneira, por um ministro protestante, por exemplo, não teria validade alguma perante a lei.

Além disso, era impedido o sepultamento de protestantes em cemitérios controlados por irmandades católicas e até mesmo em alguns cemitérios municipais sob o argumento de que a terra, abençoada por párocos locais, era sagrada e que o sepultamento de acatólicos em tal solo seria uma profanação a tal espaço sagrado²⁷¹.

Contudo a legislação brasileira, paulatinamente, começou a mudar. Nos anos finais do Império e principalmente com a legislação republicana pôde-se vislumbrar uma maior liberdade de culto a outros credos se comparada com a Constituição de 1824; na medida em que essas novas legislações retiravam o monopólio católico sob os ritos de vida e morte (nascimentos, casamentos e sepultamentos). Poucos meses após a proclamação da República, em janeiro de 1890, o Decreto nº 119-A estabelecia dentre outros pontos:

Art. 2º A todas as confissões religiosas pertence por igual a faculdade de exercerem o seu culto, regerem-se segundo a sua fé e não serem contrariadas nos actos particulares ou publicos, que interessem o exercicio deste decreto.

Art. 3º A liberdade aqui instituida abrange não só os individuos nos actos individuaes, sinão tabem as igrejas, associações e institutos em que se acharem agremiados; cabendo a todos o pleno direito de se constituirem e viverem collectivamente, segundo o seu credo e a sua disciplina, sem intervenção do poder publico.

Art. 4º Fica extinto o padroado com todas as suas instituições, recursos e prerrogativas.²⁷²

Como assinalado no início desta discussão, a efetivação do regime republicano no Brasil, trouxe consigo grande satisfação por parte de várias lideranças protestantes, levando-se em consideração que tal fato possuía um peso deveras simbólico para estes missionários estadunidenses, isto porque para grande parte destes a República liberal norte-americana, democrática e fonte de bênçãos em sua concepção, era o exemplo do qual todo o mundo deveria seguir e se inspirar.

²⁷¹ Mesmo com o fim da atuação da Santa Inquisição em terras brasileiras desde os Tratados entre Inglaterra e Portugal em 1810, era bastante comum a concepção de que os “luteranos”, que era o modo como o Santo Ofício denominava todos os protestantes, eram hereges e apostatas. Sobre a concepção dada pelas Inquisições aos protestantes ver BETHENCOURT, Francisco. Op. cit. pp. 344-354.

²⁷² Decreto 119-A de 07 de janeiro de 1890. In. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/d119-a.htm.

Na cidade de Fortaleza as matérias publicadas pelo Reverendo presbiteriano De Lacey Wardlaw no periódico ‘*Libertador*’, trouxeram a explanação das ideias acima enumeradas. Logo em 1890, ano que o novo regime político buscava legitimar-se, Wardlaw passou a publicar uma série de escritos que louvavam a República brasileira nascente e combatia as possíveis ameaças advindas do clero católico ao novo regime político brasileiro.

Geralmente as prédicas do reverendo protestante no referido periódico eram sermões que contestavam severamente as doutrinas católicas fazendo uso de textos bíblicos para legitimar-se, além de sugestões de compra de livros e Bíblias para os fiéis terem sua própria interpretação, notícias da expansão do protestantismo no Brasil e em várias partes do mundo, comentários do progresso da missão no Ceará, bem como de convites para cultos protestantes na cidade.

Acreditamos que o jornal ‘*Libertador*’ não teria sido uma escolha aleatória. Além de declarar-se adepto de tendências liberais, o ‘*Libertador*’ não possuía entre seus articulistas membros ou defensores do clero católico, além de, após a Proclamação da República, ter servido como anunciador do Centro Republicano ²⁷³. Ademais, o viés abolicionista de tal periódico, pode ser destacado, trazendo em seu nome e sua proposta justamente o simbolismo tão caro ao ideário da liberdade.

Podemos perceber que os ideais perpetrados por Lacey Wardlaw em suas matérias traziam com recorrência o ideal de liberdade religiosa, pois para este missionário, noções como cidadania, democracia, protestantismo e liberdade não poderiam estar desvinculados. Por esta razão, tal reverendo afirma em sua apologia à República Brasileira citada ao início deste tópico que tal regime trouxe as benesses da “*liberdade religiosa – que garante ao individuo o pleno direito de seguir conscienciosamente as suas convicções religiosas*”²⁷⁴.

Tal perspectiva de uma sociedade que se civilizaria na medida em que conseguisse inserir-se em um contexto de liberdade religiosa, ou liberdade de pensamento, não era particular aos missionários presbiterianos oitocentistas, mas remontava às discussões ilustradas dos séculos XVII e XVIII.

Voltaire, em fins do setecentos, aludia à intolerância religiosa como um sinal da mais desprezível barbárie cuja presença não podia mais ser admitida em pleno “*século das Luzes*”, e que seu inverso, isto é, a plena liberdade religiosa seria positiva até mesmo para o Estado que a soubesse estabelecer:

²⁷³ NOBRE, Geraldo da Silva. *Introdução à História do Jornalismo Cearense* – Edição fac-similar. Fortaleza: NUDOC / Secretaria de Cultura do Estado do Ceará – Arquivo Público do Estado do Ceará, 2006. p. 111.

²⁷⁴ Jornal ‘*Libertador*’. Fortaleza, 06 de dezembro de 1890. Seção ‘*Tribuna do Povo*’. Coluna ‘*Notas Religiosas*’ de autoria do reverendo De Lacey Wardlaw.

Ninguém receia mais na Holanda que as disputas de um Gomar sobre a predestinação levem a decepar a cabeça de um grande. Ninguém teme em Londres que as querelas dos Presbiterianos e dos episcopais por uma liturgia e por uma veste litúrgica derramem o sangue de um rei no cadafalso.²⁷⁵

Lancem os olhos sobre o outro hemisfério. Vejam a Carolina, onde o sábio Locke foi o legislador: bastam sete pais de família para estabelecer um culto público aprovado por lei; essa liberdade não provocou o surgimento de nenhuma desordem.²⁷⁶

Curiosamente, fazendo uma crítica à intolerância religiosa que, segundo Voltaire, ainda se fazia presente nas províncias do interior da França, o *philosophe* ilustrado elencava como modelos de tolerância e liberdade religiosa nações majoritariamente protestantes. Tal posicionamento era semelhante ao do reverendo Wardlaw em fins do oitocentos no Brasil. E neste contexto da pós-proclamação da República brasileira, os embates se acirraram ainda mais, isto porque

Organizava-se em junho de 1890, no Rio de Janeiro, o Partido Católico, que tinha por fim, no dizer do bispo D. Pedro de Lacerda, defender a Igreja, propugnar pelos direitos dos católicos pelos meios lícitos. Em várias cidades cearenses, instalavam-se diretórios do aludido partido, em 1890.²⁷⁷

A formação de tal partido político trouxe de pronto a reação protestante na figura de De Lacey em Fortaleza, através de suas matérias no *'Libertador'*. O Partido do Clero, como Wardlaw passou a denominar essa agremiação, recebeu em seus escritos críticas vorazes no decorrer do ano de 1890. Entretanto o Reverendo presbiteriano não se encontrava só em sua luta contra o Partido Clerical no *'Libertador'*, pois no mesmo periódico constantemente “O Centro Republicano combatia o Partido Católico”²⁷⁸.

A posição de Lacey era claramente republicana, no entanto entendemos que tal posicionamento também se voltava para uma preocupação acerca do futuro da missão e do protestantismo no Brasil no caso de um possível fortalecimento do Partido Católico. Houve uma temeridade quanto à perda de todas de todas as “conquistas” alcançadas com a República, principalmente a liberdade religiosa concedida por um país laico, além do receio de um acirramento nas perseguições religiosas.

²⁷⁵ VOLTAIRE. François-Marie Arouet de. *Tratado sobre a tolerância*. Tradução de Antonio Geraldo da Silva. São Paulo: Editora Escala, S/d. pp. 32-33.

²⁷⁶ Ibidem, p. 36.

²⁷⁷ MONTENEGRO, Abelardo F. *Os partidos políticos do Ceará*. Fortaleza: Edições UFC, 1980. p. 71.

²⁷⁸ Ibidem.

Segundo Montenegro o Partido Católico surgiu “*numa circunstância de atordoamento para a Igreja, desestabilizada nas suas bases institucionais (...) e apelando para as velhas reservas do depósito tradicionalista*”²⁷⁹. Um dos fatores fundamentais da crise foi que, com a proclamação de um Estado Laico por parte do Governo Provisório, “*o Estado não tem obrigação de subsidiar a manutenção da religião católica*”²⁸⁰, impondo um duro golpe a uma instituição que sempre fora mantida, em terras brasileiras, com o auxílio estatal.

Assim, Wardlaw imiscuiu-se em um jogo discursivo, utilizando os mecanismos de poder que estavam em seu alcance, sendo um deles a apropriação de uma retórica apologética à liberdade religiosa e à República. Não negamos o republicanismo de Lacey, contudo tal ideal político era de certa forma deslocado para sua nação de origem, isto é, os Estados Unidos.

O modelo, como já discutimos no capítulo anterior, era a República dos Estados Unidos da América ou, como Lacey a denominava, “*A Grande República*”²⁸¹. República esta que seria abençoada por Deus, nos moldes do Destino Manifesto, justamente por seu protestantismo e seu programa político de separação entre igreja e Estado, isto é, o oposto do que fora o Brasil por longos anos.

Ao exprimir sua opinião acerca da Igreja Católica no Brasil afirmando que “*A antiga Igreja do Estado nos legou a ignorância, uma pessoa de dez sabe ler e escrever. A antiga Igreja do Estado deixou o povo sem moralidade*”²⁸², Wardlaw desvelava ante seus leitores uma dicotomia, segundo a qual:

O protestantismo se entende como o espírito da liberdade, da democracia, da modernidade e do progresso. O catolicismo, por oposição, é o espírito que teme a liberdade e que, como consequência, se inclina sempre para soluções totalitárias e se opõem à modernidade.²⁸³

Desta maneira, Wardlaw tentava convencer seus interlocutores de que o Partido Clerical não era em hipótese alguma o ideal para um Brasil Republicano, pois para este missionário República e catolicismo seria uma combinação desastrosa para a liberdade, democracia, modernidade e progresso. Para isso Lacey fazia uso de alguns argumentos, o

²⁷⁹ MONTENEGRO, João Alfredo de Sousa. *O Trono e o Altar: as vicissitudes do tradicionalismo no Ceará (1817-1978)*. Fortaleza: BNB, 1992. p. 109.

²⁸⁰ PINHEIRO, Francisco José. *O processo de romanização do Ceará*. In: SOUSA, Simone (Org.). *História do Ceará*. 4 ed. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1995. p. 204.

²⁸¹ Jornal ‘Libertador’. Fortaleza, 03 de maio de 1890. Seção ‘*Tribuna do Povo*’. Coluna ‘*Notas Religiosas*’ de autoria do reverendo De Lacey Wardlaw.

²⁸² Ibidem, 10 de maio de 1890.

²⁸³ ALVES, Rubem. *Dogmatismo & Tolerância*. São Paulo: Edições Loyola, 2004. p. 86.

primeiro deles era a possível ligação do Partido Clerical com ideais monarquistas. A relação entre a Princesa Isabel e a Igreja Católica era apontada como um dos indícios do movimento antirrepublicano: “*não nos esquecemos que o clero alto foi que mais adulou a monarchia*”²⁸⁴.

Um segundo argumento de crítica ao Partido Clerical era que este traria o fim da liberdade de pensamento e crença aos brasileiros que fora conquistada com a República:

A Igreja de Roma é intolerante; aonde tem o poder não tolera a liberdade de pensamento, opinião, palavra, etc. (...) Porém as cousas mudarão em Brazil, a República veio; os sábios homens que foram chamados ao governo sabiam que n'uma República não podia haver classe privilegiada e por isso separarão a Igreja e o Estado.²⁸⁵

Em contrapartida ao discurso de Wardlaw, poderíamos apresentar o de Daniel Kidder acerca da tolerância religiosa no Brasil de meados da década de 1830, para este outro reverendo protestante o Brasil seria o país católico em que mais haveria “*tolerância ou a liberalidade de sentimentos para com os protestantes*”²⁸⁶.

Porém, o mesmo Kidder, que no primeiro volume de sua obra contendo as observações acerca de suas viagens pelas províncias do Rio de Janeiro e São Paulo destacaria a tolerância no Brasil no trecho acima citado, já no fim do segundo volume de sua obra, construiria uma visão bastante diferenciada acerca desta pretendida tolerância religiosa. No último capítulo de seus apontamentos de viagens Kidder optou por fazer uma espécie de balanço acerca de suas impressões do Brasil, em que discorrendo acerca da imigração europeia católica a este império sul americano comenta que:

Poder-se-ia, naturalmente, supor que o irlandês católico preferisse emigrar para um país católico de preferência a outro que fosse colonizado por protestantes. Entretanto, os fatos não comprovam essa suposição; ao contrário indicam que o imigrante católico encontra maior tolerância entre protestantes (...) Vários planos, oficiais e particulares, foram estabelecidos para favorecer a imigração para o Brasil, mas todos eles serão igualmente mal sucedidos enquanto não existir no país uma perfeita tolerância (...) As camadas mais humildes da sociedade, principalmente os portugueses e seus descendentes, conserva ainda grande soma de preconceitos raciais e intolerância religiosa.²⁸⁷

Notemos que ao elaborar seu pensamento, o reverendo metodista desenvolveu uma análise comparativa tomando a figura dos imigrantes irlandeses como ponto de partida,

²⁸⁴ Jornal ‘Libertador’. Fortaleza, 03 de maio de 1890. Seção ‘Tribuna do Povo’. Coluna ‘Notas Religiosas’ de autoria do reverendo De Lacey Wardlaw.

²⁸⁵ Ibidem, 23 de agosto de 1890.

²⁸⁶ KIDDER, Daniel P. Op. cit. (2001). p. 126.

²⁸⁷ KIDDER, Daniel P. Op. cit. (1980). pp. 264-265.

os quais, segundo Kidder, que não leva em consideração outros aspectos culturais se não a tolerância religiosa, preferiam emigrar aos países protestantes em detrimento dos católicos. Ora Daniel Kidder era natural do estado de Nova York, local que recebeu durante todo o século XIX uma leva maciça de imigrantes irlandeses e italianos, desta maneira os países colonizados por protestantes que Daniel se refere pode ser apontado como a sua terra natal: os Estados Unidos.

Kidder expressava em sua ideias algo semelhante ao que era propugnado nos periódicos norte-americanos por seu contemporâneo John Louis O'Sullivan, colonista e editor, que propugnou o ideal do Destino Manifesto Norte Americano. Para O'Sullivan “*Yes, we are the nation of progress, of individual freedom, of universal enfranchisement... Who, then, can doubt that our country is destined to be the great nation of futurity?*”²⁸⁸.

Protestantismo e Liberdade, duas palavras e visões de mundo que estariam interligadas e inseparáveis na visão de Daniel Kidder e Lacey Wardlaw, este último que em pequena matéria de 12 de julho de 1890, intitulada de “*A Religião Protestante e a Liberdade*”²⁸⁹, chegaria a trazer para seu lado na frente de batalha pela liberdade “*o eminente escriptor francez, De Tocqueville*”, citando um trecho retirado da obra “*A Democracia na América*” em que Alexis de Tocqueville faz um elogio à religião protestante norte-americana.

Devemos levar em consideração os diferentes contextos e atuações da missão metodista de Kidder e da missão presbiteriana de Wardlaw. Na medida em que tendo o primeiro direcionado-se ao Brasil atuando tão somente nas capitais de província, principalmente no Rio de Janeiro, com um trabalho missionário voltado para distribuição de bíblias e por um período de tempo relativamente curto, enquanto a missão de Wardlaw, voltara-se à fixação por período indeterminado e com objetivos mais audaciosos, tais como a implantação de uma igreja protestante cujos membros seriam brasileiros que seriam convertidos a esta fé.

Daí podermos compreender melhor a maior ênfase dada por Lacey Wardlaw acerca da liberdade religiosa, na medida em que o mesmo teve diversos embates com

²⁸⁸ O'SULLIVAN, John L. Apud CATROGA, Fernando. *Nação, Mito e Rito: Religião civil e comemoracionismo (EUA, França e Portugal)*. Fortaleza: Edições NUDOC / Museu do Ceará, 2005. p. 68. “*Sim, somos a nação do progresso, da liberdade individual, da emancipação universal... Quem, então, pode duvidar que o nosso país está destinado a ser a grande nação do futuro?*” (Tradução Livre).

²⁸⁹ Jornal ‘Libertador’. Fortaleza, 12 de julho de 1890. Seção ‘*Tribuna do Povo*’. Coluna ‘*Notas Religiosas*’ de autoria do reverendo De Lacey Wardlaw. Talvez não por coincidência tal matéria foi publicada poucos dias após o tão simbólico 04 de julho para os estadunidenses.

representantes do clero católico durante sua permanência no Ceará ²⁹⁰. Ademais, este período, transição do Império para a República, foi bastante conflituoso, tendo concorrido para isso o fato de que em 15 de setembro ocorreriam as primeiras eleições republicanas para deputados e senadores, e um manifesto já havia sido assinado pelo Barão de Aratanha indicando nomes de representantes do Partido Católico ao eleitorado ²⁹¹.

Esta organização do Partido Católico para as eleições de 1890 era propagada nos periódicos locais, em termos tais como:

Reflitam seriamente sobre o voto e reconhecerão que conferi-lo a um ímpio é como se depositassem nas mãos de um facinora o punhal homicida para transpassar o coração da própria mãe (...) Verão que a única e verdadeira taboa de salvação que se nos apresenta é o Partido Católico. ²⁹²

Desta forma, se por um lado a missão presbiteriana na pessoa do reverendo Wardlaw apregoava que a vitória do Partido Católico nas eleições de 1890 representaria um sério risco à República e à liberdade de pensamento, os partidários de tal agremiação política se viam como a “*única e verdadeira taboa de salvação*”.

Os constructos discursivos de Wardlaw com relação a este embate não ficaram restritos apenas aos habitantes do Ceará, leitores do ‘*Libertador*’, mas suas preocupações com relação ao futuro da missão também foram comunicadas a seus compatriotas (e patrocinadores), que receberam notícias da formação do Partido Católico a partir de cartas enviadas por Lacey ao ‘*The Missionary*’.

Em um artigo intitulado “*Ceara*”, Wardlaw discorre acerca de um periódico católico e sobre o Partido Católico:

There was a small paper here that called itself the Catholic organ. Now a new paper has been started, edited by the priests and under the patronage of the bishop. There is also a clerical party called “O Partido Catholico”. This party is opposed to the adoption of the Constitution, which forbids members of religious orders to vote; clergymen of any denomination to sit in legislative bodies. ²⁹³

²⁹⁰ Para uma análise mais detalhada destes embates entre a missão presbiteriana e grupamentos católicos no Ceará do fim do século XIX Cf. OLIVEIRA, Gledson Ribeiro de. *Sal da Terra: identidade e intolerância de católicos e protestantes no Ceará do século XIX*. Recife Dissertação UFPE, 2001.

²⁹¹ MONTENEGRO, Abelardo F. Op. cit.

²⁹² Jornal ‘A Verdade’, Fortaleza, 01 de novembro de 1890. In. MONTENEGRO, João Alfredo de Sousa. Op. cit.

²⁹³ Jornal ‘*The Missionary*’. A monthly Journal, issued in behalf of The Foreign Missions of the Presbyterian Church in the United States. Edited by the secretaries. Vol. XXIII. Published by Whittet & Shepperson. Richmond: Novembro de 1890, p. 421. (<http://www.archive.org/details/missionary00missgoog>). “*Houve um pequeno jornal aqui que se chamava órgão católico. Agora um novo jornal foi lançado, editado pelos padres e sob o patrocínio do bispo. Há também um partido clerical chamado “O Partido Catholico”. Esse partido se*

Contudo, ao criticar diversas vezes um Partido Político brasileiro e a religião majoritária em um país estrangeiro, Lacey corria o sério risco de cair em desfavor ante seus leitores. Desta forma a retórica deste missionário fazia questão de se impor ao fazer uma espécie de balanço da então situação do Brasil, que se tornara uma espécie de República da Liberdade, e quase que em um ímpeto de patriotismo, inerente aos mais fervorosos republicanos brasileiros, Wardlaw exaltava a nação brasileira:

As industrias desenvolvem-se!
O commercio estende-se!
A immigração augmenta-se!
Que futuro não nos espera?!²⁹⁴

Além do Partido Católico, foi formado no mesmo ano, seguindo o modelo proposto no Rio de Janeiro, o Partido Operário no Ceará. Tendo a sua frente Aderson Ferro e João Duarte. O Partido Operário no Ceará surgiu em um momento em que passaram a circular com maior intensidade no Brasil os ideais de reforma social²⁹⁵.

As ideias do Partido Operário passaram a ser veiculadas constantemente em jornais da cidade de Fortaleza, como no ‘*Cearense*’ pertencente ao grupo político de Rodrigues Júnior, então opositor ao governo provisório que tinha a frente o General Ferraz. Dentre suas propostas de luta estariam as reivindicações: “*pelo estabelecimento da jornada de oito horas, redução das horas de trabalho de mulheres e crianças, democratização do capital e habitação higiênica para os trabalhadores*”²⁹⁶.

Mas não era somente no ‘*Cearense*’ que eram propagadas as ideias do movimento operário do Ceará. Ao mesmo tempo formou-se a Sociedade Beneficente União Operária, dirigida por João Benevides e João da Rocha, que não pretendia ser uma alternativa ao Partido Operário e sim uma extensão deste, pois os próprios dirigentes da União Operária eram participantes do Partido.

Esta União Operária passou a divulgar suas reuniões, além de seu estatuto, no mesmo periódico utilizado por Lacey Wardlaw, o ‘*Libertador*’. Sem perder tempo, o

opõe a adoção da Constituição, a qual proíbe o direito de voto para os membros de ordens religiosas; homens do clero de sentarem em órgãos legislativos”. (Tradução Livre).

²⁹⁴ Jornal ‘*Libertador*’. Fortaleza, 06 de dezembro de 1890. Seção ‘*Tribuna do Povo*’. Coluna ‘*Notas Religiosas*’ de autoria do reverendo De Lacey Wardlaw.

²⁹⁵ GONÇALVES, Adelaide. *Imprensa dos trabalhadores no Ceará: histórias e memórias*. In. SOUSA, Simone de (Org.). *Uma nova história do Ceará*. 3 ed. Revista e Atualizada. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004. pp. 271-280.

²⁹⁶ SOUSA, Simone de. *Da “Revolução de 30” ao Estado Novo*. In. SOUSA, Simone de (Org.). *Uma nova história do Ceará*. 3 ed. Revista e Atualizada. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004. pp. 288-289.

Reverendo norte americano, no mesmo mês em que o Partido Operário foi formado em Fortaleza, passou a discorrer de maneira simpática à organização operária.

Wardlaw demonstrou apoio aos operários, talvez, ao mesmo tempo em que esperava receber uma ação recíproca para consolidação das “conquistas” adquiridas com o advento da República. O pastor estadunidense discorria com o mesmo tom proposto pelos membros do Partido e da Sociedade Operária, isto é, criticando o então estado das coisas, para em seguida propor reformas:

O mal da política aqui tem sido no aniquilamento da vontade do eleitor e o domínio da vontade do chefe ou protector.
Desejamos ver os operários se associando e desmandando que os partidos trabalhem para a classe. O partido há de ser o servo do indivíduo e não o Senhor do eleitor.
Organizem-se os operários; criem escolas nocturnas, sociedades de beneficência, caixas económicas e associações para edificação de casas para os operários conforme o plano de Philadelphia que é conhecido nos Estados Unidos pelo nome de “Citz of Homes” ou Cidade de Lares”.²⁹⁷

Percebe-se aqui a busca por mais um aliado no embate travado com o Partido Católico, mas ressalte-se que o modelo é novamente posto, o “*Plano de Philadelphia*” é colocado como um ideal a ser copiado, ideal forjado na República dos Estados Unidos. Há aqui uma clara ideia de que poderia ser efetivada uma total transmigração para o Brasil de planos modelares com relação à política, economia e aspectos socioculturais.

No entanto, a idealização de Wardlaw, de uma República no Brasil que poderia seguir o exemplo dos Estados Unidos, possibilitada pelo fim da ligação entre Igreja e Estado e consequente liberdade de propagação do protestantismo, estava seriamente ameaçada, caso alcançasse êxito o Partido Clerical no Brasil.

E, desta maneira, Lacey lançaria mão de um outro mecanismo de combate ao Partido Católico. Ao mesmo tempo em que o Reverendo encontrou um modelo de nação ideal, ou seja, os Estados Unidos, ele proporia a seus leitores uma nação cujo modelo não deveria jamais ser copiado pelo Brasil: o Equador.

O Equador passou a ser mostrado como um arquétipo de atraso, barbárie, ignorância, corrupção, intolerância e depravação moral. No entanto, tais características negativas possuíam para Wardlaw uma causa única e inegável, que era o fato de esta república sul americana ser dirigida por um Partido Católico.

²⁹⁷ Jornal ‘Libertador’. Fortaleza, 07 de junho de 1890. Seção ‘*Tribuna do Povo*’. Coluna ‘*Notas Religiosas*’ de autoria do reverendo De Lacey Wardlaw. O grifo é nosso.

Lacey, tomando por base um periódico de Buenos Aires passa a relatar que no Equador os presidentes eram indicados pelo Papa o que gerava total atraso, como, por exemplo, falta de “*telegraphos, ferro-vias, deligencias e boas-estradas*”²⁹⁸; apenas um porto existiria em todo o país e os padres de Guayaquil “*não querem que alli penetrem as idéias modernas*”²⁹⁹, só podendo fazer-se a viagem de Guayaquil a Quito de mula.

Em Quito, capital do Equador não existiriam periódicos e haveria apenas escolas de frades “*aonde se ensina muito bem a rezar e muito mal a ler (...) Quatro quintas partes da população não sabem ler nem escrever. A república só é de nome*”³⁰⁰.

Com este discurso Lacey tenta desmoralizar a atuação do Partido Católico no Brasil, utilizando-se constantemente o arguto da ironia. Deixava a seus leitores concluir aquilo que não expressava com suas palavras, isto é, através de deduções os leitores concluiriam que a vitória do Partido Católico resultaria em um Brasil cuja República estaria apenas no nome.

Ainda percorrendo comparativamente entre o Partido Católico no Brasil e a República do Equador, Wardlaw reiterava:

E se ganhar o partido clerical, o que teremos?
Um governo como aquelle do Equador?
Viva o partido clerical!³⁰¹

Trabalhai-vos bons catholicos romanos para o bom êxito do partido clerical, e possais ganhar indulgências para peccados passados, presentes e futuros, e o Brazil ganhará a civilização do Equador.³⁰²

Ao mesmo tempo em que a ironia era feita na comparação com o Equador, Lacey não perdia a oportunidade de criticar o dogma da infabilidade papal, da mesma forma, quase que satiricamente, com um pequeno texto intitulado “*Estamos Perdidos*”, em que o missionário presbiteriano escreveu acerca do Papa Leão XIII:

O Papa abençoou o Partido Clerical. Elle há dois anos telegraphou uma benção a província ou ao povo da província do Ceará, e seguiram-se dois annos de secca. O que vai acontecer agora.³⁰³

Vamos ver se o Partido Clerical prospera com a benção do velho italiano.³⁰⁴

²⁹⁸ Ibidem, 12 de julho de 1890.

²⁹⁹ Ibidem.

³⁰⁰ Ibidem.

³⁰¹ Ibidem, 07 de junho de 1890.

³⁰² Ibidem, 28 de junho de 1890.

³⁰³ Ibidem, 26 de julho de 1890.

³⁰⁴ Ibidem, 05 de julho de 1890.

Tal prédica não foi feita ao acaso, a crítica ao Papa foi desencadeada no momento que, estando a Igreja desligada do Estado, a aproximação com Roma e o fortalecimento do ultramontanismo era considerado uma solução para o momento difícil que passava a Igreja Católica do Brasil.

Estabelecia-se desta maneira um dualismo explícito entre liberdade e jugo, esclarecimento e obscurantismo, que personificavam-se, também, no discurso de Wardlaw, em protestantismo e catolicismo. Ora, este discurso propugnado por Lacey, não era particular apenas aos protestantes, os próprios pensadores iluministas traziam consigo críticas, por vezes vorazes, à religião católica romana, que por muitos era considerada uma das instituições que mais haviam subjugado o homem no decorrer da história.

Rousseau, a respeito da Igreja Católica Romana diria que ela “*é evidentemente tão má, que constitui uma perda de tempo ocupar-se de o demonstrar. Tudo quanto rompe a unidade social nada vale*”³⁰⁵.

Ao que, por sua vez, Voltaire traria de maneira elogiosa a figura dos protestantes *quakers* da Pensilvânia, onde, “*a discórdia, a controvérsia são ignoradas na feliz pátria que construíram e somente o nome de sua cidade, Filadélfia, que lhes relembra a todo instante que os homens são irmãos, é o exemplo e a vergonha dos povos que não conhecem ainda a tolerância*”³⁰⁶.

Henry Koster, como já pudemos discutir no capítulo anterior, nutria certa simpatia por alguns elementos do clero católico brasileiro no início do século XIX, e que segundo o próprio inglês, pudera ter durante sua estadia no Brasil momentos de agradável companhia com alguns sacerdotes católicos. No entanto Koster, também trazia consigo a ideia de que existiria uma acentuada diferença no que diz respeito à aplicação de legislações concernentes a liberdade religiosa entre nações protestantes e nações católicas.

Como expusemos no primeiro capítulo, ao fazer uma análise acerca do que acreditava ser mais importante no Tratado de Comércio e Navegação de 1810, o anglicano Koster postou como sua opinião que tal acordo estabelecido entre Portugal e Inglaterra seria extremante proveitoso às duas nações, porém não furtou-se a fazer uma espécie de crítica ao artigo XII que estabelecia liberdade religiosa aos súditos ingleses em possessões portuguesas:

³⁰⁵ ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Do Contrato Social*. Tradução de Rolando Roque da Silva, 2002. (www.jahr.org). pp. 187-188.

³⁰⁶ VOLTAIRE. François-Marie Aroeut de. Op. cit. pp. 36-37

É vergonhoso que um semelhante artigo seja necessário num Tratado entre duas nações civilizadas, mas um passo em direção da democracia deve ser recebido com alegria, especialmente nos países onde domina a religião Católica. (...) Ouvi protestos sobre esse artigo, da parte de indivíduos que depois ficaram surpreendidos com a autorização dos portugueses possuir capelas na Inglaterra, e esses mesmos cavalheiros não estavam desejosos de ver a reciprocidade perfeita.³⁰⁷

O foco principal de espanto de Koster com relação a tal tópico do Tratado dava-se justamente pela noção que este inglês possuía acerca da ideia de liberdade, na medida em que, a partir de suas observações, podemos perceber que o mesmo não conseguia compreender o porquê de algo que seria um direito inalienável do homem, isto é, a liberdade de pensamento religioso, teria que estar exposto em um tratado. Koster achava escandaloso um direito natural do homem ter que estar prescrito pela Coroa Lusitana em um tratado para que fosse posto em prática.

Já nos anos iniciais do século XVIII os filósofos ingleses Toland e Shaftesbury acenavam o ideal da tolerância e liberdade de pensamento, na medida em que, a partir de 1715, “*Combateram contra o fanatismo religioso, tanto dos católicos quanto dos montanhese das Cevennes, tanto dos teólogos papistas quanto dos protestantes*”³⁰⁸.

A *Encyclopédie*, expoente máximo dos ideais iluministas, aborda esta questão da liberdade de forma bastante incisiva ao declarar que o homem nasce livre e, desta maneira, tem “o poder de fazer o que bom lhe parecer e dispor de acordo com sua vontade de suas ações e de seus bens”³⁰⁹. Curiosamente o responsável pelos verbetes concernentes à liberdade presentes na *Encyclopédie* era Chevalier de Jaucourt, um protestante que havia estudado teologia em Genebra.

Jaucourt também fora responsável pelo verbete “*escravidão*”, a qual era severamente rechaçada pelo ideário iluminista, levando-se em consideração que para a maioria destes pensadores a escravidão de outros homens seria uma transgressão à lei natural que confere liberdade como prerrogativa de nascimento ao homem.

Ao discorrer acerca da missão presbiteriana no Ceará para seus compatriotas, o reverendo De Lacey Wardlaw construiu a representação, diga-se de passagem bastante elogiosa, dos habitantes de tal território, como um povo amante da liberdade devido à emancipação dos cativos em 1883: “*The people are lovers of liberty. They freed all the slaves*

³⁰⁷ KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Op. cit. (Vol. 2 - 2003). p. 564.

³⁰⁸ VENTURI, Franco. *Utopia e Reforma no Iluminismo*. Tradução de Modesto Florenzano. Bauru: EDUSC, 2003. p. 130.

³⁰⁹ DIDEROT, Denis & D’ALEMBERT, Jean Le Rond. *Verbetes Políticos da enciclopédia*. Tradução de Maria das Graças de Sousa. São Paulo: Discurso Editorial: Editora UNESP, 2006. p. 203.

in the old province five years before emancipation, and this with the opposition of the Imperial Government”³¹⁰.

De certa maneira, os variados protestantismos no século XIX, abordam a temática da liberdade espiritual dos homens que a partir da fé poderiam romper com o jugo e a escravidão imposta à humanidade pelo pecado. Inclusive postando-se em manuais de catecismo protestante esta percepção, como no “*Leite para crianças*” publicado pelo Reverendo Wardlaw para catequizar os prosélitos ao presbiterianismo, que continha diversos conteúdos doutrinários elencados no estilo perguntas e respostas:

P. O que nos ensina o livramento dos Israelitas da escravidão?

R. como Deus nos livra do cativeiro do peccado e do serviço de Satanaz. 2 Tim. 2:26.³¹¹

P. Pelo que oramos quando dizemos: Não leve a tentação, mas livra-nos do mal?

R. Que Deus nos livre do peccado e do poder do maligno, o diabo. Math. 26:41; Eph. 6:11, 18; Math. 13:19.³¹²

Tal conotação religiosa acerca da liberdade e do ser livre trazia correlações diretas com as noções então em voga a respeito da liberdade civil. Henry Koster mostra-se a seus leitores como extremamente interessado nas questões relativas à liberdade civil. Apesar de ter vivido no Brasil como arrendatário de terras e senhor de escravos, Koster atribuía à prática da escravidão o adjetivo de “*desastre moral, possivelmente o maior do mundo*”³¹³.

Durante a os anos de 1815-16, um debate concernente à situação dos escravos no Caribe Britânico desencadeou-se no Parlamento e na imprensa inglesa. Neste momento o tráfico negreiro já havia sido abolido pela Coroa Britânica, entretanto a escravidão continuava a existir nas colônias, assim, muitas discussões passaram a ocorrer com a finalidade de resolver-se como findar com a escravidão nas colônias.

Neste contexto, Henry Koster publicou, na cidade de Londres, o ensaio denominado “*On the amelioration of slavery*” (cuja tradução recebeu o nome de “*Como melhorar a escravidão*”) desenvolvendo suas opiniões sobre o assunto. Tal ensaio, na

³¹⁰ Jornal ‘*The Missionary*’. A monthly Journal, issued in behalf of The Foreign Missions of the Presbyterian Church in the United States. Edited by the secretaries. Vol. XXIII. Published by Whittet & Shepperson. Richmond: Novembro de 1890, p. 420. (<http://www.archive.org/details/missionary00misgoog>). “*As pessoas são amantes da liberdade. Eles libertaram todos os escravos na velha província cinco anos antes da emancipação, e isso com a oposição do Governo Imperial*” (Tradução Livre).

³¹¹ Folheto Presbiteriano ‘*Leite para crianças. Catecismo Bíblico para as classes infantis*’. De Lacey Wardlaw. Fortaleza Typographia do Libertador. 1883. p. 22.

³¹² Ibidem. p. 56.

³¹³ KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Op. cit. (Vol. 2 - 2003). p. 539.

realidade uma espécie de panfleto, foi publicado originalmente na revista “*The Pamphleteer*”, que recebia opiniões e denúncias de variados tipos, anônimos ou não.

Segundo Manuela Carneiro da Cunha a revista *The Pamphleteer* “*havia sido fundada em 1813 com a intenção explícita de conservar, para uma mais demorada consideração e para a posteridade, alguns dos escritos que circulavam sob essa forma (...) The Pamphleteer ligava-se expressamente às questões em debate no Parlamento Britânico e editava ensaios que tivessem conexão com elas*”³¹⁴.

Desta maneira, tal publicação encontrava como público membros da sociedade britânica cujos interesses voltavam-se para discussões em torno do parlamento. Koster, compactuando com o projeto de lei que o parlamentar William Wilberforce proporia um ano antes, era a favor da abolição da escravatura, porém, nas suas palavras “*agindo-se com grande prudência*”³¹⁵, libertando os negros de maneira programada e gradual, sugerindo como exemplo a adoção de medidas efetuadas de maneira bem-sucedida, na visão do autor, no Brasil, tais como: cristianização dos escravos, permissão de dias na semana para o cativo trabalhar visando seu próprio sustento, iniciação às letras.

Postando-se como adepto da teoria de um abrandamento gradual do cativo escravo até sua total dissolução, Koster é postado por Izabel Marson como pertencente a corrente dos “*Amelioratinists*”³¹⁶. Membros do *African Institution*, tais como William Wilberforce, Thomas Clarkson, Granville Sharpen, James Stephen, faziam parte deste

grupo com muitos adeptos nos dois lados do Atlântico que acreditou na ideia de “civilizar” os cativos e as sociedades coniventes com o cativo “melhorando” a escravidão por iniciativa dos agentes abolicionistas (religiosos ou civis), dos próprios senhores e de seus escravos.³¹⁷

Imbuído de tal perspectiva, Henry Koster propunha que antes de serem libertos, os escravos deveriam passar por um processo de servilização, sendo agregados a terra, como “*servos da gleba*”. Seguidas essas recomendações os cativos quando libertos estariam livres da barbárie, vendo-se e portando-se como cidadãos.

Considera-se como marco da campanha abolicionista na Inglaterra a fundação da *British and Foreign Anti-Slavery Society* em 1839, entretanto os movimentos em prol da

³¹⁴ KOSTER, Henry. *Como melhorar a escravidão*. Natal: EDUFRRN – Editora da UFRN, 2003. pp. 17-18.

³¹⁵ Ibidem, p. 31.

³¹⁶ MARSON, Izabel Andrade. *Liberalismo e Escravidão no Brasil – Século XIX: A condição servil como alteridade e pedagogia da liberdade*. In: CAPELARI, Márcia Regina & NAXARA, Izabel Andrade & MARSON, Marion Brepohl de Magalhães (orgs.). *Figurações do outro na história*. Uberlândia: EDUFU, 2009. pp. 411-439.

³¹⁷ Ibidem, pp. 411-412.

abolição do tráfico de escravos e da abolição da escravatura já remontava a movimentos advindos desde o fim do século XVIII promovidos pelos *quakers* estadunidenses e ingleses³¹⁸. Chegando a ser pauta de discussões do Parlamento Britânico através de Wilberforce, anglicano como Koster, o tema da escravidão levou à declaração de ilegalidade do tráfico negreiro às colônias britânicas em 1807, e em sucessivos tratados com Portugal visando o mesmo para as colônias Lusitanas.

Este ideário de liberdade civil, o qual partindo de uma análise lógica da constatação de que se todo homem nasce livre, logo a escravidão humana seria um desrespeito à moral, à religião e principalmente à civilização, não significava uma perspectiva de total igualdade ente os homens, na medida em que para que houvesse a igualdade entre os homens, demandaria inicialmente que os homens fossem cidadãos, o que não era o caso dos escravos negros que necessitavam de auxílio para que pudessem alcançar o status de cidadão, o que trazia, tanto na perspectiva do Destino Manifesto americano como no humanitarismo filantrópico britânico, alguns ajustes a serem feitos a estes indivíduos, isto é, era necessário “civilizá-los”.

Acerca do cativo o escocês George Gardner afirmaria que “*Não sou defensor da permanência da escravatura*”³¹⁹, porém isso não significava que Gardner postava o negro em pé de igualdade civilizacional e intelectual com os brancos:

Pela própria natureza do negro – por sua comprovada inferioridade intelectual; por falta de educação; pela consciência de sua posição na sociedade e pela quase certeza de nunca poder alçar-se acima dela – não admira que haja entre os escravos alguns inquietos, impacientes de toda disciplina e dados a todos os vícios. (...) Não é das menos fortes provas da deficiência mental do negro o fato de que, mesmo nas zonas mais remotas do país, três ou quatro brancos podem conter trezentos ou mesmo quatrocentos deles na mais perfeita submissão.³²⁰

Assim, podemos constatar que apesar de concordarem com os ideais abolicionistas nem todos estes estrangeiros compactuavam das mesmas concepções acerca da igualdade entre os homens. Formatando-se perspectivas diferenciadas acerca da liberdade. O próprio Koster que tentava demonstrar toda a sua simpatia à causa abolicionista em seus escritos, não deixou de expressar seu espanto ante a presença de escravos negros nas ruas de Recife:

³¹⁸ BETHELL, Leslie & CARVALHO, José Murilo de. *Joaquim Nabuco e os abolicionistas britânicos. Correspondência, 1880-1905*. In. Estudos Avançados USP, 23 (65), pp. 207-229. São Paulo, 2009. p. 214.

³¹⁹ GARDNER, George. Op. cit. p. 25.

³²⁰ Ibidem, p. 26.

A feia algazarra que fazem quando carregam algum fardo, os berros ou ditos em sua linguagem própria, algum verso no ritmo popular português (...) tudo se combinava para embaraçar-me e perturbar-me.³²¹

Não se vêem as mulheres além das escravas negras, o que dá um aspecto sombrio às ruas.³²²

Ao afirmar a inferioridade dos negros o que o naturalista Gardner fez foi utilizar-se das concepções então vigentes dos graus de civilização das populações que habitavam o mundo, as quais traziam consigo a perspectiva do racismo. Havia a necessidade de catalogar e classificar os seres humanos assim como os naturalistas faziam com as plantas e com os outros animais, na medida em que esta análise partia da perspectiva eurocêntrica de civilização, o europeu, isto é, a raça caucasiana, nos termos então vigentes teria preponderância ante os demais grupos humanos.

Gardner faria uso de outro repertório proposto pelos cientistas de sua época, a frenologia³²³, para comentar acerca de mais um tipo de liberdade tão reverenciada pelos esclarecidos oitocentistas: a liberdade política.

Partindo do sul do Ceará com destino a então capital da província do Piauí, a cidade de Oeiras, Gardner, portando diversas cartas de recomendação, teve como propósito encontrar-se com Presidente da Província Manuel de Sousa Martins, Barão de Parnaíba, com o intuito de obter autorização e talvez auxílio para seu trabalho de coleta e classificação da flora local.

Toda a visita de Gardner ao palácio presidencial foi descrita pelo escocês como algo desagradável e estranho, a começar pelo sentinela que encontrara na porta do prédio, “*criatura da mais abjeta aparência*”(…) “*Não fora sua posição ereta e o uso do mosquete eu o teria sem dúvida tomado por mendigo*”³²⁴.

Entretanto não seria apenas a figura do guarda que deixara Gardner atento às fisionomias e gestos faciais, o seu encontro com o presidente da Província que recebeu-o apenas vestido com uma camisa de algodão, ceroulas, chinelos e com rosários e crucifixos no pescoço, não lhe trouxe melhor impressão.

Gardner descreve em seu escrito de viagem o Barão de Parnaíba como um homem extremamente despótico que se utilizava de seu cargo para favorecer seus parentes e

³²¹ KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Op. cit. (Vol. 1 - 2003). p. 36.

³²² Ibidem, p. 40.

³²³ A Frenologia, idealizada pelo alemão Franz Joseph Gall, acreditava que a anatomia cerebral dos homens revelaria aos cientistas o caráter e a personalidade do ser humano, tal teoria ganhara vigor no início do século XIX, na Grã-Bretanha e, posteriormente, nos Estados Unidos. Cf. PECHMAN, Robert Moses. Op. cit. pp. 285-286.

³²⁴ GARDNER, George. Op. cit. p. 123.

agregados, e que, segundo o escocês era apelidado de “*Francia do Piauí*”³²⁵. Tal caráter despótico do Barão poderia ser explicado pela ciência, ao que Gardner faz a seguinte análise frenológica:

Era de baixa estatura e vigorosa constituição, embora não corpulento (...) A cabeça era extraordinariamente grande e, segundo os princípios da frenologia, muito bem proporcionada na parte anterior e posterior, mas deficiente na região dos sentimentos morais, tendo considerável largura de ouvido a ouvido.

Na conversação seu rosto tinha uma expressão desagradável e sinistra, embora geralmente coberta por um esboço de sorriso.³²⁶

Desta maneira a proporção do crânio, a distância entre as orelhas e as expressões da fisionomia do rosto do Presidente da Província serviam para Gardner como prova empírica de sua fama de governante despótico.

Porém, não nos interessa aqui a discussão acerca da perspectiva científica acerca da sondagem da personalidade humana através dos estudos da fisiognomonia, mas sim no que levou Gardner a fazer uso deste instrumento que cria estar a seu dispor ao descrever o Presidente da Província do Piauí a seus leitores, isto é, o que importava a Gardner naquele momento era demonstrar o caráter despótico do “*Francia do Piauí*”.

Um dos elementos chaves da escrita iluminista era justamente o combate a toda forma de governo que retirasse do homem seu direito natural, isto é, a liberdade. Daí a ênfase dada por grande parte dos teóricos iluministas na questão dos regimes políticos existentes nas nações europeias e nas Américas.

Rousseau em seu “*Contrato Social*”³²⁷ afirmaria que o povo que era constrangido pela força a obedecer a um regime tirânico, fazia bem em obedecer, porém se o mesmo povo tivesse a possibilidades de libertar-se do jugo fazia ainda melhor. Chevalier de Jaucourt por sua vez, através da *Encyclopédie*, seguia as opiniões de Montesquieu que sugeriam a reforma política através da tripartição dos poderes, na medida em que supunha que

Não há liberdade onde o poder legislativo e o poder executivo estiverem nas mesmas mãos. Por mais forte razão, não há liberdade onde o poder de julgar estiver reunido ao legislativo e ao executivo.

(...)

A liberdade política de um Estado é formada pelas leis fundamentais que estabelecem a distribuição do poder legislativo e do poder executivo.³²⁸

³²⁵ Apesar de Gardner não explicitar o porquê de tal apelido cremos que seria uma alusão a Jose Gaspar Rodriguez de Francia, primeiro presidente do Paraguai, que governou o país por quase trinta anos, até sua morte em 1840, com o título de Ditador Perpétuo da República do Paraguai.

³²⁶ Ibidem, p. 124.

³²⁷ ROUSSEAU, Jean-Jacques. Op. cit. p. 10.

³²⁸ DIDEROT, Denis & D’ALEMBERT, Jean Le Rond. Op. cit. pp. 206-207.

O Brasil Colonial e Imperial, postava-se então a estes anglo-saxões protestantes como o oposto àquilo que seria a idealização de liberdade política. Estes britânicos e estadunidenses se percebiam no século XIX como porta vozes de suas territorialidades no que dizia respeito à liberdade política.

Vários intelectuais e políticos da Inglaterra de então se gabavam pelo fato de sua nação haver sido a primeira na Europa a sacudir de sobre si o jugo absolutista e de ter instituído uma constituição parlamentarista, além do que possuía entre seus “filhos” o ilustre John Locke que propagaria a idéia de que, sendo o homem naturalmente livre, o Estado deveria ter por seu

objetivo a representação dos interesses, e portanto, não poderá ter nunca o poder de destruir, escravizar ou propositalmente empobrecer os súditos, pois ele está representando os direitos do povo. A comunidade é quem tem o poder supremo. E as leis unidas tem que ser para o bem da comunidade.³²⁹

Ademais, os ilustres franceses da *Encyclopédie* do setecentos deixaram bastante claras suas influências advindas dos livres pensadores ingleses, tais como Shaftesbury e Toland,³³⁰ que expressaram suas ideias no início século XVIII.

Por sua vez nos Estados Unidos os adeptos da já mencionada teoria do Destino Manifesto assinalavam sua preponderância por sua história ter sido construída a partir dos ideais democráticos, tomando por base sua independência no século XVIII e o regime político republicano presidencialista que daí adveio inspirado em concepções Lockianas e Rousseauianas acerca do Estado e do Direito³³¹.

A partir disto poderíamos entender o espanto de Gardner com o Presidente de Província do Piauí, que agia ante a realidade que lhe era apresentada a partir de repertórios culturais distintos aos que o escocês naturalista previa como adequados àquela posição política. A perspectiva de um governante que se utilizava de sua posição política para benefício particular e de seus parentes, além da perseguição perpetrada aos opositores, parecia incoerente a ideia que Gardner tinha acerca da função do Estado de manutenção da liberdade.

³²⁹ PEREIRA, Jardel Costa. *O conceito de liberdade no pensamento político de John Locke*. In. Metanoia, FUNREI, nº 1, pp. 7-15. São João Del-Rei, 1999. pp. 11-12.

³³⁰ VENTURI, Franco. Op. cit. p. 141.

³³¹ Acerca destas influências de Locke e Rousseau na formação política norte-americana Cf. CATROGA, Fernando. Op. cit. pp. 21-76.

Da mesma forma podemos apontar a crítica desenvolvida por Koster ao administrador da Capitania do Ceará em 1809, Luiz Barba Alardo de Menezes, que consoante este estrangeiro

Construía, durante sua gestão na província, a parte central do palácio, empregando trabalhadores indígenas aos quais pagava a metade do preço habitual do serviço. Tinha o costume de aludir ao que pertencia aos indivíduos da Província, como se lhe pertencesse, dizendo meus navios, meu algodão, etc.³³²

Alguns fatores levaram Koster a não nutrir simpatias por Barba Alardo, que mesmo tendo-o recebido cordialmente e colocado o estrangeiro sentado a sua direita durante uma festa no palácio em comemoração ao aniversário da Rainha Maria I, não escapou do olhar crítico de Koster acerca do modo como via sua administração da Capitania.

Barba Alardo nos é apresentado no escrito de viagem de Koster como um administrador que tinha por prática a exploração da população indígena, que na continuação do capítulo sobre o Ceará teriam um enfoque considerável, e, além disso, o governador teria o costume de tomar o bem público como algo que lhe possuísse.

Tal postura de Barba Alardo perscrutada pelo visitante inglês seria, para Sérgio Buarque de Holanda, uma característica intrínseca ao corpo administrativo do Brasil Colônia, que devido à forte influência da família de cunho patriarcal na formação da sociedade brasileira redundou

Ao longo de nossa história, o predomínio constante das vontades particulares que encontram seu ambiente próprio em círculos fechados e pouco acessíveis a uma ordenação impessoal. (...) E um dos efeitos decisivos da supremacia incontestável, absorvente do núcleo familiar – a esfera, por excelência dos chamados “contatos primários”, dos laços de sangue e de coração – está em que as relações que se criam na vida doméstica sempre forneceram o modelo obrigatório de qualquer composição social entre nós.³³³

A imbricação entre público e privado, o nepotismo, a fusão por vezes não prevista no direito, mas na prática das atribuições dos poderes executivo, legislativo e judiciário, e o uso da coerção inviabilizaria o projeto de um Estado burocrático que se quisesse pautado pelos ditames da liberdade política. Liberdade política esta que não podia ser efetivada em uma colônia, como era o caso do Brasil no período em que Koster aqui esteve.

Na medida em que um território era posto como domínio de uma nação que se tornava sua metrópole, isto inviabilizaria dois pressupostos do que Rousseau denominou de

³³² KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Op. cit. (Vol. 1 - 2003). p. 175.

³³³ HOLANDA, Sérgio Buarque de. Op. cit. p. 146.

“*Contrato Social*”, que era primeiramente a liberdade, tendo em vista que os homens das colônias seriam coagidos a obedecer aos colonizadores, além do fato de que economia e política destas colônias estariam sob total monopólio da metrópole; e sendo o segundo pressuposto a igualdade entre os homens, não uma igualdade total, mas uma igualdade legal, isto é, todos seriam considerados cidadãos regidos pelas mesmas leis sem distinção de classe:

Se se procura saber em que consiste precisamente o maior dos bens (...) se reduz a estes dois objetos: a liberdade e a igualdade. (...) A igualdade porque a liberdade não pode subsistir sem ela.

(...)

Não se deve entender por essa palavra [igualdade] que os graus de poder e riqueza sejam absolutamente os mesmos, mas que, quanto ao poder, esteja acima de toda violência e não se exerça jamais senão em virtude da classe e das leis.³³⁴

A partir de tal enfoque o metodista Daniel Kidder, fazendo um balanço acerca do regime imperial brasileiro, lançaria um olhar retrospectivo ao período colonial no Brasil, tomando por base as obras acerca da história do Brasil dos ingleses Robert Southey e John Armitage, em que este missionário percebia a colonização como fator decisivo no atraso da economia brasileira:

Para se fazer idéia das transformações por que passou o Brasil durante os últimos trinta e cinco anos, é necessário não nos esquecermos de que até então a política tacanha da Metrópole proibia terminantemente qualquer modalidade de comércio com o estrangeiro.

Navios de nações amigas eram, de quando em vez, autorizados a entrar nos portos desta colônia ciclópica, mas, nem os passageiros, nem as tripulações podiam desembarcar senão sob as vistas de uma guarda militar.³³⁵

A colônia era então descrita por este estrangeiro, assim como os demais, tão afeito ao ideário da liberdade, como os ciclopes da mitologia grega, símbolos da crueldade para com seus filhos, da falta de leis, sem o mínimo sinal de uma moral que os conduzissem e que tinham a fama de serem antropófagos. Assim, poderíamos arriscar que, aos olhos de Kidder ao comparar o Brasil aos ciclopes, a colônia, devido à falta de liberdade perpetrada pela metrópole, era vista como um território em que os homens eram vigiados, espoliados, consumidos.

Os diversos protestantismos, desde a reforma do século XVI, se veem como os anunciadores e protetores da liberdade humana. Independente da vertente protestante, o tema

³³⁴ ROUSSEAU, Jean-Jacques. Op. cit. p. 72-73.

³³⁵ KIDDER, Daniel P. Op. cit. (2001). p. 41.

das diversas liberdades (religiosa, civil, econômica, espiritual) foi recorrente nas construções discursivas destes sujeitos.

Poderíamos considerar que os protestantes Koster, Kidder, Gardner e Wardlaw possuíam posicionamentos diferenciados acerca do que seria a liberdade, no entanto, a ideia central acerca do bem propiciado aos homens pela liberdade parecia comum a todos na medida em que:

O espírito do protestante é estruturalmente semelhante ao espírito do capitalismo e por isso mesmo adaptado a ele e adequado a sua expansão. Ora, na medida em que o mundo ocidental se rege pela lógica do capitalismo, podemos concluir que o protestantismo se sente em casa neste mundo, enquanto o catolicismo se descobre como exilado. A ideologia protestante unifica a liberdade do indivíduo a democracia liberal e o progresso econômico como expressões do espírito do protestantismo. Em resumo: o mundo moderno é um fruto do protestantismo.³³⁶

Esta correlação entre protestantismo e a lógica do capitalismo, tão bem explicitada por Max Weber³³⁷, só subsiste na medida em que o ideário da liberdade se funde a noção de propriedade, isto é, o homem é livre e por isso Deus lhe abençoa com posses, cabendo às associações humanas formatarem mecanismos de defesa da liberdade de propriedade.

No entanto, a propriedade privada só torna-se aceitável pelo protestantismo se alcançada através do trabalho, desta maneira cabe agora discutirmos como era feita esta relação entre trabalho e ócio nas experiências práticas destes estrangeiros em suas vivências no território chamado Brasil.

2.2. : O elogio ao labor:

Em 1796 saía do prelo em Londres o relato de viagem “*Narrative of a Five years’ Expedition against the revolted negroes of Suriname*” do escocês John Gabriel Stedman. Rapidamente o relato de viagem de Stedman alcançou sucesso em vários países europeus, tanto que sua obra, em pouco mais de vinte anos, já havia sido traduzida para o alemão, francês, holandês, sueco e italiano³³⁸.

³³⁶ ALVES, Rubem. Op. cit. (2004) pp. 90-91.

³³⁷ WEBER, Max. Op. cit. (2002).

³³⁸ PRATT, Mary Louise. Op. cit. pp. 164-165.

Stedman, apesar de naturalidade escocesa, era oficial do exército holandês, cargo herdado de seu pai (escocês casado com uma holandesa), tendo, desta maneira, servido às forças militares holandesas no Suriname ao final do século XVIII em uma operação para conter as revoltas escravas que então se espalhavam pela colônia batava, surgindo daí a inspiração de Stedman para seu escrito de viagem.

Segundo Mary Louise Pratt um dos pontos chave para o rápido sucesso alcançado pela narrativa de Stedman deu-se justamente por seu escrito estar repleto de alusões eróticas e abolicionistas, aspectos que cerceavam o mercado editorial de viagens do século XVIII. Tal mercado se consolidara ao findar do século XVIII, na medida em que a Europa postava com mais veemência seus olhares para as colônias.

Assim, o relato deste escocês a serviço das hostes holandesas, desvia de certa maneira o foco militarista do seu empreendimento ao narrar seu encontro com Joana, uma jovem escrava doméstica de 15 anos de idade, que fizera Stedman ser “*instantaneamente atingido por sua beleza e encantos, ambos realçados por um estado de relativa nudez*”³³⁹. A partir daí o autor passa a narrar, de maneira romanesca, o que tal contato havia modificado no seu modo de perceber a realidade da escravidão, chegando até a educar e casar-se com Joana.

Desta maneira, não apenas Stedman, mas diversos dos viajantes dos séculos XVIII e XIX utilizavam-se de suas obras para demonstrar à Europa o tom erótico presente nas culturas exóticas visitadas, fosse no Oriente o qual tornara-se, a partir dos relatos de viagem, correlacionado à “*liberdade do sexo licencioso*”³⁴⁰ devido aos clichês desenvolvidos acerca de haréns, dançarinas, princesas, véus; fosse na África, cujos nativos (homens e mulheres) fluíam no imaginário europeu, por grande contribuição dos relatos de viagens, como dotados de órgãos sexuais de tamanho extraordinariamente maior que dos europeus³⁴¹, além de detentores de peculiares traços de sexualidade afluída; ou fosse na América vista por muitos séculos como um protótipo da inocência original com nativas e escravas africanas exibindo corpos desnudos.

Conforme Pratt, tais constructos denotavam algo recorrente em tais relatos cuja “*relação leitor-texto é estruturada nos mesmos termos masculinos e erotizados que estruturam a relação do viajante europeu com os países exóticos que visitava*”³⁴².

Porém, poderíamos afirmar que a recorrência significava a via de regra? Cremos que a resposta será absolutamente não. Parecia que outro foco ante a figura feminina norteava

³³⁹ Ibidem, p. 168.

³⁴⁰ SAID, Edward W. Op. cit. (2007). p. 263.

³⁴¹ PRATT, Mary Louise. Op. cit. pp. 100-101.

³⁴² Ibidem, p. 158.

o olhar de alguns viajantes, como no caso de Gardner que fez algumas considerações acerca da mulher no Brasil. Durante seu percurso no interior da Província do Ceará, utilizando-se de sua outra formação, médico, para conseguir dos “*viajados*” suprimentos e hospedagens por meio de consultas, este escocês relata seu diálogo com uma senhora que examinara, a qual mostrava-se bastante preocupada com sua filha:

O grande pesar da mãe, era o estado de magreza a que a filha se via reduzida. De fato, a gordura é considerada, o encanto principal da beldade do Brasil e o maior elogio que se lhe pode dirigir é dizer que está ficando cada dia mais gorda e mais bonita.³⁴³

Ora, tal padrão de beleza mostrava-se bastante distinto da “*mulher vitoriana*”, cujos moldes ansiados eram de uma mulher esbelta com a cintura fina, tornando os espartilhos peças essenciais do vestuário feminino na Europa dos séculos XVIII e XIX. Este padrão era então molestado pela ideia de “*mais gorda e mais bonita*”.

Porém, para Gardner havia uma explicação para o constante desencanto presente nas mulheres do interior do Brasil, isto é, os aspectos físicos se deviam à rotina diária de tais mulheres, como as que o escocês encontrara no Crato, que, segundo suas observações, passavam grande parte do dia na “*rede, da qual só se arredam à hora das refeições. Na rede, como na esteira, sentam-se com as pernas cruzadas por baixo e aí passam o dia fumando, comendo doces e bebendo água fria*”³⁴⁴.

Mais adiante, na vila de Natividade, o sedentarismo feminino seria reforçado no discurso do naturalista, sendo somado a outros aspectos nada elogiosos para a ética protestante, como por exemplo, os vícios do fumo e do álcool:

Aqui o hábito de fumar é universal entre as mulheres; e da manhã à noite, raro lhes sai da boca o cachimbo, com longo canudo de pau, de cerca de três pés de comprimento. Trabalham pouco, mas comem e dormem muito; as mulheres das classes mais baixas são também muito dadas a beber cachaça.³⁴⁵

Percebe-se desta forma que outro olhar norteava a perspectiva de Gardner acerca da percepção das figuras femininas, um olhar que ia além da própria noção de padrões culturais de beleza. Tratava-se de um olhar que dava ênfase ao valor do trabalho, já que pela lógica deste viajante, o ócio feminino tornava as mulheres do interior do Império brasileiro

³⁴³ GARDNER, George. Op. cit. pp. 87-88.

³⁴⁴ Ibidem, p. 93.

³⁴⁵ Ibidem, p. 158.

deslocadas dos padrões de beleza europeus, já que as mesmas “*Trabalham pouco, mas comem e dormem muito*”.

Há de se convir que não foi apenas essa perspectiva anglo-saxã acerca do trabalho que norteou a visão de Gardner, bem como dos outros estrangeiros que pesquisamos, acerca da figura feminina, existia também o fato de a literatura de viagem desenvolvida por sujeitos protestantes, de certa maneira, buscava evitar implicar-se com constructos discursivos pontuados por sensualidade e erotismo, devido a ética sexual protestante de controle das pulsões.

Porém, fica claro que a ideia de trabalho como característica louvável do homem foi expressa de forma patente por estes estrangeiros. Noção esta que ligava-se a outros elementos prementes do que poderíamos denominar de um *ethos* protestante ascético, como na afirmação de Gardner que coadunava o ócio a vícios como o do consumo da cachaça por parte dos brasileiros.

A partir da leitura de Gardner notamos que este escocês possuía um olhar extremamente reprovador quanto ao consumo de bebidas alcoólicas, e que o mesmo em toda sua jornada pelo Brasil bebera tão somente chá ³⁴⁶, mesmo quando fora aconselhado a misturar a sua água ao vinho ou a aguardente, o que recusara veementemente.

Este posicionamento quanto ao consumo de bebidas alcoólicas também pode ser vislumbrado nos escritos de outros estrangeiros protestantes: os reverendos Kidder e Wardlaw. Daniel Kidder, quando de sua chegada ao Brasil, trabalhava como auxiliar do Reverendo Justin Spaulding no Rio de Janeiro, na catequese de marinheiros ingleses e estadunidenses, levando a cabo a campanha de “*Temperança*”, isto é, a pregação para que os marinheiros abstivessem-se de bebidas alcoólicas.

Desta maneira, além dos trabalhos de *colportagem*, a pregação contra o consumo de álcool fora outra prática de Kidder em suas viagens pelo Brasil, tanto que em Recife, o reverendo metodista mostrou-se extremamente satisfeito por ter sido solicitado pelos passageiros de uma fragata a redigir um termo de Temperança aos marinheiros:

Uma comissão de passageiros (...) veio nos pedir que redigíssemos um compromisso de temperança às condições existentes a bordo. Estas, sabíamos serem bastante desfavoráveis, pois se distribuíam rações diárias de álcool à tripulação e muitos dos marinheiros já eram inveterados apreciadores de ruinoso líquido. ³⁴⁷

³⁴⁶ Ibidem, p. 184.

³⁴⁷ KIDDER, Daniel P. Op. cit. (1980). p. 149.

Antes mesmo de partir rumo às províncias do norte do Império o metodista Kidder, demonstraria seu posicionamento acerca do consumo de qualquer bebida alcoólica, que demandaria punição exemplar ao consumidor. Uma imigrante irlandesa, chamada Maria, fora por algum tempo empregada doméstica de Kidder durante sua estadia no Rio de Janeiro, até que a mulher irlandesa acabara sumindo. Tempos depois Kidder receberia uma carta escrita em inglês da dita mulher solicitando auxílio do missionário, pois estava presa na casa de correção, ao que quando Kidder buscou saber o motivo da custódia de Maria, acabou recusando ajudá-la, crendo que a prisão seria salutar para a irlandesa. Maria havia sido condenada a ficar encarcerada por um mês por haver feito algazarra na rua em estado de embriaguez³⁴⁸.

Por outro lado, já na cidade Fortaleza, Daniel Kidder agradou-se por haver encontrado uma mulher abstêmia, algo, segundo tal estrangeiro raro no Brasil:

À ceia, serviram vinho e, tendo-o recusado, foi com prazer que notamos que a Sra. G, dona da casa, também não fazia uso de bebidas alcoólicas por pertencer a uma sociedade de abstêmios. Essa circunstância foi motivo de congratulações de ambas as partes visto ser muito raro um hóspede recusar vinho e uma senhora brasileira fazer abstinência total.³⁴⁹

O presbiteriano Lacey Wardlaw, por sua vez, reiterou a campanha contra estes tipos de bebidas e seu uso no ‘*Libertador*’:

Temos o abuso das bebidas alcoholicas. Isto é um meio poderoso que o diabo emprega para destruir as almas dos homens. (...) É cedo para fallar na prohibição d’este trafico, porem não na restricção delle. O numero das casas para vendel-as deve ser limitado; os menores, os creados e os fracos devem ser guardados d’esta tentação. (...) *Os meninos ficam viciados e os homens são preguiçosos, bebidos, ladrões e brigadores.* (...) Os impostos para vender as bebidas devem serem peizados.³⁵⁰

Wardlaw ao propor a venda de bebidas alcoólicas de maneira restrita e o aumento dos impostos a tais produtos traz como motivação de suas reivindicações justamente o fato de que o álcool transformava os homens em seres “*preguiçosos, bebidos, ladrões*”, ou seja, o inverso da ética protestante que propunha o homem como um ser laborioso, ascético e devotado ao trabalho.

³⁴⁸ KIDDER, Daniel P. Op. cit. (2001). pp.91-92.

³⁴⁹ Ibidem, p. 154.

³⁵⁰ Jornal ‘*Libertador*’. Fortaleza, 06 de dezembro de 1890. Seção ‘*Tribuna do Povo*’. Coluna ‘*Notas Religiosas*’ de autoria do reverendo De Lacey Wardlaw. O grifo é nosso.

Desta maneira, o uso do álcool, combatido e/ou criticado por Gardner, Kidder e Wardlaw, na realidade o era não pela ação em si, mas pelas consequências que tal uso traria aos usuários, isto é, o vício tinha como resultado imediato a ociosidade e a vadiagem, que causariam a formação de um ciclo pernicioso, daí o porquê de os “*vadios*”, criados, mulheres e menores serem destacados como propensos ao vício.

Tal percepção só era possível devido à formação cultural destes estrangeiros, na medida em que os mesmos partiam de uma ética protestante que afluía em seus repertórios culturais, independente de serem fervorosos adeptos ou não de suas respectivas vertentes protestantes. Paulatinamente nas nações majoritariamente protestantes formatou-se uma ética do trabalho que se diferenciava bastante das de outras nações.

Sérgio Buarque de Holanda, que como se sabe fora bem afeito aos escritos de Max Weber, faz em seu “*Raízes do Brasil*” uma diferenciação entre dois tipos humanos – o aventureiro e o trabalhador – tendo sido o Brasil herdeiro do tipo de colonizador aventureiro. A partir daí Holanda passa a tecer suas considerações acerca das características aventureiras que, segundo o autor, foram constantes nos colonizadores ibéricos da América. No entanto, antes de adentrar em tal discussão, Holanda descreve o tipo trabalhador:

O trabalhador, ao contrário, é aquele que enxerga primeiro a dificuldade a vencer, não o triunfo a alcançar. O esforço lento, pouco compensador e persistente, que, no entanto, mede todas as possibilidades de desperdício e sabe tirar o máximo proveito do insignificante (...)

Existe uma ética do trabalho, como existe uma ética da aventura. Assim, o indivíduo do tipo trabalhador só atribuirá valor moral positivo às ações que sente ânimo de praticar e, inversamente, terá por imorais e detestáveis as qualidades próprias do aventureiro – audácia, imprevidência, irresponsabilidade, instabilidade, vagabundagem.³⁵¹

E qual seria esta ética do trabalho senão àquela levada a cabo pela ética protestante analisada por Weber. Desta maneira, os estrangeiros protestantes que apresentamos nesta dissertação de um modo extremamente natural postulavam em seus escritos e práticas a valorização cotidiana desta ética do trabalho; do trabalho que era visto como positivo, valoroso, abençoado, enfim, seu ideal não era o de “*colher o fruto sem plantar a árvore*”, mas sim de colher o fruto após suar bastante no processo de plantio da árvore.

Na medida em que Daniel Kidder, Lacey Wardlaw e Mary Wardlaw estavam no Brasil na função de missionários, eles tendiam a assemelhar-se a figura do missionário espanhol Las Casas que, segundo Todorov, por “amar” o “outro” postava como seu objetivo

³⁵¹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. Op. cit. p. 44.

transformar o “outro” em nome de si mesmo e desta maneira acabar por submetê-lo³⁵². E destarte, já que o intuito era a transformação do outro, isto significava que algo de errado havia neste outro, pois na maior parte das vezes “*a primeira reação, espontânea, em relação ao estrangeiro é imaginá-lo inferior, porque diferente de nós*”³⁵³.

Tal “*inferioridade*” só podia ser constatada mediante o olhar comparativo que posta determinados padrões comportamentais e de conduta como os adequados, geralmente extraídos da cultura de quem vê. Este era o olhar que por vezes permeou os escritos destes estrangeiros protestantes que analisamos, os quais constantemente buscavam encontrar elementos que pudessem ser comparados com aqueles que lhes fossem familiares às suas percepções de mundo, como no caso das suas acepções acerca do trabalho.

Muitos dos brasileiros tiveram na construção discursiva destes estrangeiros suas práticas relacionadas à noção de ócio. Os modos de vida de grande parte dos habitantes do Brasil do século XIX, que diferiam abruptamente do cotidiano europeu e norte-americano do período em questão, foram postos nos livros de viagem em grau de comparação com os habitantes das nações de origem destes estrangeiros.

Assim, o metodista Daniel Kidder não acostumado com um cotidiano cerceado por diversos feriados, a maioria dos quais direcionados a festas e devoções aos santos católicos, reprovava fervorosamente tal ordem de coisas, relacionando o costume dos feriados a uma índole ociosa do brasileiro: “*“Feriados” no entender de muitos naturais do país são aqueles aos quais todos os outros dias estão subordinados (...) No Brasil (...), tudo na natureza parece convidar à inatividade e ao descanso.*”³⁵⁴.

Kidder alertaria que tal convite da natureza brasileira à indolência poderia representar um perigo inclusive aos estrangeiros que aqui residiam, como no caso de um inglês encontrado pelo reverendo americano na ilha de Itamaracá, o qual estava no Brasil há quatorze anos e que, como diria Gilberto Freyre não resistira às “*doçuras do pecado nefando*”³⁵⁵:

Soubemos que um tal Henrique Inglês era o incentivador das atividades teatrais da ilha e um dos principais atores (...) Parecia ser capaz de atividade mais produtiva, mas, contagiado pelo mal do país, a preguiça, comprazia-se em exercer uma profissão que ao mesmo tempo o punha em evidência e o impedia de morrer à míngua. Dizia-se que tinha bons amigos, os quais, entretanto, dele se afastaram por se ter casado com uma “cabra” (ou mulata).³⁵⁶

³⁵² TODOROV, Tzvetan. Op. cit. (2003). p. 245.

³⁵³ Ibidem, p. 105.

³⁵⁴ KIDDER, Daniel P. Op. cit. (1980). p. 97.

³⁵⁵ FREYRE, Gilberto. Op. cit. p. 237.

³⁵⁶ KIDDER, Daniel P. Op. cit. (1980). p. 120.

E como já expusemos no capítulo anterior, Henry Koster teria sido um destes estrangeiros que por pouco não teriam sido seduzidos, nas suas próprias palavras, com o “*sabor pela ociosidade*”³⁵⁷, exercendo as funções de arrendatário de terras e senhor de engenho na mesma ilha que vivia o seu homônimo e compatriota ator encontrado por Kidder.

Somente depois de dito isto é que podemos levar a cabo a tentativa de compreender a rotina de tais estrangeiros em território brasileiro. Uma rotina que na maioria dos casos era travada com rigorosos planejamentos e minuciosas execuções de tais planos de viagens.

George Gardner, como já explanado anteriormente, viera ao Brasil com uma espécie de planejamento bem elaborado ainda na Inglaterra com seus patrocinadores. A ideia era coletar o máximo possível de espécimes da flora brasileira, e em alguns casos da fauna, fósseis e minérios, remetendo-os para a Inglaterra, tendo esta viagem a peculiaridade de postar-se a ambição de percorrer territórios antes não percorridos por outros naturalistas europeus no Brasil.

Na medida em que tal empreendimento era totalmente financiado, havia por parte de Gardner um roteiro pré-estabelecido, que em alguns momentos da viagem tiveram de ser alterados por diversos motivos, tais como: condições climáticas, infraestrutura das rotas, conselhos dos nativos, ou aspectos que envolviam o conturbado período regencial como no caso da Balaiada que impediu Gardner de dirigir-se do Piauí ao Rio Tocantins³⁵⁸, do modo que estava em seus planos iniciais.

Desta maneira, a viagem de Gardner desenvolveu-se de maneira a evitar o máximo de imprevistos possíveis, e cumprindo uma rotina extremamente metodizada. Gardner, seus guias e empregados que contratava durante os percursos em poucas ocasiões permaneciam durante muitos dias nas localidades pelas quais passavam, tal fato se dava na maioria das vezes somente quando o naturalista escocês sofria algum acidente ou precisava ficar de cama por conta de alguma enfermidade.

Geralmente, muito cedo iniciavam a jornada parando somente ao meio dia para alguma refeição, reiniciando a viagem pouco depois quando, quase sempre, contavam com a hospitalidade de alguém para o pernoite. Devido à rota de o naturalista escocês haver prezado por regiões muitas das vezes afastadas dos centros urbanos e administrativos, alguns empecilhos eram postos no percurso como a falta de pontes. Em várias passagens de seu

³⁵⁷ KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Op. cit. (Vol. 2 - 2003). p. 416.

³⁵⁸ GARDNER, George. Op. cit. p. 129.

relato Gardner exporia a dificuldade de atravessar rios, por vezes caudalosos, a nado ou sobre os animais tendo que proteger de todas as formas as caixas contendo os materiais coletados:

Ao partir de Canabrava bem cedo na manhã seguinte, esperávamos alcançar na manhã seguinte a próxima parada em Boa esperança lá pelas treze horas, mas nisto fomos tristemente desiludidos (...) tivemos que atravessar o rio nada menos de oito vezes (...) Raras vezes, porém, terão viajantes afrontado tantos aborrecimentos como os nossos (...) Em quatro das passagens foi necessário que os homens tirassem a carga dos animais e as levassem sobre a cabeça (...) Como todos éramos obrigados a ajudar neste trabalho, ficamos expostos a maior parte do dia aos raios ardentes do sol quase nus.³⁵⁹

A recorrência desta rotina diária chamou bastante nossa atenção. Havia por parte de Gardner algo semelhante ao que Leandra Martins notara em outro naturalista britânico, William Burchell, contemporâneo de Gardner, o qual em sua rotina diária trazia também uma ânsia pela não ociosidade, na medida em que *“pertencia a uma geração de naturalistas britânicos “criados” para sentir culpa com o ócio e uma total repulsa à indolência”*³⁶⁰.

Ora, a culpa nada mais era que uma alusão à própria ideia de pecado. Para o protestantismo a preguiça, o ócio, a vadiagem eram aspectos que deveriam ser expurgados da sociedade, já que tais procedimentos não seriam condizentes com o propósito divino dado aos homens de tomarem suas funções seculares como uma vocação dada por Deus.

Daí o porquê de Henry Koster haver ficado tão incomodado com os frades mendicantes no Brasil, considerando-os como *“inúteis criaturas”*³⁶¹, que juntamente com os membros de diversas confrarias religiosas esmolavam nos dias das festas religiosas:

Continuamente estão mendigando para círios e outros artigos consumidos em louvor do patrono. Quase todos os dias do ano os transeuntes são importunados nas ruas, e os moradores nas casas, por essa gente e também os preguiçosos frades franciscanos.³⁶²

Posta-se então o olhar protestante que não vê como ato de piedade cristã o dar ou pedir esmolas, mas sim como um aspecto de degradação da religião visto que o adjetivo dado aos franciscanos mendicantes é o de *“preguiçosos”*, isto é, poderiam estar adquirindo sustento de outra maneira mais digna, que ante a ética protestante seria com o trabalho metódico convencional burguês e tido como legal, já que a mendicância ou criminalidade não eram percebidos como trabalho.

³⁵⁹ Ibidem, p. 116.

³⁶⁰ MARTINS, Luciana de Lima. Op. cit. p. 123.

³⁶¹ KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Op. cit. (Vol. 1 - 2003). p. 73.

³⁶² Ibidem, p. 74.

A mendicância era vista como algo que fugia à perspectiva do ideal do “*No suor do teu rosto comerás o teu pão*”³⁶³ previsto por Deus a Adão, e que o *ethos* protestante tomou para si como um de seus baluartes morais. Podemos perceber que na Inglaterra, nação cujo protestantismo influenciou de maneira contundente as leis, a mendicância era relacionada à vadiagem e como tal, era contravenção penal desde o século XVI quando

Sob Henrique VIII, um vagabundo podia ser açoitado, ter as orelhas decepadas e ser enforcado; sob Eduardo VI, ter o peito marcado a ferro com a letra “V” e escravizado por dois anos; sob Elizabeth I, açoites e banimento para o serviço das galés e a Casa de Correção.³⁶⁴

O transgressor primário do Decreto sobre mendicância devia ser despido e açoitado até que suas costas sangrassem. Os que transgredissem pela segunda vez seriam banidos do reino.³⁶⁵

Ao afirmarmos que este tipo de legislação contra a mendicância possuía características de cunho protestante não estamos dizendo que ela era resultado tão somente da difusão de tal fé na Europa, mas que tal fator coadunado com a expansão de novas percepções de mundo advindas com as transformações econômicas e sociais desencadeadas neste momento da Europa foi fundamental para esta nova forma de ver e tratar os pedintes, desempregados, alcoólatras, vagabundos por parte das autoridades.

Por esta razão, Natalie Davis afirma que a junção das percepções de mundo humanistas (provenientes de sujeitos tanto católicos, como protestantes), bem como a expansão huguenote em Lyon propiciou a criação da “*Aumône-Generale*” na década de 1530, uma espécie de instituição que almejava controlar a mendicância na cidade através da institucionalização do auxílio aos pobres. Tal tipo de instituição espalhara-se pela Europa reformada, na medida em que “*foi a visão calvinista sobre a organização da Igreja que convenceu os ricos a não distribuírem esmolas indiscriminadamente – e os pobres a não esperarem por elas*”³⁶⁶.

Henry Koster acreditava que a escravidão na Jamaica deveria ser abolida gradualmente com a ação dos próprios escravos, os quais deveriam ter o direito a possuírem propriedade e dias livres para trabalharem de maneira “*regular*” e com “*firmeza de*

³⁶³ Gênesis, Capítulo 3 versículo 19. Bíblia Sagrada. Tradução Revista e Atualizada de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. p. 4.

³⁶⁴ LINEBAUGH, Peter. Op. cit. p. 19.

³⁶⁵ Ibidem, p. 23.

³⁶⁶ DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do Povo: sociedade e cultura no início da França moderna*. Tradução de Mariza Corrêa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p. 24.

propósito”³⁶⁷ nestas propriedades para sustentarem-se e juntarem o valor concernente à manumissão. Entretanto o jovem anglicano alertaria que:

Em todas as raças há muitos indivíduos de índole preguiçosa. Para tipos assim, são recomendáveis castigos físicos e regulamentos próprios (...) tais castigos e regulamentos devem ser tão mais rigorosos quanto forem as dificuldades de prevenir problemas causados por pessoas que preferem a ociosidade e a escravidão ao trabalho e à perspectiva de liberdade.³⁶⁸

Nos Estados Unidos o posicionamento protestante acerca de tal assunto não fugiu das concepções originárias da Europa protestante, pelo menos é o que o reverendo Daniel Kidder nos dá a entender, após relatar acerca do grande número de mendigos nas ruas do Rio de Janeiro, e mostrar-se simpático às medidas de combate à mendicância adotadas na capital do Império do Brasil quando de sua permanência na mesma:

Quando este estado de cousas estava no auge e constava que muitos vagabundos se faziam passar por mendigos, o chefe de polícia empregou contra eles um hábil expediente. Ofereceu aos guardas uma gratificação de 10\$000 por pedinte que conseguisse prender e levar à Casa de Correção. Dentro de poucos dias as autoridades recolheram nada menos de cento e setenta e um vagabundos, mais de quarenta dos quais foram empregados no Arsenal de Marinha. Os demais tiveram que trabalhar na Penitenciária até pagar as despesas feitas com a sua prisão. Tal medida produziu os mais salutareos efeitos, pois, a partir de então, passou-se a ver muito menos mendigos nas ruas.³⁶⁹

Assim, se expunha claramente por parte de Kidder um dos pressupostos da ética e ação protestante, na qual o posicionamento deduzia no Estado a função primária de postar no espírito dos homens o exemplo e a punição quando necessária aos que infringiam as normas de conduta desejadas para um cidadão que deveria inserir-se nos mundos do trabalho.

Tais infratores eram constantemente aludidos como mendigos, vagabundos, indolentes, preguiçosos, vadios e desocupados, os quais, ao serem encaminhados à Casa de Correção, como saudado pelo missionário metodista, poderiam ser corrigidos moralmente ao terem o trabalho impregnado em suas almas e condutas mesmo que de maneira coercitiva.

A partir do que discutimos no capítulo anterior acerca dos jogos de azar pudemos ter uma ideia do que o Reverendo Wardlaw elaborou acerca da conduta do cristão exemplar, o qual não poderia ser dado à jogatina, na medida em que a figura do jogador possuiria um

³⁶⁷ Henry. *Como melhorar a escravidão*. Natal: EDUFRN – Editora da UFRN, 2003. p. 48.

³⁶⁸ Ibidem, p. 55. Curioso notar a correlação que Koster faz entre ociosidade e escravidão que se contraporía a noção de trabalho e liberdade, assim, remontamos à discussão do tópico anterior, pois a ideia de liberdade tão cara a estes anglo-saxões protestantes está intimamente ligada à perspectiva de trabalho regular.

³⁶⁹ KIDDER, Daniel P. Op. cit. (2001). p. 90.

comportamento reprovável, pois era incompatível à figura do trabalhador. Para o presbiteriano Lacey “*O homem deve considerar o trabalho honesto e paciente como o único meio para ganhar o pão diário e não deve esperar a sorte grande para fazer fortuna*”³⁷⁰.

Entra em cena na fala de Wardlaw a contraposição que Sérgio Buarque de Holanda analisaria, ou seja, a ambivalência “*Aventureiro*” e “*Trabalhador*”, em que o missionário aponta qual seria o posicionamento protestante neste embate: o trabalhador que exerce seu ofício de maneira honesta e paciente, ganhando o seu salário, o qual, por mais miserável que fosse, deveria ser vislumbrado como digno e honrado, dado como uma benção divina a este trabalhador.

Tal figura apresentada como tipo ideal por estes estrangeiros protestantes assemelha-se bastante a do *honnête homme*:

cidadão decente, bem-educado (...) Tem raízes na noção de fidalguia característica do século XVII, mas em 1768 já adquirira um colorido burguês. Sugeriria boas maneiras, tolerância, moderação, contenção, pensamento claro, espírito de justiça e um saudável auto-respeito.³⁷¹

Este colorido burguês acrescido à noção do *honnête homme* trazia em seu bojo algumas conotações acerca da ideia de cidadania que somente seria plena se o indivíduo estivesse em total subserviência à legislação de sua nação, conquanto esta legislação não ferisse os direitos naturais dos homens, como a liberdade.

Assim, a obediência às normas de defesa da propriedade privada tornou-se um dos pré-requisitos das legislações burguesas, daí a antipatia àqueles que buscavam outra forma de sobrevivência que não a do trabalho convencional. E já que práticas como furto, roubo, sequestro e mendicância fugiam desta ética, seus autores eram punidos com a exclusão da sociedade através de encarceramentos, trabalhos forçados e exílios.

Talvez por tais razões vislumbramos um George Gardner inserido em uma rotina de trabalho diário tão metódico e respeitado, a qual quando tinha de ser quebrada por qualquer imprevisto que fosse trazia consigo um ar de tristeza e frustração nos escritos do naturalista.

O Reverendo Wardlaw por sua vez aplicava sua ética do trabalho às suas funções de missionário, que lhe impunham uma série de atividades religiosas e administrativas. Tendo que viajar constantemente às cidades de Baturité e Mossoró, dois núcleos presbiterianos também estabelecidos pela missão de Wardlaw, havia ainda a administração da

³⁷⁰ Jornal ‘Libertador’. Fortaleza, 09 de outubro de 1886. Seção ‘*Tribuna do Povo*’. Coluna ‘*Notas Religiosas*’ de autoria do reverendo De Lacey Wardlaw.

³⁷¹ DARNTON, Robert. Op. cit. p. 182.

Igreja Presbiteriana de Fortaleza, prestando contas do desenvolvimento da missão no Brasil através de relatórios periódicos ao Comitê Missionário da cidade de Nashville.

Entretanto, o curioso é que Wardlaw não ateve-se somente à função de Ministro Protestante, mas coadunou a este ofício outras atividades que seriam úteis à missão presbiteriana. Pouco tempo depois de chegar à cidade de Fortaleza, Lacey fundaria um estabelecimento comercial com o fim de auxiliar na missão, tratava-se de uma livraria destinada a comercialização de bíblias, folhetos e livros protestantes.

Aproveitando-se de suas ‘*Notas Religiosas*’ do ‘*Libertador*’ Wardlaw fazia propaganda de tal tipo de literatura, onde os interessados deveriam procurar o depósito dos livros à Rua das Flores nº 5. Após um sermão publicado no referido periódico, intitulado “*A ceia do Senhor ou Sacramento da Comunhão*”, o reverendo postou um incentivo aos seus interlocutores para lerem a bíblia:

Para examinar este como todos os assumptos religiosos precisa-se a Biblia. Na casa nº 5 Rua das Flores, d’esta cidade existem Bíblias e Novos Testamentos das traduções de Figueiredo e de Almeida.

Os preços dos Testamentos são de 400 rs. até 3\$000 mil rs., de Bíblias de 1\$000 até 6\$000 rs.

Alguém em qualquer lugar onde há correio pode mandar comprar estes livros santos. Mande o dinheiro e diga o preço que quer pagar, alem do preço mande 300 rs, para porte e registro.³⁷²

Na década de 1890 Lacey mudaria de endereço na cidade e com isso também a sua livraria que apareceria no *Almanach do Ceará* de João Câmara para os anos de 1895, 1896, 1897 e 1898 na seção de casas importadoras: “*De Lacy Wardlaw, (livraria evangélica) rua Major Facundo 110*”³⁷³.

Segundo Guilherme Studart³⁷⁴, Lacy Wardlaw abriu sua livraria à Rua Major Facundo no ano de 1892, onde, depois de entregar seu cargo de pastor da Igreja Presbiteriana de Fortaleza em 1897, passou a viver somente dos lucros da venda de seus livros evangélicos.

Poucas eram as livrarias existentes em Fortaleza neste período. Desta forma,

Supriam-se os estudiosos e estudantes, de livros e objetos escolares, na livraria da Viúva Guálter, na antiga de Joaquim José de Oliveira & Cia., e na de Sátiro Verçosa.

³⁷² Jornal ‘*Libertador*’. Fortaleza, 19 de março de 1887. Seção ‘*Tribuna do Povo*’. Coluna ‘*Notas Religiosas*’ de autoria do reverendo De Lacey Wardlaw.

³⁷³ *Almanach Administrativo, estatístico, mercantil, industrial, e literário do Estado do Ceará para o ano de 1895*. Confeccionado por João Câmara. P. 47. Nos almanaques de 1896, 1897 e 1898 encontramos a mesma informação, respectivamente, p. 94, p. 120 e p. 110.

³⁷⁴ STUDART, Barão de. *Extrangeiros e o Ceará*. In : Revista do Instituto do Ceará. Tomo XXXII. Ano XXXII. p. 226. Typografia Minerva, 1918.

Obras evangélicas eram vendidas pela que, em 1892, fundara Lacy Wardlaw, o primeiro ministro presbiteriano que residiu no Ceará.³⁷⁵

Ao mesmo tempo em que o regime político modificava-se no Brasil com a ascensão do regime republicano, a Igreja Presbiteriana de Fortaleza, conseguia na década de 1890 estabelecer-se efetivamente na cidade com a organização oficial da igreja e iniciar a construção de um templo com aparência exterior a partir de 1897. Somado a isso a missão presbiteriana tomou a iniciativa de abrir uma escola primária que tinha por diretor o Reverendo Lacey Wardlaw³⁷⁶ e como uma de suas principais professoras sua esposa, Mary Hoge Wardlaw.

Tal escola começou a funcionar em 1890³⁷⁷, tendo o seu corpo docente paulatinamente formado, e que, segundo Mary Wardlaw, contava inicialmente com uma velha professora e membro da Igreja, Dona Maroca, além dela mesma e de Maria Carolina de Farias. Com a chegada das missionárias, também estadunidenses, Caroline Cunningham e Sarah Chambers³⁷⁸ a escola aumentou seu corpo de professoras.

Para Mary Hoge uma escola evangélica em Fortaleza era bastante importante, na medida em que os pais protestantes poderiam ficar tranquilos em enviar seus filhos à escola, pois “*At the Brazilian schools they not only learned much that was objectionable, but in most cases have been neglected by their teachers and shunned or persecuted by their mates*”³⁷⁹.

Além das atividades na livraria e na escola, Lacey Wardlaw exerceu no início da década de noventa dos oitocentos outro ofício comercial. Em sociedade com o também norte-americano Louis Cholowiski cuidaria de uma oficina de encadernação: “*Lyceu de artes e da industria de papellaria, de Wardlaw & Cholowiski, rua Formosa n° 15*”³⁸⁰. Tal sociedade

³⁷⁵ GIRÃO, Raimundo. *Cidade de Fortaleza (Filmagem histórica)*. Fortaleza: Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda, 1945.

³⁷⁶ Almanach Administrativo, estatístico, mercantil, industrial, e literário do Estado do Ceará para o ano de 1895. Confeccionado por João Câmara. p. 5. A escola chamava-se ‘*Escola Americana*’ e funcionava na Rua Formosa 156B, tendo a capacidade de receber até 25 alunos.

³⁷⁷ Jornal ‘*The Missionary*’. A monthly Journal, issued in behalf of The Foreign Missions of the Presbyterian Church in the United States. Edited by the secretaries. Vol. XXIII. Published by Whittet & Shepperson. Richmond: Novembro de 1890, p. 434. (<http://www.archive.org/details/missionary00missgoog>).

³⁷⁸ Ibidem, p. 421.

³⁷⁹ Ibidem, p. 434. “*Nas escolas Brasileiras eles [os filhos dos protestantes] não somente aprendem coisas que desaprovamos, mas, na maioria dos casos, são negligenciados pelos professores e evitados ou perseguidos por seus colegas.*” (Tradução Livre).

³⁸⁰ Almanach Administrativo, estatístico, mercantil, industrial, e literário do Estado do Ceará para o ano de 1896. Confeccionado por João Câmara. p. 97.

foi desfeita em 1896, após Lacey haver vendido sua parte do negócio para a firma Holderness & Salgado, representantes da “*Société General Mercantil de Paris*”³⁸¹.

Anos antes, em 1888, o Reverendo chegou a exercer até mesmo o cargo de Agente Consular dos Estados Unidos da América no Ceará do dia 24 de setembro (data do *Exequatur* do Consulado dos Estados Unidos em Pernambuco e da comunicação da nomeação de Lacy por Guilherme Studart então Agente Consular) ao dia 29 de outubro, quando entregou seu cargo ao Sr. Forest English³⁸².

Desta maneira, nota-se da parte destes estrangeiros protestantes uma tentativa de moldar seus modos de vida, inclusive quando em uma territorialidade outra, àquilo que Kidder denominaria de “*A ordem imperiosa da necessidade – “trabalho ou morte”*”³⁸³; ordem esta da vida que aos olhos de Kidder não parecia ser a dos brasileiros que havia encontrado em suas viagens, pois o trabalho, atribuição dada por Deus aos homens, seria contrário ao “*repouso quotidiano do brasileiro, bocejando ao embalo da rede nas horas de sol a pino. A grande massa do povo vive ao “Deus dará”*”³⁸⁴.

Somada a todas estas percepções e ações concernentes ao trabalho havia ainda por partes destes WASPs a noção que a força do trabalho teria estatuto de produto, podendo ser negociado. Isto é, todo sujeito que utilizasse sua força de trabalho em benefício de outro deveria possuir o direito de ser recompensado por isso, já que a perspectiva principal era a de que o que o trabalhador fazia era vender seu labor.

Por esta razão, ao ter de pagar pelo serviço de dois homens que atravessaram um rio de forte correnteza com caixas de coleções de espécimes sobre suas cabeças, Gardner afirmaria com satisfação:

Foi com dificuldade que se mantiveram de pé, porque as águas, na maior parte da travessia, lhe chegavam aos ombros. A remuneração que pediram, de meio dólar cada um, foi bem ganha; porque tiveram de atravessar o rio, de ida e volta, cerca de doze vezes, pelo espaço de mais de duas horas.³⁸⁵

No entanto tal perspectiva seria constantemente bombardeada pelas práticas e visões de mundo outras da “*Zona de Contato*”. A vivência destes estrangeiros no Brasil

³⁸¹ Livro nº 17 do 1º Cartório de Fortaleza: Cartório Feijó. Escripura de composição amigável e ajuste de compra e venda, 06 de julho de 1896. APEC – Arquivo Público do Estado do Ceará. O valor da venda foi de onze mil cento e trinta e quatro Francos e sessenta centavos, que seriam pagos em sete vezes.

³⁸² Corpo Consular estrangeiro residente n’esta Província, 1882-1916. Livro nº410. Fundo: Governo da Província do Ceará. APEC – Arquivo Público do Estado do Ceará. p. 21. O *Exequatur* por parte do Ministério dos Negócios do Exterior foi comunicado no Aviso de 08 de outubro de 1888.

³⁸³ KIDDER, Daniel P. Op. cit. (1980). P. 157.

³⁸⁴ Ibidem.

³⁸⁵ GARDNER, George. Op. cit. p. 151.

intensificava as tensões antes amenas enquanto tais sujeitos apenas postavam seus olhares sobre os outros; o encontro fazia as veias da alteridade pulsarem com maior vigor.

Ora, o encontro direto com a alteridade tende a possibilitar reações como o estranhamento, o confronto, possibilitando “*momentos de crise de qualquer natureza, entendendo-se por crise um momento existencial em que se abre a possibilidade para o novo que, no entanto, enfrenta a resistência do velho, que se recusa a morrer*”³⁸⁶.

Henry Koster após estafante jornada chegara à fazenda Santa Luzia, no Rio Grande do Norte, ao ver alguns homens tirando leite de cabras, ordenou a Júlio, seu guia, que fosse buscar um pouco deste leite levando dinheiro para pagar àqueles homens pelo produto. Júlio, sabedor de que tal ato pareceria como uma afronta à hospitalidade dos habitantes do local, alertou ao inglês que não enviasse o dinheiro, mas Koster recusara o conselho:

O leite veio, mas a moeda não fora aceita e, pouco depois, três homens vieram até nós. Agradei-lhes o leite. Um deles dirigindo-se a mim quis saber se pretendia insultá-lo, oferecendo pagamento, o que não era hábito na região. (...) fora minha culpa o sucedido, mas pus a todos de bom humor, explicando pedia desculpas do engano, mas pertencia a um país onde tudo se pagava, até areia para esfregar os soalhos.³⁸⁷

A aparente rudeza de tais homens que foram tirar satisfação a Koster propicia-nos analisar o confronto ante as concepções culturais de locais distintos. A hospitalidade dos habitantes do Brasil tão louvada por parte dos viajantes estrangeiros exacerbava-se ao olhar destes ao contrapor-se às perspectivas de trabalho existentes em locais onde “*tudo se pagava*”. A contradição se expunha radicalmente já que na Inglaterra insulto seria não pagar o leite fornecido pelos trabalhadores.

Notadamente as experiências propiciadas pelo encontro entre viajantes e viajados reformulavam cotidianamente as noções pré-viagem, a ponto de Koster afirmar que após este acontecimento estabeleceu uma boa relação com aqueles sertanejos recebendo deles a oferta de cavalos para o prosseguimento da viagem, bem como carne assada de presente: “*Desta forma eu muito ganhara oferecendo-lhes pagamento pelo leite, mas terei mais cuidado para o futuro*”³⁸⁸.

Se a questão do pagamento pela força de trabalho gerou determinadas tensões a estes estrangeiros, outros fatores concernentes à prática do trabalho também contribuíram para

³⁸⁶ CAPELARI, Márcia Regina & NAXARA, Izabel Andrade & MARSON, Marion Brepohl de Magalhães (orgs.). Op. cit. p. 176.

³⁸⁷ KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Op. cit. (Vol. 1 - 2003). pp. 143-144.

³⁸⁸ Ibidem, p. 144.

as construções da realidade a partir de constructos discursivos possibilitados pelos encontros na “*Zona de Contato*”. Assim, Gardner irritava-se pela carência de guias que se prontificassem a oferecer seus serviços ao naturalista em sua audaciosa e difícil jornada, taxando que isso se daria pela “*ociosidade*” dos moços brasileiros. Já no caminho à região das Minas o escocês relata sua dificuldade de contratar um homem para auxiliar no trato da tropa de mulas:

É comum dizer aqui que, para cada dez que trabalham, há noventa que nada fazem e sustentam uma existência mísera caçando ou roubando seus semelhantes mais industriais. Tendo ouvido falar de um homem que já havia feito uma viagem a Minas Gerais, mandei chamá-lo e achei-o disposto a entrar a meu serviço; mas, quando estávamos concluindo o ajuste, chegou sua esposa e insultou-me violentamente por aliciar o marido para deixá-la.³⁸⁹

O olhar de George Gardner não se voltou, para a visualização das relações familiares, os modos de sociabilidade, as práticas outras de subsistência dos habitantes da região, mas para algo que era extremamente caro aos seus repertórios culturais: o trabalho. O que fez a esposa daquele homem, que chamou a atenção de Gardner por ser uma escrava desdenhosamente chamada de “*uma mulata grande, velha e feia*”, foi a manifestação de um confronto de visões de mundo e modos de vida somente perceptível nas malhas das zonas de encontros culturais.

Percebe-se a importância do labor sendo perscrutada com grande ênfase por parte destes sujeitos, o qual absorveu nossa atenção na medida em que tal posicionamento voltava-se para a ideia da formação de uma sociedade civilizada e moralmente protestante. No entanto, nosso objetivo neste tópico não se baseou em somente notar como o trabalho era percebido por estes estrangeiros, mas discutir em que medida a prática de algum ofício de maneira metódica e regular se esboçou de maneira contundente e não apenas em um discurso idealizado, mas principalmente nas práticas cotidianas desses sujeitos.

Todos estes estrangeiros em suas estadias no Brasil exerceram atividades laboriosas, as quais perceberam como trabalho: Koster como arrendatário de terras e administrador de engenho; Gardner na função de naturalista e médico; Kidder como missionário metodista e *colporteur* (vendedor de bíblias e literatura protestante); Lacey Wardlaw e suas inúmeras atividades encabeçadas pela de pastor presbiteriano, seguidas das de livreiro, diretor de escola, vice-cônsul; Mary Wardlaw como missionária e professora.

³⁸⁹ GARDNER, George. Op. cit. p. 175.

Assim, a questão posta foi: como poderíamos perceber um *ethos* protestante nas funções exercidas por estes sujeitos quando de suas permanências no Brasil, e porque tais vivências laboriosas foram consideradas tão importantes a ponto de serem publicadas pelos mesmos.

O modo de vida protestante trazia a perspectiva do trabalho interligada ao letramento, visto como aspecto primordial para a consecução da civilização e do progresso nas nações do globo. Imiscuídos a partir de seus contactos no Brasil, uma nação cujo processo de alfabetização não estava inserto com tanto vigor quanto em suas nações de origem, possibilitou a estes estrangeiros ressaltarem a importância da instrução pública aos habitantes do Brasil, trazendo como modelo as práticas educacionais de seus países de origem, propondo uma emulação das mesmas para este território outro.

Discutiremos a seguir o anseio pela alfabetização e letramento da população brasileira nos discursos e práticas destes estrangeiros protestantes, levando em consideração que tais condutas não se mostravam apenas como desejo voltado para o progresso material, configuravam-se também como mecanismo de propugnação de uma moral protestante já que outra discussão a ser levantada a seguir será perceber como este ideal de letramento incidia em um *ethos* protestante, tendo em vista que o protestantismo se configurou como uma religião que tinha como ênfase primordial a valorização da letra.

2.3. : “*Ensinai-lhes o que é racional*”:

Ao encerrar seus relatos de viagem ao Brasil, o Reverendo Daniel Kidder optou por findar suas impressões fazendo um balanço geral de alguns aspectos que gostaria de haver abordado de maneira mais minuciosa, mas que não fora possível levar a cabo. Dentre tais aspectos estavam os aborígenes, o trabalho dos jesuítas, a demografia do Império, a imigração europeia, o tráfico negreiro, as relações econômicas do Brasil com a Inglaterra, a religião católica; e o fator instrução pública, que ocupou um bom espaço nestas considerações finais deste viajante pastor, e que gostaríamos de iniciar este tópico com um trecho das percepções de Daniel sobre esse assunto:

É de recear-se que a instrução no Brasil esbarre com as mais sérias dificuldades no espírito e nos hábitos de grande parte da população. O povo ainda não aprendeu a

avaliar a importância da cultura do espírito. Seus gostos foram modelados de acordo com a época. Suas mais elevadas ambições de prazer intelectual estão intimamente associadas aos divertimentos grosseiros das festas.³⁹⁰

Com estas linhas o viajante norte-americano parecia estar deveras preocupado com o futuro da instrução pública no Brasil, na medida em que acreditava que, além da ineficiência governamental no suprimento das carências de tal aspecto social o qual ante a situação precária agia com “*indiferença pela instrução (...) aos seus súditos, ricos e pobres*”³⁹¹, havia ainda os hábitos perniciosos da população com sua ignorância ante a “*cultura do espírito*”.

Talvez o encontro com vários brasileiros sem alfabetização em sua missão o tenha feito repensar e avaliar os próprios métodos empregados em seu trabalho, pois como seria possível tornar os brasileiros prosélitos do cristianismo protestante através da distribuição de bíblias se estes não conseguiriam decifrar os signos presentes no livro? Como a fé de Kidder poderia ser transmitida através da letra se até mesmo aqueles que passaram pelos bancos das escolas haviam aprendido “*nada*” como o rapaz encontrado pelo missionário na Paraíba³⁹²?

Com toda certeza por trás das angústias propiciadas por tal estado de coisas aos espíritos letrados protestantes em terras brasileiras estavam outras perspectivas, tais como a sede pela expansão do espírito filantrópico que cerceava as ideologias do Destino Manifesto estadunidense e do imperialismo “humanitário” britânico. As concepções culturais de tais sujeitos postavam o letramento e a alfabetização como elemento imprescindível para qualquer sociedade que se quisesse civil e moderna.

A complexidade existente no então século XIX nas sociedades inglesa e norte-americana imersas em suas revoluções industriais e brados por modernidade propiciavam um choque frontal com o ritmo outro encarado nos interiores do Império Brasileiro. Em tais sociedades anglo-saxãs e protestantes a própria constituição cultural de educação das letras a nível público ou privado tornou-se algo correlacionado à pré-condição para a cidadania. Podemos até citar o fato de a primeira constituição republicana do Brasil, fortemente inspirada no sistema político estadunidense, haver postado os analfabetos fora do que se considerou como direito dos cidadãos, isto é o voto.

Ademais, como ressaltaria Mendonça:

³⁹⁰ KIDDER, Daniel P. Op. cit. (1980). p. 267.

³⁹¹ Ibidem, p. 131.

³⁹² Ibidem, pp. 130-131.

A carência de instrução podia ser um notável empecilho ao aprendizado da doutrina protestante, todo ele calcado na leitura da Bíblia, livros, revistas e jornais, que logo começaram a ser publicados por iniciativa das missões. (...) o livro e o discurso estão sempre presentes na prática religiosa protestante.³⁹³

A leitura da Bíblia era algo inseparável da vida do protestante, desde a propagação pelos reformadores da doutrina do sacerdócio universal, isto é, o cristão não dependeria de outros homens na sua busca por Deus, devendo alcançar tal intento particularmente com a leitura regular da Bíblia. Podemos considerar como fatores complementares a esta ânsia pela leitura por parte dos protestantes o impacto da invenção e propagação da imprensa pela Europa e as diversas publicações em idiomas vernáculos, inclusive da própria Bíblia.

Alguns grupos protestantes como os pietistas alemães postaram como fundamental à sua fé uma religiosidade individual e piedosa tendo como procedimento imprescindível o conhecimento da Bíblia através da leitura particular, daí a necessidade da alfabetização entre os fiéis.

Chartier afirma que por toda a Europa protestante uma imensa pressão interna às comunidades reformadas se formou com relação ao dever do cristão para com a leitura. O saber ler tornou-se uma espécie pré-requisito para sua efetiva participação na comunidade religiosa, na medida em que o analfabetismo poderia ser um forte empecilho à participação do indivíduo nos sacramentos:

A pressão da Igreja no luteranismo sueco, a da comunidade no presbiterianismo escocês (muitos fiéis de Cambuslang declaram que aprenderam a ler para evitar "a vergonha" de não poder participar plenamente das assembleias religiosas), faz com que em determinados países protestantes a capacidade de ler se torne universal.³⁹⁴

Assim, independente da vertente protestante, todas as sociedades com a presença majoritária protestante em seu seio passaram a desenvolver uma política de ação agressiva para a alfabetização dos fiéis, para que estes pudessem, acima de tudo, estarem familiarizados com aquilo que viria a substituir os símbolos das devoções católicas tais como imagens, pinturas, relíquias, isto é, a Bíblia.

A Bíblia assumiu lugar de destaque nas teologias protestantes. Considerada como única regra de fé e prática a qual todos os fiéis deveriam conhecer. Desta maneira, um estreito vínculo foi sendo forjado entre a religião e a alfabetização. A escola ganhou destaque como

³⁹³ MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O celeste porvir. A inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Editora Paulinas, 1984. p. 98.

³⁹⁴ CHARTIER, Roger. (Org.). *História da vida privada, 3: Da Renascença ao Século das Luzes*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 122.

local de fundamental importância, tomando sobre si os olhares das autoridades religiosas e leigas.

Certo rompimento com a preferência pelo ensino privado foi desenvolvido nos países reformados, dando-se ênfase no papel da escola. Não estamos afirmando que a educação moral e das letras por parte da família foi rejeitada, pelo contrário, tal tipo de instrução recebia apoio total dos líderes protestantes, porém os pais não poderiam arrogar para si o papel que poderia ser mais bem desempenhado pela escola. Isto porque a escola poderia efetivar nos espíritos de seus frequentadores a “*Disciplina*”:

Sem dúvida, nenhum deles desiste de fazer da família o local de uma educação específica, colocada sob a autoridade do pai. Porém isto não basta. É preciso acrescentar-lhe uma *disciplina*, que só pode ser uma aprendizagem socializada pela escola. A partir daí, a civilidade tende a tornar-se um exercício escolar destinado a dispensar uma instrução inextricavelmente religiosa e cívica.³⁹⁵

Dito isto, nos é mais compreensível a ênfase e o interesse dos viajantes anglo-saxões e protestantes nos aspectos inerentes à instrução pública e letramento no Brasil. Já nas décadas iniciais do século XIX Henry Koster mostrar-se-ia curioso acerca do comportamento feminino nos diversos recantos do Norte do Brasil.

As mulheres no Brasil sempre eram vistas por Koster como extremamente reclusas e envergonhadas ante a presença de estranhos. Outro viajante, o escocês George Gardner, alude acerca das mulheres do Brasil em seus relatos acerca dos olhos femininos que o observavam sorrateiramente por entre as brechas das portas quando era hospedado por habitantes das regiões visitadas:

No Rio e em outras grandes cidades sempre aparecem às vistas de estranhos, mas isto se dá quase nunca no interior, onde continuam esquivas, embora de grande curiosidade. Passei às vezes uma semana toda em casas onde sabia que havia senhoras, sem jamais ver delas senão os olhos negros que espiavam nas frinchas das portas dos aposentos internos.³⁹⁶

Tal comportamento trazia para Koster uma impressão de que faltava algo para as mulheres desta parte do mundo que a era a civilização. Daí o porquê de ressaltar como quase que extraordinário o encontro com uma jovem na fronteira da Capitania do Ceará: “*Pedi água*

³⁹⁵ Ibidem, p. 179.

³⁹⁶ GARDNER, George. Op. cit. p. 24.

*para beber numa dessas casas e fui servido por uma menina branca, aparentando uns 17 anos. Falava desembaraçadamente, mostrando haver residido em lugar mais civilizado”*³⁹⁷.

Este “*haver residido em lugar mais civilizado*” trazia consigo o elemento ausente nos inóspitos recantos deste território estrangeiro aos olhos de Koster, isto é, a instrução e o letramento, tanto é que a jovem, segundo o viajante, falava “*desembaraçadamente*”, algo que só seria possível caso a mesma tivesse o mínimo de contato com a escola ou as letras, aspectos estes articulados com o que se compreendia como inerentes aos locais considerados civilizados.

Em estudos sobre o “*menu peuple*”³⁹⁸ da França Moderna, Natalie Davis sugere que a ascensão da Reforma Protestante na França possibilitou uma espécie de mudança nas relações entre homens e mulheres, não que as mulheres chegaram a um grau de igualdade aos homens, pois como mulheres ainda deveriam sujeitar-se ao sexo masculino ante a óptica reformada, mas os espaços relativos à participação nos ritos religiosos passaram a ficar mais abertos às mulheres, tendo a leitura sido elemento primordial para tal mudança de percepção da mulher na França huguenote.

Surge a partir destas experiências na “*zona de contato*” com respeito ao comportamento feminino no Brasil, a solução imaginada por Koster e que dá nome ao presente tópico desta dissertação:

Levai essas mulheres para diante, educando-as; ensina-lhes o que é racional, e serão iguais em nada inferiores aos seus patrícios. A falta não está no sexo, mas no estado dos costumes.

(...)

a educação é duplamente necessária para levar às almas as novas idéias, refrear as paixões (...) para manter-se a linha moral da existência.³⁹⁹

Extremamente significativa é a afirmação de Henry Koster ao abrir, através da instrução e do letramento, a possibilidade de igualdade entre homens e mulheres. Escrito este que se tivesse como público alvo os poucos leitores residentes neste lado do Atlântico, em uma sociedade patriarcal como o Brasil, talvez soaria de forma subversiva.

Estando ainda em Pernambuco, outra mulher chamaria a atenção de Koster por seu comportamento. Ao passar um domingo com a família da moça “*Que se constitui pelo pai, mãe, filho e filha, todos brasileiros, e embora a moça jamais tivesse deixado*

³⁹⁷ KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Op. cit. (Vol. 1 - 2003). p. 158.

³⁹⁸ Davis posta como representantes deste segmento, vários grupamentos pertencentes aos segmentos sociais desprestigiados pelas elites da França dos séculos XVI-XVIII, tais como camponeses, artesãos, gráficos, operários, mendigos, mulheres. Cf. DAVIS, Natalie Zemon. Op. cit.

³⁹⁹ KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Op. cit. (Vol. 2 - 2003). pp. 477-478.

Pernambuco suas maneiras eram desembaraçadas, tendo a conversação viva e sedutora”⁴⁰⁰. Para o inglês as maneiras da moça eram facilmente explicadas pela educação, pois “*quando a educação se aperfeiçoa, os divertimentos são mais polidos e altos e, alargando-se o espírito, pelas leituras, muitos costumes tomam forma diversa*”⁴⁰¹.

Mas não foi apenas a temática acerca da educação das mulheres que emergiu nos constructos discursivos de Koster sobre o Brasil, os escravos negros também mostraram-se presentes em tal aspecto. Como já discutido anteriormente, a vivência de Koster no Brasil somado às reivindicações na Inglaterra da *Anti-Slavery Society* pela abolição do elemento servil nas colônias britânicas, cujo debate no Parlamento foi levado a cabo pelo fervoroso protestante William Wilberforce, levaram ao viajante Koster a tomar partido em tal debate pela abolição gradual da escravidão nas Antilhas Britânicas, postando a gradativa melhoria da situação do escravo como elemento primordial para o fim do trabalho escravo.

O pensamento de Koster partia do medo que as revoltas escravas no Haiti haviam desencadeado nas potências escravocratas europeias. Segundo Henry Koster, para evitar-se que o mesmo viesse a acontecer nas colônias Inglesas era necessário abolir o elemento servil, porém, antes, cabia ao colonizador europeu civilizar os escravos, pois se estes fossem libertados sem que antes tivessem o grau de civilização necessário, um mal ainda maior sobreviria sobre a administração das colônias.

Assim, crendo que o modelo da escravidão no Brasil era mais “*humano*” que o cruel trato prestado pelos senhores ingleses aos seus cativos, Koster indicou tal modelo como ideal a ser adequado nas colônias Britânicas. Cria então que a igreja católica fazia muito bem em batizar e inculcar o cristianismo dentre os africanos recém-chegados ao Brasil, notando que as irmandades negras eram extremamente benéficas aos senhores de escravos, já que tornavam-se uma forma de minorar a situação de degradação do escravo através dos festejos religiosos que faziam os negros escravos trocarem “*os pensamentos desagradáveis por outros agradáveis*”⁴⁰².

Partindo disto, Koster sugeria para as colônias inglesas a catequese e a cristianização dos escravos, assim como ocorria no Brasil, porém pela Igreja a qual pertencia, isto é, a Anglicana. Mas não somente a catequese, já que outro elemento era primordial para a transformação dos negros escravos em indivíduos civilizados:

⁴⁰⁰ KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Op. cit. (Vol. 1 - 2003). pp. 59-60.

⁴⁰¹ Ibidem, p. 61.

⁴⁰² Henry. *Como melhorar a escravidão*. Natal: EDUFRN – Editora da UFRN, 2003. p. 64.

O “negócio” da conversão e da instrução dos negros nas primeiras letras deve ser levado a cabo pelos ministros da Igreja da Inglaterra, de outro modo, os negros terão mais um motivo de queixa contra os seus senhores, e sabe Deus que já têm queixas em número suficiente.⁴⁰³

Koster lançava mão de duas tradições discursivas com relação ao trato com os escravos, de um lado o filantropismo cristão que postava a Igreja como detentora da responsabilidade de educar e moralizar os negros à medida que estes iriam sendo transformados em cristãos e por outro lado surgiam os traços por nós já discutidos dos tons iluministas que almejavam por uma racionalização do trabalho com matizes liberais.

Crianças, mulheres e escravos, elementos dissociados da cultura letrada no Brasil do século XIX e que devido a isso rechearam as narrativas dos viajantes protestantes que tanto valorizavam o mundo das letras. Henry Koster além de ser filho de um membro da Real Academia de Ciências de Lisboa, Sir John Theodore Koster⁴⁰⁴, possuía estreitas relações de amizade com o poeta laureado e historiador Robert Southey.

Os vínculos de Koster com os meios intelectuais ingleses lhe possibilitaram a publicação de resenhas e propagandas do seu “*Travels in Brazil*” em diversas revistas literárias Britânicas, tais como “*The London Quarterly Review*”, “*The Edinburg Review*”, “*The Augustan Review*”, “*The European Magazine*”, “*The Gentleman’s Magazine*”, “*Blackwood’s Edinburg Magazine*”. E aparentemente Koster enviava textos a serem publicadas neste tipo de periódicos como indica a seção de correspondência de outra revista sobre um texto de Koster não publicado:

Snr. Henry Koster

A sua correspondência tem um dos defeitos acima apontados, isto he, não está suficientemente inteligível para se mandar para uma imprensa inglesa; e não sabemos se teremos tempo e paciência para a reduzir a caracter mais perceptível para compositores estrangeiros.⁴⁰⁵

Assim, inserido nos meios literários europeus, se não fisicamente já que grande parte de sua curta vida se passou no Brasil, mas nominalmente, Koster estaria inteirado também das condições políticas pelas quais a Europa vivenciava. Algo que não parecia ser recíproco em alguns recantos do interior do Brasil Colônia.

⁴⁰³ Ibidem, p. 61.

⁴⁰⁴ SMITHERS, Henry. Op cit. p. 442.

⁴⁰⁵ O Investigador Portuguez em Inglaterra, ou Jornal Literario, Político, & C. Número LVII. Londres. Março, 1816. p. 516.
(http://books.google.com/books?id=aSUDAAAAYAAJ&pg=PA441&dq=%22henry+koster%22&as_brr=1&hl=ptBR&cd=8#v=onepage&q=%22henry%20koster%22&f=false).

Ora, o Brasil que durante tanto tempo estivera fechado à presença de qualquer estrangeiro, foi moldado a sentir receio de qualquer figura que destoasse dos colonizadores lusos. Assim, apesar da recente abertura dos portos, ingleses também poderiam ser motivo de desconfiança, até mesmo para aquilo que os habitantes do Brasil não compreendessem muito bem, como as guerras napoleônicas na Europa:

Um negro dirigiu-me a palavra perguntando se não era eu o inglês que estivera em Santa Luzia (...) disse (...) que houvera muito debate sobre o modo de proceder comigo (...) um imbecil sugeriu que bem podia tratar-se de um mensageiro de Bonaparte e era preciso saber meu plano diabólico. Várias vezes me tenho divertido com as idéias estranhas que os habitantes deste país possuem das nações longínquas das quais sabem apenas o nome e às vezes algumas particularidades, mas de tal forma alteradas pela incompreensão, que tenho dificuldade em conhecer o que realmente pensam relativamente a elas.⁴⁰⁶

Esta incompreensão das nações longínquas, como coloca Koster, só poderia ser explicada para este inglês por uma causa: a pouca ou nenhuma instrução dada ao povo que confundia ingleses com franceses, aliados com inimigos.

Décadas depois, já no período regencial, o reverendo Kidder, voltaria seus olhos para a instrução pública no Brasil, vista pelo pastor metodista como extremamente precária e inoperante. Segundo Daniel Kidder várias eram as causas do fracasso da instrução pública no Império Brasileiro, tais como, “*falta de bons livros escolares*”, ocorrendo casos em que as crianças aprenderiam a ler em manuscritos, ou dividindo os poucos livros com outros alunos. Kidder também ressaltaria que a carência de professores era uma situação existente em todas as Províncias, algo que ocorria segundo o Reverendo pela baixa remuneração destinada aos professores que nesta situação dirigiam-se “*para atividades mais remuneradoras*”.

Posto isto o norte-americano Kidder vislumbrava uma solução:

Não será fora de propósito sugerir aos brasileiros o sistema atualmente em voga nos Estados Unidos como adaptável ao seu ambiente e capaz de atender as conveniências brasileiras acima de qualquer expectativa.⁴⁰⁷

A preocupação levantada pelo reverendo estadunidense trazia consigo uma forte carga de valores culturais constituídos historicamente pelos protestantes norte-americanos. A educação transmitida de pais para filhos nas famílias protestantes dos Estados Unidos nos séculos XVII e XVIII constituiu-se de um metódico cotidiano de ensino da leitura fazendo

⁴⁰⁶ KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Op. cit. (Vol. 1 - 2003). p. 163.

⁴⁰⁷ KIDDER, Daniel P. Op. cit. (1980). pp. 266-267.

uso da Bíblia. As crianças liam com os pais passagens bíblicas repetidas vezes, buscando além do aprendizado da leitura, a memorização de trechos das Escrituras:

Assim foi na América dos séculos XVII e XVIII, caso extremo da prática protestante do livro. A leitura e a fé aí estão ligadas indissociavelmente, definindo uma cultura inteira baseada na familiaridade com o texto bíblico. Este é ouvido antes de ser lido, pois frequentemente o pai o lê em voz alta para a família ou o criado o lê para os patrões.⁴⁰⁸

Por este motivo, a prática missionária protestante norte-americana no Brasil (e em outros pontos do globo) utilizou-se da fundação de escolas primárias⁴⁰⁹ como mecanismo proliferador da alfabetização e proselitismo das pessoas atendidas em tais instituições. Já comentamos de soslaio acerca da escola fundada pela missão presbiteriana no Ceará na década de 1890.

Pode-se considerar a família Wardlaw como um caso típico da família a que Chartier se referiu como pertencente a “*uma cultura inteira baseada na familiaridade com o texto bíblico*” e com a leitura de forma geral. De Lacey Wardlaw era filho de um também reverendo presbiteriano Thomas De Lacey Wardlaw, que além das atividades ministeriais no Kentucky havia exercido a função de professor particular⁴¹⁰. Thomas Wardlaw faleceria em 1879 sem ter chegado a ver o filho graduado e consagrado a Reverendo Presbiteriano.

Lacey Wardlaw (filho) viria a casar-se com Mary Swift Hoge (Mary Hoge Wardlaw, após o casamento), a qual também era filha e irmã de reverendos presbiterianos. Desta forma não é fora da realidade imaginar que a instrução familiar de De Lacey e Mary tiveram a forte marca da junção “*Leitura e fé*”.

Tanto o é que, ainda recém-casados (com um mês apenas de matrimônio), o casal Wardlaw partiu como missionários para o Brasil em 1880. De Lacey exerceria as funções de ministro protestante e Mary trabalharia na implementação de uma escola, ou um trabalho missionário voltado para a instrução de crianças.

Grande parte das esposas dos missionários protestantes enviados ao Brasil passaram a trabalhar na área da educação, o que permitiu a constituição das diversas “Escolas

⁴⁰⁸ CHARTIER, Roger. (Org.). Op. cit. p. 134.

⁴⁰⁹ Ao findar do século XIX a missão presbiteriana buscou expandir o nível de ensino de suas ações missionárias, fundando em 1870 o Colégio Mackenzie de São Paulo que passou a ministrar cursos superiores de engenharia na década de 1890. Sobre a implantação do ‘Mackenzie College’, seu teor liberal e sua contribuição para a formação do empresariado paulista ver GOMES, Antonio Máspoli de Araújo. *Religião, educação & Progresso: A contribuição do Mackenzie College para a formação do empresariado em São Paulo entre 1870 e 1914*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2000.

⁴¹⁰ *HISTORY OF THE OHIO FALLS CITIES AND THEIR COUNTIES*. Vol. I. Cleveland: L. A. Williams & Co. 1882. p. 491. (<http://www.archive.org/details/historyofohiof1285will>).

Americanas” e “Colégios Batistas” fundados no decorrer do oitocentos e início do século XX nas diversas cidades brasileiras com atuação de missões protestantes.

Mas não eram apenas missionárias casadas que atuavam em tal frente missionária. Diversas missionárias solteiras⁴¹¹ passaram a vir dos Estados Unidos com o intento de auxiliar as missões na área de assistência educacional, como no caso das missionárias Caroline Cunningham e Sarah Chambers, enviadas na década de 1890 para auxiliarem Mary Hoge Wardlaw na Escola Americana em Fortaleza.

Constantes foram as matérias de Lacey Wardlaw no ‘*Libertador*’ concernentes à temática da educação das letras entre os brasileiros. Para Wardlaw havia um culpado no que ele considerava como fracasso da instrução pública no Brasil, e tal culpado estava claro ante seus olhos. Tratava-se da Igreja Católica Romana:

A religião Romana é uma religião de espetáculos, de foguetes, de procissões, etc; porem não desenvolve nos seus adeptos nem moralidade, nem intellectualidade. Noutras palavras a Igreja Romana é a mai da ignorância (...)
Há mais de trezentos annos que a religião romana tem sido a Religião do Estado, neste paiz. Tem baptisado, catechizado e confessado todas as gerações. Nunca encinou este povo ler e estudar o Evangelho, em que a religião christã funda-se.⁴¹²

Lacey percebia no tipo de educação que havia recebido em sua nação como aquela que seria apropriada a qualquer recanto do mundo, uma educação em que o aprendizado da leitura se dava com as leituras familiares da bíblia. Porém a instrução laica e religiosa se mostrava a Wardlaw de forma diferenciada, ao que o reverendo presbiteriano continua sua matéria:

Um jornal estrangeiro diz: <<A ignorância que reina em o Brazil é incrível; porem o relatório da primeira Exposição Pedagógica que realizou-se em o Rio de Janeiro da população em 1871, como 9.930.478 pessoas de quem 8.365.997 foram analphabeticos, e so 321.449 foram alistados nas eschollas.>>⁴¹³

Para o reverendo De Lacey, a igreja tinha função de ir além das práticas voltadas para o relacionamento com o sagrado, na medida em que seus repertórios culturais

⁴¹¹ Eliane Silva afirma que, a partir da segunda metade do século XIX, mulheres pertencentes a algumas denominações protestantes nos Estados Unidos passaram a ter uma participação mais ativa na organização de sociedades e movimentos diversos a partir de suas igrejas. Sendo um desses movimentos a disseminação de sociedades missionárias formadas por mulheres, que tinham por principal atribuição a área da educação. Cf. SILVA, Eliane Moura. *Gênero, Religião, missionarismo e identidade protestante norte-americana no Brasil ao final do século XIX e inícios do XX*. In. Mandrágora (São Bernardo do Campo), v. 14, pp. 25-37, 2008. p. 26.

⁴¹² Jornal ‘*Libertador*’. Fortaleza, 30 de abril de 1887. Seção ‘*Tribuna do Povo*’. Coluna ‘*Notas Religiosas*’ de autoria do reverendo De Lacey Wardlaw.

⁴¹³ Ibidem.

protestantes e anglo-saxões lhe direcionavam para a concepção de que religião e letramento eram inseparáveis, por tudo o que já comentamos anteriormente. Dessa maneira, as igrejas tinham um papel compatível com as escolas públicas no incentivo e ensino das práticas de leitura a seus fiéis.

A situação do analfabetismo no Brasil, cuja educação estivera durante muito tempo sob responsabilidade de membros do clero regular católico e que mesmo assim não alcançara níveis de letramento semelhantes aos dos Estados Unidos e Inglaterra, fizeram que Wardlaw aproveitasse tal estado de coisas para complementar seu discurso proselitista, ao claramente distinguir de forma valorativa em suas matérias os tipos de educação empregada em nações protestantes em detrimento das nações católicas.

Para Lacey o catolicismo era inimigo ferrenho da educação. Segundo este missionário se o povo fosse educado, facilmente apostataria da Igreja Católica e por isso o Reverendo presbiteriano afirmava que “*A Igreja Romana sempre foi inimiga da escola, dil-o a história, desde a Idade Média aos nossos dias*”⁴¹⁴. Enquanto isso os Estados Unidos e a Inglaterra seriam os redutos do progresso e da modernidade, explicando-se tal fato simplesmente pelo fato de que tais nações eram protestantes.

O “*atraso*” brasileiro explicava-se de maneira muito simples para Wardlaw, era culpa do clero católico:

A falta de educação n'este paiz e devida a religião que interessa e diverte o povo por espetáculos porem não occupa o raciocínio e mente dos adeptos. Há catholicos romanos que são educados, porém julgamos dos efeitos no numero geral dos seus adeptos.⁴¹⁵

Curioso notar a fusão que se desenvolve no discurso deste reverendo protestante entre protestantismo e educação, o qual não abre brechas para outras formas de percepção de tal assunto, isto é, havia a inadmissibilidade de contemplar o protestantismo distante das letras. Ou, por outro lado, havia uma séria resistência em admitir que o catolicismo pudesse servir como apoio ao letramento da população, católicos romanos “*educados*” seriam raras exceções.

Tal forma de pensamento se constituía na medida em que o catolicismo não era percebido por estes protestantes como um tipo de cristianismo aceitável, ao olhar destes estrangeiros o catolicismo vivenciado no Brasil, mais parecia um tipo de paganismo

⁴¹⁴ Ibidem, 07 de maio de 1887.

⁴¹⁵ Ibidem, 30 de abril de 1887.

disfarçado. Suas festas, rituais, procissões, manifestavam ao olhar destes protestantes forte resistência e eram relacionados à ignorância do povo:

Se se tratasse de divertimentos para africanos ignorantes, seriam mais compreensíveis essas funções, mas como parte de festejos religiosos (...) com a presença entusiástica de padres, monges e do povo, temos que confessar francamente que nos chocou bastante e teria sido melhor que não os tivéssemos presenciado.⁴¹⁶

A credulidade geral das classes baixas, classes do povo e mesmo de muitos indivíduos da alta sociedade, é acima de qualquer juízo. Nenhuma persuasão, nenhum raciocínio sobre esse assunto. Não é admitido nem mesmo duvidar da veracidade das histórias contadas.⁴¹⁷

Ante este olhar da alteridade, as práticas na “*zona de contato*” emergiam da perspectiva comparativa e eleição dos valores considerados mais compatíveis pelo estrangeiro. Por esta razão Lacey Wardlaw lançava a seus leitores brasileiros que tipo de educação o Brasil poderia empenhar-se em ter se almejasse o “desenvolvimento” do país, que estava justamente no modelo proveniente dos Estados Unidos protestante.

Postar os Estados Unidos como modelo a ser copiado pelo Brasil nos anos finais do século XIX, não foi uma particularidade do reverendo Wardlaw, pelo contrário, Lacey pareceu utilizar-se de uma euforia que tomava conta de determinados meios intelectuais brasileiros americanófilos. Ante a ascensão do movimento republicano a partir da década de 1870, muitos dos representantes de tal movimento passaram a vislumbrar nos Estados Unidos um modelo ideal que poderia ser aproveitado pelo Brasil.

Surgindo como potenciais substitutos da França e Inglaterra, os vizinhos do norte tinham a seu favor o fato de localizarem-se no continente americano e por haverem passado por um período de controle colonial, o que os postavam como exemplo ideal. Os Estados Unidos eram vistos, então, como reduto da democracia e da modernidade atrelada à ciência e ao progresso material, enquanto o Brasil carecia de tais dotes⁴¹⁸.

⁴¹⁶ KIDDER, Daniel P. Op. cit. (1980). pp. 133. O reverendo Kidder referia-se à festa de Nossa Senhora das Neves que presenciara na vila da Paraíba. Ante a devoção da população à Santa padroeira da vila com os foguetórios e procissões Kidder comentaria “*Duvidamos que a mitologia grega ou romana tivesse sido mais confusa*”.

⁴¹⁷ KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Op. cit. (Vol. 1 - 2003). p. 304. O comentário de Koster se dava ante sua surpresa perante a crença irresoluta de parte da população de Pernambuco na operação de milagres concedidos por Nossa Senhora do Ó. Segundo Koster as pessoas bebiam águas denominadas sagradas e contribuíam com somas em dinheiro para a igreja visando os ditos milagres, os quais o inglês não pareceu ser crédulo, explicando tal credence pela ignorância das pessoas.

⁴¹⁸ Para uma percepção mais detalhada deste olhar de simpatia aos Estados Unidos por parte de viajantes intelectuais brasileiros do final do século XIX e início do XX Cf. LISBOA, Karen Macknow. *Figurações do outro: Brasileiros relatam suas viagens nos EUA na virada do século XIX*. In. CAPELARI, Márcia Regina & NAXARA, Izabel Andrade & MARSON, Marion Brepohl de Magalhães (orgs.). Op. cit. pp. 461-484.

Aproveitando-se de tal oportunidade elaborativa para seu discurso, Lacey dedicou um espaço de suas prédicas no ‘*Libertador*’ para lançar sua opinião acerca da Instrução Pública estadunidense:

Nos Estados Unidos não há muito perigo de ver aquele paiz reduzido ao estado de ignorancia que prevalece na terra dos Papas (...) a proveniencia do povo americano nas industrias mechanicas e no desenvolvimento agrícola por meio de novos engenhosos instrumentos de lavoura era devida ao grande numero de Escolas livres em todos os ramos e conhecimentos humanos e para todas as classes do povo.⁴¹⁹

Após isto e reverendo passa a lançar dados estatísticos retirados do periódico “*Special Reports*” acerca do número de escolas e do valor investido pelo Governo Norteamericano em tais escolas, para em seguida arrematar:

Entre os homens ricos do Brazil não haverá alguém que queira immortalizar o seu nome na fundação d’uma escola industrial, com fundos suficientes para sustentar-se do rendimento para os filhos do povo que hoje estão quasi completamente sem escola?!⁴²⁰

Por tais razões a missão presbiteriana em Fortaleza no século XIX, sempre perpassava o mundo letrado. Se refletirmos um pouco perceberemos que o principal mecanismo de propagação das doutrinas presbiterianas pelo Reverendo Wardlaw aos não membros de sua igreja se dava de forma escrita através do ‘*Libertador*’. Além disso, havia a ‘*Livraria Evangélica*’ sob administração de De Lacey, segundo a qual já discorremos anteriormente.

E além destes instrumentos de proselitismo, existiu a Escola. Antes mesmo da fundação da “*Escola Americana*” em meados de 1890, Lacey Wardlaw, indicava tentativas anteriores na direção de instituir-se um estabelecimento de ensino sob a administração de membros da Igreja Presbiteriana em Fortaleza: “*Our elder conducts a night school for all comers, and has a afternoon school; he receives ten dollars a month for this, and his school has been the means of adding several persons to our congregation.*”⁴²¹.

⁴¹⁹ Jornal ‘*Libertador*’. Fortaleza, 20 de março de 1886. Seção ‘*Tribuna do Povo*’. Coluna ‘*Notas Religiosas*’ de autoria do reverendo De Lacey Wardlaw.

⁴²⁰ Ibidem.

⁴²¹ Jornal ‘*The Missionary*’. A monthly Journal, issued in behalf of The Foreign Missions of the Presbyterian Church in the United States. Edited by the secretaries. Vol. XXIII. Published by Whittet & Shepperson. Richmond: Novembro de 1890, p. 421. (<http://www.archive.org/details/missionary00missgoog>). “*Nosso ancião conduz uma escola noturna para todas as pessoas com potencial, e tem uma escola à tarde, ele recebe dez dólares por mês para isso, e sua escola tem sido um meio de adição de várias pessoas à nossa congregação*” (Tradução Livre).

Como dito anteriormente a formação familiar do casal Wardlaw possuía traços íntimos das práticas de letramento. Não apenas Lacey Wardlaw daria ênfase em seu trabalho missionário na questão da educação. Mas também Mrs. Wardlaw, que tomaria a frente da escola fundada em fortaleza pela missão.

Mary Hoge noticiaria aos seus compatriotas ⁴²² acerca dos meses iniciais do funcionamento da escola, a qual atendia “*Twenty-three scholars, and three more are promised*”. Uma das professoras era filha de um dos principais membros da igreja Presbiteriana de Fortaleza, o tenente reformado e cirurgião dentista Albino José de Farias, a qual era “*graduate at the Normal School*”.

Em seguida Mary exporia que:

I give an hour and a half to two hours to the school every day (...) I do not find very much difference between teaching the young North American and his little brother in the South. When you consider the religion that surrounds them, and in which some of them were reared, you cannot wonder that we find many obstacles to our work; nevertheless, in one month we have seen improvement. ⁴²³

Significativo é o olhar comparativo de Mary Hoge sobre seus alunos. Para a missionária não haveria diferenças no ensinar as crianças estadunidenses e as brasileiras, o que denota a percepção de Mary de que a educação protestante, tida como a única aceitável pelos missionários, poderia ser viável em uma nação cujo catolicismo era majoritário.

Mesmo após o retorno do casal para os Estados Unidos, Mary Wardlaw continuaria exercendo atividades missionárias correlatas à função de professora de crianças. Já na Flórida durante a década de 1920, morando em County Dade, Miami ⁴²⁴, encontramos nas colunas sociais do periódico ‘*Miami Daily News and Metropolis*’ a presença de “*Mrs. De Lacey Wardlaw*”, que fazia parte da “*Woman’s Association. First Presbyterian Church*”⁴²⁵.

Dentre as atividades exercidas por Mary em tal associação feminina encontrava-se a de professora de espanhol. Em nota do periódico “*The Miami Metropolis*”, intitulada “*Children’s Music Club Members. Progressing in Spanish Sermons*”, datada de 16 de

⁴²² Ibidem, p. 434.

⁴²³ “*Eu dou uma hora e meia a duas horas para a escola todos os dias (...) Eu não vejo muita diferença entre ensinar os jovens norte-americanos e seu irmãozinhos do Sul. Quando você considera a religião que os rodeia e na qual alguns deles foram criados, você não pode deixar de pensar que nós encontramos muitos obstáculos para o nosso trabalho, no entanto, em um mês temos visto melhoras.*” (Tradução Livre).

⁴²⁴ O casal Wardlaw partiu do Brasil com destino aos Estados Unidos, juntamente com suas quatro filhas (todas nascidas no Brasil) em meados de 1901. Por volta de 1919 fixaram-se em Dade County, periferia de Miami.

⁴²⁵ Jornal ‘*Miami Daily News and Metropolis*’. Seção ‘*In the Social World*’. Miami, 06 de outubro de 1924. p. 11.(<http://news.google.com/newspapers?id=hFcuAAAAIIBAJ&sjid=oNgFAAAAIBAJ&pg=5013,5618026&dq=eight-dresses-given-the-girls&hl=en>).

setembro de 1919, encontramos a seguinte indicação das atividades de Mary Wardlaw como professora:

The rapidity with which the childish may grasp a foreign language is being illustrated most satisfactorily at the meetings of the Children's Music club each Saturday afternoon.

*On last Saturday the regular lesson given by Mrs. DeLacey Wardlaw was varied a little in order to increase the interest taken by the children, and one little member of the club, having brought her pretty little dog, was placed upon the stage with her pet and an object lesson was given by Mrs. Wardlaw, the entire conversation being devoted to bits of information regarding the little girl and the dog.*⁴²⁶

Em outra ocasião o mesmo periódico anunciaria que “*The regular lesson in Spanish was given by Mrs. DeLacey Wardlaw during the first portion of the meeting hour. A pretty little song in Spanish which the children have learned in previous lessons was sung.*”⁴²⁷

Muito provavelmente a vivência de Mary Wardlaw no Brasil bem como a estadia de sua filha Mary Louise em Cuba, onde casou-se⁴²⁸, possibilitaram Mary Hoge tornar-se professora de espanhol na Flórida. Além de Mary Louise, Carolyn Wardlaw, a filha caçula, também morou em Cuba junto com a irmã, chegando a levar sua mãe em 1917⁴²⁹ para Havana. A estadia das Wardlaws em Cuba se deu até 1919, quando o reverendo De Lacey foi até a ilha para buscá-las⁴³⁰, fixando em seguida residência na Flórida.

Entrementes, anos antes, pouco tempo após retornar aos Estados Unidos, Mary passaria alguns meses em um trabalho missionário nas montanhas do Kentucky juntamente com o missionário presbiteriano Edward Guerrant⁴³¹. Juntamente com outras trinta e quatro

⁴²⁶ Jornal ‘The MiamiMetropolis’. Seção ‘Society and the Social Service’. Miami, 16 de setembro de 1919. p. 11. (<http://news.google.com/newspapers?id=JlQuAAAAIABJ&sjid=VNqFAAAAIAAJ&pg=5338,5309174&dq=delacey-wardlaw&hl=en>) “A rapidez com que as crianças podem compreender uma língua estrangeira pode ser ilustrada mais satisfatoriamente nas reuniões do Clube de Musical Infantil, todas as tardes de sábado. No sábado passado, a lição regular dada pela Sra. DeLacey Wardlaw variou um pouco, a fim de aumentar o interesse das crianças, uma pequena membro do clube, trazendo seu lindo cachorrinho, foi colocada em cima do palco com seu animal de estimação e a lição foi dada pela Sra. Wardlaw, toda a conversa foi dedicada a informações sobre a garotinha e o cão.” (Tradução Livre).

⁴²⁷ Ibidem, 11 de agosto de 1919. p. 05.

(<http://news.google.com/newspapers?id=C1QuAAAAIABJ&sjid=VNqFAAAAIAAJ&pg=5679,2984855&dq=delacey-wardlaw&hl=en>). “A lição regular em espanhol foi dada pela Sra. DeLacey Wardlaw durante a primeira parte da hora da reunião. Uma linda canção em espanhol, que as crianças aprenderam nas lições anteriores foi cantada.” (Tradução Livre).

⁴²⁸ Mary Louise Wardlaw, terceira filha da união de De Lacey e Mary Hoge, nascida em 1886 na cidade de Fortaleza, casou em Cuba com o gerente do banco Real Canadense em Havana William Mackeen Thompson no ano de 1912. Posteriormente William e Mary Louise tornaram-se vizinhos de De Lacey e Mary Hoge em Dade County, Flórida.

⁴²⁹ United States Passport applications, 1795-1905 [microform]. 13 de junho de 1917. Nº 56108. (<http://search.ancestry.com/search/db.aspx?dbid=1174>).

⁴³⁰ Ibidem, 12 de abril de 1919. Nº 75634. (<http://search.ancestry.com/search/db.aspx?dbid=1174>).

⁴³¹ Edward Owings Guerrant, oficial veterano das forças confederadas durante a guerra civil americana, após o conflito tornou-se Ministro Presbiteriano fundando a ‘American Inland Mission’ e a ‘Society of Soul Winners’.

professoras Mary relataria que as aulas eram ministradas às crianças todos os dias com exceção dos sábados ⁴³². A rotina de aulas incluía canções, bem como lições de leitura e escrita (com o uso da bíblia como literatura principal), geografia e aritmética.

De tal experiência Mary Wardlaw relataria sua percepção acerca da importância do ensino das letras às crianças daquela região, mas que cremos também poder ser visto como o que a motivou durante seus anos de educadora no Ceará:

Often tragic experiences await them as the mission-schools increase, a larger number of sweet and interesting girls there will come under the beneficial influence, their minds will be stimulated, their horizon broadened, and marriage will not be rushed into so thoughtlessly. ⁴³³

*The Bible is read, education appreciated, their views become deepened, widened and spiritualized.
It is the solution of the mountain problem.* ⁴³⁴

Desta forma, Mary percebia no proselitismo ao protestantismo e no letramento das pessoas visadas pelas missões presbiterianas como o caminho para a solução dos problemas existentes no meio social de tais sujeitos, na medida em que a educação e o protestantismo estimulariam as mentes e abririam os horizontes das crianças frequentadoras das escolas protestantes.

Percebe-se que De Lacey e Mary Hoge Wardlaw se mostravam interessados e empenhados nos aspectos relacionados ao letramento em seus trabalhos missionários. Mas tal preocupação também parecia estender-se à vida familiar do casal. Como dito anteriormente os Wardlaw, recém-casados, chegaram a Pernambuco no ano de 1880, passando vinte e um anos no Brasil. Suas quatro filhas nasceram ⁴³⁵ e tiveram sua educação inicial neste país estrangeiro.

Tais projetos tinham por preocupação central a implantação de missões protestantes em zonas remotas do interior estadunidense como, por exemplo, as montanhas do Kentucky. Em 1910, Guerrant viria a publicar um livro contendo relatos, correspondências e relatórios acerca da missão presbiteriana junto aos ‘Highlanders’ (montanheses), chamado “*The Galax Gatherers: The Gospel among the Highlanders*” no qual uma correspondência de Mary Hoge Wardlaw compôs um capítulo.

⁴³² GUERRANT, Edward O. *The Galax Gatherers: The Gospel among the Highlanders*. Kentucky: Published by Onward Press. 1910. p. 179. (<http://www.archive.org/details/cu31924010165680>).

⁴³³ Ibidem, p. 182. “Muitas vezes trágicas experiências esperam por eles. Com o aumento das missões- escolas, um número maior de meninas doces e interessantes estará sob influência benéfica, suas mentes serão estimuladas, seu horizonte ampliado, e o casamento não será apressado de modo impensado.” (Tradução Livre).

⁴³⁴ Ibidem, p. 183. “A Bíblia é lida, a educação apreciada, seus pontos de vista são aprofundados, ampliados e espiritualizados. É a solução do problema da montanha.” (Tradução Livre).

⁴³⁵ Virginia Randolph Wardlaw nasceu em 1881 em Recife; Blanche Lewis Wardlaw (1883 – Fortaleza); Mary Louise Wardlaw (1886 – Fortaleza); Caroline Cunningham Wardlaw (1891 – Fortaleza).

Acreditamos que o modelo de educação empregado pelo casal Wardlaw às suas filhas enquanto os mesmos estiveram no Brasil foi de estilo semelhante ao aludido por Chartier a respeito da educação privada das famílias protestantes norte-americanas, o qual valorizava a escola, entretanto tinha no ambiente doméstico um local de apresentação e aprimoramento da leitura às crianças por parte dos pais, sendo a Bíblia, a literatura principal, porém não a única.

Não possuímos elementos suficientes para apontar todos os mecanismos de instrução utilizados por De Lacey e Mary no letramento de suas filhas, entretanto, alguns indícios podem nos ser úteis no que diz respeito às práticas de ensino privado deste casal de missionários americanos nos anos que viveram no Brasil.

Provavelmente, dada a importância da ‘*Escola Americana*’ por parte do casal Wardlaw, suas filhas deveriam ser alunas de tal instituição. Mary Hoge apontava que esta escola servia como um alívio para os pais adeptos do protestantismo, já que nas outras escolas existentes na cidade de Fortaleza, as crianças “*not only learned much that was objectionable, but in most cases have been neglected by their teachers and shunned or persecuted by their mates*”⁴³⁶. Posto isso, é plausível que Mary Wardlaw não tenha achado conveniente matricular suas filhas em outras escolas da cidade, optando pela escola da própria missão, e principalmente pela instrução doméstica.

Discorrendo sobre o tempo que dedicava à ‘*Escola Americana*’, Mary exporia a seus compatriotas que não dedicava mais tempo a este empreendimento devido “*cannot leave home for a greater length of time*”⁴³⁷. Tal condicionamento que impossibilitava Mary Hoge de ausentar-se de casa por muito tempo devia motivar-se pela pouca idade de suas filhas e os afazeres domésticos, dos quais acreditamos que a instrução nas letras das filhas seria uma de suas funções primordiais como mãe, já que para as outras atividades domésticas o casal contava com os serviços de duas empregadas domésticas⁴³⁸.

Além destes aspectos, uma fonte em especial nos leva a deduzir uma série de características que estariam presentes na educação das filhas destes missionários no Brasil,

⁴³⁶ Jornal ‘*The Missionary*’. A monthly Journal, issued in behalf of The Foreign Missions of the Presbyterian Church in the United States. Edited by the secretaries. Vol. XXIII. Published by Whittet & Shepperson. Richmond: Novembro de 1890, p. 137. (<http://www.archive.org/details/missionary00missgoog>). “*não somente aprendem coisas que desaprovamos, mas, na maioria dos casos, são negligenciados pelos professores e evitados ou perseguidos por seus colegas.*” (Tradução Livre).

⁴³⁷ Ibidem. “*Não poder sair de casa por um maior período de tempo*” (Tradução Livre).

⁴³⁸ Segundo o arrolamento da cidade de Fortaleza do ano de 1887 moravam à Rua Major Facundo nº 158, juntamente com o casal Wardlaw, suas três filhas (Caroline Wardlaw ainda não havia nascido) e duas criadas, uma chamada Joana Pinto e outra de nome de Maria Francisca. In. Arrolamento da população da Freguesia de S. José da cidade da Fortaleza, capital do Ceará. 1887. Livro 383. Fundo: Chefatura de Polícia. p. 12. APEC – Arquivo Público do Estado do Ceará.

trata-se de uma correspondência enviada pela filha mais velha do casal, Virginia Wardlaw, à revista Infanto-Juvenil “*St. Nicholas*”, publicada no ano de 1899 ⁴³⁹, em sua edição de aniversário.

A “*St. Nicholas*”, editada por Mary Mapes Dodge, tratava-se de uma publicação mensal nova yorkina destinada a crianças e adolescentes que alcançou rápido sucesso nos Estados Unidos. Criada em 1873, a revista viria a circular até 1941. Na realidade, o lançamento da “*St. Nicholas*” não foi uma novidade no mercado editorial estadunidense de materiais destinados a este público alvo, mas veio a somar-se com outros impressos de sucesso no século XIX como a “*The Youth’s Companion*”.

O conteúdo da revista trazia diversas histórias, poemas, contos, jogos, charadas, que variavam em tamanho e linguagem, tendo em vista que a publicação visava alcançar tanto crianças que ainda estavam aprendendo os rudimentos da leitura, assim como adolescentes em transição para a vida adulta.

Um dos chamarizes da “*St. Nicholas*” era a quantidade de gravuras e fotografias presentes em suas publicações, além disso, uma forte ênfase patriótica era dada nas histórias chamando a atenção para a valorização dos “*heróis*” norte-americanos fundadores da pátria, o que contribuía para atrair a simpatia dos pais das crianças e jovens leitores.

Virginia Wardlaw, que em 1899, contava com dezoito anos de idade escreveu para a “*St. Nicholas*” parabenizando a revista por seu vigésimo sexto aniversário e nos dando alguns rastros de seu cotidiano voltado às letras. A jovem Wardlaw declara que o acesso que tinha à publicação se dava por auxílio de um primo que enviava ao Brasil o material desde 1890, material este pelo qual Virginia demonstrava ser, juntamente com suas três irmãs mais novas, assídua leitora: “*I don't know what we could do without you*” ⁴⁴⁰.

Acreditamos que o fato do Reverendo Lacey Wardlaw ser dono de uma livraria, muito contribuiu para esse acesso das suas filhas a um material impresso importado, na medida em que parte dos produtos comercializados por Wardlaw provinham do exterior. Consoante o próprio missionário declarou: “*O vapor Lisbonense trouxe de Lisboa três caixas de livros religiosos para o depósito da rua das Flores nº 5. Nestes livros há um opúsculo chamado ‘Lutero, ou o homem que abalou o mundo’*” ⁴⁴¹.

⁴³⁹ St. Nicholas, an illustrated magazine for young folks. Conducted by Mary Mapes Dodge. Volume XXVI, part I – November 1898 to April 1899. The Century co. New York, 1899. (<http://www.archive.org/details/stnicholas04unkngoog>).

⁴⁴⁰ Ibidem, p. 437. “*eu não sei o que poderíamos fazer sem você*” (Tradução Livre).

⁴⁴¹ Jornal ‘Libertador’. Fortaleza, 22 de maio de 1886. Seção ‘*Tribuna do Povo*’. Coluna ‘*Notas Religiosas*’ de autoria do reverendo De Lacey Wardlaw.

A “*St. Nicholas*” servia então, ao mesmo tempo, como um material de lazer e entretenimento e como um aprimoramento da leitura das jovens filhas dos dois missionários protestantes, na medida em que o letramento era considerado imprescindível para o mundo religioso desta família.

Virginia passa então a declarar suas histórias preferidas da revista “ “*Lady Jane,*” “*Jack Ballister's Fortunes,*” “ *Polly Oliver's Problem*”, “*Master Skylark,*” and “*Miss Nina Barrow.*””⁴⁴²; histórias estas que traziam em suas tramas piratas, princesas, rainhas, missionários, heróis e heroínas juvenis. Contudo a jovem leitora ressaltaria que sua preferência voltava-se às história de guerra (“*the stories about the war*”), principalmente “*Chuggins*” e “*Margaret Clyde*”.

Percebe-se no escrito de Virginia uma forte valorização dos feitos militares norte-americanos, que estavam presentes em várias das histórias citadas acima. Ora, torna-se compreensível tal valorização da jovem filha de um casal de norte-americanos a aspectos inerentes ao militarismo e à guerra, na medida em que a constituição de uma nacionalidade estadunidense se voltou com vigor exacerbado a estes elementos.

Para que se constituísse um espírito nacional norte-americano foi necessário aos idealizadores da nação fomentar nas figuras ligadas às diversas guerras, tais como a de independência, de Secessão, Americano-Espanhola, de Conquista do Oeste, o papel de fundadores da América.

Por isso Catroga, ao analisar tal valorização da guerra e da figura do militar nos Estados Unidos, visto não como um ente individual, mas imerso na coletividade dos cidadãos, percebe nos diversos festejos comemorativos americanos voltados aos que “*morreram pela Pátria*” um dos elementos primordiais da religião civil, na qual está presente:

A mobilização dos sentimentos – finalidade de toda a religião civil – tem a sua mais acabada assunção nos deveres para com a Pátria, incluindo a disponibilidade para se morrer por ela. Por isso o culto dos heróis e dos grandes a este processo de interiorização dos valores.⁴⁴³

Desta maneira, Virginia interiorizava o culto dos heróis da nação de seus pais, que apesar de ser-lhe uma realidade outra, tornava-se com a leitura da “*St. Nicholas*” e da instrução familiar sua nação também. E não apenas Virginia, mas suas irmãs também aprendiam a valorização dos heróis americanos, uma vez que percebiam nas gravuras destes

⁴⁴² *St. Nicholas*, an illustrated magazine for young folks. Conducted by Mary Mapes Dodge. Volume XXVI, part I – November 1898 to April 1899. The Century co. New York, 1899. P. 437. (<http://www.archive.org/details/stnicholas04unkngoog>).

⁴⁴³ CATROGA, Fernando. Op. cit. p. 54.

heróis excelentes presentes para dar no natal: “*My sister is enlarging the pictures of the American heroes to give me at Christmas. Sampson, Dewey, and Hobson are the ones we like best.*”⁴⁴⁴.

Mas se por um lado a valorização dos militares estadunidenses deixa transparecer o ideário de uma nacionalidade estadunidense entre Virginia e suas irmãs; por outro a filha mais velha do casal Wardlaw, nascida em 1880 em Recife, resolve destacar aos editores da “*St. Nicholas*” os “*our own great men*” (nossos próprios grandes homens), isto é, os “*heróis*” brasileiros.

Tendo acesso aos periódicos brasileiros, através de seu pai, que era assinante de diversos jornais, assim como autor de matérias pagas no “*Libertador*”, Virginia queixava-se em sua correspondência o fato de as publicações brasileiras serem carentes de imagens dos “*great men*” brasileiros, que, mesmo sendo poucos, segundo seu modo de ver, eram importantes homens.

Ao que destaca quais seriam “*Our most famous men*” (Nossos mais famosos homens): Carlos Gomes e José de Alencar; de modo a forjar para si uma identidade ao postar tais figuras como “nossos” e não como “outros”, criando uma complexidade impar no jogo da alteridade já que Virginia aparentemente via-se ao mesmo tempo norte-americana e brasileira.

O curioso é que de maneira diversa aos “*heróis*” americanos, os “*grandes homens*” brasileiros de Virginia, não eram militares, mas sim um escritor e um compositor. No entanto, tal aspecto caminha como algo análogo à construção da nacionalidade brasileira e da religião civil americana, já que se nos Estados Unidos os ícones e feitos militares propiciaram a constituição dos diversos mitos de origem da nação estadunidense; no Brasil coube a intelectuais como Alencar e Gomes a perpetração dos mitos fundadores brasileiros.

Desta maneira, Carlos Gomes é descrito por Virginia como escritor de “*our national hymn, which Gottschalk arranged so magnificently*”⁴⁴⁵. Novamente a jovem Wardlaw faz uso do pronome “*nosso*” aludindo ao hino nacional brasileiro, ao mesmo tempo em que fala de maneira elogiosa a um compositor norte-americano, transmitindo nesta relação talvez seus próprios sentimentos de fusão de territorialidades.

⁴⁴⁴ St. Nicholas, an illustrated magazine for young folks. Conducted by Mary Mapes Dodge. Volume XXVI, part I – November 1898 to April 1899. The Century co. New York, 1899. P. 437. (<http://www.archive.org/details/stnicholas04unkngoog>). “*Minha irmã está ampliando as imagens dos heróis americanos para me dar no Natal. Sampson, Dewey e Hobson são os que nós mais gostamos.*” (Tradução Livre).

⁴⁴⁵ Ibidem. “*nosso hino nacional, o qual Gottschalk arranhou tão magnificamente.*” (Tradução Livre). Na realidade o que Virginia chama de hino nacional, trata-se da “*Grande Fantasia Triunfal sobre o Hino Nacional Brasileiro*” de autoria do compositor e pianista norte-americano Louis Moreau Gottschalk, que, com este espetáculo dedicado à Princesa Isabel, tornou-se um dos músicos preferidos pela família Imperial brasileira na década de 1860.

Além disso, destaca Carlos Gomes como autor da ópera “*Guarany*” baseado no romance homônimo de José de Alencar, o qual Virginia parecia haver lido, pois o considerava “*the most beautiful tale I know of. I wish someone would translate it.*”⁴⁴⁶. Com estas palavras, notamos que outras leituras além da bíblia, eram empreendidas pelas filhas de Lacey e Mary Wardlaw.

De forma semelhante a vários leitores brasileiros do século XIX, a história de Ceci e Peri cativaria a atenção e os sentimentos de uma jovem filha de missionários presbiterianos. Muito além, dos ímpetus romanescos da história de Alencar, Virginia pôde encontrar nessa obra algo que lhe deveria parecer importante, isto é, como moldar seu(s) sentimento(s) de nacionalidade dividido entre o local em que nascera e vivera toda sua vida e a territorialidade e repertórios culturais emanados por seus pais estrangeiros cotidianamente e que remetiam a uma outra nação ainda não experimentada, apesar de exultada por Virginia.

Virginia citaria ainda acerca de Alencar: “*a Cearense author, to whom a statue has lately been erected at Rio de Janeiro. He wrote a novel which gave to this state the name of the " Land of Iracema."*”⁴⁴⁷, o que remete para uma percepção ainda mais reduzida, ao identificar Alencar ao Ceará, seu local de nascimento, mas não de residência.

Há então nesta, aparentemente, simples correspondência de uma adolescente a uma revista infanto-juvenil, uma riqueza impar de detalhes acerca das relações de alteridade. Antes de encerrar sua carta, Virginia, remeteria novamente à utilização dos elementos brasileiros e norte-americanos para explicar o que representaria a data de 15 de novembro para os brasileiros e para ela:

*The 15th of November is the Brazilian Fourth of July, because on that day it ceased to be an empire. I can't forgive the Brazilians yet for the way they treated our dear old emperor.*⁴⁴⁸

Em tal trecho uma sequência de alusões à relação “*nós*”-“*eles*” se desenvolve, desde a comparação entre o 15 de novembro e o 4 de julho, até a discordância da ação dos “*Brazilians*” no exílio de Pedro II, o qual Virginia denominaria de “*nosso*” imperador.

Destarte, percebemos na referida fonte diversos elementos que nos conduzem a uma percepção um pouco mais aprofundada da instrução letrada dispensada às filhas do casal

⁴⁴⁶ Ibidem. “o mais belo conto que eu conheço. Eu gostaria que alguém pudesse traduzi-lo” (Tradução Livre).

⁴⁴⁷ Ibidem. “um autor cearense, para o qual uma estátua foi erguida recentemente no Rio de Janeiro. Ele escreveu um romance que deu a este estado o nome de “Terra de Iracema”” (Tradução Livre).

⁴⁴⁸ Ibidem. “O 15 de novembro é o 4 de julho dos brasileiros, porque nessa data o Brasil deixou de ser um império. Eu ainda não consigo perdoar os brasileiros pela forma como trataram o nosso querido velho imperador.” (Tradução Livre).

Wardlaw por estes durante suas duas décadas de vivência no Brasil. Uma heterogeneidade de mecanismos eram utilizados para promover o desenvolvimento de práticas letradas entre as crianças, tendo o ambiente familiar como um local propício a tais práticas.

Podemos apontar que alguns elementos contribuíram para este estilo de cotidiano letrado por parte de Virginia, tais como: a profissão de seus pais, Mary Hoge que exercia funções de educadora na missão e a livraria de De Lacey como fator propiciador de acessibilidade aos livros.

Além da leitura, a escrita parecia fazer parte do cotidiano de Virginia, Blanche, Mary Louise e Caroline, como explicita a irmã mais velha:

My two younger sisters and I have started a little paper we call "The Three Graces." We asked our little sister Carrie to write a story for us, and she said, "Then the paper ought to be called 'The Four Graces'!" She does sums in "subscrachin," and has learned what she calls a "grammatic scale." She is learning "Table Manners" by heart, and whatever thing we do at the table that is worthy of reproof, we remind each other of the Goops!"⁴⁴⁹

A leitura e a escrita podem ser encaradas como elementos de total relevância a estes estrangeiros protestantes que experienciaram o Brasil oitocentista, desde sua função religiosa até o ideário de uma civilização que passara a ser ditada e dirigida pela utilização de códigos gramáticos.

Porém, esta visão de mundo não restringiu-se às práticas discursivas, mas dialogaram constantemente com as práticas cotidianas destes protestantes missionários, cientistas, professores, livreiros, comerciantes, proprietários rurais, que encaravam no letramento da população do Brasil elemento precípua à consolidação de projetos almejados por estes sujeitos a um porvir idealizado ao Brasil. Para tais projetos dedicamos a próxima e derradeira parte desta dissertação.

⁴⁴⁹ Ibidem. "Minhas duas irmãs mais novas e eu começamos a escrever um jornalzinho que chamamos de "As Três Graças". Pedimos a nossa irmã Carrie para escrever uma história para nós, e ela disse: "Então o jornal deveria ser chamado 'As Quatro Graças'!" "Ela faz somas em" subscrachin ", e aprendeu o que ela chama de" escala gramática. "Ela está aprendendo o " Table Manners ", e qualquer coisa que fazemos na mesa que é digno de reprovação, lembramos uns dos outros dos Goops!" (Tradução Livre). "Table Manners" tratava-se de uma seção do "St. Nicholas" que ensinava como se comportar civilizadamente à mesa através de personagens chamados Goops, os quais sempre se comportavam de maneira reprovável durante as refeições.

Capítulo 3

*“Se este país for povoado por uma raça
industrial e progressista, ele será, muito
em breve, um paraíso na terra.”*

(Major Robert Meriwether)

O Porvir Idealizado

CAPÍTULO 3:

O PORVIR IDEALIZADO

A ignorância, a superstição, a intolerância, o vício são os baluartes atrás dos quais ganham força esses elementos hostis. E enquanto não puderem ser eles destruídos pelo suave poder do saber e da piedade, é inútil esperar prosperidade contínua e progresso ininterrupto, na trilha que leva à grandeza nacional.

Nenhuma nação existe que esteja inteiramente isenta das dificuldades e perigos decorrentes das causas apontadas; mas, se há um país sobre a Terra que mais vantagens poderia hoje colher, se desses males se libertasse inteiramente, tal país é, sem sombra de dúvida, o Império do Brasil.⁴⁵⁰

Cinco anos após haver partido do Brasil motivado pela morte de sua esposa no Rio de Janeiro, Daniel Parish Kidder conseguiria publicar seus relatos acerca do Brasil. E com tais palavras citadas acima o reverendo metodista Kidder encerrava seu escrito de viagem sobre essa nação estrangeira. Soa com clareza o tom de idealização ao que poderia vir a ser o Brasil no cenário internacional.

Kidder viera ao Brasil em 1837 e passara cerca de três anos percorrendo este território até então só revelado a este *colportor* através das letras de outros viajantes. Podemos considerar que o escrito de viagem de Kidder (e isso poderia ser estendido a outros viajantes), resultou do embate entre seus projetos iniciais e a experiência resultante da tentativa de efetivação de tais empreendimentos, bem como o período de compilação de dados e exercício de sua memória pessoal para a constituição final da publicação. Tal como afirma Pratt postando o relato de viagem inserto em uma dimensão heteroglóssica, cujo “*conhecimento advém não apenas da sensibilidade e dos poderes de observação do viajante, mas da interação e experiência usualmente dirigida e gerenciada por “viajados”*”⁴⁵¹.

Assim uma construção discursiva dialética emerge das palavras finais do missionário metodista como numa espécie de manifesto visando a “*grandeza*” do país que visitara, Kidder exporia que para surgir o novo, o velho deveria ser extirpado. Algumas palavras destacam-se com ênfase no texto, tais como o “*suave poder do saber e da piedade*”, que propiciariam ao Império brasileiro “*prosperidade*”, “*progresso*” e “*grandeza*”.

Mas para alcançar todas estas benesses da modernidade seria necessário ao Brasil a libertação de algumas mazelas que assolariam esta nação: “*A ignorância, a superstição, a*

⁴⁵⁰ KIDDER, Daniel P. Op. cit. (1980). p. 272.

⁴⁵¹ PRATT, Mary Louise. Op. cit. p. 234.

intolerância, o vício”. Males estes apontados não apenas nas páginas do escrito de Kidder, mas também nos textos de Koster, Gardner e do casal Wardlaw.

Percebe-se que ao construírem seus escritos, os quais direcionados a seus compatriotas, estes estrangeiros pareciam dedicar àqueles um papel de fundamental importância na constituição deste porvir ao Brasil. O destino desta nação não poderia ser disposto tão somente nas mãos dos brasileiros.

Ao longo dos dois capítulos anteriores analisamos as práticas e olhares destes cinco estrangeiros anglo-saxões e protestantes com relação ao Brasil durante o século XIX, entretanto, a maior parte dos escritos destes sujeitos que nos serviu de aparato documental foi publicada quando estes viajantes e missionários não mais estavam no Brasil e sim em seus países de origem, escrevendo, portanto, para seus compatriotas.

A obra *‘Travels in Brazil’* de Henry Koster contém as percepções acerca de suas viagens e permanências nesta colônia portuguesa e são alusivas principalmente ao período de 1809 a 1811. Foi publicada apenas em 1815, quando Koster já se encontrava de volta à Inglaterra. Juntamente com o *Travels*, no mesmo ano o viajante publicou o já comentado *‘On The Amelioration of Slavery’*, que apesar de voltar-se à temática da escravidão nas Antilhas Britânicas estava repleto de alusões à experiência de Koster como senhor de escravos nos engenhos de Jaguaribe e Amparo, ambos localizados em Pernambuco.

George Gardner teria seus relatos de viagem publicados somente em 1846 cinco anos após seu retorno à Europa, encontrando-se inclusive já investido no cargo de diretor do Jardim Botânico de Peradenia no Ceilão, colônia britânica na Ásia. Como dissemos anteriormente, o mesmo interstício de tempo levaria Daniel Kidder para publicar seu *“Sketches of Residence and Travels in Brazil”* nos Estados Unidos em 1845, cinco anos após o Reverendo Metodista haver deixado o Brasil.

Já Mrs. Mary Hoge Wardlaw, após seu retorno aos Estados Unidos, viria publicar em 1902 um romance cujo pano de fundo seria o processo de desenvolvimento da missão protestante presbiteriana no Ceará nas décadas de 1880 e 1890, período de sua atuação e de seu esposo o Reverendo De Lacey Wardlaw no Brasil. Em trinta e três capítulos a autora traça o processo de conversão e resistência ao protestantismo no Ceará. Trata-se da obra *“Candida; or, By a Way She Knew Not. A Story From Ceara”*, a qual nos debruçaremos no primeiro tópico deste capítulo.

Há de se observar que este período que separou o retorno dos viajantes à suas nações de origem e a publicação dos seus respectivos livros não podem ser relegados como destituídos de influência ante o resultado final publicado. Apesar de o tom dos livros de

viagem denotar uma escrita a qual por vezes lembra a linguagem de um diário, não podemos nos esquecer de que tal estilo fazia parte de um vasto mercado editorial, e que o período entre retorno à Inglaterra ou aos Estados Unidos serviu justamente para que estes viajantes pudessem reformular seus olhares acerca de suas experiências retomando seus escritos produzidos ainda no Brasil, construindo suas memórias em uma espécie de percepção retrospectiva.

Como afirma Bourguet ao analisar a figura do “explorador”, o momento da escrita constituía um processo tão fundamental quanto a própria experiência em território estrangeiro:

De pena na mão, deve enfrentar perigos diferentes dos da viagem: como contar uma aventura pessoal, e, simultaneamente, descrever um mundo desconhecido? Como transformar a dimensão romanceada da narrativa num relato fidedigno e numa obra científica? ⁴⁵²

Por vezes o tom encetado nos relatos de viajantes almejava e ganhava de seus leitores e críticos o *status* de escrita verdadeira, a ideia de um relato que absolutamente conseguia expressar a totalidade da realidade das nações e dos povos visitados. Não se tratava apenas de um mero diário de viagem, o relato constituía-se de uma narrativa que aspirava por vezes a pretensão científica, a fidedignidade absoluta, a verdade. Perscrutando o ideal do bom viajante existente desde o século XVIII:

Le bom voyageur est donc celui dont le regard, parfaitement fidèle, observe et communique ce qu'il voit, dont la main, précise, habile à cueillir, exacte à décrire, est capable de faire des spécimens rassemblés des objets lisibles et transmissibles, parce que dument calibres et etiquetes. ⁴⁵³

O próprio Koster era assim denominado por diversos de seus compatriotas como na resenha de seu amigo Robert Southey à ‘*The Quarterly Review*’, a qual apresenta Koster como escritor no estilo dos “*our best travellers*” ⁴⁵⁴. Southey apontaria como diferencial nos escritos de Koster o fato de este inglês:

⁴⁵² BOURGUET, Marie-Noëlle. *O Explorador*. (1997). Op. cit., p. 240.

⁴⁵³ BOURGUET, Marie-Noëlle. *La Collecte du monde: voyage et histoire naturelle (fin XVII siècle – début XIX siècle)*. In: C. Blanckaert et al (eds). *Le Muséum au premier siècle de son histoire: 163-196*. Museum National d’Histoire Naturelle. Archives. Paris, 1997. p. 176. “O bom viajante é aquele cujo olhar, perfeitamente fiel, observa e comunica o que vê, cuja mão, precisa, hábil a colher, exata a descrever, e capaz de fazer dos espécimes coletadas objetos legíveis e transmissíveis, tendo sido adequadamente rotulados e etiquetados”. (Tradução Livre).

⁴⁵⁴ *The Quarterly Review*. October & January, 1817. Vol. XVI. London, 1817. p. 387.

(http://books.google.com/books?id=1svBWWpCWE0C&pg=PA344&dq=%22henry+koster%22&as_brr=3&hl=ptBR&cd=5#v=onepage&q=%22henry%20koster%22&f=false).

*Mr. Koster's travels have been in a different direction; he had the advantage of being naturalized in the country, not indeed in the legal sense of the term, but by several years residence, and a perfect knowledge of the language which he had acquired in childhood at Lisbon, as his nurse's tongue.*⁴⁵⁵

Alfredo de Carvalho reforçaria esta opinião acerca de Koster já no início século XX, descrevendo-o nos seguintes termos “*Este viajante esclarecido, lê-se no European Magazine, de janeiro 1817, não é nem touriste inconstante nem um simples observador científico: naturalizou-se no País de que pretendeu fornecer notícias*”⁴⁵⁶.

Entretanto, seremos inocentes se não atentarmos que diversos interesses cercavam estes viajantes além do simples desejo de relatar o que lhes haviam ocorrido em um país estrangeiro. Katherine Manthorne, ao analisar os escritos de viagens de norte-americanos acerca da região Amazônica durante o século XIX, afirma que para estes viajantes havia “*duas motivações primárias para a exploração: aqueles levados por um olhar na história natural e aqueles levados por uma agenda expansionista, ainda que me apresse a adicionar que os dois tipos estavam inter-relacionados*”⁴⁵⁷.

Da mesma forma não é absurdo vermos em outros viajantes uma série de interesses cerceando seus discursos além da simples compilação descritiva, apesar de não limitarmos tais interesses apenas à história natural e a uma agenda expansionista. Ao que Bourguet assinala acerca das expedições científicas do século XVIII: “*Por detrás das viagens deste século misturam-se interesses pessoais e nacionais, objectivos políticos, miras estratégicas e comerciais*”⁴⁵⁸.

Além disso, não podemos deixar de lembrar que todos estes livros devem ter passado por processos de edição, suprimindo diversos aspectos que antes poderiam ser considerados relevantes pelos autores e acrescentando outros como no caso da obra de Daniel Kidder que utiliza o último capítulo de sua obra para fazer uma espécie de balanço do que ocorrera no Brasil durante o período de cinco anos entre seu retorno aos Estados Unidos e a publicação de sua obra.

⁴⁵⁵ Ibidem, p. 345. “*As viagens do senhor Koster vão em uma direção diferente; ele teve a vantagem de ser naturalizado no país, não no sentido legal do termo, mas por haver sido seu local de residência por muitos anos, e pelo perfeito conhecimento do idioma o qual ele adquiriu em sua infância em Lisboa, como sua língua materna*” (Tradução Livre).

⁴⁵⁶ CARVALHO, Alfredo de. *Henry Koster visto por Alfredo de Carvalho*. In: KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Op. cit. (Vol. 2 - 2003). p. 609.

⁴⁵⁷ MANTHORNE, Katherine Emma. *O imaginário brasileiro para o público norte-americano do século XIX*. In: Revista USP. *Brasil dos viajantes*, junho-julho-agosto, Dossiê 30, pp. 58-71. São Paulo: 1996. p. 65.

⁴⁵⁸ BOURGUET, Marie-Noëlle. *O Explorador*. In: VOVELLE, Michel (Org.). *O homem do Iluminismo*. pp. 207-249. Tradução de Maria Georgina Segurado. Lisboa: Editorial Presença, 1997. p. 212.

Da mesma forma poderíamos citar a obra de Koster que faz questão de reservar em um de seus capítulos finais uma análise dos acordos estabelecidos entre Inglaterra e Portugal no ano de 1811, mostrando-se extremamente partidário do ponto de vista Anglo no qual o Tratado estaria a beneficiar mutuamente a Inglaterra e a Coroa Lusitana, que então encontrava-se exilada no Brasil.

Tendo em vista que, após a partida destes sujeitos do Brasil, apenas Koster retornaria pode-se dizer então que, de certa maneira, muito do que foi publicado por estes estrangeiros sobre este território estrangeiro tratava-se de projetos para uma espécie de porvir projetado. Mesmo após a partida destes estrangeiros algumas idealizações para esta nação estrangeira foram perpetradas por estes sujeitos aos seus compatriotas.

A experiência da “*zona de contacto*” para estes estrangeiros protestantes e anglo-saxões mesclou uma série de projeções, tanto sobre a territorialidade outra como a nível pessoal. Projetos estes que tinham como norte diversas concepções de mundo alicerçadas no filantropismo, no Destino Manifesto, na fé protestante e na cientificidade vigente.

Assim, pretendemos neste capítulo perceber dois projetos em especial que cercearam as construções discursivas destes protestantes acerca de um futuro almejado para este território estrangeiro: o Brasil protestante e o Brasil do progresso material. Para isso retomaremos a discussão acerca das particularidades das fontes pesquisadas, na medida em que tal capítulo se debruçará, em grande parte, sobre escritos que tinham como público alvo as nações de origem de seus elaboradores, denotando uma relação intimista entre o escrito e os leitores, em que residia também uma série de projetos idealizados para a nação chamada Brasil.

Tal capítulo pretende, além de debater os projetos acerca da concretização da expansão protestante, compreender um planejamento sobre o Brasil que caminharia rumo ao desenvolvimento técnico e econômico, o qual denominamos de “progresso material”. As fronteiras entre tais projetos foram, por vezes, deveras tênues não podendo ser completamente delimitadas, além disso, em determinados momentos fundiam-se entre si, constituindo-se como perspectivas correlatas. Isto é, para o pleno sucesso do Brasil, havia a necessidade da efetivação dos dois projetos de forma concomitante.

Finalmente, o último tópico tratará não dos projetos para o Brasil, mas das experiências dos estrangeiros trabalhados nesta dissertação após o retorno dos mesmos à suas nações de origem, e iremos procurar ressaltar como a vivência no Brasil influenciou nos passos posteriores destes sujeitos em suas nações de origem, isto é, qual foi o legado do Brasil nas experiências pessoais destes estrangeiros nos anos pós-viagem.

3.1 : Como ajudar Candida?: O projeto da expansão protestante.

The cathedral clock struck nine. They were in the little sala again. Augusto drew a little book from his pocket.

"Candida," said he, hesitatingly, glancing first at the closed windows, and lowering his voice; "Candida, my father sends this little book to you. See, he has written your name in it with his own hand."

"Why, it is a Testament!" exclaimed Candida, lowering her own voice. "I thought we were forbidden to read this book!"

*"The priests do forbid it, but without authority, so father thinks. He half convinced me, Candida; and I promised for myself to read it."*⁴⁵⁹

Ante o presente de casamento de Joaquim de Oliveira, seu sogro, Candida fora tomada pelo temor de aquele livro que estava em suas mãos pudesse vir a lhe proporcionar castigos advindos da Igreja ou até mesmo do próprio Deus. Sabia o quão já havia ido longe demais ao casar-se com Augusto, filho de um protestante, e o quanto tal decisão havia trazido desavenças na sua família, já que suas irmãs, Glória, Christina e Joanna não aceitavam tal relacionamento afastando-se de Candida.

A comemoração do casamento fora organizada por sua tia, Dona Theresa, que cuidara de Candida e de suas irmãs após a mãe destas ter falecido, apesar de tia Theresa não gostar dos protestantes. Mas, afinal, Augusto não era um deles, e sim seu pai. Entretanto, aquele livro dado por Joaquim de Oliveira ao jovem casal iria modificar todo o curso da história deles e daqueles que os rodeavam. Tratava-se de um Novo Testamento, e a leitura do mesmo, inicialmente, por parte de Augusto o fizera abdicar do catolicismo e adentrar na comunidade protestante em Fortaleza liderada pelos missionários americanos Mr. e Mrs. Cary.

Dentro de algum tempo Candida começaria a ser atraída a caminhar pelo mesmo rumo, mas não sem antes passar por uma série de dificuldades ao longo dessa jornada. Primeiro a morte de seu primeiro filho, Timotheo, ainda bem criança. Aliado a isso a conversão de Augusto ao protestantismo havia causado um grande mal-estar e, por fim, a

⁴⁵⁹ WARDLAW, Mary Hoge. Op. cit. p. 21. "O relógio da Catedral bateu às nove horas. Eles estavam na pequena sala novamente. Augusto puxou um pequeno livro de seu bolso. "Candida", disse ele, hesitante, dando uma espiada primeiro nas janelas fechadas e abaixando sua voz; "Candida, meu pai enviou este pequeno livro para você. Veja, ele escreveu seu nome nele de próprio punho." "Ora, é um Testamento!" exclamou Candida, baixando sua voz. "Pensei que nós fôssemos proibidos de ler este livro!" "Os padres o proibiram, mas sem autoridade, assim pensa meu pai. Ele meio que me convenceu, e eu prometi para mim mesmo que o leria." (Tradução livre).

reprovação de tia Theresa, a quem Candida amava como se fosse sua mãe, gerando árduas discussões entre o jovem protestante e a fervorosa senhora católica. Apesar disso, a dor causada pela morte da criança havia propiciado a reconciliação entre as quatro irmãs.

Grávida novamente, Candida teve que morar com sua tia, já que Augusto resolvera migrar para Manaus, após ouvir acerca das possibilidades de ascensão social aos que partiam com destino aos seringais às margens do rio Amazonas. Candida passou a manter contato cada vez maior com o casal de missionários protestantes, principalmente com Mrs. Cary, o que, combinado à leitura do Novo Testamento, resultou na conversão de Candida à nova fé. Tal ato gerou uma profunda mágoa em Glória, irmã mais velha de Candida, que era extremamente devota à religião Católica. Entretanto, paulatinamente, através de Candida os membros da família começaram a converter-se um a um ao credo protestante. Todas inclusive tia Theresa nos momentos finais de sua vida viriam a abdicar do catolicismo, exceto Glória, a qual após a morte de Theresa saíra de casa por não aceitar o novo rumo religioso tomado por suas irmãs.

Todo este processo não ocorreu sem conflitos gerados pela intolerância religiosa instigada pelos padres e que causavam até mesmo risco de vida aos protestantes como no episódio em que Candida visitaria Cherubina, participante da comunidade protestante, no bairro do Outeiro tendo sido atacada a pedradas sob gritos de ordem, tais como, “*protestante*”, “*padre casado*”, “*fora com os protestantes*”, “*morte ao padre casado*”.

Neste ínterim nasceria a filha de Candida, que receberia o nome de Estrela. Estrela veria o pai somente durante alguns meses, quando Augusto retornou do Norte, passando uma temporada com sua esposa e filha na fazenda de seu pai em Baturité, vindo a retornar novamente ao Norte em seguida. Augusto acabou por não conseguir concretizar seus planos de melhoria de condições de vida já que morreria de uma doença adquirida nos seringais, seu novo retorno ao Ceará não pudera salvar-lhe a vida, sendo enterrado ao lado do túmulo de seu filho Timotheo.

Sozinha com Estrela e Florinda - uma criada que sempre estivera ao lado de Candida - a jovem viúva ainda teve que enfrentar uma nova e terrível dificuldade: a seca que começara em 1888. Sua sogra, Dona Clementina, propusera a Candida que esta lhe desse Estrela, afirmando que a criança teria uma vida melhor na fazenda em Baturité, ao que Candida negara-lhe o pedido. Durante a ausência de Augusto, quando o mesmo ainda vivia, Candida passou então a estudar, aprimorara sua leitura e escrita, começava a aprender inglês e aritmética, tudo com auxílio de Mrs. Cary, enquanto a pequena Estrela brincava com Evangeline e Nellie, filhas do casal de missionários americanos.

Para sustentar a si e sua filha, Candida passou a trabalhar como governanta. Mas ainda faltava a reconciliação com Glória, o que veio a acontecer durante os festejos juninos, quando a própria Glória resolveu fazer as pazes com a irmã, vindo a aproximar-se da fé protestante pouco tempo depois. A seca terminaria, a família estava novamente em paz e reunida, e um horizonte de novas e sublimes expectativas se abriam para Candida, Estrela e o protestantismo no Brasil com a proclamação da República.

Tais linhas gerais são o resumo da trama do romance “*Candida; or, by a way she knew not. A story from Ceara*” de Mary Hoge Wardlaw. Tal livro toma como recorte periódico a década de 1880 trazendo em suas páginas alusões diretas a abolição dos escravos no Ceará, a seca de 1888-1889, a migração de cearenses rumo às Províncias do Norte do Império e a Proclamação da República, todos estes acontecimentos vivenciados pela autora que chegou ao Ceará em 1882. O enredo é ambientado primordialmente na cidade de Fortaleza lançando ao leitor espaços tais como os arredores do Seminário da Prainha, o Passeio Público, a estrada de ferro, o bairro do Outeiro. No entanto, alguns capítulos do romance se passam em Baturité (também local de atuação da missão presbiteriana) e na região Norte do Império.

Publicado em 1902 nos Estados Unidos o romance de Mary Wardlaw se apresentava a um público específico: estadunidenses que apoiavam o projeto missionário protestante nos diversos recantos do mundo. Não foi à toa que a publicação seria viabilizada através do ‘*The Presbyterian Committee of Publication*’ sediado em Richmond, o principal centro presbiteriano dos Estados Unidos a partir do final do século XIX, tendo em vista que Richmond abrigava o mais importante Seminário de formação de Reverendos presbiterianos e o Comitê de publicação da Igreja Presbiteriana.

Segundo Mary, em sua introdução ao romance, a obra articulava-se rumo a um objetivo essencial, além de um simples passatempo ou fonte para saciar curiosidades acerca do Brasil, a autora pretendia:

*The aim of this story is, primarily, to show the power of the gospel in Brazil, and, secondarily, to deepen the interest in Brazilians as fellow-beings. If, through its instrumentality, the way of salvation should become clearer to some groping soul and the Saviour of sinners dearer, I shall be blessed above measure.*⁴⁶⁰

⁴⁶⁰ Ibidem, p. 6. “O objetivo desta história é, principalmente, para mostrar o poder do evangelho no Brasil, e, secundariamente, para aprofundar o interesse nos brasileiros como semelhantes. Se por sua instrumentalidade o caminho da salvação e o Salvador dos pecadores se tornar mais claro para alguma alma que o busca, eu serei abençoada acima da medida.” (Tradução Livre).

Desta forma, através de seu romance, Mary Wardlaw buscava apresentar um relatório acerca da atuação da missão protestante no Ceará na década de 1880 encabeçada por ela e seu esposo De Lacey ao mesmo tempo em que supunha que a publicação deste escrito poderia servir como um instrumento de proselitismo a seus compatriotas.

“*Candida*” surgia então como um tipo de literatura engajada e porque não dizer militante. Não podemos tomar as linhas de tal romance como desinteressadas, mas pelo contrário, cada capítulo, cada linha, cada acontecimento do romance voltava-se para a constituição de uma perspectiva vitoriosa, apesar de sofrida, da implantação de uma comunidade protestante da cidade de Fortaleza. Seus personagens são apresentados como fictícios, no entanto Mary afirma que os fatos no romance seriam “*strictly true*” (estritamente reais), sugerindo ao leitor a uma constatação de que de fato o que estaria a ler seriam as reais condições do Brasil no período sobre o qual se escrevia.

Contudo, não podemos perder a perspectiva que “*Candida*” é um produto literário e como tal articula-se como “*um produto do desejo, seu compromisso é maior com a fantasia do que com a realidade. Preocupa-se com aquilo com o que poderia ou deveria ser a ordem das coisas, mais do que com seu estado real*”⁴⁶¹.

Buscando alcançar o que considerava ser a real ordem das coisas, a autora apresenta a seus leitores como figura central de seu escrito não um reverendo protestante e sua esposa missionária, que, aliás, surgem com papéis secundários, mas sim uma brasileira comum, com pouca instrução, cujos ofícios eram de lavadeira, costureira e governanta, a qual após casar-se vai morar em uma pequena casa quase sem mobília, e que devido às dificuldades financeiras vê seu esposo partir ao norte deixando-lhe com uma filha no Ceará.

Acreditamos que outros interesses, além dos confessados por Mary Hoge, existiam por detrás de suas linhas. Uma das motivações está na grandeza da dimensão que envolvia o projeto missionário protestante nos Estados Unidos desde o século XVIII, e principalmente no oitocentos, quando esta nação passou a ser um dos maiores centros missionários protestante do mundo. Contando com vários núcleos de aglutinação de jovens recém-egressos dos seminários teológicos protestantes, tais como Nashville, Richmond e Nova York, várias denominações protestantes nos Estados Unidos (presbiterianos, metodistas, batistas, congregacionais) passaram a enviar inúmeros missionários para países estrangeiros, especialmente para a África, a Ásia e a América Latina, como, por exemplo, o Brasil.

⁴⁶¹ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 29.

Podemos localizar o momento de fortalecimento destes movimentos missionários protestantes intercontinentais na Inglaterra do século XVIII com a criação da *Old Missionary Society* em 1702, seguida pela Sociedade Missionária Batista (1792), a *London Missionary Society* e a *Scottish Church Society* (1795), a *Bible Society* (1804), a *General Baptist Missionary Society* e a *Wesleyan Missionary Society* (1813)⁴⁶².

Considera-se que com a difusão do protestantismo nos Estados Unidos advieram daí diversos dos chamados movimentos avivamentalistas nas igrejas os quais exigiam de seus fiéis maior investimento e dedicação no trabalho missionário para além das fronteiras; e tal processo reforçou-se com a conjunta propagação do ideário do Destino Manifesto.

Tal perspectiva caminhava em uma direção em que a linha de raciocínio era a seguinte: como detentores da “verdade” os protestantes estadunidenses deveriam estar convencidos de seu supremo dever em compartilhar tal “verdade” às nações que ainda não haviam tido acesso a tal privilégio concedido pelo próprio Deus. Forjava-se aí o que Rubem Alves denominou de uma “*utopia social protestante*”:

A melhor sociedade possível será aquela em que todos forem protestantes. Uma sociedade protestante será livre, democrática e rica. Será livre e democrática porque o “livre exame” e a própria organização política das Igrejas protestantes o exigem. Será rica porque o senso de responsabilidade individual, exigido pela doutrina da mordomia, e a bênção de Deus sobre aqueles que se submetem à sua vontade produzirão o máximo de bem-estar econômico.⁴⁶³

Desenvolvido tal horizonte, a maior parte dos recursos financeiros destinados às missões no exterior partiam dos fiéis das igrejas que enviavam os missionários, os quais passavam então a manter constante correspondência acerca dos locais que as missões atuavam assim como o progresso e as dificuldades do trabalho, servindo tais escritos como relatórios aos seus colaboradores. Em pouco tempo surgiram na Inglaterra e nos Estados Unidos periódicos protestantes⁴⁶⁴ que subdividiam-se em diversas seções por países com o fim de promover o trabalho dos missionários publicando a correspondência dos mesmos.

Tais cartas de missionários, ao serem publicadas, formataram um gênero literário deveras difundido nos Estados Unidos:

⁴⁶² DUNSTAN, Leslie. Op. cit. p. 138.

⁴⁶³ ALVES, Rubem. Op. cit. (2005) p. 275.

⁴⁶⁴ Como exemplo de tais periódicos poderíamos citar dois que trabalhamos nesta dissertação: o *The Missionary* da Igreja Presbiteriana, publicado em Richmond; e o *The Gospel in All Lands* da Igreja Metodista (mas que se postava como um periódico interdenominacional), publicado em Nova York.

o gênero literário das cartas, artigos e testemunhos sobre missões, que relatam os esforços e as esperanças no futuro vindouro de conversão e salvação das almas, é tanto uma arte de dizer como uma arte de fazer; suas construções formam um campo de operação dentro do qual se produzem procedimentos e táticas que, de formas sutis, revelam as astúcias entre as histórias vividas e as histórias narradas.⁴⁶⁵

Estes procedimentos e táticas sutis, os quais Eliane Silva se refere se articulavam de acordo com as necessidades pelas quais os missionários sentiam que eram imprescindíveis serem reforçadas acerca de seus campos missionários. Desta maneira, mesmo não mais estando no Brasil, Mary Wardlaw projetava a esta nação pela qual dedicara duas décadas de sua vida, um futuro com a fé e as práticas protestantes que faziam parte do cotidiano do leitor estadunidense.

Por esta razão mesmo não mais missionária em solo estrangeiro a autora de “*Candida*” assumia o papel de anunciadora a seus compatriotas da necessidade de apoio aos missionários que ainda estavam em outras nações e àqueles que preparavam-se para partir. O discurso de Mary Wardlaw revestia-se com um prisma de grande legitimidade, levando-se em conta que a autora, por haver vivido tanto tempo no país acerca do qual escrevia, possuía respaldo ante seus leitores, surgindo aos olhos destes como detentora de confiabilidade.

Por sua temática de cunho declaradamente confessional protestante, a publicação de tal romance não encontrou empecilhos por parte do ‘*The Presbyterian Committee of Publication*’, órgão que era responsável pela publicação dos mais diversos escritos que compunham a leitura devocional dos presbiterianos nos Estados Unidos, tais como hinários, almanaques, livros de estudos teológicos, romances protestantes, obras acerca da organização eclesiástica presbiteriana, feitos dos “grandes homens” da igreja.

Para fazer propaganda de suas publicações geralmente o ‘*Committee*’ postava ao final dos livros anúncios de várias outras obras, apresentando inclusive o preço dos produtos. No caso do romance de Mary Hoge, pudemos encontrar o preço pelo qual era comercializado quando de sua publicação, ao final de outro livro editado pelo Comitê Presbiteriano⁴⁶⁶, que no caso tratava-se de um dólar; ‘*Candida*’ surge em uma listagem ao lado de outras publicações com a seguinte caracterização “*Latest and Best books of missions*”.

Na medida em que o romance de Mary Hoge constituiu-se como uma espécie de diário romanceado, o qual tinha entre um de seus objetivos despertar em seus compatriotas o

⁴⁶⁵ SILVA, Eliane Moura. *Gênero, Religião, missionarismo e identidade protestante norte-americana no Brasil ao final do século XIX e inícios do XX*. In. Mandrágora (São Bernardo do Campo), v. 14, pp. 25-37, 2008. p. 33.

⁴⁶⁶ PHILLIPS, A. L. *The call of the home land: A study in home missions*. Richmond: The Presbyterian Committee of Publication, 1906. (<http://www.archive.org/details/callofhomelandst00phil>). A listagem ao final desta obra continha 49 publicações cujos preços variavam de 25 cents a dois dólares.

desejo e a valorização do trabalho missionário protestante, tal livro está repleto de correlações entre as memórias vivenciadas enquanto missionária no Brasil e aspectos concernentes ao projeto que representa “*Candida*”, isto é, o projeto de um Brasil protestante. Uma destas ligações está na temática central da obra que é o processo de desenvolvimento da primeira missão protestante no Ceará ao findar do século XIX, processo do qual Mary foi participante ativa.

Assim, Mary e seu esposo, surgem no romance, se não nos papéis principais, pelo menos com funções fundamentais para o desenvolvimento da trama. Mister e Misses Cary, são representações diretas do casal Wardlaw, inclusive sendo o nome Cary um nome da família de Mary Hoge⁴⁶⁷. Além de estadunidenses, os Cary passam durante o romance por situações que podem ser comparadas às experiências vivenciadas pelo casal Wardlaw postadas no ‘*Libertador*’ e no ‘*The Missionary*’ nas décadas de 1880 e 1890.

Como já dito em capítulo anterior, o casal Wardlaw, quando de sua estadia em Fortaleza, fixara residência na Rua das Flores, rua pela qual passavam rotineiramente cortejos fúnebres com destino ao cemitério da cidade. Tais cortejos como já pudemos discutir chamaram a atenção de Mary Wardlaw, que dedicaria uma matéria completa no ‘*The Missionary*’⁴⁶⁸ para abordar ritos fúnebres no Brasil. Em seu romance, tal temática não passaria em branco, na medida em que ao abordar a morte do pequeno filho de Candida e Augusto, Mary dedicara um capítulo inteiro intitulado “*Vou Para o Céu*” abordando aspectos concernentes ao velório e funeral de Timotheo.

As descrições que Mary Hoge esboça em seu romance são bastante semelhantes as que escrevera mais de uma década antes para seus compatriotas e que fora publicada no ‘*The Missionary*’. Os cochichos dos presentes no velório acerca do absurdo da criança ter demorado a ser batizada podem ser comparados ao que Mary afirmaria ser crença recorrente no Brasil com relação às crianças não batizadas serem denominadas “pagãs”:

"They say," whispered one woman to another in the adjoining apartment, "that they let him die without a candle."

*"He just missed dying a pagan," returned her neighbor. "Who knows if this is a punishment for leaving him so long unbaptized?"*⁴⁶⁹

⁴⁶⁷ A dedicatória de “*Candida*” é dirigida a um primo de Mary Wardlaw, que a autora diz ter homenageado dando o seu nome ao casal de missionários do romance.

⁴⁶⁸ Jornal ‘*The Missionary*’. A monthly Journal, issued in behalf of The Foreign Missions of the Presbyterian Church in the United States. Edited by the secretaries. Vol. XXIII. Published by Whittet & Shepperson. Richmond: Novembro de 1890, “*Some Brazilian Customs – By Mrs. Mary Hoge Wardlaw*. pp. 428-429.

⁴⁶⁹ WARDLAW, Mary Hoge. Op. cit. p. 108. “*“Dizem,” sussurrou uma mulher para outra no cômodo ao lado, “que o deixaram morrer sem uma vela.” “Ele só faltou morrer pagão” retrucou sua vizinha. “Quem sabe se isso não é um castigo por terem deixado-o tanto tempo sem batismo?”*” (Tradução Livre).

*a child who dies before the time of responsibility. They say it is a little angel, and went straight to heaven. This only applies to a baptized child; an unbaptized child is said to "die a pagan."*⁴⁷⁰

Em seu romance Mrs. Wardlaw chega a descrever inclusive características do caixão do filho de Candida e Augusto:

*They went toward the sala. At the door Joanna turned back, and Mrs. Cary went in alone. The little casket was of pure white, relieved with the figures of angels wrought in silver. But the sweetest angel lay within. (...) in her three years of Brazilian life, she had never before seen a baby prepared for burial.*⁴⁷¹

Tal descrição do caixão infantil mostra-se semelhante às esquifes das marchas fúnebres que Mary Hoge presenciava da janela de sua casa na década de 1880, as quais, geralmente levavam as crianças em um “*little coffin covered with blue or white cambrie trimmed with silver braid*”⁴⁷².

Curioso é a afirmação no romance de que em três anos de vida no Brasil o sepultamento de Timotheo havia sido o primeiro enterro de uma criança presenciado pela fictícia missionária Cary neste país estrangeiro, na medida em que, se levarmos em consideração a periodização, em 1883, três anos após chegarem ao Brasil, o casal Wardlaw participaria do sepultamento do filho de Angelo José de Sousa, um dos membros da recém-instituída comunidade presbiteriana em Fortaleza⁴⁷³, talvez o primeiro funeral infantil presenciado pelo casal de missionários estadunidenses em campo missionário.

Como pudemos discutir no primeiro capítulo deste trabalho, a presença de De Lacey Wardlaw neste sepultamento gerou críticas publicadas no periódico ‘*Libertador*’ por um articulista anônimo que acusava o reverendo protestante de estar infringindo a lei do Império ao celebrar atos religiosos acatólicos em público, na medida em que a legislação

⁴⁷⁰ Jornal ‘*The Missionary*’. A monthly Journal, issued in behalf of The Foreign Missions of the Presbyterian Church in the United States. Edited by the secretaries. Vol. XXIII. Published by Whittet & Shepperson. Richmond: Novembro de 1890. p. 429. “*uma criança que morre antes do tempo da responsabilidade. Dizem que é um anjinho, e que foi direto para o céu. Isso só se aplica para uma criança batizada; uma criança sem batismo é dito que “morreu pagã.”*” (Tradução Livre).

⁴⁷¹ WARDLAW, Mary Hoge. Op. cit. p. 109. “*Eles foram em direção à sala. Na porta Joanna voltou, e a senhora Cary entrou sozinha. O pequeno caixão era branco puro, realçado com figuras de anjos feitas em prata. Mas o mais doce anjo estava lá dentro. (...) em seus três anos de vida brasileira, nunca tinha visto um bebê preparado para o enterro.*” (Tradução Livre).

⁴⁷² Jornal ‘*The Missionary*’. A monthly Journal, issued in behalf of The Foreign Missions of the Presbyterian Church in the United States. Edited by the secretaries. Vol. XXIII. Published by Whittet & Shepperson. Richmond: Novembro de 1890, p. 428. (<http://www.archive.org/details/missionary00missgoog>). “*pequeno caixão coberto de azul ou branco enfeitado com fita prateada*” (Tradução Livre).

⁴⁷³ Jornal, ‘*Libertador*’, Fortaleza, 20 de setembro de 1883.

imperial concernente aos cultos acatólicos vedavam outro tipo de celebrações religiosas de tal gênero que não fossem realizadas em ambientes privados, pelo que tal articulista afirmaria que:

Foram testemunhas oculares da encomendado feita pelo tal Lacy os Srs. Francisco de Souza Brazil e Francisco Manoel Esteves que viram o tal padre protestante saccar um livro do bolso, ler umas orações, que os assistentes ouviram de braços cruzados, como as usa no culto evangélico.

(...)

Que o Sr. padre casado a pudesse fazer em sua casa, ninguém o contesta; mas no Cemiterio publico, contra a disposição expressa da Constituição do Imperio, isso nunca.⁴⁷⁴

Estes tipos de resistências quanto à missão protestante, ou à simples presença dos missionários em determinados espaços públicos da cidade de Fortaleza parecem ter sido muito comuns. A tal ponto de no romance de Mary o desagrado de alguns habitantes da cidade com relação aos protestantes em estes circularem por determinados ambientes públicos se mostra com vigor quando da tentativa do Reverendo Cary em visitar um membro da comunidade protestante, Hilário, o qual após sofrer um acidente de trabalho havia sido internado na Santa Casa, chegando tal notícia até Candida por intermédio de seu primo Cosmo:

*They took him to the Santa Casa. One of your church members learned of it, and went for Mr. Cary. They say there was a dreadful scene. I don't believe half the rumors, of course; but they say the sisters tried to put Mr. Cary out by force, telling him he had no right to come to a Catholic institution. 'Excuse me, Senhora,' said he, 'this building belongs to the State.'*⁴⁷⁵

Surge aí a perspectiva dirigida àqueles que deveriam preocupar-se com os missionários que estariam no Brasil sob as diversas dificuldades enfrentadas por aqueles que tão somente teriam por desejo, parafraseando o próprio De Lacey Wardlaw, “convencer os brasileiros das inovações do catolicismo”. Mary Wardlaw reforça algo que é tão marcante para todo o cristianismo, tanto protestante quanto católico, que é a ideia da perseguição religiosa a qual, quando posta ao extremo, fornece aos fiéis mártires que devem ser vislumbrados como figuras exemplares.

⁴⁷⁴ Ibidem, 22 de setembro de 1883.

⁴⁷⁵ WARDLAW, Mary Hoge. Op. cit. p. 182. “Levaram-no para a Santa Casa. Um dos membros de sua igreja tomou conhecimento do fato, e comunicou para o Sr. Cary. Dizem que foi uma cena terrível. Eu não acredito em metade destes boatos, é claro; mas dizem que as irmãs tentaram colocar o Sr. Cary para fora à força, dizendo-o que ele não tinha o direito de adentrar em uma instituição Católica. ‘Desculpe-me, Senhora’ disse ele, ‘Este prédio pertence ao Estado’.” (Tradução Livre).

Há nos diversos relatos de missionários protestantes em terras estrangeiras uma recorrência de temas correspondentes a episódios concernentes a intolerância e perseguição religiosa encetados por aqueles cujas missões desejavam alcançar, e tais relatos geralmente são embutidos em envoltórios com uma carga emocional soberba. Tais narrativas possuíam uma receptividade considerável por parte dos leitores protestantes, levando-se em consideração a relação direta que estes tipos de episódios possuíam com os preceitos bíblicos segundo os quais aqueles que levassem os ensinamentos de Cristo naturalmente seriam perseguidos por sua fé.

Tais relatos da violência física e verbal aos representantes da missão presbiteriana de Fortaleza seriam destacados por Lacey Wardlaw no *'The Missionary'*, quando este afirmaria que

*A great deal of the popular prejudice has been overcome, but the opposition has become more organized than ever. Still we are making progress and have had very little to disturb us in the meetings we have had in the outskirts, even in that part where on two former occasions my wife was struck with stones while visiting with me.*⁴⁷⁶

Mary Wardlaw, segundo informa seu esposo, por duas vezes vítima de ataques a pedradas forneceria aos leitores de seu romance um episódio deveras semelhante ao que lhe havia sucedido no Brasil. Candida, ao visitar Cherubina, viúva de Hilário, e também pertencente à comunidade protestante de Fortaleza, seria atacada a pedradas por pessoas que ao mesmo tempo em que jogavam as pedras vociferavam contra os protestantes:

When they had walked some distance a voice shouted, "Protestante!" Immediately a score or more of voices took up the cry, "Protestante!" "Married priest!" "Down with the Protestantes! Death to the married priest!" (...)
*A stone fell behind them; another; two or three together; then a shower of stones came crashing through the air.*⁴⁷⁷

⁴⁷⁶ Jornal *'The Missionary'*. A monthly Journal, issued in behalf of The Foreign Missions of the Presbyterian Church in the United States. Edited by the secretaries. Vol. XXIII. Published by Whittet & Shepperson. Richmond: Novembro de 1890, *Ceara* – By Rev. De Lacey Wardlaw. p. 421. “Uma grande medida do preconceito popular tem sido superada, mas a oposição tornou-se mais organizada do que nunca. Ainda estamos fazendo progressos, e tivemos alguns incômodos nas reuniões que fizemos nos subúrbios da cidade, quando por duas vezes diferentes minha mulher foi atacada por pedradas ao fazer visitas comigo.” (Tradução Livre).

⁴⁷⁷ WARDLAW, Mary Hoge. Op. cit. p. 194. “Quando haviam percorrido uma pequena distância uma voz gritou, “Protestante!”. Imediatamente vinte ou mais vozes passaram a gritar, “Protestante!” “Padre Casado!” “Abaixo aos protestantes! Morte ao Padre Casado!”. (...) Uma pedra caiu atrás delas; outra; duas ou três juntas; e, depois, uma chuva de pedras desabavam do ar.” (Tradução Livre).

Assim como Mary Wardlaw havia sido atacada nos “subúrbios” da cidade, Candida o fora no bairro do “Outeiro”⁴⁷⁸. E surge nas linhas de Mary Hoge, de maneira proposital, a alcunha pela qual De Lacey Wardlaw fora tão apupado por aqueles que estavam descontentes com sua presença na cidade: O “*Padre Casado*”. Apelido este que era lançado de maneira desdenhosa e desafiadora como o fez um anônimo no ‘*Libertador*’ após fazer críticas ao missionário presbiteriano em 1883: “*Mandem o seu padre casado para os Estados Unidos*”⁴⁷⁹.

Partindo do pressuposto da explícita inferioridade numérica dos protestantes no Brasil, assim como das hostilidades exacerbadas de parte da população local que, por pouco conhecimento dos evangélicos e sua doutrina, tomavam atitudes intolerantes, o discurso do romance de Mary Hoge vagueia por caminhos que buscam através do tom emocional sensibilizar seus leitores acerca das injustiças da perseguição religiosa.

Claramente, “*Candida*” esboça a dicotomia presente nos discursos missionários protestantes estrangeiros com residência no Brasil que tendiam a dotar com aspectos de superioridade cultural e moral aqueles que simpatizavam ou professavam a fé protestante em detrimento da católica romana.

Ainda no âmbito da confluência entre suas memórias, experiências pessoais e as possibilidades oferecidas pela liberdade ficcional, Mary recorta seu romance com alusões à atuação do missionário Cary em outras cidades além de Fortaleza, como no caso de Mossoró no Rio Grande do Norte e Baturité no Ceará. De maneira similar, esteve no projeto missionário presbiteriano na pessoa do Reverendo Wardlaw durante as décadas de 1880 e 1890, a incumbência de fundar comunidades protestantes nestas duas cidades.

Mary Wardlaw revela através dos diálogos de Candida os momentos de ausência do Reverendo Cary, nos quais, enquanto estava em outras cidades, ficavam sós em Fortaleza sua esposa Mrs. Cary e suas filhas: ““*I wish he were here,*” *sighed Candida. “He is in Mossoro, and will be absent a week longer. However, his wife will be glad to see us.*””⁴⁸⁰. Por tais momentos de ausência do marido, também passaria a autora do romance, justamente

⁴⁷⁸ Provavelmente o bairro do Outeiro seria uma região conhecida pelos missionários Lacey e Mary Wardlaw já que, segundo uma das atas da Sessão da Igreja Presbiteriana de Fortaleza datada de 1894, ficou definido na reunião dos dirigentes da comunidade protestante que haveria cultos religiosos na Rua Leopoldina, localizada no bairro Outeiro, todas as sextas-feiras, ficando tais atividades ao encargo do Reverendo De Lacey Wardlaw. In. Actas da sessão da Igreja Presbyteriana da cidade da Fortaleza capital do Estado do Ceará. (1890-1899). Ata do dia 05 de abril de 1894.

⁴⁷⁹ Jornal, ‘*Libertador*’, Fortaleza, 06 de setembro de 1883.

⁴⁸⁰ WARDLAW, Mary Hoge. Op. cit. p. 298. ““*Eu gostaria que ele estivesse aqui*”, *suspirou Candida. “Ele está em Mossoró, e vai estar ausente uma semana a mais. No entanto, sua esposa terá prazer em nos ver.*”” (Tradução Livre).

na mesma medida que Mrs. Cary, já que os esposos de ambas mantinham suas funções eclesiásticas para além da cidade de Fortaleza. Desta forma, estas linhas surgem como tipos diferenciados de relatórios da missão presbiteriana no Ceará do final do século XIX, saltando aos olhos dos leitores que, apesar do tom ficcional de “*Candida*”, os Cary carregam a representação que Mary Hoge fazia de si e de seu esposo enquanto missionários no Brasil.

E estas formas de percepção de seu próprio passado perpassam variados momentos que se fundem com a história da territorialidade em que estes dois missionários estadunidenses viveram por mais de duas décadas. A vida de *Candida* toma rumos que são diretamente influenciados por aspectos relacionados aos fenômenos sociais do período que o romance aborda como no caso da abolição dos cativos, a emigração dos habitantes do Ceará ao Norte do Império e a terrível seca de 1888-1889.

É notório em diversos capítulos do romance o sofrimento e as dificuldades pelas quais *Candida* e Estrela passam por conta da transformação de Augusto em emigrante, a qual Mary Wardlaw assim tenta explicar o movimento migratório da década de 1880:

The difficulty of living in Ceará dated from the emancipation of the slaves. This would not in itself have greatly affected the conditions of life; There were not enough of them for that, and many of them had gone to the Amazons. But runaway slaves in large numbers had flocked to Ceará from other provinces, and proved a most disturbing element. ⁴⁸¹

É no mínimo curiosa a relação desenvolvida pela autora do romance acerca de um dos fatores impulsionadores da emigração haver sido a dificuldade de se viver no Ceará acarretada pela aglutinação de escravos fugidos provenientes de outras Províncias do Império por conta da emancipação dos cativos na ‘*land of light*’ ⁴⁸². Além disso, a seca que se iniciou em 1888 toma algumas páginas da obra de Mary Wardlaw, descrito como um período de extremo sofrimento e fome:

The year of 1888 was a memorable one to the inhabitants of Ceara. Essentially an agricultural and pastoral country, Ceará suffers peculiarly from the periodical drought and consequent famines to which it is subjected. ⁴⁸³

⁴⁸¹ Ibidem, p. 131. “A dificuldade de se viver no Ceará datava-se da emancipação dos escravos. Isso por si só não teria afetado muito as condições de vida. Não houve número suficiente para isso, e muitos deles tinham ido para o Amazonas. Mas um grande número de escravos fugidos de outras províncias reuniram-se no Ceará, e isto foi o elemento mais perturbador.” (Tradução Livre).

⁴⁸² Ibidem, p. 92.

⁴⁸³ Ibidem, p. 286. “O ano de 1888 foi memorável para os habitantes do Ceará. Essencialmente uma região agrícola e pastoril, o Ceará sofre de modo peculiar com as secas periódicas e consequente fome pela qual é submetido.” (Tradução Livre).

*In 1887 the rainfall was small. In 1888 there was no rain. The people, mindful of their former sufferings, did not await the former horrors, but began at once to emigrate. The government took warning and opened lines of wells along the roads. New roads were made, and irrigation works organized, thus employing and feeding the people and preventing the fatal overcrowding of the cities.*⁴⁸⁴

É bastante provável que o casal Wardlaw ainda guardasse recordações nada agradáveis do período de carestia pelo qual passou a Província do Ceará ao findar da década de 1880, tanto que quando vivenciou estes “*Days of famine*”, como Mary Wardlaw intitula seu capítulo sobre a seca, a missionária escreveria aos seus compatriotas através do ‘*The Missionary*’ nos seguintes termos:

*This has been a hard year to many of our people because of the terrible drought and threatened famine. Some have moved away; with others the struggle for existence has become more severe. Considering these drawbacks, I think many of them have done nobly.*⁴⁸⁵

Entretanto, o foco da história do romance “*Candida*” não se encontra no casal de missionários Mr. e Mrs. Cary, mas naqueles a quem a missão desejava alcançar, isto é, os brasileiros. Por esta razão o centro da trama se passa em volta das relações entre as famílias de Candida e de Augusto, principalmente a família de Candida que gradativamente é convencida do engano religioso pelo qual estariam engodados e desta maneira acabam por optar por uma nova fé, a protestante.

A figura de Candida surge desta forma aos olhos dos leitores estadunidenses como o alvo a ser almejado pelos protestantes engajados no projeto missionário, na medida em que esta figura trata-se de um símbolo alusivo aos brasileiros católicos. Durante todo o romance Candida surge como uma personagem repleta de dúvidas acerca da sua fé católica, entretanto resiste às mudanças por conta do desejo de manutenção das tradições, elemento este que surge como fundamental na construção discursiva do romance, isto é, Mary Wardlaw sustenta que a resistência por parte dos sujeitos do romance em serem alcançados pelos missionários

⁴⁸⁴ Ibidem, pp. 288-289. “Em 1887, a precipitação foi pequena. Em 1888 não houve chuva. O povo, consciente dos seus sofrimentos anteriores, não esperou os horrores antigos, mas logo começou a emigrar. O governo preveniu-se e abriu filas de poços ao longo das estradas. Novas estradas foram feitas, e obras de irrigação organizadas, empregando e alimentando as pessoas e prevenindo a superlotação fatal das cidades.” (Tradução Livre).

⁴⁸⁵ Jornal ‘*The Missionary*’. A monthly Journal, issued in behalf of The Foreign Missions of the Presbyterian Church in the United States. Edited by the secretaries. Published by Whittet & Shepperson. Richmond: 1888. p. 433. “Este tem sido um ano difícil para muitos do nosso povo por causa da terrível seca e as ameaças de fome. Alguns mudaram-se para longe, para outros a luta pela sobrevivência tornou-se mais severa. Considerando esses inconvenientes, acho que muitos deles fizeram muito e de forma nobre.” (Tradução Livre).

estadunidenses não se dava por conta de uma firme crença na fé católica, mas pelo receio de romper com a tradição de seus familiares.

Tradição esta que Mary Wardlaw faz questão de abordar como destituída de fundamentação bíblica, e apenas com embasamento em superstições pelas quais o catolicismo se sustentaria no Brasil. O romance traz em seu bojo a crítica a tais costumes ao explorá-los como fruto da ignorância religiosa dos brasileiros. Logo no primeiro capítulo que explora o casamento de Candida e Augusto há a alusão às práticas feitas pelas amigas solteiras da nubente que prendiam as flores do buquê em seus vestidos acreditando que isto lhes traria um marido, ou colocavam uma estatueta de Santo Antonio de cabeça para baixo em um poço, ou costuravam uma imagem do santo casamenteiro por dentro de suas roupas almejando o mesmo objetivo. Ante tais práticas, a crítica da autora parece transparecer nos pensamentos firmes do protestante Augusto acerca das moças que eram “*only silly people who believed in dreams and omens*”⁴⁸⁶.

Contudo, Candida é apresentada como uma jovem mulher diferenciada de seus pares, não acreditava em tais práticas, bem como, por todo o romance surge como uma pessoa cujo caráter moral e submissão ao marido são apresentados de maneira louvável pela autora. Todos que mantinham contato com Candida, em pouco tempo eram cativados pela simplicidade e humildade da protagonista da trama. Significativa foi a escolha do próprio nome da personagem central da trama, a qual remete a ideias de pureza, ingenuidade, inocência.

No entanto todos os atributos positivos do caráter de Candida parecem destituídos de sentido sem um aspecto fundamental que é a conversão da mesma. E tal processo de aceitação a um novo credo somente tornou-se possível com a ação de seu sogro, Joaquim de Oliveira, que sendo protestante, dera-lhe de presente uma bíblia, assim como surge como traço fundamental o acompanhamento dos missionários estadunidenses Mr. e Mrs. Cary que auxiliaram na fundamentação da fé de Augusto e Candida.

Neste contexto, o subtítulo do romance salta aos nossos olhos como essencial para compreensão da proposta de Mary a seus leitores, isto é, a trajetória de abdicação do catolicismo por parte de Candida rumo a um “*Caminho que ela não conhecia*” (“*By a way she knew not*”). Isto é, Candida e todos aqueles brasileiros que lhe rodeavam, tinham por necessidade o auxílio de sujeitos que já conhecessem o “*caminho*”; ou, em outras palavras, a efetivação da missão protestante de salvação de almas no Brasil predispunha da ação direta

⁴⁸⁶ WARDLAW, Mary Hoge. Op. cit. p. 15. “*somente pessoas tolas que acreditavam em sonhos e agouros*”. (Tradução Livre).

dos protestantes norte-americanos no que dizia respeito ao financiamento das ações missionárias.

Este discurso norteava-se de maneira *a priori* revelando-se como detentor de sua superioridade civilizacional, que se mostravam comuns nos discursos de viajantes europeus e norte-americanos em terras estrangeiras:

Nesse sentido, a autoridade daquele que falava ou escrevia mesclava-se ao projeto colonizador ou imperialista; a legitimidade do discurso era garantida pelo papel civilizador do autor, fosse ele missionário relatando seus atos de conversão de culturas primitivas, hidrógrafo mapeando águas pouco navegadas, naturalista dando ordem a uma natureza indomada, ou artista compondo paisagens exóticas.⁴⁸⁷

Mas se por um lado Mary Wardlaw apresenta Candida como a representação dos brasileiros pelos quais se devia investir no momento presente que a autora escrevia a seus leitores, por outro, a esposa do reverendo Lacey Wardlaw, viria apresentar uma personagem que pode ser encarada como a idealização absoluta do projeto missionário protestante para um futuro Brasil: Estrella.

Estrella surge aos leitores do romance no décimo capítulo, sendo a segunda filha de Candida e Augusto. Após a imensa tristeza causada pela morte do pequeno Timotheo, um novo filho surge como portador de felicidade para o jovem casal. Casal este que já havia passado pelo processo de conversão ao protestantismo, encontrando-se ambos numa busca dedicada ao cumprimento dos comportamentos inerentes à sua nova fé. Tanto que até mesmo a escolha do nome da criança por Candida mostrou-se como uma espécie de confirmação do novo modo de vida da mesma:

"Candida," asked Joanna, a little later, "have you thought what you are going to call your baby? You know she brought the name of Mary of the Assumption."
*"(...) Listen, girls. It has been dark so long; dark here." She touched her brain. "And darker here;" she touched her heart. "And now the night has gone; Augusto is going to recover. As for my Timotheo," a great sob rose in her throat, but she kept on with what she had to say, "he is with Jesus. I must only think of him as safe and happy. My dear sisters are given back to me. And we all love Jesus. Yes, I, too, at last; I know I love him. This wee one came as Heaven's own messenger of light, I shall call her Estrella".*⁴⁸⁸

⁴⁸⁷ MARTINS, Luciana de Lima. Op. cit. p. 48.

⁴⁸⁸ WARDLAW, Mary Hoge. Op. cit. p. 123. “ *“Candida”, perguntou Joana, um pouco mais tarde, “você já pensou como chamará seu bebê? Você sabe que ela pode levar o nome de Maria da Assunção.” (...) “ Ouçam meninas . Esteve escuro por muito tempo; escuro aqui” . Ela tocou na cabeça. “E mais escuro aqui,” ela tocou o coração. “E agora a noite se foi; Augusto está se recuperando. Quanto ao meu Timotheo,” um grande soluço subiu em sua garganta, mas ela continuou com o que tinha a dizer, “ele está com Jesus. Eu devo somente pensar que ele está salvo e feliz. Minhas queridas irmãs estão de volta comigo. E todos nós amamos Jesus. Sim, eu também , enfim; Eu sei que eu o amo. Essa pequenina veio como a mensageira da luz do próprio céu, eu a chamarei Estrella”.*” (Tradução Livre).

Desta forma, ao invés de chamar a filha de Maria da Assunção, seguindo a maneira costumeira entre os brasileiros, ou seja, com “*the name of the Saint upon whose Day it is Born*”⁴⁸⁹, Candida rompe com o referido costume e afirma às suas irmãs que aquela criança surgia como uma mensageira da luz que iluminava seu novo modo de ver o sagrado, daí o nome Estrella.

Apesar dos vislumbres de dias menos sofríveis após o nascimento de Estrella, na realidade Candida passa por inúmeras situações difíceis, como a partida do marido Augusto para o Amazonas como migrante, a morte de Tia Theresa, os conflitos com sua irmã Glória por haver renunciado ao catolicismo, a perseguição religiosa de habitantes da cidade, a morte de Augusto, as dificuldades de sobrevivência impostas pela seca.

Tal qual Mary Wardlaw percebia o protestantismo no Ceará, assim o era a personagem Estrella, ambos “*recém-nascidos*”, porém já tendo que enfrentar diversos problemas, como os enumerados acima. Porém, ambos vistos como o caminho que solucionaria todas as demandas daqueles que deles se aproximassem, na medida em que o protestantismo era percebido pelos missionários como único caminho religioso viável, e a trama do romance de Mary Hoge caminha rumo a esta mesma conclusão.

Estrella, então, surge como a esperança ante todos estes empecilhos na vida de Candida. Devido à sua educação totalmente pautada em moldes protestantes, a filha de Candida mostra-se ao leitor como destituída de valores e práticas negativas, que estariam presentes em outras crianças de sua idade, mas filhas de pais católicos.

Necessitando sustentar a si e sua filha, Candida, já viúva, passa a trabalhar como governanta de uma senhora chamada Lucretia, a qual não gostava dos mimos feitos por seu esposo à Estrella e quando tinha oportunidade descontava seu descontentamento na filha da governanta. Tal oportunidade é visível no episódio em que Estrella brincava com os filhos dos patrões de sua mãe, Mariquinha, Anita e Pedro, o qual em um momento de raiva pueril grita “*Diabo*” o que faz com que Estrella pare de brincar com as crianças e explicar a elas o motivo: “*mother doesn't let me play with children that say that word*”⁴⁹⁰.

Ante tal situação, Pedro quebra uma das rosas de sua mãe e inventa a esta que Estrella seria a autora do delito, fazendo com que Lucretia vá tirar satisfações com Candida que prontamente defende sua filha afirmando que “*Estrella is perfectly truthful*”⁴⁹¹.

⁴⁸⁹ Ibidem.

⁴⁹⁰ Ibidem, pp. 330-331.

⁴⁹¹ Ibidem, p. 332.

A pequena Estrella aparece ao leitor como portadora de um diferencial ante as outras crianças brasileiras, na medida em que se mostra totalmente obediente à sua mãe, não fazendo traquinagens, não contando mentiras, além de mostrar-se uma criança extremamente cativante a quase todos os adultos que a rodeiam por conta do referido comportamento.

A explicação para isso se mostra bastante simples ao leitor do romance de Mary Wardlaw, e ela reside no fato da mãe de Estrella ser uma protestante que ensinava a filha seu modo de vida religioso cotidianamente com o auxílio de Mrs. Cary e das filhas desta, Evangeline e Nellie. Assim, o diferencial de Estrella era o fato de esta haver nascido protestante, ou, nas palavras de um padre que visitaria Candida e tentaria fazer Estrella beijar sua mão, tendo seu pedido recusado, a criança era “*A genuine little Protestant*”⁴⁹².

Além dos aspectos inerentes à moral de Estrella, Mary Hoge destaca no romance outras características que a criança apresentava por conta da ação de sua mãe. Uma destas características era o fato Candida interessar-se por estudar português, aritmética e inglês para em breve tornar-se a professora de Estrella⁴⁹³ visando para a criança um “*futuro*”, assim, ainda bastante jovem Estrella é descrita na história como uma criança extremamente inteligente e com poucas dificuldades para o aprendizado das lições dadas por sua mãe.

Outro fator pelo qual a autora faz questão de enfatizar era o modo como a pequena Estrella se vestia:

Candida looked at the three little girls. Estrella's hair was freshly curled; Mariquinha's and Anita's hung in an uncouth tangle. Estrella's stockings were whole, and her shoes neatly brushed and tied. Her plain black and white checked calico was clean and well-fitting. The other little girls were clad in faded finery. Anita's dress was unhooked half the way, while torn lace hung from Mariquinha's.
494

Tal cuidado por parte de Candida revela muito mais que um zelo maternal, traz à tona uma preocupação essencial ao modo de vida protestante do século XIX que era a compostura dos trajes, inclusive das crianças. Curioso é notar tal preocupação nos escritos do Reverendo Kidder ainda na década de 1830, quando seu olhar de reprovação perpassava a nudez infantil, primeiro na vila de Macau ao encontrar-se com um tabelião que pedira

⁴⁹² Ibidem, p. 218.

⁴⁹³ Ibidem, p. 264.

⁴⁹⁴ Ibidem, p. 333. “*Candida olhou para as três garotinhas. O cabelo de Estrella tinha sido há pouco tempo encaracolado; Os de Mariquinha e de Anita pendurados em um rude emaranhado. As meias de Estrella estavam inteiras, e seus sapatos cuidadosamente escovados e amarrados. Sua chita de algodão preta e branco estava limpa e bem ajustada. As outras meninas eram vestidas com elegância desbotada. O vestido de Anita estava desengatado pela metade, enquanto o de Mariquinha estava com o laço rasgado e pendurado.*” (Tradução Livre).

desculpas por suas roupas simples, e, posteriormente, quando se encontrava na cidade de Goiana:

Não lhe ocorreu, porém, desculpar-se pelo seu pequerrucho de cerca de três anos que apareceu na sala completamente nu.⁴⁹⁵

Nosso quarto, que parecia ser o melhor da casa, fora atulhado com quatro ou cinco arreios e cangalhas, e, a um canto, uma galinha agasalhava sob as asas uma ninhada de pintinhos. A única janela do cômodo, aberta na parede oposta, estava apinhada de gente que olhava, para a rua; não tentaremos porém, descrever o bando de crianças maltrapilhas e nuas, pretas e brancas que corriam pela sala.⁴⁹⁶

Ante este olhar acerca da nudez e à exposição do corpo Jean Delumeau faz menção que entre os grupos protestantes da Nova Inglaterra havia diversas recomendações dos teólogos e pregadores acerca do cuidado que os fiéis deveriam possuir, os quais deviam envergonhar-se de seu próprio corpo: “*Não só os presbiterianos mais austeros, mas todos os “evangélicos” que se esforçam para “despertar” e “converter” as multidões compartilharam e afirmaram a convicção de que o corpo é de certo modo a prova de nossa corrupção*”⁴⁹⁷.

Por haver nascido em lar protestante Estrella possuía todos os atributos necessários a um bom seguidor desta fé, a tal ponto, do penúltimo capítulo do romance chamar-se “*Estrellas’s first work for Christ*”. Após sair da casa de Dona Lucretia, Candida passou a trabalhar para outro casal, Frederico e Esmerina Vieira, os quais rapidamente são cativados por Estrella. Esmerina Vieira, uma mulher com deficiência física, surge no romance como uma boa mulher, porém solitária e deveras amargurada por acreditar que, devido à sua situação, seu esposo não a amava mais. Desta maneira, Dona Esmerina passa a compartilhar momentos com a criança que apesar de bastante pequena possuía uma voz belíssima, o que agradava a patroa de Candida.

Esmerina solicita, então, que todos os dias Estrella cantasse para ela e propôs-se a dar aulas de piano à criança já que sabia tocar o instrumento. Na medida em que todas as canções entoadas por Estrella possuíam conotação religiosa protestante, fica nítida, a ênfase que Mary Wardlaw chama de “*first work for Christ*” de Estrella, que apesar da pouca idade já mostrava-se uma espécie de missionária, a ponto de tocar o coração da patroa de sua mãe que mostrava-se totalmente indiferente a qualquer tipo de religião.

Além disso, de alguma forma, quase milagrosa, a autora dá a entender que a presença de Candida e Estrella naquela casa fora fundamental para a reestruturação do

⁴⁹⁵ KIDDER, Daniel P. Op. cit. (2001). p. 163.

⁴⁹⁶ KIDDER, Daniel P. Op. cit. (1980). p. 142.

⁴⁹⁷ DELUMEAU, Jean. Op. cit. (2003) pp. 338-339.

casamento de seus patrões; Frederico Vieira tornou-se mais atencioso com Dona Esmerina e decidiu partir rumo ao Rio de Janeiro com sua esposa em busca de um tratamento para o problema de saúde da mesma.

Estrella é a personalização do devir idealizado ao Brasil a partir da perspectiva missionária de Mary Wardlaw, isto é, um país que renasceria a partir de uma religião: o protestantismo. E tal representação sob a personagem Estrella torna-se mais significativa se tomarmos a relação que a autora faz ao final de seu romance entre a pequena filha de Candida e a queda da monarquia no Brasil:

*Two weeks later the monarchy fell. Across the threshold of the new dynasty we cannot pursue her history. It is enough to say that she has richly redeemed the promise of her childhood. In appearance, in intellect and in character, she deserves her name.
She is a star, — one that bids fair to shine the brighter, whatever clouds may gather. May it be her privilege (as it was that of her parents) to "turn many to righteousness." Then, when her light is withdrawn from earth, she will "shine as the stars forever and ever."*⁴⁹⁸

Mary Wardlaw e sua família partiram do Brasil em 1901, quando esta nação já era uma República, e, como já pudemos discutir anteriormente, este novo momento político do Brasil foi extremamente significativo para os vários missionários protestantes estadunidenses que aqui atuavam, na medida em que a queda do Império e o estabelecimento do fim da união da Igreja Católica com o Estado Brasileiro representou a estes protestantes um horizonte de múltiplas expectativas quanto à expansão protestante na recém-nascida república, a qual cresceria juntamente com o recém-nascido protestantismo brasileiro.

Assim como Estrella, a visão formatada no projeto missionário era a que a mensagem protestante seria uma luz que tinha por atribuição guiar os passos da República do Brasil. Mary Wardlaw desenvolve a partir de “Candida” aquilo que já em 1888 almejava para o Brasil: “*We know that happy day is a long way off, but we look forward to it, and believe that it will be ushered in with many blessings.*”⁴⁹⁹.

⁴⁹⁸ WARDLAW, Mary Hoge. Op. cit. pp. 352-353. “Duas semanas depois a monarquia caiu. Através do limiar da nova dinastia, não podemos prosseguir sua história. É suficiente dizer que ela teve sua infância recompensada esplendidamente. Na aparência, na inteligência e no caráter, ela merece seu nome. Ela é uma estrela, - uma que oferece seu resplendor brilhante, mesmo tudo estando nebuloso. Este é seu privilégio (como era o de seus pais) para “transformar muitos para a justiça.” Então, quando sua luz for retirada da terra, ela irá “brilhar como as estrelas sempre e eternamente.”” (Tradução Livre).

⁴⁹⁹ Jornal ‘The Missionary’. A monthly Journal, issued in behalf of The Foreign Missions of the Presbyterian Church in the United States. Edited by the secretaries. Published by Whittet & Shepperson. Richmond: 1888. p. 434. “Nós sabemos que há um longo caminho para termos dias felizes, mas estamos ansiosos por eles, e acredito que serão acompanhados com muitas bênçãos.” (Tradução Livre).

A este ideal de proselitismo da sociedade brasileira às variadas tendências protestantes (presbiteriana, batista, metodista, congregacional), somar-se-ia a projeção de uma mudança radical no modo de ver e vivenciar o mundo pelos brasileiros, os quais poderiam alcançar as “benesses” do progresso material já obtidas pela Europa e Estados Unidos através de um processo de emulação, sendo tal ideal de progresso material o que discutiremos a seguir.

3.2: O progresso material.

Com o desenvolvimento da Guerra de Secessão nos Estados Unidos durante a década de 1860, muitos foram os norte-americanos habitantes dos Estados Confederados que fizeram parte de uma série de movimentos migratórios, tentando escapar da difícil situação que o conflito impusera à região. Com o término da guerra civil em 1865, este fluxo de sulistas deixando o que tornou-se os Estados Unidos da América não cessou, mas pelo contrário vários grupamentos de norte-americanos reuniam-se rumo a outros pontos do globo buscando restabelecerem-se das perdas provocadas pelos quatro anos de combates.

Um dos locais que se tornou polo aglutinador de diversos destes estadunidenses foi justamente o Império do Brasil ⁵⁰⁰. A região de Santa Bárbara d’Oeste e seus arredores na Província de São Paulo vieram a ser um espaço de concentração destes novos imigrantes. Muitos fatores contribuíam para essa escolha, tais como, a expansão da lavoura cafeeira na referida região, a presença de missionários protestantes na Província de São Paulo que se dava concomitante a esse processo migratório, a sobrevivência do trabalho escravo no Brasil, bem como os incentivos concedidos pelo governo imperial brasileiro para a entrada de trabalhadores estrangeiros no país.

Um destes imigrantes, responsáveis por uma espécie de caravana de sulistas estadunidenses, foi o Major Confederado Robert Meriwether, proveniente da Carolina do Sul. Chegando ao Brasil em 1865, estabeleceu-se na região de Botucatu, estando a serviço de uma sociedade de colonização. No ano seguinte, buscando apoio para sua empreitada, Meriwether daria sua opinião acerca do Brasil, especificamente da região que escolhera como residência:

⁵⁰⁰ Também outras nações foram escolhidas como destino pelos imigrantes confederados, tais como México, Peru, Venezuela, Uruguai, Honduras, Austrália. Cf. VIEIRA, David Gueiros. *O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*. Brasília: Editora UNB, 1980. p. 211.

*“Se este país for povoado por uma raça industriosa e progressista, ele será, muito em breve, um paraíso na terra”*⁵⁰¹.

Embutido da missão de favorecer a imigração de seus compatriotas ao Brasil o Major Confederado dispunha que esta nação estrangeira era possuidora de características propícias a tornar-se, em suas palavras, um verdadeiro *“paraíso na terra”*, paraíso este que, para os confederados sulistas, fora antes a América do Norte, mas que após a guerra havia sido destruído. Porém, para que o Brasil viesse a ser esse local idílico descrito por Meriwether era necessária a ação imediata de *“uma raça industriosa e progressista”*, uma alusão clara a seus compatriotas estadunidenses.

O Brasil na visão deste colonizador tinha tudo para ser uma grande potência econômica, no entanto, apesar de já colonizado há mais de três séculos, ainda não havia chegado a tal condição pela simples razão de seus colonizadores até aquele momento não terem sido dotados com o espírito do trabalho, do progresso, da indústria e do liberalismo. Desta forma, os imigrantes protestantes norte-americanos viam-se como responsáveis pelo *“progresso”* da nação que os acolhia.

No entanto o que poderia ser apontado como designação de progresso para estes sujeitos anglo-saxões no século XIX? O fim do século XVIII trouxe alguns movimentos tidos como revolucionários e que moldaram, daí por diante, grande parte do cenário ocidental, que foram as revoluções Americana, Industrial e Francesa. Ao mesmo tempo em que se desenvolviam, todos estes movimentos concatenaram-se com diversos postulados filosóficos e econômicos que afirmavam a primazia dos liberalismos econômico e político em contraste com o mercantilismo e o absolutismo, bem como, com a legitimação total de uma perspectiva linear do tempo.

Segundo tal perspectiva a história da humanidade tratava-se de uma árdua e longa marcha rumo a estágios superiores de civilidade, técnica, riqueza e prosperidade. Os estudos etnológicos e da história natural se concentraram em uma espécie de fusão, que percebia o homem nesta jornada milenar evolutiva. Apesar de admitirem que tal civilização da humanidade não ocorresse de forma igualitária em todos os recantos da terra, na medida em que se punha o modelo eurocêntrico como o mais adiantado neste processo, diversas teorias racialistas buscavam explicar as razões da superioridade de uns povos sobre outros.

Desta maneira, enquanto alguns intelectuais acreditavam que estas diferenças jamais seriam superadas por serem motivadas pelo desejo da natureza, outros supunham ser

⁵⁰¹ GOLDMAN, Frank P. *Os pioneiros americanos no Brasil: educadores, sacerdotes, covos e reis*. São Paulo: Pioneira, 1972. p. 143.

possível através da ação direta dos povos mais “civilizados” chegar a um estágio de evolução global. Enquanto isso o pensamento Iluminista montava as bases para o conceito de progresso em todos os aspectos da vida social humana:

A grande *Encyclopédie* de Diderot e d’Alembert não era simplesmente um compêndio do pensamento político e social progressista, mas do progresso científico e tecnológico. Pois, de fato, o “iluminismo”, a convicção no progresso do conhecimento humano, na racionalidade, na riqueza e no controle sobre a natureza – de que estava profundamente imbuído o século XVIII – derivou sua força primordialmente do evidente progresso da produção, do comércio e da racionalidade econômica e científica que se acreditava estar associada a ambos.⁵⁰²

As diversas transformações sociais, econômicas e políticas deste período apareciam aos olhos dos homens de letras da Europa e dos Estados Unidos, como comprovações de seus ideais progressistas. As máquinas a vapor, a produção em larga escala, os navios a vapor, as ferrovias, a eterna fumaça das chaminés das fábricas, o ritmo acelerado dos acordos e transações comerciais entre as várias nações agora emancipadas politicamente na América, o aumento do lucro para alguns sujeitos, a queda de vários regimes do chamado *Ancien Régime*; todos estes fatores eram elencados como provas definitivas que a marcha para o progresso estava se dando de maneira acelerada e que algumas nações eram a vanguarda deste processo, especialmente Inglaterra, Estados Unidos e França.

Expunha-se novamente o embate que já se arrastava desde fins da Idade Média, isto é, a disputa entre o Moderno e o Antigo:

O estudo do par antigo/moderno passa pela análise de um momento histórico que segrega a idéia de “modernidade” e, ao mesmo tempo, a cria para denegrir ou exaltar – ou simplesmente, para distinguir e afastar – uma “antiguidade”, pois tanto se destaca uma modernidade para promovê-la como para vilipendia-la.⁵⁰³

No caso dos viajantes estrangeiros anglo-saxões que visitariam o Brasil no oitocentos, estes expunham claramente em qual dos lados estavam neste debate reaforado ao findar do século XVIII. Ou seja, a ideia de Modernidade fundia-se à perspectiva de progresso. Tal noção de progresso esteve então quase como um carro-chefe nas formulações científicas e filosóficas do século XIX, até mesmo, nos escritos daqueles que viriam a criticar a industrialização e suas mazelas, mas que defendiam outro tipo de progresso para a humanidade.

⁵⁰² HOBBSAWM, Eric J. *A Era das Revoluções: Europa 1789-1848*. 7 ed. Tradução de Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. pp. 36-37.

⁵⁰³ LE GOFF, Jacques. Op. cit. p. 176.

Ora, a noção de progresso material não seria particular aos imigrantes confederados da década de 1860 que comentamos no início deste tópico, mas tornou-se uma tônica constante nos debates dos intelectuais anglo-saxões acerca das diversas concepções sobre o que seria progresso e civilização. Como já discutido em tópicos anteriores, uma ideia de superioridade civilizacional sobre as outras nações rondava grande parte do pensamento Britânico e Norte-Americano.

Duas décadas antes do início do movimento de imigração confederada ao Brasil, o escocês George Gardner teria uma visão semelhante ao do Major Meriwether ao analisar as culturas agrícolas empreendidas pelos habitantes da vila de Barra do Jardim, na Província do Ceará, próxima à vila do Crato.

Para este naturalista a região contrastava com a maior parte das localidades por ele visitada na referida Província, na medida em que ao localizar-se fincada ao pé da serra possuía solo fértil e propício para o desenvolvimento econômico da região. No entanto, para Gardner, a realidade contrariava tais possibilidades, sendo a vila *“pequena, em forma de largo quadrado, com apenas três lados completos, tendo quase no centro sua única igreja, também inacabada”*⁵⁰⁴.

Tal incipiência da localidade tinha para George Gardner uma única explicação, pois sendo a região fértil e apropriada para maior ousadia econômica dos habitantes, os mesmos ainda cultivavam cana-de-açúcar, mesmo sendo o solo propício para o plantio do café. Naquele momento, o café já destacava-se como principal produto agroexportador brasileiro, enquanto os grandes canaviais iniciavam seu processo de decadência no sistema econômico nacional.

Gardner, pautando seu raciocínio sob a óptica liberal, buscou então respostas para tal situação:

Perguntei a vários donos de plantações de cana por quê não preferiam o plantio de café, sem dúvida muito mais rendoso; responderam-me todos que, acostumados a fazer rapadura, não gostavam dos riscos de um sistema de cultura com que se achavam pouco familiarizados. Mas, em minha opinião a causa principal são seus hábitos de ócio e indolência e o horror que sentem a tudo que inove os costumes de seus antepassados.⁵⁰⁵

Desta maneira, o olhar do naturalista escocês voltado à perspectiva de uma maior rentabilidade econômica e relegando a segundo plano os repertórios culturais dos

⁵⁰⁴ GARDNER, George. Op. cit. p. 101.

⁵⁰⁵ Ibidem.

“viajados”⁵⁰⁶, perceberia nos próprios habitantes de Jardim os responsáveis pelo insucesso econômico da localidade, os quais, destituídos de um caráter econômico liberal e sem a ética do trabalho como condutor de suas práticas laboriosas, não estariam aproveitando a oportunidade que a natureza lhes dava, ao que o viajante conclui: “*Estivesse essa zona em mãos de gente industriosa e seria, sem dúvida, uma das mais ricas do norte do Brasil*”⁵⁰⁷.

Não nos é difícil imaginar que gente industriosa poderia ser essa que traria tal riqueza anunciada por Gardner. Necessariamente não seriam apenas elementos provenientes das nações anglo-saxãs formatados com o *ethos* do trabalho como vocação, mas também brasileiros que, com a adequação a determinadas emulações culturais advindas de nações “mais civilizadas”, poderiam chegar um dia ao degrau civilizacional que algumas nações europeias e os Estados Unidos já haviam alcançado.

Entretanto, ante o olhar de Gardner, podemos inferir que tal momento histórico a ser alcançado pelo Brasil ainda parecia estar distante de concretizar-se, principalmente por conta das “*inclinações*” de grande parte da população à indolência e seu despeito ao trabalho metódico nos moldes britânicos, como já pudemos discutir no capítulo anterior. Acerca disso, George Gardner faria outras ponderações, quando de sua estadia em Alagoas:

Quando de minha visita ouviam-se muitos lamentos pela escassez de mantimentos; mas é impossível sentir grande simpatia pela penúria da gente quando se sabe que só por sua própria inércia não se colhe mandioca suficiente para sua própria alimentação e até para exportar a outras partes do país. Há abundância de terras baldias à volta da cidade, que se prestam, com pouco trabalho, ao cultivo desta planta; mas é tal a indolência da gente, que, com todas as facilidades oferecidas pelo solo, se satisfaz em obter o escassamente necessário para uso imediato e raramente pensa no dia de amanhã.⁵⁰⁸

Novamente, a natureza é postada como propícia ao tão almejado progresso material. O solo fértil, abundante, próximo aos habitantes, servia como delator da “*indolência da gente*” que não era capaz de pensar “*no dia de amanhã*”. Ora, a perspectiva que via a natureza primal, intocada, como algo exuberante, constituído nos escritos de Alexander von Humboldt, passou a ser, paulatinamente, alterada e invertida nos escritos de viagem posteriores. A natureza então passou a ser vista como algo a ser dominado, conquistado e

⁵⁰⁶ Sérgio Buarque de Holanda discorre em seu clássico “*Raízes do Brasil*” acerca das peculiaridades do trabalho agrícola no Brasil Colônia, tais como apropriações de técnicas indígenas, sua natureza perdulária, a busca por riquezas mais por ousadia que pelo trabalho, o meio tropical como contribuinte à falta de progressos técnicos na lavoura. Tais procedimentos estabelecidos durante o período colonial e que ganharam espaço no cotidiano agrário brasileiro dos períodos subseqüentes. Cf. HOLANDA, Sérgio Buarque de. Op cit. pp. 47-53.

⁵⁰⁷ Ibidem.

⁵⁰⁸ Ibidem, p. 76.

explorado. A natureza não explorada seria a comprovação da inércia e ineficácia daqueles que a deveriam conquistar e tirar dela seus rendosos frutos econômicos:

A natureza inexplorada tende a ser vista nesta literatura como incomoda ou feia e seu próprio caráter primitivo, um sinal do fracasso da audácia humana. A negligência passa a ser a pedra de toque de uma estética negativa que legitima o intervencionismo europeu.⁵⁰⁹

Pratt posta desta forma como a literatura de viagem pôde servir a interesses relacionados aos projetos imperialistas britânicos dos séculos XVIII e XIX. A viagem não tinha fim com a publicação do relato de viagem, mas pelo contrário tinha início naquele momento, se não para seu autor, o era para seus leitores e o modo como estes apropriavam-se de tais escritos, sendo tal reelaboração imprevisível.

Muitos escritos de viagem tornaram-se, desta maneira, justificadores ou propagadores das ideologias intervencionistas das potências imperialistas dos séculos XVIII e XIX, mesmo que esse não parecesse ser o propósito inicial de seus elaboradores. Ante o apoio de vários pensadores ilustrados e de cientistas dedicados às elaborações dos estágios civilizatórios e hierarquias raciais, a literatura de viagem trazia a tona em quais aspectos os demais povos, não europeus e não norte-americanos, necessitavam do “auxílio” dos seus “irmãos” mais civilizados para entrar na grande marcha do progresso, propugnada pelo pensamento esclarecido.

O olhar para o Brasil do século XIX, e a preocupação com o seu nível de progresso material, não partia tão somente da pergunta de como esta nação recém ingressa no cenário do que se compreendia como o campo das nações “civilizadas”, poderia alcançar o progresso, mas sim quem poderia propiciar este progresso.

É notável, que desde o período colonial a Inglaterra postou-se como resposta a esta indagação. O que veio a ser reforçado sobremaneira no século XIX com o estabelecimento da família real lusitana no Brasil e a posterior assinatura dos Tratados de 1810. Postando-se como protagonistas do intervencionismo imperialista, os representantes da Coroa Britânica buscavam expandir seu controle, ou, como no caso da América Austral, expandir sua influência política, econômica e cultural.

Com os movimentos de independência desenvolvendo-se durante as duas primeiras décadas do século XIX na América do Sul, Inglaterra e França tomaram parte

⁵⁰⁹ PRATT, Mary Louise. Op. cit. p. 258.

ativamente de tais movimentos, tanto militarmente quanto financeiramente. Além disso, muitos viajantes fizeram parte dessas “missões” intervencionistas:

Principalmente (...) britânicos que, em sua maioria, viajaram e escreveram como batedores avançados do capital europeu. Engenheiros, mineralogistas, criadores de gado, agrônomos, bem como militares – esses viajantes de princípios do século XIX eram frequentemente enviados para o “novo continente”, por companhias de investidores europeus, como especialistas à procura de recursos exploráveis, contatos e contratos com as elites locais, informações sobre as possíveis associações, condições de trabalho, transporte, mercados potenciais e assim por diante.⁵¹⁰

Assim, informações que a um primeiro olhar nos pareceriam como de somenos importância, analisadas sob esta óptica podem nos fornecer a complexidade de interesses intrínseca ao olhar do viajante estrangeiro. Como, por exemplo, quando analisamos as percepções de Henry Koster sobre a cidade de Fortaleza na posição de centro administrativo da Capitania do Ceará em 1810:

Não é muito para compreender-se a razão da preferência dada a este local. Não há rio nem cais e as praias são mais e de acesso difícil. As vagas são violentas e o recife oferece proteção bem diminuta aos navios
(...)
A dificuldade de transportes, terrestres, particularmente nessa região, e falta de um porto, as terríveis secas, afastam algumas ousadas esperanças no desenvolvimento de sua prosperidade. O comércio do Ceará é limitado e, provavelmente, não tomará grandes impulsos.⁵¹¹

A declaração de Koster acerca destas dificuldades encontradas pelos habitantes locais nos setores de serviços de transportes e no desenvolvimento do comércio, se observadas por alguns ingleses “industriosos”, poderiam servir como uma espécie de convite à resolução das mesmas. Tal resolução era vislumbrada tanto com o fortalecimento contínuo das relações comerciais entre Brasil e Inglaterra, assim como com a instalação de companhias inglesas responsáveis pelos setores de serviços nos centros urbanos, além da presença de comerciantes estrangeiros fixados nas praças comerciais brasileiras.

A partir da década de 1780, graças aos efeitos da industrialização, a Grã-Bretanha passou pelo processo de transformação de seu mercado, postando as exportações com primazia ante o seu mercado interno. Os conflitos resultantes da expansão napoleônica contribuíram para que os olhos dos industriais exportadores britânicos se voltassem para outros continentes além da Europa, tais como a África, a Ásia, e, principalmente, a América.

⁵¹⁰ Ibidem, pp. 252-253.

⁵¹¹ KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Op. cit. (Vol. 1 - 2003). pp. 174-176.

Como bem observou Hobsbawm, tal postura britânica reforçou-se de veras no século XIX:

Pois dentro destas áreas a indústria britânica tinha estabelecido um monopólio por meio de guerras, revoluções locais e de seu próprio domínio imperial. (...) A América Latina veio realmente depender de importações britânicas durante as guerras napoleônicas, e, depois que se separou de Portugal e Espanha, tornou-se quase que totalmente dependente economicamente da Grã-Bretanha.⁵¹²

Para termos uma vaga noção, como já expusemos na introdução deste trabalho, Raimundo Girão afirma que em 1811 ocorreu a fundação do primeiro estabelecimento de negócios estrangeiros em Fortaleza dirigido pelo irlandês William Wara, seguido com o passar dos anos por outros comerciantes, como Robert Singlehurst, John William Studart, Henry Ellery, Alfred Harvey, Richard Hugges, John Foster, John Graff, Charles Hardy e muitos outros filhos das ilhas britânicas.

Além disso, algumas empresas estrangeiras como as companhias de navegação a vapor *Booth Steam Company Limited* e a *Red Cross Line of Mail Steamers*, ambas de Liverpool, a companhia de abastecimento de água *Water Work Company Limited* e a companhia encarregada da iluminação pública e particular a *Ceará Gás Company Limited*, também inglesas estabeleceram-se no Ceará⁵¹³.

Acerca desta presença maciça de estrangeiros, principalmente ingleses, atuando como comerciantes e nos setores de serviços, o que ocorria na Província do Ceará aconteceu igualmente, e de maneira mais maciça em outros centros urbanos de maior representatividade, tais como Rio de Janeiro, Recife e Salvador. Ademais, durante todo o século XIX houve uma grande demanda no Brasil por produtos provenientes da Inglaterra, como bem registrou Gilberto Freyre acerca da entrada de artigos britânicos no Brasil oitocentista:

Os navios ingleses começaram a desembarcar nos portos brasileiros, desde 1808, consideráveis quantidades de ferro: expressão e símbolo de uma nova civilização – a do ferro, do carvão e do vidro – diante da qual ao Brasil não restava senão curvar-se colonial e passivamente.⁵¹⁴

Alan Manchester⁵¹⁵ também afirma que o mercado brasileiro da primeira metade do século XIX teve uma preeminência britânica em níveis consideráveis se comparado às

⁵¹² HOBBSAWM, Eric J. Op. cit. p. 51.

⁵¹³ GIRÃO, Raimundo. Op. cit. (1970). pp. 101-106.

⁵¹⁴ Freyre, Gilberto. Op cit. p. 218.

⁵¹⁵ MANCHESTER, Alan K. *Preeminência inglesa no Brasil*. Tradução de Janaína Amado. São Paulo: Editora Brasiliense, 1973. pp. 265-267.

relações comerciais entre o Império Brasileiro e outras nações tais como a França, os Estados Unidos, a Holanda e a Suécia. Naquele cenário as vendas dos diversos artigos britânicos ao Brasil superavam sobremaneira as compras por parte dos ingleses de artigos brasileiros.

Henry Koster, ao comentar sobre o Tratado de Comércio e Navegação estabelecido entre Portugal e Inglaterra, postaria sua opinião sobre as relações comerciais travadas entre estas duas nações, entendendo-se Portugal como sinônimo do próprio Brasil, tendo em vista o contexto histórico do qual este viajante se referia:

A Grã-Bretanha é, no ponto de vista comercial, beneficiada pela importação do algodão do Brasil, direto do País e os melhoramentos que têm causado, e continuarão causando no Brasil, a introdução de mercadorias manufaturadas inglesas, são incalculáveis no ponto de vista da saúde e da civilização, determinando um incentivo para a energia criadora.⁵¹⁶

Nota-se que Koster, proveniente de uma família voltada ao comércio, expunha que, se por um lado as relações comerciais entre Brasil e Inglaterra beneficiariam esta última no aspecto econômico, por outro, o contato da população brasileira com os produtos britânicos e com súditos ingleses produziria no Brasil o desenvolvimento do progresso material desta nação, principalmente porque seria a Inglaterra um exemplo a ser seguido pelos brasileiros que assim seriam incentivados a cultivar sua “*energia criadora*”.

Para Koster a abertura dos portos brasileiros aos produtos ingleses propiciou uma melhora significativa dos hábitos dos habitantes dessa região do globo. Após passar alguns meses na Inglaterra Koster retornaria ao Brasil em 1811, percebendo que, apesar de sua rápida ausência, os moradores de Recife adaptavam-se aos novos produtos e práticas provenientes da Inglaterra, soando tal descrição como um sinal de que o contato direto com a Grã-Bretanha através de seus produtos ou súditos, traria à reboque o progresso material a esta nação sul americana:

Várias casas tinham sido reparadas e as rótulas, sombrias e pesadas, foram substituídas pelas janelas, com vidros e balcões de ferro. Algumas famílias haviam chegado de Lisboa e três outras da Inglaterra. As senhoras das primeiras davam o exemplo, indo à missa a pé, em plena luz solar, e as damas inglesas tomaram por hábito passear, todas as tardes por distração. Esses melhoramentos (...) foram adotados por algumas outras (...) As fazendas e cetim, tomadas de uso normal para roupa nas festas e dias-santos, foram logo vencidas pelas musselinas bancas e de cor e tecidos de algodão.⁵¹⁷

⁵¹⁶ KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Op. cit. (Vol. 2 - 2003). p. 561.

⁵¹⁷ KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Op. cit. (Vol. 1 - 2003). pp. 258-259.

E, desta forma, o jovem viajante inglês descortinava aos seus compatriotas a grande marcha triunfal da nobre Inglaterra sobre os habitantes do “Novo Mundo”, os quais não podiam resistir ao vidro e ao ferro britânico nas fachadas de suas casas, e no interior da mesma o mobiliário era “modernizado” com produtos advindos do além-mar. As mulheres trocavam suas rudes fazendas e cetim pelas roupas com algodão, muitas vezes de origem brasileira, mas produzidos nas indústrias da Inglaterra. Os homens também modificavam seu vestuário, passando a vestir-se com “*calças de nanquim, meia-botas e chapéus-redondos*”.

Já na década de 1840 o Reverendo Kidder também comentaria acerca das relações comerciais do Brasil, que havia tornado-se um Império emancipado politicamente. No entanto seu foco postava-se agora para as relações entre Brasil e Estados Unidos. Daniel Kidder, já havendo findado seus relatos de experiências em terras brasileiras, reservaria em sua obra um apêndice contendo as mais diversificadas informações acerca do Brasil, tais como: uma cronologia da história do Brasil, nomes das igrejas do Rio de Janeiro, os conventos e monastérios, algumas de suas correspondências com autoridades brasileiras, o clima, botânica, ministros de D. Pedro I, informações acerca do comércio e finanças imperiais, a marinha, o exército, a família imperial.

Dentre tais aspectos, como dito anteriormente, Kidder ressaltaria o incremento do comércio entre Brasil e Estados Unidos, o qual, segundo o pastor metodista, vinha crescendo bastante desde a independência do vizinho sul americano. Ao que Daniel Kidder arremata: “*Essa circunstância autoriza-nos a esperar que o comércio entre os dois países continue a expandir no futuro, como se tem dado até hoje, em proporção ao interesse mútuo de suas populações*”⁵¹⁸.

No mesmo apêndice à sua obra Kidder fazia um alerta aos seus compatriotas: temia que informações negativas acerca do Brasil por parte de expedições governamentais norte-americanas prejudicassem as relações entre as duas nações, caso chegassem às vistas do governo brasileiro. Isto porque, segundo o reverendo metodista, uma expedição da marinha norte-americana aos países Americanos havia resultado em uma obra intitulada “*Narrative of the United States Exploring Expedition*”, a qual, ao discorrer sobre o Brasil apenas enfatizara os escravos e a população negra, esquecendo-se de abordar:

O governo, as instituições e os grandes homens do país ou fazendo-lhe apenas alusões vagas, no decurso de considerações as mais desairosas. Será fácil imaginar

⁵¹⁸ KIDDER, Daniel P. Op. cit. (2001). p. 301.

como se sentirá o governo brasileiro sabendo que notícias desse jaez são distribuídas no estrangeiro às expensas dos Estados Unidos.⁵¹⁹

O ministro metodista mostrava-se com estas palavras extremamente receoso com as consequências negativas que tais escritos poderiam resultar não apenas aos Estados Unidos, mas também ao Brasil, já que acreditava que sua nação tinha por missão conduzir os brasileiros ao caminho da civilização, trabalho este que o reverendo considerava-se partícipe com seu ofício de propagação do protestantismo.

Se por um lado a política intervencionista britânica expandiu seus tentáculos imperiais em diversos continentes, podemos afirmar que no caso dos Estados Unidos a busca pela efetivação das Américas como zonas de influência mostrou-se bem mais ativa. Semelhante a Grã-Bretanha, os Estados Unidos aproveitaram os diversos movimentos de independência por toda a América, bem como as convulsões que a Europa passava devido às guerras napoleônicas e as diversas revoluções liberais, visando expandir seus ideais expostos na famosa Doutrina Monroe⁵²⁰, posteriormente reforçada pela doutrina do Destino Manifesto.

Desta maneira, paulatinamente, os Estados Unidos foram tornando-se no decorrer do século XIX, uma nação concorrente da Inglaterra com relação ao comércio estabelecido com o Brasil. A partir da década de 1850 diversos projetos passaram a ser estudados pelos governos brasileiro e americano visando a relação entre as duas nações, tais como a abertura do rio Amazonas ao tráfico internacional, o que beneficiaria diretamente os Estados Unidos, além disso haviam esforços por parte de diplomatas americanos com a finalidade de instalar uma linha de navegação a vapor direta entre Nova York e o Rio de Janeiro.

Tais propósitos não eram propagados apenas pelo corpo diplomático estadunidense no Brasil, mas também por vários viajantes norte-americanos que passavam por esta nação sul americana. Um destes viajantes foi o Reverendo presbiteriano James Cooley Fletcher. Fletcher viria a ficar conhecido pela publicação da obra *“Brazil and the Brazilians: portrayed in historical and descriptive sketches”* em 1857.

Tal escrito era um trabalho em coautoria entre os Reverendos Fletcher e Daniel Kidder e viria a alcançar um denso público leitor nos Estados Unidos. James Fletcher

⁵¹⁹ Ibidem, p. 316.

⁵²⁰ Surgida em 1823 a partir de uma mensagem dirigida ao Congresso Estadunidense pelo então presidente James Monroe, a *“Doutrina Monroe”*, ao defender a não intervenção dos países europeus nas recém-nações independentes da América, logo tornou-se um símbolo do intento norte-americano de busca pela construção de uma zona de influência no continente americano. René Rémond afirma que, apesar de em 1823 a intervenção estadunidense no continente americano ser *“mucho más simbólica que efectiva”*, com o decorrer do século XIX a preeminência norte-americana se faria sentir em várias nações deste continente, na medida em que os Estados Unidos passaram a intervir em assuntos relacionados a litígios entre países europeus e países americanos. Cf. RÉMOND, René. *Historia de los Estados Unidos*. México, DF: Publicaciones Cruz O., S.A. 2002. pp. 89-91.

trabalhou no Brasil como capelão dos marítimos no Rio de Janeiro, cargo que havia sido ocupado por seu amigo Daniel Kidder durante sua estadia no Brasil. Porém, após o retorno de Kidder aos Estados Unidos em 1841 e do capelão efetivo - Reverendo Justin Spaulding - um ano depois, a capelania ficou vaga por cerca de dez anos até a chegada de James Fletcher ao Brasil⁵²¹.

Logo o reverendo James Fletcher tornou-se secretário interino da Legação dos Estados Unidos no Rio de Janeiro, o que lhe propiciou cultivar um círculo de amizades entre diversos políticos de tendências liberais no Brasil. Dentre os quais, o principal foi o deputado Aureliano Cândido Tavares Bastos, um entusiasta liberal, extremamente simpático aos Estados Unidos.

Fazendo uso de pseudônimos, Tavares Bastos publicou diversas cartas por meio da imprensa propugnando temas como “*laissez faire, a abertura do Amazonas à navegação internacional, a imigração protestante e a criação de uma linha de vapores de New York ao Rio de Janeiro*”⁵²².

Três décadas depois muitas das expectativas de Kidder, Fletcher, Tavares Bastos e de outros inúmeros “*amigos do progresso*”⁵²³, vieram a ser concretizadas com a crescente influência estadunidense em diversos setores brasileiros no que dizia respeito à economia, à política e às relações sociais. Ao findar do oitocentos, os Estados Unidos já encontravam-se em uma posição de destaque no cenário econômico internacional, não chegando a desbancar a Inglaterra, porém com muita expressão em toda a América.

Da mesma maneira que a Inglaterra, o investimento estadunidense no Brasil, voltou-se para a importação de produtos industrializados, a instalação de filiais de bancos, a oferta de serviços de transportes através de empresas de vapores norte-americanas que passaram a atuar no transporte de passageiros e de carga, bem como com a importação da maquinaria e equipamentos para a construção de ferrovias. Além disso, houve a instalação do serviço de telégrafo por companhias norte-americanas, que na cidade de Fortaleza começou a

⁵²¹ VIEIRA, David Gueiros. Op. cit. p. 61.

⁵²² Ibidem, p. 100.

⁵²³ Alcinha dada por Vieira aos diversos políticos, diplomatas e intelectuais brasileiros que possuíam tendências liberais e eram simpáticos à ideia que seria através do apoio dos Estados Unidos que o Brasil poderia caminhar rumo ao progresso, tendo nos modelos econômico, político, social e até mesmo religioso dos Estados Unidos o ideal a ser propagado no então Império brasileiro. Dentre esses “*amigos do progresso*” Vieira destaca nomes como o Ministro Joaquim Maria Nascente de Azambuja, os deputados Luiz Pereira do Couto Ferraz e Pedro Luiz Pereira de Sousa, o banqueiro Caetano Furquim de Almeida, o Barão Manuel Pacheco da Silva, e os senadores Francisco Otaviano de Almeida Rosa e José Inácio Silveira da Mota. Cf. VIEIRA, David Gueiros. Op. cit. pp. 83-94.

funcionar a partir do ano de 1881 sob a direção da empresa *American Telegraph and Cable Company*⁵²⁴.

Um dos grandes entraves da aceleração da economia norte-americana nos primeiros anos do século XIX era a escassez de mão de obra qualificada, o que logo se reverteu com o intenso fluxo migratório advindo da Europa gerado pela crise de subsistência nas ilhas britânicas na década de 1840, e pelos conflitos pelos quais viria passar Alemanha e Itália durante boa parte deste século.

Discorrendo sobre os Estados Unidos deste período, Eric Hobsbawm assinala que:

Toda instituição da nova república incitava a acumulação, a engenhosidade e a iniciativa privada. Uma vasta população nova, estabelecida nas cidades litorâneas e nos novos estados interioranos recentemente ocupados, exigia os mesmos bens e equipamentos agrícolas, domésticos e pessoais padronizados e fornecia um mercado de homogeneidade ideal. (...) Nenhuma economia se expandiu mais rapidamente neste período do que a americana, embora sua arrancada realmente decisiva só viesse a ocorrer depois de 1860.⁵²⁵

Ora, tal barreira superada somente na década de 1860 fora o paradoxo interno que opunha os “dois” Estados Unidos, isto é, o norte industrial e o sul com características semicoloniais. A Guerra de Secessão serviu como a efetivação da unificação norte-americana sob os auspícios do capitalismo do norte.

Uma ideia da superioridade norte-americana passou a ser um elemento discursivo recorrente entre diversos setores intelectuais e políticos brasileiros, que se reforçava com a atuação das companhias americanas e de expedições científicas ao Brasil. Todo este clima, como já comentamos no capítulo anterior, gerou certo espírito de americanofilia, o qual apresentava que a relação com os Estados Unidos deveria ser de uma dependência benéfica, como nas palavras, já citadas neste trabalho, do reverendo Lacey Wardlaw em 1881:

O Brasil não é um paiz pobre; o seu povo não é naturalmente incapaz de aprender; porém conserva a religião de seus pais, o carro de boi dos seus pais, a ignorância de seus pais; e enquanto preserva estas cousas vai ficar atraz dos outros paizes. O arado, as estradas de ferro, a inteligência, a educação, a Biblia vão em companhia. O que o Brazil tem de bom vem dos paizes protestantes; As estradas de Ferros, os vapores, as linhas telegraphicas vem em maior parte dos paizes protestantes, são geralmente invenções de protestantes e com dinheiro dos protestantes, e a regra é onde há mais protestantes há mais progresso ou onde há mais progresso há mais protestantes; cada um pode decidir ao que é a causa e o que é os effeitos, porém o facto é que o progresso e o protestantismo andam com mãos dadas.⁵²⁶

⁵²⁴ GIRÃO, Raimundo. Op. cit. (1970). p. 106.

⁵²⁵ HOBSBAWM, Eric J. Op. cit. p. 198.

⁵²⁶ Jornal ‘Libertador’. Fortaleza, 30 de abril de 1887. Seção ‘*Tribuna do Povo*’. Coluna ‘*Notas Religiosas*’ de autoria do reverendo De Lacey Wardlaw.

Explicitamente De Lacey Wardlaw coaduna com esta afirmação os dois projetos para um porvir que estamos trabalhando neste capítulo, isto é, o ideário de protestantismo e progresso caminhariam juntos. Para o reverendo presbiteriano o Brasil já possuía elementos que lembrariam as nações que estariam em um estágio mais avançado, tais como estradas de ferro, linhas telegráficas, navios a vapor e capital circulando, porém nada disso seria proveniente do Brasil, mas sim de nações estrangeiras protestantes, mais especificamente, os Estados Unidos e a Inglaterra.

Apesar de missionário no Brasil entre os anos de 1880 e 1901, Wardlaw não passou estes vinte e um anos de maneira ininterrupta em terras brasileiras. Um passaporte retirado pelo mesmo em 1919⁵²⁷ para uma viagem do Reverendo, então aposentado, a Cuba, nos mostra que nos anos de 1882, 1884 e 1889 Lacey esteve nos Estados Unidos, mesmo que por pouco tempo. Em uma dessas idas à sua terra natal o missionário concederia uma entrevista a um jornal do Estado da Geórgia, o *'The Constitution'*.

Após a Guerra de Secessão a Geórgia, um dos Estados Cofederados secessionistas, foi ocupado por tropas federais até o ano de 1870, tendo sido um dos Estados sulistas com mais prejuízos econômicos advindos do conflito. Neste contexto de ocupação, O *'The Constitution'*, impresso na cidade de Atlanta, fora fundado poucos anos após o conflito, e tornou-se uma folha de propagação dos ideais Unionistas do norte.

Uma das temáticas constantes no periódico era justamente a campanha em prol da industrialização da Geórgia como solução aos problemas provenientes da guerra civil que havia arrasado a economia agropecuária do Estado. Assim, não por coincidência, a entrevista feita a Wardlaw em 1889 teria por foco as relações econômicas entre os Estados do sul norte-americano e os países sul-americanos.

Apesar disso, o título e o cabeçalho da entrevista aparentemente encaminhariam o leitor a outra interpretação do conteúdo das palavras do Reverendo:

LANGUAGES IN THE SCHOOL

Mr. D. L. Wardlaw a missionary from Brazil gives an interesting interview.

*"In my opinion the public school of this country, and especially of the south, makes a great mistake in not teaching the Spanish language instead of German and French."*⁵²⁸

⁵²⁷ United States Passport applications, 1795-1905 [microform]. 13 de abril de 1919. Nº 75634. (<http://search.ancestry.com/search/db.aspx?dbid=1174>).

⁵²⁸ Jornal *'The Constitution'*. Atlanta, 21 de agosto de 1889. p. 8. (www.footnote.com). *"LÍNGUAS NA ESCOLA. Sr. D. L. Wardlaw, um missionário no Brasil, dá uma interessante entrevista. "Em minha opinião as escolas*

Ou seja, à primeira vista poderíamos concluir que o objetivo central de De Lacey Wardlaw teria sido abordar a questão do ensino de idiomas estrangeiros por parte das escolas estadunidenses, todavia, seguindo a leitura podemos notar o porquê da preocupação do pastor presbiteriano pelo aprendizado do espanhol nos Estados Unidos.

Para Wardlaw o ensino de um idioma estrangeiro no sistema educacional norte-americano deveria estar voltado para resultados práticos de acordo com o contexto econômico que o mundo vivenciava naquele momento. Ao findar do século XIX, a economia dos Estados Unidos buscava expandir-se de uma ponta à outra do continente americano e, desta maneira, enquanto as potências imperialistas europeias se digladiavam por territórios e zonas de influência na África e na Ásia, os Estados Unidos poderia aproveitar o momento e voltar-se para a América, desbancando seus concorrentes neste continente.

Vislumbrando este como propósito primordial a ser lançada mão por parte dos Estados Unidos, Wardlaw assinala que “*It can avail but little from a practical standpoint to learn French or German*”⁵²⁹ na medida em que

*The Spanish language is spoken in Brazil, and in all the states to the south, to the exclusion of all others. In fact, it is hardly too much to say that there are more people speaking the Spanish language today than any other, except, of course, the English language. I count Portuguese in this estimate, as that language is a dialect of Spanish.*⁵³⁰

Mas afirmar que adotar o espanhol como idioma estrangeiro nas escolas estadunidenses pela simples razão de quase toda a América ao seu sul terem este idioma como preponderante, inclusive o Brasil, cujo português era um “*dialect of Spanish*”, seria atrativo suficiente para os Estados Unidos investirem em tal empreitada? Logicamente que não. E por isso o missionário presbiteriano passa a expor a motivação essencial que deveria levar sua nação a seguir seus conselhos que era o fator econômico.

Segundo Lacey, os países ao sul dos Estados Unidos, do México para baixo, estariam fazendo rápidos progressos em suas economias “*in the development of their natural resources, and extending their trade*” (no desenvolvimento de seus recursos naturais, e

públicas deste país, e especialmente as do sul, cometem um grande erro em não ensinar língua espanhola em vez de alemão e francês.” (Tradução Livre).

⁵²⁹ Ibidem. “Pode-se aproveitar pouco do ponto de vista prático aprender francês ou alemão” (Tradução Livre).

⁵³⁰ Ibidem. “A língua espanhola é falada no Brasil, e em todos os Estados do sul, em exclusão a todas as outras. Na verdade, poderia dizer que há mais pessoas que falam a língua espanhola hoje do que quaisquer outras, exceto, é claro, o idioma Inglês. Conto o Português nessa estimativa, uma vez que esta língua é um dialeto da língua espanhola.” (Tradução Livre).

alargando o seu comércio). Eram estes recursos naturais e este comércio que deveriam instigar os interesses norte-americanos acerca de seus vizinhos.

Tais aspectos eram condições precípuas às empreitadas imperialistas que se desencadearam por todo o século XIX e início do século XX, isto é, as indústrias, então localizadas nos grandes centros das potências imperialistas, careciam constantemente de um aumento no fornecimento de matérias primas com o menor custo possível, ao mesmo tempo em que buscavam um alargamento de mercado consumidor a seus produtos.

Baseado nisso, Wardlaw lança um alerta a seus compatriotas:

*Germany and England have not been idle in taking care of their trading interests, and if we do not look sharp when the country is developed and trade is built up, we will be shut out in favor of our competitors.*⁵³¹

O cenário econômico mundial, forjado pelas grandes potências industriais, adentrou, ao final do século XIX, na fase denominada de capitalismo monopolista, no qual o acúmulo de capital nas mãos de alguns setores aumentava de forma galopante, na mesma medida que diversas outras inovações técnicas surgiam. Ante este quadro, muitas pequenas e médias firmas não resistiram à concorrência e acabaram sendo aglutinadas pelas grandes empresas que pautaram sua organização na modalidade de sociedades anônimas, isto é, diversos acionistas investiam e tomavam os lucros das empresas.

Além disso, práticas de fusões de empresas e formação de cartéis contribuíram para a monopolização de vários setores do mercado, principalmente nas regiões consideradas subdesenvolvidas e que dependiam de produtos industrializados advindas de outros países, devido à insipiência de sua industrialização, como no caso do Brasil.

A preocupação do Reverendo Wardlaw postava-se, neste clima de concorrência, entre as grandes firmas americanas e as europeias numa área considerada pelo mesmo como extremamente importante ao desenvolvimento industrial das federações sulistas dos Estados Unidos da América. Lacey afirma que no Brasil havia se iniciado um processo de modernização na área agrícola, onde se passara a utilizar novas máquinas para o refino do açúcar e na colheita do algodão. No entanto, todas as máquinas eram importadas, e desta maneira esta carência poderia ser suprida pelos norte-americanos, especialmente os sulistas, que necessitavam impor-se em um patamar idêntico aos Estados do norte: “*The south ought to sell all of this kind of machinery that is needed, and at a good profit*”.

⁵³¹ Ibidem. “Alemanha e Inglaterra não tem perdido tempo em cuidar de seus interesses comerciais, e, se nós não olharmos atentamente para o desenvolvimento do país e da construção do comércio, nós seremos postos de lado em favor de nossos concorrentes.” (Tradução Livre).

No entanto, como dito anteriormente, para obter sucesso em tal empreitada Wardlaw traz a tona a necessidade de suplantar os concorrentes. As firmas alemãs surgiam então com muito mais vigor que as inglesas, isto pelo fato de Lacey apontar que os alemães conseguiam vender produtos por um preço mais barato. Ora, é sabido que o final do século XIX viu despontar o início das rivalidades político-econômicas entre ingleses e alemães, na medida em que, concluso seu processo de unificação política, a Alemanha passou a despontar como uma nova potência industrial, conseguindo taxas de desenvolvimento econômico superiores à poderosa Inglaterra, porém sem ter a influência imperialista que esta possuía. Tais fatores tornaram-se fortes pontos de tensão entre estas duas nações europeias.

Wardlaw sinaliza as estratégias das firmas alemãs e inglesas no Brasil, citando com destaque a companhia germânica Krupp⁵³², a qual teria dois agentes fixados no Brasil com o intuito de estudar o mercado e fornecer à empresa informações acerca das necessidades brasileiras em termos de maquinarias para serem enviadas a esta nação sul americana.

Porém, para o missionário americano facilmente seus compatriotas poderiam desbancar seus concorrentes no mercado brasileiro, bastando “*only tries*” (somente tentar). E para confirmar sua opinião lança mão de dois exemplos. O primeiro seria da *Singer Manufacturing* que já teria agentes trabalhando no Brasil fornecendo “*o que as pessoas querem*”.

Já o outro exemplo dado por De Lacey, parecia servir como uma espécie de incentivo aos empreendedores estadunidenses, na medida em que era relativo a um engenheiro, Dixon Armstrong, e não a uma grande empresa. Wardlaw, antes de explanar acerca deste engenheiro exporia que “*Mechanical engineers are very much in demand in Brazil*”, servindo tais palavras como um chamariz aos engenheiros de seu país a deitarem seus olhos sobre o Brasil.

Assim, Wardlaw demonstra em seguida a empreitada lucrativa de Dixon Armstrong no Brasil, e que poderia servir de inspiração a outros jovens engenheiros americanos: “*An Alabama boy, Mr. Dixon Armstrong, a son of ex-Governor Armstrong, of Alabama, is doing a pushing business boring artesian wells in Brazil. He has the contract for ten wells to cost \$50,000 each.*”⁵³³.

⁵³² A empresa Krupp havia sido fundada por Friedrich Krupp no ano de 1811, passou a atuar na produção de aço, armas, munições, equipamentos para ferrovias e transportes marítimos, ganhando proeminência na indústria alemã, principalmente após a guerra franco-prussiana, quando monopolizou a indústria bélica alemã e expandiu seu mercado a outras nações.

⁵³³ Jornal ‘*The Constitution*’. Atlanta, 21 de agosto de 1889. p. 8. (www.footnote.com). “*Um garoto do Alabama, o Sr. Dixon Armstrong, um filho do ex-governador Armstrong, do Alabama, está empreendendo um negócio de*

É possível que De Lacey Wardlaw tenha conhecido pessoalmente o jovem Armstrong, levando-se em consideração que tais poços estavam sendo construídos na Província do Ceará, conforme nos é informado pelo acordo firmado entre o engenheiro e o Governo Imperial do Brasil em 02 de janeiro de 1889. Do qual poderíamos citar os seguintes pontos:

B. Dixon Armstrong obriga-se a construir na Província do Ceará dez poços artesianos, propriamente ditos, fornecendo cada um trezentos mil litros d'água, no mínimo por dia (...)
 O Governo pagará ao contractante cinquenta mil dollars, no prazo de trinta dias, depois de concluído cada um dos dous primeiros poços que construir (...)
 Os oito poços restantes serão pagos por igual preço (cinquenta mil dollars cada um).⁵³⁴

Além disso, segundo o contrato, todas as despesas de transporte na Província do Ceará e os materiais necessários às obras seriam por conta do Governo Imperial; as viagens pelas estradas de ferro seriam gratuitas ao engenheiro e seus colaboradores; seria dada a empresa de navegação a vapor *United States and Brazil Mail Steamship* tratamento especial no transporte de materiais importados para as obras; e preferência a Dixon Armstrong em futuros contratos similares a este.

Tal empreitada se firmava no momento em que o Ceará passava por uma seca de grandes proporções (1888-1889). Sendo Presidente da Província na época do contrato Antonio Caio da Silva Prado, que talvez não por coincidência fosse irmão do Ministro da Agricultura responsável pelo contrato, Antonio da Silva Prado. Segundo Frederico de Castro Neves ⁵³⁵ a política durante a administração de Caio da Silva Prado concernente à seca pautou-se com grande vigor na emigração em massa de cearenses para as regiões Norte e Sudeste do Império. Vindo a adotar também uma sistemática multiplicação de abertura de frentes de trabalho em diversas obras públicas financiadas com a verba destinada aos socorros públicos, cuja mão de obra consistiu na arregimentação dos flagelados provenientes das áreas assoladas pela seca.

perfuração de poços artesianos no Brasil. Ele tem o contrato para dez poços os quais custarão \$ 50.000,00 cada.” (Tradução Livre).

⁵³⁴ Contracto entre o Governo Imperial e B. Dixon Armstrong para construção de poços artesianos na Província do Ceará. Anexos ao Relatório apresentado à Assembléa Geral na quarta sessão da vigésima legislatura pelo ministro e secretário de Estado interino dos negócios da agricultura, commercio e obras públicas Rodrigo Augusto da Silva. Primeiro Volume. Brazil. Imprensa Nacional. Rio de Janeiro. 1889. pp. 3-4.

⁵³⁵ NEVES, Frederico de Castro. *A seca e a cidade: a formação da pobreza urbana em Fortaleza (1880-1900)*. pp. 75-104. In. SOUSA, Simone; NEVES, Frederico de Castro (Org.). *Seca*. (Coleção Fortaleza: história e cotidiano). Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

Diante disso, havia a necessidade por parte do Governo Provincial do Ceará de contratar engenheiros para as diversas obras empreendidas durante este período e que prolongar-se-iam nos anos subsequentes, tais como as obras do porto, açudes e poços artesianos. Sabedor que muitos destes engenheiros eram ingleses ou americanos, Wardlaw lança a iniciativa de Dixon Armstrong como algo exemplar a seus compatriotas, indicando o quão lucrativo poderiam ser contratos feitos no Brasil, levando em consideração o valor notável para a construção de um único poço artesiano - cinquenta mil dólares - um valor bastante alto na época.

Apesar disso, as obras dos poços artesianos no Ceará não foram tão bem sucedidas. O Relatório do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras públicas de 1892⁵³⁶ informa dificuldades na perfuração de alguns poços como o de “*Canafistula*” e lança melhores perspectivas na escavação de poços em “*Candeia*”, “*Bemfica*” e, posteriormente, em “*Mecejana*” e “*Acarahu*”. Alguns anos depois Guilherme Studart, ressaltaria em artigo para a Revista do Instituto do Ceará que o projeto de construção dos poços no Ceará havia fracassado por conta do terreno de “*rocha mui dura e clara*”⁵³⁷.

Independente disso, e até mesmo por não poder prever que fim daria o projeto dos poços artesianos, Wardlaw, em 1889, percebia neste acordo entre o Governo Imperial do Brasil e um engenheiro estadunidense uma oportunidade de investimentos de seus compatriotas em negócios no Brasil. Então, se a seus compatriotas De Lacey sugeria as oportunidades econômicas existentes nos vizinhos ao sul, ao mesmo tempo no ‘*Libertador*’ o missionário protestante proclamava aos brasileiros:

Alargae o horizonte. Olhae para todo o mundo e vereis quatro potencias, sómente quatro, que estão dando signal de progresso no século actual: a Allemanha, a Russia, a Inglaterra e os Estados Unidos. Destas nações nenhuma é catholica romana.⁵³⁸

Lacey expunha com tais palavras a ideia da possibilidade do “progresso” ser algo possível ao Brasil, entretanto para isso concretizar-se plenamente esta nação necessitaria tornar-se protestante já que para Lacey, e diversos outros missionários protestantes do período, havia uma regra clara que postulava o protestantismo como pré-requisito ao progresso material.

⁵³⁶ Relatório apresentado ao vice-presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil pelo Ministro d’Estado dos negócios da Agricultura, Commercio e Obras Publicas Engenheiro Antão Gonçalves de Faria em maio de 1892. Rio de Janeiro. Imprensa Nacional. 1892. pp. 102-103.

⁵³⁷ STUDART, Barão de. Op. cit. (1918). p. 226.

⁵³⁸ Jornal ‘Libertador’. Fortaleza, 21 de novembro de 1886. Seção ‘*Tribuna do Povo*’. Coluna ‘*Notas Religiosas*’ de autoria do reverendo De Lacey Wardlaw.

Nesta mesma linha de raciocínio do metodista Daniel Kidder afirmaria nos parágrafos finais de sua obra aquilo que para ele seria premente ao Brasil:

Pode-se com segurança afirmar que, atualmente, o que mais o Brasil precisa é de evangelizadores piedosos, abnegados que não contem com a vida, como o apóstolo dos gentios, a fim de conquistar almas para Cristo. E será demais esperar que Deus, em sua infinita bondade, descubra tais homens à sua maneira, especialmente se refletirmos que a santa palavra já foi divulgada pelo país e colocada nas mãos de centenas de jovens promissores?⁵³⁹

Ao referir-se à divulgação da “*santa palavra*”, Kidder aludia tão somente ao protestantismo, na medida em que seu trabalho no Brasil fora o de distribuição e venda de bíblias, Kidder acreditava que tal literatura somada a suas conversas com estes “*jovens promissores*” que conhecera no Brasil, poderia “render frutos” após seu retorno aos Estados Unidos. E desta maneira surgem entrelaçados ante os olhares destes dois missionários estrangeiros a projeção direta de um Brasil a um só tempo protestante e progressista.

Se por um lado havia da parte destes estrangeiros a idealização de um futuro ao Brasil que continha os elementos até aqui discutidos, por outro, o retorno destes sujeitos a suas nações de origem reservaram ao cotidiano dos mesmos diversos elementos constituídos a partir de suas experiências durante o período de estadia no Brasil. É sobre este aspecto que nos debruçaremos a seguir.

3.3: O devir vivenciado: o legado do Brasil.

Era uma quinta-feira de abril quando uma viúva norte-americana com seus 78 anos de idade tratou de ir ao fórum do condado onde morava. Fazia cerca de 15 anos que ela morava neste local e era relativamente conhecida, aparecendo vez por outra em notas de sociedades femininas cristãs publicadas por um periódico local. Estava acontecendo o registro dos eleitores para as eleições primárias dos Estados Unidos que ocorreria em junho daquele ano.

Após terminar o que havia se proposto fazer no fórum a senhora retornaria para sua casa, talvez para escrever outra de suas poesias que suas amigas tanto gostavam. Entretanto uma queda nos degraus do prédio público a impediu de realizar seu intento. O

⁵³⁹ KIDDER, Daniel P. Op. cit. (1980). p. 271.

acidente resultou em um ferimento na cabeça e um derrame que a levou ao *Victoria Hospital*. No dia seguinte a viúva juntar-se-ia ao seu marido que havia falecido há apenas três meses.

Se pudesse vislumbrar antecipadamente tudo o que viria acontecer naquele dia, talvez nossa viúva não tivesse mudado sua rotina, pois naquele dia ela iria, após três meses de dor e saudade, juntar-se novamente ao seu companheiro que a acompanhou durante mais de cinquenta e três anos, sendo quase metade destes anos em um país estrangeiro. Além disso, este dia, o dia da morte, havia tido uma preparação especial por toda a sua vida protestante, havia sido ensinada diversas vezes que a morte deveria ser vista com esperança e alegria e não com desespero e dor. Por esta razão esta mesma senhora, ainda jovem, com seus trinta e cinco anos de idade diria “*Quando tudo termina, o comedimento da dor mostra um coração que aceitou a vontade de Deus*”.

O ano era 1934 e essa mulher chamava-se Mary Hoge Wardlaw. Sua morte foi noticiada por um periódico da cidade em que morava, o ‘*Miami Daily News*’⁵⁴⁰. Além das informações concernentes às causas de sua morte e acerca do funeral, algo nos chamou atenção na notícia da morte da viúva de Lacey Wardlaw, que foi a presença da seguinte frase: “*Mrs. Wardlaw and her husband, the late Rev. De Lacey Wardlaw, served for more than 20 years a Southern Presbyterian missionaries in Brazil, retiring about 30 years ago*”⁵⁴¹.

Tais palavras, simples, e que não traziam aos nossos olhos nenhuma informação nova, poderiam ter parecido algo irrelevante, entretanto um aspecto importante paira sobre este parágrafo de uma pequena nota de um jornal de Miami. Notícias acerca de falecimentos não era nenhuma novidade nos periódicos da época, eram comuns, corriqueiras, e talvez por esta razão caíam aos nossos olhos desatentos muitas vezes como algo tão pertencente ao “*senso comum*” que acaba sendo aspecto destituído de valor.

Porém, na medida em que o senso comum, conforme afirma Darnton, é “*uma elaboração social da realidade*”⁵⁴², isso significa que em suas entrelinhas surgem aspectos inerentes à constituição de determinadas ordenações sociais. Desta maneira, uma notícia acerca da morte de determinado sujeito em um periódico sugere muito mais que um desejo de informação do episódio morte, sugere uma tentativa de formulação de uma memória acerca daquele que já não mais pairava no mundo dos vivos.

⁵⁴⁰ Jornal ‘*Miami Daily News and Metropolis*’. Miami, 20 de abril de 1934. p. 4. (<http://news.google.com/newspapers>).

⁵⁴¹ Ibidem. “*Senhora Wardlaw e seu esposo, o falecido Rev. De Lacey Wardlaw, serviram por mais de 20 anos como missionários Presbiterianos do Sul no Brasil, aposentando-se há cerca de 30 anos atrás.*” (Tradução Livre).

⁵⁴² DARNTON, Robert. Op. cit. p. 39.

A morte ceifara a presença física de Mary Wardlaw, entretanto sua experiência vivida como missionária no Brasil, era a chave que se forjava para uma lembrança acerca de sua existência. Na realidade este tipo de construção discursiva, provavelmente não fora invenção de quem escreveu a notícia no ‘*Miami Daily News*’, mas sim das próprias práticas e imagens que se seguiram ao retorno da família Wardlaw aos Estados Unidos após 21 anos como missionários presbiterianos no Brasil.

Isto é, o viajante mesmo após o fim de sua permanência na ‘*Zona de Contacto*’, não podia fugir do que tal experiência havia lhe transformado, tanto é que durante todo este trabalho nos debruçamos sobre a rotulação de “viajantes” a sujeitos que não o estiveram viajando a todo o momento de suas vidas. As relações propiciadas pela alteridade tendem a ser conflituosas, tanto na projeção como na oposição do “eu” ao “outro”, e tal conflito acaba propiciando rearticulações em práticas e concepções. Lançamos assim as bases para a última discussão deste trabalho, ou seja, como os diversos ‘*brasis*’ fizeram parte da vida destes estrangeiros protestante após o retorno dos mesmos a suas respectivas nações.

Tal aspecto se mostrou reforçado no caso dos estrangeiros que trabalhamos, sendo uma das razões preponderantes para isso o fato de a viagem ao Brasil ter sido a primeira “grande” experiência concernente ao choque propiciado pela alteridade na vida destes sujeitos. Somado a isso existia outro fator, quando da vinda ao Brasil todos estes britânicos e americanos eram bastante jovens: Koster tinha provavelmente 16 ou 17 anos de idade, Kidder 23, Gardner 24, Lacey Wardlaw 24, Mary Wardlaw 25.

A permanência no Brasil tornou-se uma espécie de ponto de referência na vida destes estrangeiros, tanto para seus compatriotas como para eles mesmos. Ponto de referência este que ganhou vigor extra com a publicação dos livros de relatos das viagens feitas ao Brasil por alguns destes sujeitos. As carreiras de cientista de George Gardner na Inglaterra e no Ceilão, de ministros protestantes de Daniel Kidder e De Lacey Wardlaw nos Estados Unidos, e de professora de Mary Wardlaw em Cuba e nos Estados Unidos, ganharam amparo, e porque não dizer respaldo, devido à vivência dos mesmos no Brasil anos antes.

Henry Koster viajou ao Brasil em 1809, partindo para a Inglaterra em 1811, voltando logo em seguida para o Brasil ficando deste lado do Atlântico até 1815, quando de forma relutante, segundo suas próprias palavras, retornou à sua “terra natal” nutrindo “a esperança de regressar para esse País com os meios de cruzar o continente sul-americano”⁵⁴³. Seu desejo de retornar ao Brasil acabou se concretizando, provavelmente

⁵⁴³ KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Op. cit. (Vol. 2 - 2003). p. 416.

devido a agravações em seu estado de saúde, pois Koster tornou a embarcar com destino à Recife, aonde viria a falecer poucos anos depois, em 1820.

Um destes períodos de permanência na Europa entre 1815 e 1816 foi justamente o momento em que Koster veio a publicar seu “*Travels in Brazil*” pelos editores *Longman and Company* em 1816. Como afirmamos no início do primeiro capítulo desta dissertação, Henry Koster obteve auxílio imprescindível de Robert Southey para que seus relatos de viagem fossem publicados. Em correspondência de 8 de março de 1816⁵⁴⁴, Southey, após tratar de negócios pessoais, se dirige aos editores da *Longman and Co.* solicitando a publicação dos escritos do amigo:

The second point of business relates to a volume of "Travels in Brazil," by Henry Koster, a friend of mine who resided six years in that country, and went to it with the advantage of speaking Portuguese as his own tongue, being an English-Lisboner by birth. The line of his travels was from Pernambuco to Ceara, besides occasional excursions, and a voyage to Maranhão. The manner of his narration is plain and unaffected; and the picture which it gives of the state of society in that country is highly curious. In quantity, I should suppose it would make such a volume as Mawe's⁵⁴⁵; and he has some four or five drawings of costumes, which would make good coloured prints. In the second sheet of the "Pilgrimage"⁵⁴⁶ there are three

⁵⁴⁴ SELECTIONS FROM THE LETTERS OF ROBERT SOUTHEY. Edited by John Wood Warton. In four volumes. Vol. III. London: Longman, Brown, Green, Longmans & Roberts, 1856. pp. 16-17. (<http://www.archive.org/details/selectionsfroml05wartgoog>).

⁵⁴⁵ Trata-se do mineralogista inglês John Mawe que empreendeu diversas viagens à América do Sul no início do século XIX, vindo a publicar um livro de relatos de viagens ao Brasil pela *Longman and Company* em 1812, com o título de “*Travels in the interior of Brazil, particularly in the gold and diamonds districts of that country*”.

⁵⁴⁶ Southey aludia à sua obra “*The Poet's Pilgrimage to Waterloo*” editada pela *Longman and Co.* em 1816. In. SOUTHEY, Robert. *The Poet's Pilgrimage to Waterloo*. London. Printed for Longman, Hurst, Rees, Orme and Brown, Paternoster Row, 1816. pp. 36-37.

Os versos que segundo o poeta seriam uma alusão a Koster são os que seguem:

XXXVIII

A third, who from the Land of Lakes with me
Went out upon this pleasant pilgrimage,
Had sojourned long beyond the Atlantic Sea ;
Adventurous was his spirit, as his age;
For he in far Brazil, through wood and waste,
Had travelled many a day, and there his heart was placed.

XXXIX

Wild region ! . . . happy if at night he found
The shelter of some rude Tapuya's shed ;
Else would he take his lodgment on the ground,
Or from the tree suspend his hardy bed;
And sometimes starting at the jaguar's cries,
See through the murky night the prowler's eyes.

XL

And sometimes over thirsty deserts drear,

*stanzas relating to Koster and his travels. I did not know that he had any intention of publishing them when those lines were written; but the quotation might have its use in announcing the book, and I should, of course, notice it as soon as it appeared, in the "Quarterly."*⁵⁴⁷

A *Longman and Co.*, fundada em 1724, possuía grande respaldo no meio editorial europeu sendo a firma editorial responsável pelas publicações das obras dos já afamados românticos ingleses Wordsworth, Coleridge, Walter Scott e Robert Southey⁵⁴⁸, além disso, a editora atuou como agente responsável pela *Edinburgh Review* em Londres.

Sendo já conhecido dos editores e do público britânico, Southey atuou como um intermediário para a publicação da obra de Koster pela *Longman and Co.* Além da amizade existente entre estes dois britânicos, o auxílio de Southey a Koster constituiu-se como uma espécie de troca de favores, já que Koster durante sua estadia no Brasil fornecia fontes e informações através de correspondências ao poeta Robert Southey que se dedicava a escrever seu volumoso trabalho "*History of Brazil*".

Desta maneira, ainda em 1816, foi publicado o "*Travels in Brazil*" de Koster, dedicado ao "*Poet Laureate*", Robert Southey. Southey, por sua vez, cumpriu sua palavra á editora, publicando uma extensa e elogiosa resenha com mais de quarenta laudas do livro de Koster na "*The Quarterly Review*"⁵⁴⁹ no início de 1817.

Rapidamente propagandas do "*Travels*" apareceram em diversos periódicos literários ingleses, alcançando instantâneo sucesso. O escrito de Koster, publicado em um período em que as informações acerca do Brasil ainda eram bastante escassas para muitos dos ingleses, transformou-se em uma referência. "*Travels in Brazil*" tornou-se uma leitura

And sometimes over flooded plains he went;
A joy it was his fire-side tales to hear,
And he a comrade to my heart's content;
For he of what I most desired could tell,
And loved the Portugals because he knew them well.

⁵⁴⁷ "O segundo ponto de negócios diz respeito a um volume de "*Viagens no Brasil*", por Henry Koster, um amigo meu que residiu por seis anos naquele país, e tendo a vantagem de falar português como sua própria língua, sendo um inglês-lisbonense de nascimento. O percurso de suas viagens foi de Pernambuco ao Ceará, além de incursões ocasionais e uma viagem para o Maranhão. A maneira de sua narração é simples e não afetada; e a descrição que dá do estado da sociedade daquele país é muito curiosa. Em quantidade, eu suponho que faria um volume como o de Mawe; e ele tem cerca de quatro ou cinco desenhos de trajes, os quais dariam boas estampas coloridas. Na segunda parte do "*Pilgrimage*" há três estrofes relativas a Koster e suas viagens. Eu não sabia que ele tinha a intenção de publicá-las quando essas linhas foram escritas; mas este trecho pode ser usado para anunciar o livro, e eu posso, é claro, noticiar logo que aparecer, na "*Quarterly*." (Tradução Livre).

⁵⁴⁸ THE ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. A dictionary of arts, sciences, literature and general information. Eleventh edition. Volume XVI. Cambridge: University of Cambridge. pp. 984-985. (<http://www.archive.org/details/encyclopaediabri16chisrich>).

⁵⁴⁹ The Quarterly Review. October & January, 1817. Vol. XVI. London, 1817. pp. 344-387. (http://books.google.com/books?id=1svBWWpCWE0C&pg=PA344&dq=%22henry+koster%22&as_brr=3&hl=ptBR&cd=5#v=onepage&q=%22henry%20koster%22&f=false).

recorrente para os diversos viajantes que partiram com destino ao Brasil no século XIX, outrossim, muitas das discussões em periódicos britânicos acerca de temas concernentes ao Brasil, tais como escravidão, comércio, portos, mestiçagem e política, traziam Koster como citação corriqueira para fundamentar opiniões.

O nome de Koster passou a ser posto em relação direta com sua viagem ao Brasil. Tanto que o seu segundo escrito publicado “*On the amelioration of slavery*”, sobre o qual já discorreremos neste trabalho, trouxe na capa logo abaixo do nome de Henry Koster a seguinte informação “*Author of “Travels in Brazil”*”, ou seja, o êxito da edição dos relatos de viagem deste “inglês-lisbonense”, fez com que Koster e seu “*Travels*” tornassem-se quase indissociáveis.

Entretanto, o legado do Brasil em Koster não se resumiu ao sucesso deste livro. Sua campanha antiescravista presente no panfleto “*Como melhorar a escravidão*”, trouxe muitas autorreinterpretações da realidade que cercava este inglês a partir de sua experiência como arrendatário de terras e responsável por engenhos de cana-de-açúcar em Pernambuco.

Motivado pelo contexto do movimento abolicionista britânico do início do século XIX, sobre o qual já aludimos no capítulo anterior, este panfleto de Henry Koster pautou-se em grande parte na experiência do viajante no Brasil que pode ser considerada marcante⁵⁵⁰ chegando, inclusive, a influenciar Koster em suas concepções acerca da Inglaterra, ao discorrer comparativamente acerca do tratamento dispensado aos escravos no Brasil e nas colônias britânicas:

Residi durante alguns anos em um país onde a manumissão de escravo por seus próprios esforços era frequente, e só pude concluir pela utilidade desse sistema. A curiosidade me levou a fazer indagações. Eu fazia, à época, uma tão alta opinião da Grã-Bretanha e de todas as suas colônias que pensava que ela excedia seus vizinhos em qualquer coisa; e embora minha opinião sobre a pátria-mãe permanecesse inalterada, ou melhor tenha recebido novos estímulos para venerar seus pontos de vista e suas opiniões, não obstante descobri, à medida que amadureço, que algumas partes do grande todo estão terrivelmente abaixo do patamar em que eu as colocara idealmente.⁵⁵¹

Koster partiu da comparação da leitura de obras sobre a Jamaica, bem como de relatos de viajantes ingleses sobre essa colônia britânica com a sua vivência no Brasil como observador e, principalmente, como agente efetivo do sistema escravista ao dispor de cativos a seu serviço. A partir deste olhar comparativo, Koster passou a construir em seu manifesto

⁵⁵⁰ Em seu escrito de viagem Koster chegou a declarar suas impressões acerca da estadia no Brasil com termos sentimentais com as seguintes palavras “*Amo o lugar em que longamente residi*” In. KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Op. cit. (Vol. 1 - 2003). p. 43.

⁵⁵¹ KOSTER, Henry. *Como melhorar a escravidão*. Natal: EDUFRN – Editora da UFRN, 2003. P. 50.

“*Amelioratinist*” antiescravista, um discurso que se pautava na ideia de que a escravidão no Brasil seria muito mais amena e humana se comparada ao tratamento que era dispensado aos cativos do caribe britânico ⁵⁵².

Para nossa análise, tornou-se fundamental esta perspectiva que emerge das linhas de Koster de uma mudança que a experiência Brasil perpetrou em seus paradigmas acerca da Inglaterra e suas instituições. Koster nunca estivera nas Antilhas britânicas, mas apesar disso punha confiança nos relatos acerca da situação dos cativos nas colônias da Grã-Bretanha. E tais informações haviam lhe feito modificar o olhar que antes postava sobre o local que antes via como melhor que as outras nações em qualquer aspecto.

Ao chegar ao Brasil, antes de ter conhecimento da situação dos escravos das colônias inglesas, segundo sua narrativa, Koster afirma que seu desejo era “*propor [Aos senhores de escravos no Brasil] alguns modos novos de tratamento que poderiam ser benéficos para os escravos brasileiros*” ⁵⁵³. Entretanto, após seus anos de permanência no Brasil somados à suas leituras acerca da administração colonial escravista Britânica, Koster arremata sua argumentação:

Eu não estava familiarizado com a situação de nossas ilhas açucareiras, mas achava que, se eram britânicas, tinham de ser bem governadas. Pouco eu sabia, nesse tempo, quão superiores eram as leis portuguesas e as práticas brasileiras em comparação com as da nação britânica e com aquelas dos habitantes das possessões britânicas transatlânticas. Eu estava longe de imaginar que descobriria o quanto estávamos atrasados com relação aos colonos de uma outra nação; estava longe de supor que descobriria que o escravo brasileiro gozava de padrões elevados em matéria de religião, de moral e de benefícios materiais. ⁵⁵⁴

No seu livro de viagem Koster expressaria um constructo auto identitário esboçado quase num panorama de hibridismo. Seu nascimento e vivência em Lisboa, seus pais e amigos ingleses, bem como sua morada no Brasil, o fizeram constituir para si uma noção de múltipla pertença nacional, proposta nas palavras que se seguem: “*A Inglaterra é a*

⁵⁵² Esta tendência de uma descrição abrandada da escravidão no Brasil foi deveras propagada por relatos de viajantes estrangeiros do início do oitocentos os quais muitas das vezes comparavam a situação dos trabalhadores assalariados das fábricas inglesas aos escravos do Brasil. Morelli afirma que tal tese ganhou, posteriormente, grande respaldo na historiografia acerca da escravidão tanto no Brasil, com figuras como Gilberto Freyre, bem como nos Estados Unidos, a partir da repercussão das teses do próprio Freyre, ganhando adeptos nas décadas de 1940 e 1950 em nomes como Frank Tannenbaum e Stanley Elkins. Porém, a partir dos anos 1960 uma corrente revisionista passou a criticar a ideia da amenidade da escravidão brasileira, tendo a frente os escritos de David Davis, Charles Wagley e C. R. Boxer. A crítica no Brasil surgiu com vigor dentre alguns estudiosos da USP, tais como Florestan Fernandes, Octavio Ianni, Emilia Viotti da Costa. Cf. MORELLI, Jonice dos Reis Procópio. *Escravos e crimes – Fragmentos do cotidiano. Montes Claros de Formigas do século XIX*. Belo Horizonte Dissertação UFMG, 2002. pp. 9-13.

⁵⁵³ KOSTER, Henry. *Como melhorar a escravidão*. Natal: EDUFRN – Editora da UFRN, 2003. P. 50.

⁵⁵⁴ Ibidem.

minha pátria, mas o meu país natal é Portugal. Pertença aos dois, e na companhia de ingleses, portugueses ou brasileiros, sinto-me igualmente entre patrícios.”⁵⁵⁵.

Tal tendência de mudanças de perspectivas acerca das construções sociais da realidade a partir do trânsito dos sujeitos entre “*diferentes mundos, planos e províncias*”⁵⁵⁶ proposta por Gilberto Velho, ecoa com certo vigor na medida em que a experiência de relação com a alteridade ocorre. Desta forma é plausível perceber:

Que os indivíduos estejam sendo permanentemente reconstruídos. Assim, eles não se esgotam numa dimensão biológico-psicologizante, mas se transformam não por volição, mas porque fazem parte, eles próprios, do processo de construção social da realidade.⁵⁵⁷

Se podemos vislumbrar como as relações entre Koster e Southey possibilitaram uma maior inserção do “*Travels*” no mercado editorial britânico, há um caminho semelhante na carreira do naturalista George Gardner. Talvez em uma escala maior, na medida em que grande parte das empreitadas do cientista escocês obteve forte amparo em suas relações com Sir William Jackson Hooker.

Como já comentado no início deste trabalho, Gardner e Hooker conheceram-se na Universidade de Glasgow, como aluno e professor respectivamente. Logo depois de concluídos seus estudos, George Gardner recebeu o apoio de seu professor, o qual conseguiu junto a seu círculo influente de relações sociais financiamento para uma jornada de caráter científico ao Brasil a seu antigo “pupilo”.

Para termos uma noção das repercussões alcançadas após a permanência de Gardner no Brasil entre 1836 e 1841, podemos elencar o percurso do naturalista quando de seu retorno à Europa em 1842. Em 1843 Gardner foi nomeado sócio da renomada Sociedade de Lineu, a qual seu mestre era Vice-Presidente, e no ano seguinte tornou-se diretor do Jardim Botânico de Peradenia no Ceilão⁵⁵⁸, colônia britânica na Ásia.

Gardner viria a falecer no Ceilão em 1849, com 37 anos de idade. A posição social que alcançara o fizera estabelecer um círculo de amizades com membros da administração colonial britânica no Ceilão. Quem comunica a morte do naturalista é o próprio

⁵⁵⁵ KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Op. cit. (Vol. 2 - 2003). p. 416.

⁵⁵⁶ VELHO, Gilberto. Op. cit. p. 29.

⁵⁵⁷ Ibidem, pp. 29-30.

⁵⁵⁸ *DICTIONARY OF NATIONAL BIOGRAPHY*. Op. cit. p. 431.

governador da Colônia, Lord Torrington, em uma carta endereçada a William Hooker, publicada posteriormente no “*Hooker’s Journal of Botany*”⁵⁵⁹.

Esta correspondência indica que a morte de Gardner resultante de uma apoplexia, deu-se quando de uma visita do naturalista à Lord Torrington, apesar de ser atendido por um médico chamado Dr. Fleming, o qual, segundo Torrington seria “*The ablest physician in the island*”, Gardner não resistiu vindo a falecer. Além disso, o Administrador Britânico comenta em sua correspondência que havia solicitado também ao secretário colonial (‘*Chief Secretary*’) Sir Emerson Tennent, que escrevesse para Hooker dando sua opinião acerca do destino dos bens de Gardner já que Tennent seria o “*greatest friend*” de Gardner.

A partir de tais indícios percebemos que a função de Gardner como Diretor do Jardim Botânico de Peradenia possibilitou-o cercar-se de influentes membros da administração colonial britânica, além disso, Gardner manteve constante envio de artigos de natureza relacionada à botânica do Ceilão e do Brasil que eram publicadas em periódicos científicos na Inglaterra.

O envio de correspondências a William Hooker, com tons de relatórios científicos, e que acabaram por ser publicadas na Inglaterra, fora algo corriqueiro ainda durante a estadia de Gardner no Brasil; e parte de seu livro de viagens acerca do Brasil constituiu-se de diversos trechos destes relatórios que eram remetidos à Inglaterra juntamente com as caixas de amostras de vegetais e fósseis brasileiros que computaram um total de 60 mil exemplares de plantas vivas⁵⁶⁰.

Dito isso, podemos levantar a suposição de que a viagem ao Brasil, e os resultados advindos de tal empreitada, inclusive os materiais, possibilitaram tanto a Gardner como a William Hooker o aumento de *status* destes no meio científico inglês. William Hooker tornou-se após o retorno de Gardner diretor do Jardim Botânico de Kew, o principal jardim da Inglaterra e um dos mais importantes da Europa, além de ser o local para onde foram destinadas as espécimes coletadas por Gardner no Brasil. Gardner, por sua vez, como já aludido, em pouco tempo assumiu a função de diretor do Jardim Botânico do Ceilão.

Justamente em sua viagem rumo a esta colônia britânica, Gardner organizou seus escritos acerca de sua jornada no Brasil, enviando-o para publicação na Inglaterra. Ou seja, mesmo distante da Inglaterra, Gardner pôde ter seu nome vinculado aos diversos recantos do

⁵⁵⁹ Hooker’s Journal of Botany and Kew Garden Miscellany. Edited by Sir William Jackson Hooker. Vol. I. London: Reeve, Benham and Reeve, 1849. pp. 154-156. (<http://books.google.com/books?id=KWcCAAAAYAAJ&pg=PA154&dq=%22death+of+george+gardner%22&hl=ptBR&cd=2#v=onepage&q=%22death%20of%20george%20gardner%22&f=false>).

⁵⁶⁰ *DICTIONARY OF NATIONAL BIOGRAPHY*. Op. cit. p. 431.

globo, isto é, a capa de seu livro, dedicado a William Hooker, construía de antemão a imagem de um homem de ciências que publicava um livro de sua autoria em um grande centro europeu, Londres, obra esta acerca do Brasil, mas estando seu autor já a exercer a função de superintendente de um jardim botânico colonial no Oriente.

O relato de viagens de Gardner sobre o Brasil propunha-se abertamente como um escrito de caráter científico, no entanto, o naturalista escocês esboça no prefácio de seu trabalho, prefácio este desenvolvido já em 1846, cinco anos após sua partida do Brasil, uma perspectiva aventuresca de suas jornadas nesta nação do outro lado do Atlântico:

As privações que o viajante sofre nessas regiões desabitadas, e por vezes desertas, mal podem ser avaliadas pelos que a elas nunca se aventuraram: ora exposto a um sol de fogo, ora a chuvas torrenciais, como as há nos trópicos; separado, por anos, de toda a comunhão civilizada, dormindo meses a fio no relento; cercado em todas as estações do ano por feras e hordas de índios selvagens; sempre obrigado a carregar no lombo da cavalgadura, em caminhos ermos, uma provisão de água de beber; e, não raro, passando dois ou três dias sem provar qualquer alimento sólido, nem sequer encontrando um macaco que possa matar a fome.⁵⁶¹

Ora, tal perspectiva só se efetivou devido a um olhar retrospectivo por parte de Gardner, já distante há anos das terras brasileiras. Assim como grande parte de seu relato de viagem, finalizado na viagem do escocês ao Ceilão. Desta forma, não seria implausível elucubrar a possibilidade de a experiência no Brasil haver forjado reformulações em visões de mundo do viajante.

Em grande parte do relato de Gardner a abordagem comparativa destoou como tônica recorrente, algo deveras comum em escritos de viagem, e na maioria das vezes a dicotomia Brasil–Europa mostrou-se esboçando a superioridade em diversos aspectos dos usos, costumes e sujeitos europeus ante os brasileiros, em tons semelhantes ao que Gardner deu ao referir-se à prática do casamento no Brasil: “*O casamento é menos comum no Brasil do que na Europa, fato que explica o baixo nível moral aqui existente entre ambos os sexos*”⁵⁶².

Neste sentido, tal persistência estilística discursiva do livro de Gardner torna-o deveras crítico aos aspectos concernentes ao Brasil, quando o que geralmente “salvou-se” aos olhos de Gardner fora aquilo pelo que viera ao Brasil, ou seja, a natureza, bem como a hospitalidade dos habitantes do Império brasileiro. Tudo aquilo que lembrava a Grã-Bretanha foi pintado com traços exultantes nas linhas do naturalista, fossem plantas, produtos

⁵⁶¹ GARDNER, George. Op. cit. p. 17.

⁵⁶² Ibidem, p. 23.

importados da Inglaterra, livros de autores ingleses, brasileiros que conheciam seu idioma, compatriotas que conhecera na jornada, e até mesmo o “*roast beef*” com batatas inglesas os quais lhe serviram um casal de compatriotas em Cocaís na Província das Minas Gerais.

Entretanto, ao analisarmos o relato de George Gardner acerca de sua passagem em Cocaís, nos chamou a atenção como os seus vários anos de jornadas pelo interior do Brasil criaram neste estrangeiro um olhar que pôde vislumbrar a possibilidade dos naturais desta nação terem “qualidades” que alguns de seus compatriotas poderiam não possuir.

Durante a primeira metade do século XIX, estabeleceram-se na região da Minas Gerais cerca de vinte companhias de mineração inglesas, sendo que na região de Cocaís instituiu-se a *Imperial Brazilian Mining Association*, transformada depois, devido à diversos negócios escusos os quais seus sócios estavam envolvidos, em *United Mocaubas and Cocaes National Brazilian Mining Association* ⁵⁶³. Nessa região Gardner encontrou diversos compatriotas ingleses que estavam a serviço desta companhia inglesa de mineração, e tal se deu justamente após dois anos de jornadas a uma distância considerável dos centros urbanos do Império desde que o naturalista partira de Aracati.

Desta forma, o viajante escocês narra em seu relato que estava com sua provisão de dinheiro finda, sem possibilidades de obter mais dinheiro até que chegasse a São João Del Rey, para onde os agentes de Gardner da firma *Harrison & Cia* remeteriam recursos financeiros a um inglês conhecido do naturalista. Entretanto Gardner necessitaria pagar o tropeiro que estava a seu serviço quando chegasse a Ouro Preto. Desta maneira, mesmo não dispondo de cartas de recomendação, Gardner resolveu pedir auxílio do comissário das minas de Cocaís, um compatriota seu chamado Mr. Goodair, certo que seu pedido seria atendido.

Entretanto a narrativa de Gardner segue de maneira inesperada, a qual peço licença ao leitor para expor tal trecho, apesar de longo:

Logo depois do jantar chegou Mr. Goodair. Contando-lhe o escopo de minha longa viagem, dei-lhe francamente ciência da desagradável situação em que me encontrava por falta de dinheiro e pedi-lhe um empréstimo de vinte e cinco libras esterlinas, que lhe pagaria mediante ordem aos meus agentes no Rio. Com isto, disse-lhe eu, faria um favor a mim e também àqueles sob cujo patrocínio estava viajando. Ao mesmo tempo me propus exibir-lhe as credenciais, que de propósito, trouxera comigo, para provar que não era um impostor. Ele, porém, nem as quis ver, dizendo-me que

⁵⁶³ SILVA, Fábio Carlos da. *Negócios com minas de ouro envolvendo famílias nobiliárquicas do Império Brasileiro*. In: Anais do Segundo Congresso Latinoamericano de Historia Económica. Ciudad de México: Centro Cultural Universitario Tlatelolco, 2010.

(http://www.economia.unam.mx/cladhe/registro/ponencias/605_abstract.doc). Segundo Silva esta companhia fora fundada em Londres no ano de 1828 de maneira ilegal, tendo seus negócios no Brasil pautados por “*especulação, fraudes, irregularidades, má gestão dos recursos, enriquecimento rápido e ilícito dos empreendedores / diretores e associação com a elite mineira para obter benesses do governo brasileiro*”.

lamentava nada poder fazer por mim; mas acrescentou que, como os meus agentes do Rio eram também os agentes da companhia de mineração do Morro Velho, talvez lá me fosse possível obter auxílio. (...) Dado este conselho virou-me as costas, sem um cumprimento e retirou-se da sala.

Como bem se pode imaginar, não me senti pouco ofendido com este tratamento descortês. Certo é que a ele cabia decidir se me emprestaria ou não o dinheiro, mas também é certo que eu esperava mais delicada recepção. Recordei a longa e penosa viagem de mais de dois anos e evoquei à memória os muitos atos de bondade recebidos da gente nativa, que nunca antes ouvira falar em mim; e senti vivamente marcado desprezo com que era tratado por um inglês, o único aliás a cuja benevolência apelei em todo o decurso de minhas jornadas.⁵⁶⁴

O naturalista escocês segue então sua narrativa tentando articular um raciocínio acerca do modo como fora tratado por Mr. Goodair, especulando que tal poderia ter se dado pela sua aparência fustigada pelos anos ante a exposição diária ao sol, ou por suas roupas que já se encontravam bastante desgastadas, ou devido a seu porte físico enlanguescido por conta da alimentação irregular. Porém, apesar de todas estas possíveis explicações, Gardner não conseguia aceitar o episódio, segundo o próprio viajante, Mr. Goodar tinha todo o direito de lhe emprestar dinheiro ou não, no entanto, a descortesia destinada a um compatriota pareceu algo inadmissível a Gardner. Curiosa é a afirmação do viajante acerca do fato que o tratamento recebido da parte um compatriota seu lhe fizera desenvolver a recordação dos “*atos de bondade*” que o viajante recebera por inumeráveis pessoas desconhecidas por toda sua jornada.

O impacto propiciado pela experiência da alteridade lhe fizera escrever estas linhas anos depois de haver partido do Brasil, provavelmente com auxílio de um diário de viagem, linhas tais que postavam lado a lado o choque ante a indiferença por parte de um compatriota inglês no Brasil, o qual apesar de também ser “*estranho em terra estranha*”, pareceu não solidarizar-se com a dificuldade do escocês, ao mesmo tempo em que a lembrança da hospitalidade e auxílio da “*gente nativa*” vinha a reforçar o episódio.

Vale salientar que tal episódio, como diversos outros que se apresentam muitas vezes como irrelevantes a olhos desatentos, na realidade surgem em vários escritos de viagem como pontos fundamentais da experiência propiciada aos viajantes pela “*zona de contacto*”. Para Pratt, esta “*zona de contato*”, um sinônimo de “*fronteira colonial*” segundo suas próprias palavras, é na realidade um espaço que propicia aos sujeitos uma dimensão muito maior de interação do que de segregação:

Uma “perspectiva de contato”, põe em relevo a questão de como os sujeitos são constituídos nas e pelas suas relações uns com os outros. Trata as relações entre

⁵⁶⁴ GARDNER, George. Op. cit. pp. 218-219.

colonizadores e colonizados, ou viajantes e “visitados”, não em termos da separação ou segregação, mas em termos da presença comum, interação, entendimentos e práticas interligadas.⁵⁶⁵

Falar de relações e interação não significa apontar o olhar rumo a uma reciprocidade igualitária de olhares e percepções absolutas entre viajantes e “viajados” na medida em que não podemos descartar as relações assimétricas de poder que povoaram tal contato. O que estamos afirmando é o fato de como a experiência da viagem que trouxe consigo a percepção direta com o outro, não mais através de livros ou relatos, e que se constituiu nos constructos discursivos destes viajantes diversas reafirmações ou reformulações de suas concepções pré-viagem.

Contemporâneo de Gardner em viagens ao Brasil, o reverendo metodista Daniel Kidder, teve, ao contrário do viajante escocês, maior longevidade após o retorno para seu país. No entanto, assim como Gardner e Koster, a viagem de Kidder ao Brasil, representou ao jovem reverendo um impacto profundo no desenvolvimento de sua carreira ministerial protestante nos Estados Unidos.

Em matéria do ‘*The Chicago Tribune*’⁵⁶⁶ de 30 de julho de 1891 o periódico noticiaria morte de Daniel Kidder trazendo o que seu autor considerou como os principais fatos dos quase 76 anos de vida do reverendo metodista. Partindo de adjetivos elogiosos ao falecido, tais como “*One of the most widely known of Methodist Theologians*” e “*a man whose deeds will live after him*”, o periódico expõe aos leitores uma rápida biografia de Kidder, começando por seu nascimento em 1815 e sua entrada na *Connecticut Wesleyan University*, aos dezesseis anos de idade.

Logo após graduar-se Kidder tornou-se ministro responsável pela Igreja Episcopal Metodista de Rochester. No entanto Daniel Kidder não permaneceu muito tempo em tal função, sendo enviado como missionário colportor ao Brasil um ano e meio depois, em 1838, juntamente com sua esposa, Cyntia Russell⁵⁶⁷, com a qual havia se casado pouco depois de haver assumido o pastorado da Igreja de Rochester.

⁵⁶⁵ PRATT, Mary Louise. Op. cit. p. 32.

⁵⁶⁶ Jornal ‘*The Chicago Tribune*’, Chicago, 30 de julho de 1891. (www.footnote.com).

⁵⁶⁷ Dois filhos de Daniel Kidder e Cyntia Russel nasceram durante a estadia do casal no Brasil: Henry Kidder e Kate Kidder. Provavelmente a missão de Kidder no Brasil prolongar-se-ia por mais tempo, no entanto foi abruptamente interrompida por conta da prematura morte de Cyntia Russel em 1840. Assim Kidder descreveu o episódio: “*Foi por essa ocasião que lutuoso acontecimento veio interromper bruscamente o curso das nossas atividades no Brasil. Vítima de cruel moléstia, nossa amada esposa em poucos dias baixou prematuramente à sepultura. Fora roubada ao exercício de uma atividade na qual se especializara cuidadosamente.*” In: KIDDER, Daniel P. Op. cit. (1980). p. 237.

Após dois anos de trabalho missionário no Brasil, o Reverendo metodista viu-se obrigado a retornar aos Estados Unidos devido a morte de sua esposa no Rio de Janeiro, tendo em vista que um de seus filhos era recém-nascido, e segundo Kidder o retorno aos Estados Unidos era urgente para que se pudesse “*poupar a vida de um menino ainda bem pequeno*”⁵⁶⁸. A morte da jovem Cyntia Russel postaria o Brasil com uma áurea melancólica nas linhas que Kidder destinou a descrever seu retorno a sua terra natal, não mais dando ênfase à descrição do que via, mas sim do que sentia:

Depois de apenas um mês, novamente passávamos a noite a bordo, na baía, à espera da partida.

Mas quão diferentes eram, então, os nossos sentimentos, dos que experimentamos meses antes (...) O mesmo céu estrelado arqueava-se sobre a nossa cabeça. Sob o navio, a mesma água cintilante; em torno os mesmos picos altaneiros e diante de nós a mesma cidade estendida. No entanto, quão diverso era o panorama. Antes, tínhamos a alma povoada de esperanças e alegrias; agora eram a desolação e as recordações tristes que a enlutavam.⁵⁶⁹

Em 1894, três anos após a morte de Kidder, seu genro, George Strobridge, publicaria uma biografia do missionário metodista. Fazendo uso do diário de Daniel, o autor transcreveu as palavras do Reverendo no momento de sua partida do Brasil em 9 de maio de 1840:

*After the children were at rest I had leisure to walk the deck of the vessel in silent meditation. I gazed upon the starlit canopy above, upon the giant mountains, the great city, the enchanting scenery still more lovely under the mellow light of evening, and upon the hushed waves and glassy waters around me. But all these failed to soothe the anguish of my heart. I could but contrast my condition with what it was a few months before, when, returning from a long voyage, we lay at anchor near the same spot. How high then did my heart beat with expectation when I saw myself after perils by sea and by land so nearly restored to the bosom of my family. How anxiously did I watch for the flight of hours till morning came, when I could leap on shore and hasten to the embrace of my wife and children! But alas, what a change has come over me and mine! My wife is no more, and my children are orphans! (...) She sleeps in a foreign, grave, no more to hear the voice of affection from husband or child. But her spirit, freed from earthly clogs, will follow us — me, indeed, to the land of our birth*⁵⁷⁰

⁵⁶⁸ KIDDER, Daniel P. Op. cit. (1980). p. 238.

⁵⁶⁹ Ibidem.

⁵⁷⁰ STROBRIDGE, G. E. *Biography of the Rev. Daniel Parish Kidder, D.D., LL.D.* New York: Hunt & Eadon, 1894. pp. 132-133. (<http://www.archive.org/details/biographyofrevda00stro>). “Depois que as crianças foram repousar eu estava livre para passear no convés do navio em meditação silenciosa. Eu observei sob a abóboda estrelada, sob os montes gigantes, a grande cidade, o encantador cenário ainda mais bonito sob a luz suave da noite, e sob as calmas ondas e águas cristalinas ao meu redor. Mas tudo isso não conseguia aliviar a angústia do meu coração. Poderia contrastar a minha condição com a de alguns meses antes, quando, voltando de uma longa viagem, estávamos ancorados no mesmo lugar. Como meu coração batia alto com esperanças quando me vi depois de perigos no mar e em terra, restaurado ao seio de minha família. Como eu ansiosamente olhava para o correr das horas até que a manhã chegasse, quando eu poderia saltar em terra e precipitar o abraço de minha esposa e filhos! Mas infelizmente, uma mudança veio sobre mim e os meus! Minha esposa não há mais, e

Kidder voltou aos Estados Unidos em 1841, com diversas lembranças acerca da terra que visitara por alguns anos, recordações estas que reuniam um misto de, segundo suas próprias palavras, “*esperanças*” e “*desolação*”, “*alegrias*” e “*recordações tristes*”. A volta à sua terra natal constituiu-se como uma espécie de recomeço, na medida em que casaria novamente em 1842 com Harriet Smith, com quem teve mais um filho. Além disso, o ainda jovem Reverendo Kidder, então com 27 anos de idade, retomou suas atividades como ministro metodista na cidade de Paterson e posteriormente em Trenton.

Entretanto a vivência como missionário no Brasil seguiria Kidder durante o restante de sua vida. O reverendo metodista passou a ser conhecido nos Estados Unidos por haver ministrado o primeiro sermão protestante na Amazônia no porto do Pará em 1840⁵⁷¹. Nestes primeiros anos de retorno aos Estados Unidos, além da carreira ministerial, Daniel dedicou-se à publicação de seu relato de viagens ao Brasil, publicado em 1845.

Em pouco tempo Daniel Parish tornou-se conhecido nos círculos teológicos americanos pelo fato de, após haver retornado aos Estados Unidos, ter publicado vários escritos acerca de diversos temas, principalmente relacionados ao cristianismo⁵⁷². Duas funções exercidas por este pastor metodista após sua volta ao solo estadunidense foram preponderantes para que o mesmo pudesse publicar vários de seus escritos: em primeiro lugar foi sua nomeação como “*Secretary of the Board of education of the Methodist Church*”⁵⁷³ em 1844, função esta que lhe fez responsável pelo comitê editorial Metodista voltado para as Escolas Dominicais desta denominação protestante nos Estados Unidos; em segundo lugar Kidder passou a lecionar teologia em seminários metodistas a partir de 1856, o que lhe proporcionou publicar trabalhos que abordavam temas teológicos.

Dentre os livros revisados ou editados por este reverendo metodista podemos destacar um que denota mais um dos traços que convencionamos neste tópico como “legado do Brasil”, que foi a tradução para o inglês e publicação de um tratado do padre Diogo Antonio Feijó acerca do celibato clerical.

meus filhos estão órfãos!(...) Ela dorme em uma sepultura no estrangeiro, não mais ouvirá a voz de carinho do marido ou filho. Mas seu espírito, libertado da obstrução terrena, nos seguirá – a mim, de fato, para nossa terra natal” (Tradução Livre).

⁵⁷¹ Jornal ‘*The Chicago Tribune*’, Chicago, 30 de julho de 1891. (www.footnote.com).

⁵⁷² Poderíamos citar os seguintes escritos de Kidder: “*Mormonism and the Mormons*” (1842), “*The Jesuits: a historical sketch*” (1851), “*A treatise on homiletics*” (1864), “*The Christian Pastorate*” (1871), “*Helps to prayer*” (1874). Além disso, Kidder revisou e editou obras acerca da vida de papas, do Egito Antigo, de Atenas na antiguidade, guias para a Escola Dominical, e outros escritos de cunho teológico.

⁵⁷³ Jornal ‘*The Chicago Tribune*’, Chicago, 30 de julho de 1891. (www.footnote.com). Segundo tal periódico, Daniel Kidder editou mais de 800 livros direcionados à Escola Dominical da igreja Metodista.

Em tal escrito Feijó estabelece uma série de argumentações posicionando-se a favor da abolição do celibato aos sacerdotes da Igreja Católica Romana, tendo sido publicado em 1828 no Brasil sob o título de “*Demonstração da necessidade da abolição do celibato clerical pela Assembleia Geral do Brasil e de sua verdadeira e legítima competência nesta matéria*”.

Kidder, que inclusive reservaria em seu livro de viagens um espaço para descrever o período em que Feijó fora regente do Império Brasileiro ⁵⁷⁴, publicou a tradução do tratado do ex-Regente do Brasil antes mesmo de seu relato de viagens. Em 1844 o tratado em inglês foi publicado na Filadélfia intitulado “*Demonstration of the necessity of abolishing a constrained Clerical Celibacy; exhibiting the evils of that institution, and the remedy*”⁵⁷⁵.

Notável é, quando comparamos os dois títulos, o fato de o título da obra em inglês ser muito mais enfático ao utilizar as palavras “*constrained*” e “*evils of that institution*”. Isso torna-se compreensível na medida em que Kidder havia sido um ministro protestante que vivenciara a experiência como missionário metodista estrangeiro em uma nação majoritariamente católica romana. O Reverendo metodista postava-se como um representante da linha de frente contra o que os protestantes estadunidenses denominavam de erros do “romanismo”, sendo um deles a instituição do celibato clerical.

Kidder fez uso então em seu projeto de um escrito que possuía nuances bem peculiares acerca de sua autoria e que deveriam ser reforçadas, isto é, o pastor metodista fez questão de expor no prefácio da obra que traduzira algumas informações de seu autor: tratava-se de um escrito de um brasileiro, católico romano, com influência política (“*member of Chamber of Deputies, subsequently Regent of the Empire, and afterward a Senator for life*”), e, talvez acima de tudo, um sacerdote católico romano (“*himself a priest*”) ⁵⁷⁶.

Segundo o ‘*The Chicago Tribune*’ que trata da morte de Kidder, a tradução e publicação pelo missionário metodista do tratado de Feijó nos Estados Unidos, gerou calorosas discussões nos círculos teológicos estadunidenses, especialmente no meio católico norte-americano. Entretanto, sua ligação com o “Brasil” após seu retorno aos Estados Unidos não restringiu-se apenas à tradução da obra de Diogo Feijó ou a seu livro de viagens que seria publicado em 1845 sob o título de “*Sketches of residences and travels in Brazil*”, o qual não

⁵⁷⁴ Kidder chegaria a conhecer pessoalmente Feijó durante sua estadia no Brasil. O reverendo metodista afirmaria em sua obra de viagem que, enquanto Regente, Feijó conseguira estabilizar a situação política do Brasil devido o político ser “*arredio e despido de cerimônias*”. In KIDDER, Daniel P. Op. cit. (2001). pp. 57-59.

⁵⁷⁵ FEIJÓ, Antonio Diogo. *Demonstration of the necessity of abolishing a constrained Clerical Celibacy; exhibiting the evils of that institution, and the remedy*. Translated from the Portuguese by Rev. D. P. Kidder. Philadelphia: Sorin and Ball, 1844. (http://www.archive.org/details/MN41577ucmf_8).

⁵⁷⁶ Ibidem, p. 5.

alcançou muito sucesso, mas foi muito mais marcante com a publicação em 1857 de “*Brazil and Brazilians*” em parceria com o Reverendo presbiteriano James Cooley Fletcher.

Fletcher teve alguns passos em sua carreira como ministro protestante comuns a de Daniel Kidder. Além de ambos terem sido reverendos protestantes provenientes dos Estados Unidos, assim como Kidder, James Fletcher veio ao Brasil a serviço da Sociedade Bíblica Americana, vindo a assumir na década de 1850 a função de capelão dos marinheiros de língua inglesa no Rio de Janeiro, a mesma função que Kidder exercera por alguns meses dez anos antes.

Outro ponto em comum entre os dois missionários estadunidenses foi o período em que Fletcher viajou por diversos pontos do Império do Brasil com o ofício de colportor, isto é, distribuindo bíblias à população, tarefa esta também empreendida por Daniel Kidder. Provavelmente todos estes pontos convergentes tenham sido preponderantes para o trabalho em coautoria de Kidder e Fletcher sobre o Brasil. Além disso, a rede de influentes relações que James Cooley estabeleceu no Brasil com nomes tais como o deputado Tavares Bastos⁵⁷⁷ e até mesmo o imperador Dom Pedro II⁵⁷⁸, serviram como respaldo aos leitores a respeito dos autores, ademais Kidder desde seu retorno aos Estados Unidos havia conseguido construir certa respeitabilidade em torno de seu nome nos diversos círculos teológicos das várias vertentes protestantes de seu país.

É compreensível quando José Murilo de Carvalho afirma que “*Brazil and the Brazilians*” foi a primeira apresentação do Brasil aos americanos apesar de o relato individual de viagens de Kidder ter sido publicado mais de dez anos antes do trabalho em conjunto com Fletcher, contudo, a obra pessoal de Kidder não alcançou tanto sucesso como o “*Brazil and the Brazilians*”. Rapidamente este escrito acerca do Brasil ganhou prestígio nos Estados Unidos e em outros países, vindo a ser publicado até 1891, ano da matéria sobre a morte de Kidder, em catorze idiomas⁵⁷⁹; já nos Estados Unidos Strobridge⁵⁸⁰ afirma que tal livro ainda em 1879 já tinha nove edições.

Desta forma, a alusão ao nome de Daniel Kidder tornou-se também algo que se relacionava diretamente à vivência deste norte-americano em terras brasileiras. Apesar de seu relato não haver agradado a todos os seus leitores como no caso de Guilherme Studart que

⁵⁷⁷ VIEIRA, David Gueiros. Op. cit. pp. 83-94.

⁵⁷⁸ José Murilo de Carvalho afirma que o Imperador desenvolveu uma forte simpatia pelos Estados Unidos tendo sido o “*cupido*” deste “*caso de amor*” o reverendo James Fletcher, o qual “*guardou amizade com D. Pedro até a morte deste*” Cf. CARVALHO, José Murilo de. *D. Pedro II*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. pp. 157-158.

⁵⁷⁹ Jornal ‘*The Chicago Tribune*’, Chicago, 30 de julho de 1891. (www.footnote.com).

⁵⁸⁰ STROBRIDGE, G. E. Op. cit. p. 274.

considerou o “*Brazil and the Brazilians*” um “*amontoadado de dislates*”⁵⁸¹ e que nem deveriam ter se dado ao trabalho de escreverem acerca do Ceará.

Assim, mesmo tendo passado poucos anos residindo e viajando pelo Brasil, desenvolveu-se na figura de Daniel Kidder uma relação direta no restante de sua vida com o vizinho sul americano. A noção de pioneiro na propagação do protestantismo americano nas terras católicas brasileiras circundou o reverendo metodista com uma áurea de missionário modelo desbravador.

De modo similar podemos apontar o casal Wardlaw e o prosseguimento da vida dos mesmos após o retorno destes missionários aos Estados Unidos. A sombra do Brasil, especificamente do Ceará, os seguiriam pelos anos após 1901, quando o Brasil tornou-se apenas uma lembrança à família Wardlaw ao embarcarem de Fortaleza rumo a sua terra natal.

Os mais de vinte anos dedicados à missão presbiteriana no Brasil fez com que De Lacey Wardlaw e Mary Hoge Wardlaw estivessem peremptoriamente ligados a esta nação estrangeira por inumeráveis experiências que moldaram a concepção de mundo destes dois estrangeiros norte-americanos. O Brasil foi, poderíamos arriscar em dizer, a primeira grande experiência ministerial de Lacey e sua esposa, na medida em que recém-formado, em 1879, e recém-casado com Mary (em julho de 1880), em agosto de 1880 o casal partiu rumo à cidade de Recife para iniciarem suas carreiras missionárias.

O período de estadia em Recife pautou-se como um treinamento sob a supervisão do Reverendo John Rockwell Smith, que já estava no Brasil desde 1873. Tal treinamento tinha por finalidade conhecer aspectos do território em que a missão estava fixada tais como costumes, crenças, contexto político e econômico e para o aprendizado do idioma local, tarefa esta considerada como uma das mais importantes.

Ora, o aprendizado do idioma do “outro”, por mais que estivesse pautado pelo interesse em fazer deste um prosélito de sua fé, não deixava de ser um dos aspectos que mais ligavam os dois lados da relação de alteridade, pois tal empreendimento se mostra semelhante ao que afirmou Todorov acerca contexto da colonização hispânica e do aprendizado da língua do outro por parte dos missionários franciscanos, norteando-se por um caminho de relações, se não absolutamente recíprocas, ao menos correlativas:

Ainda que este gesto seja completamente interessado (deve servir à propagação da religião cristã) tem muita significação: mesmo que seja para melhor assimilar o outro a si, começa-se por se assimilar, pelo menos parcialmente, a ele.⁵⁸²

⁵⁸¹ STUDART, Barão de. (1918). Op. cit. p. 205.

⁵⁸² TODOROV, Tzvetan. Op. cit. (2003). p. 322.

Isto também se mostra perceptível no romance “*Candida*”⁵⁸³ de Mary Wardlaw, ao postar neste romance voltado aos seus compatriotas, em diversos pontos do livro palavras e expressões em português, tais como “*Dona*”, “*Senhora*”, “*Senhor*”, “*jangada*”, “*aluá*”, “*vaqueiro*”, “*querida*”, “*festa*” e inumeráveis outras, muitas das quais sem prévia explicação de significado a seus leitores de língua inglesa, surgindo nas páginas do romance como naturalizadas pela autora.

A atividade missionária tornou-se para os Wardlaws a primeira experiência ministerial de ambos. A organização e direção de uma comunidade protestante na cidade de Fortaleza foi a porta de entrada no mundo tão familiar da carreira ministerial protestante para este casal, haja em vista que o pai de Wardlaw também fora um Reverendo presbiteriano, assim como o tinha sido o pai e o irmão de Mary Hoge.

Mas além da perspectiva da carreira ministerial protestante do casal, o Brasil foi a estes jovens missionários o local de efetiva constituição da vida marital e familiar dos mesmos. O casamento de 54 anos teve quase metade dos seus primeiros anos no Brasil Imperial e depois Republicano. As quatro filhas do casal nasceram todas em “*terra estranha*”, uma em Recife e as outras três em Fortaleza, e tal fator as acompanhariam em seus passaportes e nos manifestos dos navios pelas viagens que fizeram, já que todos possuíam um campo que solicitava o “*Birth Place*”.

Ao retornar aos Estados Unidos, aparentemente apenas Lacey aposentou-se da vida voltada às funções ministeriais. Mary Hoge na primeira década do século XX, como já discutido neste trabalho, passou uma temporada como professora em uma missão protestante nas montanhas do Kentucky. Entretanto, é importante ressaltar que o Brasil parece ter sido o local em que Mary pôde ter desenvolvido na prática seus atributos como professora primária na “*Escola Americana*” da missão presbiteriana de Fortaleza.

Apesar de haver retornado aos Estados Unidos em 1901 a família Wardlaw não se fixaria de vez neste país. Virginia Randolph, a filha mais velha de Lacey e Mary casaria em 1908 com um bancário inglês chamado James William Adamson, e pelo que nos informam duas listas de passageiros de navios com destino aos Estados Unidos um deles originário de La Plata na Argentina em 1917⁵⁸⁴ e outro que partiu de Cuba em 1921⁵⁸⁵, a família Adamson tinha como residência a cidade de Buenos Aires.

⁵⁸³ WARDLAW, Mary Hoge. Op. cit.

⁵⁸⁴ List or manifest alien of passengers for the United States immigration officer at port of arrival. Passengers sailing from La Plata (S.S. Vestris) in 14th August 1917 arriving at Port of New York. pp. 114-115.

Virginia não foi a única filha do casal Wardlaw que após chegar pela primeira vez aos Estados Unidos deixaria tal nação e dirigir-se-ia a um país de língua espanhola, Mary Louise Wardlaw, a terceira filha de De Lacey e Mary Hoge, também casou-se com um bancário, William Thomson, no ano de 1912, vindo a morar durante alguns anos em Cuba⁵⁸⁶. A ida de Mary Louise a Cuba provavelmente veio a motivar a residência de Caroline Cunningham, filha caçula de Lacey e Mary Wardlaw, neste país. Segundo um passaporte de Caroline de 1917⁵⁸⁷, a mesma já residia em Cuba fazia três anos, trabalhando como estenografa⁵⁸⁸, sendo solteira e morando com sua irmã Mary Louise.

Tal passaporte de Caroline dizia respeito à ida desta aos Estados Unidos para levar sua mãe a Cuba com o intento de Mary Hoge visitar Mary Louise. Entretanto o que era para ser uma estadia de seis meses, conforme afirma o passaporte de Mary Hoge⁵⁸⁹, acabou tornando-se uma permanência de dois anos, quando o Reverendo aposentado Lacey Wardlaw partiu rumo a Havana para buscar sua esposa para residir em Miami em 1919⁵⁹⁰.

Já com residência fixa em Dade County, Miami, o casal Wardlaw ficaria na cidade até a morte de ambos em 1934. Neste período, ao menos pelo que pudemos perceber através da imprensa local, Mary Hoge mostrou-se mais ativa na vida eclesiástica exercendo as funções de professora de espanhol de um clube de música para crianças⁵⁹¹.

Mary Wardlaw, já em 1921, presidia encontros da “*Woman’s Missionary Society*” da Primeira Igreja Presbiteriana em Miami⁵⁹². Além disso, a esposa do reverendo aposentado participou na década de 1920 de uma sociedade de mulheres escritoras americanas criada em 1897 e que tinha por ideal a plubicização dos poemas, romances e demais escritos de autoria feminina, tal sociedade tratava-se da “*National League of American Pen Women*”. Nas

⁵⁸⁵ List or manifest alien of passengers for the United States immigration officer at port of arrival. Passengers sailing from Havana (S.S. Gov Cobb) in 29th April 1921 arriving at Port of Key West. p. 686.

⁵⁸⁶ List or manifest alien of passengers for the United States immigration officer at port of arrival. Passengers sailing from Havana (S.S. Miami) in 14th May 1921 arriving at Port of Key West. p. 201.

⁵⁸⁷ United States Passport applications, 1795-1905 [microform]. 13 de junho de 1917. Nº 56120. (<http://search.ancestry.com/search/db.aspx?dbid=1174>).

⁵⁸⁸ List or manifest alien of passengers for the United States immigration officer at port of arrival. Passengers sailing from Havana (S.S. Mascott) in 30th May 1921 arriving at Port of Key West. p. 286.

⁵⁸⁹ United States Passport applications, 1795-1905 [microform]. 13 de junho de 1917. Nº 56108. (<http://search.ancestry.com/search/db.aspx?dbid=1174>).

⁵⁹⁰ United States Passport applications, 1795-1905 [microform]. 13 de abril de 1919. Nº 75634. (<http://search.ancestry.com/search/db.aspx?dbid=1174>).

⁵⁹¹ Jornal ‘*The MiamiMetropolis*’. Seção ‘*Society and the Social Service*’. Miami, 16 de setembro de 1919. p. 7. (<http://news.google.com/newspapers?id=JlQuAAAAIBAJ&sjid=VNqFAAAAIBAJ&pg=5338,5309174&dq=delacey-wardlaw&hl=en>).

⁵⁹² Ibidem, 16 de julho de 1921. p. 7.

reuniões desta sociedade Mary passou a ter seu nome citado em matérias do ‘*Miami Metropolis*’ por recitar, ou ter suas poesias recitadas nos encontros ⁵⁹³.

Entretanto, apesar de todas essas novas empreitadas e experiências pelas quais vieram a passar a família Wardlaw após 1901, quando do retorno aos Estados Unidos, o Brasil parece ter sido um aspecto de suma relevância para a continuidade da vida destes missionários mesmo quando os mesmos talvez sequer lembrassem-se das nuances do idioma desta terra estrangeira. Podemos afirmar que a vivência no Ceará foi peça chave na vida como protestantes, missionários, professores, na medida em que foi nesta territorialidade outra, em meio aos conflitos propiciados pela alteridade que De Lacey e Mary Hoge construíram grande parte, talvez a maior parte, de suas concepções acerca do mundo, do sagrado, do outro e de si mesmos.

Ceará este que inclusive fez parte dos primeiros escritos de Mary Wardlaw após seu retorno aos Estados Unidos através do seu romance “*Candida; or, By a Way She Knew Not. A Story From Ceara*”, o qual já pudemos nos ater neste trabalho.

Ademais, o destaque dado pela imprensa local de Miami ao noticiar a morte de ambos foi justamente o fato dos mesmos terem sido missionários “*for more than 20 years as Southern Presbyterian Missionaries in Brazil*” ⁵⁹⁴. Nos passa a impressão que tal ênfase se dava porque a estadia do casal de missionários no Brasil se fazia sinônimo de reconhecimento

⁵⁹³ Ibidem, 18 de novembro de 1922. p. 8. Em outro número do periódico de 10 de maio de 1924, um sábado véspera do dia das mães foi publicado um poema de Mary Hoge concernente ao tema que segue transcrito abaixo:

FOR MY MOTHER
By Mary Hoge Wardlaw

My mother's hair is silver,
That used to shine like gold;
But her heart is just as golden,
As in the days of old.

My mother's hands are trembling,
That tolled for me so long;
But the love that kept them busy,
Today is firm and strong.

My mother's eyes are dimmer
And yet they find in me,
More cause for love and praising,
Than others eyes can see.

In. Jornal ‘*The MiamiMetropolis*’. Seção ‘*Society and the Social Service*’. Miami, 10 de maio de 1924. p. 4. (<http://news.google.com/newspapers?id=JlQuAAAAIBAJ&sjid=VNqFAAAAIBAJ&pg=5338,5309174&dq=delacey-wardlaw&hl=en>).

⁵⁹⁴ Jornal ‘*Miami Daily News and Metropolis*’. Miami, 20 de abril de 1934. p. 4. (<http://news.google.com/newspapers>).

ante a comunidade que estavam inseridos, em que tal experiência surgia ante os olhos de seus compatriotas como a referência pela qual o casal e sua família era representada.

Um dia todos estes estrangeiros os quais trabalhamos nesta dissertação partiram do Brasil, contudo, poderíamos dizer que o Brasil nunca partiu deles. Na realidade, não tratou-se de um Brasil que pode ser considerado uno, objetivo, simplificado, mas sim vários ‘*brasis*’ subjetivos, vivenciados e representados por estes protestantes e que vieram a fazer parte de suas existências, mesmo quando tais sujeitos já estavam a léguas de distância do território físico, na medida em que pode-se dizer que a alteridade posta-se ante o soerguimento de fronteiras, que necessariamente não precisam ser visíveis, isto é, “*l’altérité n’est pas un problème de distance mais le passage d’une frontière, et une frontière peut être complètement imaginaire et invisible*”⁵⁹⁵.

E tais fronteiras, até mesmo por poderem ser invisíveis, continuaram a ser atravessadas, rearticuladas, reformuladas pelos pensamentos, lembranças, práticas e concepções de mundo que nortearam estes estrangeiros e aqueles que lhes rodearam durante suas existências.

⁵⁹⁵ BAUDRILLARD, Jean & GUILLAUME. Op. cit. p. 64. “A alteridade não é um problema de distância, mas a passagem de uma fronteira, e uma fronteira pode ser completamente imaginária e invisível” (Tradução Livre).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por ceia puseram diante de mim carne-seca e farinha de mandioca, tornada em sopa, que chamam pirão, e também biscoitos duros (bolachas) e vinho tinto. Não era suficientemente brasileiro para comer o pirão, preferindo a bolacha e a carne, o que estarreceu o anfitrião. (...) Durante isso, as principais pessoas da casa nos cercavam, para ver o *bicho* estranho chamado inglês.⁵⁹⁶

O paradoxo da alteridade reside justamente em tal conceito constituir-se como uma espécie de contraponto à noção de identidade, e na realidade torna-se o caminho mais percorrido quando se pretende perceber esta última. Nossa fascinação pelo “outro” talvez se deva a nossa ânsia infindável de tentar explicar a nós mesmos o que seria nosso “eu”. O antagonismo entre estes dois conceitos torna-se exacerbado quando nos deparamos com a observação de que “eu sou um outro”, isto é, todos nós em determinado momento nos percebemos como o naturalista Gardner “*Estranho em terra estranha*”.

O jogo alteridade-identidade apresenta-se de maneira tão híbrida que é tarefa quase impossível tratar um aspecto em detrimento do outro, caminhando ambos sempre de mãos dadas. E esta curiosa rede de relações é lançada a nós de maneira ininterrupta, principalmente nos discursos de viajantes, como no caso da citação que abre estas considerações finais. Nas palavras de Henry Koster vemos fluir com imensa naturalidade a busca deste “anglo-lisbonense” por aspectos que demarcassem um território virtual de identidade partindo justamente daquilo que não lhe seria familiar.

O pirão servido na mesa do Capitão-Mor da Paraíba ao jovem viajante inglês fê-lo refletir acerca da perspectiva que fazia de si mesmo. Ao ponderar que não era “*suficientemente brasileiro para comer o pirão*” Henry Koster delimita até que ponto ele poderia ser coparticipante de algo que se lhe mostrava como pertencente a outro universo de hábitos e concepções da realidade. Isto é, não lhe bastava conhecer a língua portuguesa, haver nascido e residido em Lisboa e estar no Brasil há vários meses, para sentir-se “*suficientemente brasileiro*”.

Em contrapartida, sua recusa à “*farinha de mandioca, tornada em sopa*” trouxe ante seus olhos o estarrecimento de seu anfitrião, o Capitão-Mor, que não parecia compreender a resignação de seu visitante ante um prato tão apreciado pelos seus. E,

⁵⁹⁶ KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Op. cit. (Vol. 1 - 2003). pp. 106-107.

completando o curioso quadro do episódio surgem os convidados da ceia a cercar Koster para conhecê-lo, que ante tal situação cria que tais sujeitos o viam como “o bicho estranho chamado inglês”.

A partir de um relato acerca da comida, salta aos nossos olhos uma vasta rede de relações interativas entre identidade e alteridade, na medida em que os hábitos alimentares transportam consigo uma forte carga simbólica de auto-representação construída culturalmente. Nas palavras do historiador italiano Massimo Montanari:

Assim como a língua falada, o sistema alimentar contém e transporta a cultura de quem a pratica, é depositário das tradições e da identidade de um grupo. Constitui, portanto, um extraordinário veículo de auto-representação e de troca cultural: é instrumento de identidade, mas também o primeiro modo para entrar em contato com culturas diversas.⁵⁹⁷

As representações acerca do que se é, conciliadas à busca incessante por algo que constitua uma identidade, tão presente nos discursos estrangeiros discutidos nesta dissertação, tornam-se deveras perceptíveis quando vislumbradas a contrapelo, isto é, a partir dos olhares⁵⁹⁸ direcionados aos habitantes das territorialidades outras abordadas por estes viajantes protestantes. Tal afirmação vem a casar com o que Todorov ressalta em seu “*Nós e os Outros*”: “*Jamais se está tão consciente de sua cultura quanto no estrangeiro*”⁵⁹⁹; postando em um trabalho de cunho histórico o sentimento particular de ser um estrangeiro búlgaro auto-exilado na França.

Assim, tais noções acerca do que seria o “nós” e o que são os “outros” necessitam ser encaradas não como elementos já prontos, mas pelo contrário como frutos de uma construção histórica, e, como tal, passíveis de serem historicizadas, daí a afirmação de Edward Said sobre este tema:

Cada era e sociedade recria os seus “Outros”. Longe de ser estática, portanto, a identidade do eu ou do “outro” é um processo histórico, social, intelectual e político

⁵⁹⁷ MONTANARI, Massimo. *Comida como Cultura*. Tradução de Letícia Martins de Andrade. São Paulo: Editora SENAC, 2008. p. 183.

⁵⁹⁸ Robert Pechman trabalhando os discursos de cronistas e literatos que abordaram o Rio de Janeiro a partir da chegada da Corte portuguesa em 1808 até as primeiras décadas do século XX, pondera que o olhar sobreposto à aparência não é um elemento que deva ser tomado como algo inocente, mas repleto de ações políticas: “*A aparência deve ser vista, pois, como um princípio da ação política, ou seja, como a constituição de relações de soberania em cujo jogo, entre visibilidade e ocultamento, se estrutura um campo de poder e dominação.*” In. PECHMAN, Robert Moses. Op. cit. p. 52. De maneira similar acreditamos ser este o olhar dos viajantes estrangeiros tratados neste trabalho, isto é, não se tratava em momento algum de olhares improdutivos, mas pelo contrário, cada linha constituída sobre o Brasil por Koster, Gardner, Kidder e o casal Wardlaw, trouxeram consigo este jogo de relações políticas.

⁵⁹⁹ TODOROV, Tzvetan. Op. cit. (1993). p. 88.

muito elaborado que ocorre como uma luta que envolve indivíduos e instituições em todas as sociedades.⁶⁰⁰

Ao considerarmos tal perspectiva de Said como plausível, buscamos por todo nosso texto a análise não apenas das construções discursivas, mas também a investigação dos sujeitos e instituições envolvidos nestas lutas de criação e recriação de si e dos outros. Residiu neste fator nossa preocupação em buscar um equilíbrio entre a análise do discurso dos viajantes estrangeiros protestantes e a análise das experiências dos próprios sujeitos.

Sevcenko pôs em prática de maneira primorosa intento semelhante em seu *“Literatura como Missão”*, de forma a contemplar reciprocamente tanto a análise discursiva dos variados escritos de Euclides da Cunha e Lima Barreto, bem como os aspectos inerentes às vivências sociais e visões de mundo de ambos os literatos, tecendo uma teia de relações entre os dois escritores que iam da similitude à ambivalência extremas. Nicolau Sevcenko, então, em sua conclusão esclarece um pouco de sua metodologia nos deixando uma sugestão importante acerca do trabalho historiográfico que leva em consideração o sujeito histórico:

O ponto de interseção mais sensível entre a história, a literatura e a sociedade está concentrado evidentemente na figura do escritor. Eis por que uma análise que pretenda abranger esses três níveis deve se voltar com maior atenção para a situação particular do literato no interior do meio social e para as características que se incorporaram no exercício de seu papel em cada período.⁶⁰¹

Esta atenção voltada ao sujeito histórico em nosso trabalho muito se deveu às nossas seleções temáticas. Na medida em que estivemos pautados a todo o momento da abordagem sob o universo da “viagem”. Ao postarmos ao início deste texto o questionamento *“Por que viajamos?”* nossa proposta não era responder a tal questão, já que a mesma se nos mostra com infundáveis possibilidades de resolução.

Entretanto, a fascinação de tal questão norteou-nos durante nosso trajeto. O ato de viajar traz em si uma característica que se mostrou presente nos vários viajantes abordados nesta dissertação, que foi o contato radical com a alteridade. Geralmente a viagem desloca o viajante de determinado espaço que julga como conhecido e repleto de códigos decifráveis para uma outra territorialidade cujo estranhamento tende a ser algo quase inevitável, já que se estabelece uma relação em que nem todos os repertórios culturais pelos quais o viajante vem a manter contato podem ser considerados por este como familiares, advindo daí o choque da alteridade, que necessariamente não necessita ser de total negação ou afirmação de

⁶⁰⁰ SAID, Edward W. Op. cit. (2007). p. 441.

⁶⁰¹ SEVCENKO, Nicolau. Op. cit. p. 299.

determinados pontos de vista culturais, mas em que os mesmos saem de seu estado de latência natural.

Entrementes, as práticas e olhares de um estrangeiro em “*terra estranha*” não contém em si uma unicidade da qual poderíamos postar todos estes sujeitos. Variados fatores contribuem para que se revistam de peculiaridades estas práticas e olhares, como por exemplo, o período histórico abordado.

Daí nosso enfoque pelo século XIX. Apesar de a literatura de viagem não ter surgido em tal período, pode-se considerar que o oitocentos é o ápice deste tipo de escrita. Levando-se em consideração os avanços tecnológicos relacionados ao mercado editorial, assim como o interesse crescente por parte de leitores pertencentes, especialmente, às nações europeias e dos Estados Unidos da América, por escritos concernentes a espaços geográficos aptos a receberem as “benesses” do imperialismo surgido ao findar do século XVIII.

Ademais, o Brasil tornou-se em tal momento histórico um dos destinos visados por diversos tipos de viajantes: aventureiros em busca do prazer da viagem ou de lucros em alguma empreitada econômica, cientistas ambicionando pela catalogação do conhecimento, missionários protestantes e/ou católicos sedentos por almas a serem salvas, doentes necessitando de ares tropicais para domarem suas moléstias.

Talvez por esta diversidade de tipos de viajantes, tenhamos selecionado estrangeiros com objetivos diferenciados em suas jornadas pelo Brasil. A compreensão dos projetos destes sujeitos, projetos que não podem ser considerados nem totalmente individuais, nem totalmente coletivos, foi de fundamental importância para a percepção de seus olhares e práticas no território estrangeiro.

A percepção de um George Gardner, que em suas jornadas buscava ao máximo a metodocidade e saltos de contratempos, visando alcançar seu intento em um prazo rápido, pode ser vislumbrada a partir do mote da viagem do escocês, isto é, um naturalista que via no Brasil, ao menos em um primeiro momento, um grande laboratório a ser explorado por seus conhecimentos científicos.

Da mesma maneira, podemos perceber os três estadunidenses missionários pesquisados – Daniel Kidder, Lacey e Mary Wardlaw - utilizando-se de todos os meios aos seus alcances para por em prática aquilo que criam ser a missão de suas vidas, ou seja, a conversão de brasileiros à fé protestante. Logicamente, tal projeto possuía dimensões bastante coletivas, haja vista as correntes missionárias protestantes que então se espalhavam por vários recantos do globo terrestre no século XIX.

Assim, estes missionários, partindo de suas idealizações a esta nação estrangeira, passaram a agir fazendo uso de mecanismos os mais diversos, dentro logicamente do campo de possibilidades de cada momento histórico, tais como: distribuição de literatura protestante, publicação de matérias em periódicos, fundação de escolas, aproximação de autoridades públicas.

Há de se notar que houve de nossa parte uma busca enfática pela percepção destes sujeitos como seguidores do protestantismo, e que tal fé, de maneiras peculiares a cada um dos viajantes protestantes pesquisados, formataram também uma série de concepções sobre si e aquilo que era considerado o “outro”.

Porém, os relatos de tais sujeitos acerca de suas viagens não podem ser apenas analisados sob o ponto de vista de seus projetos. Na medida em que tais projetos foram norteados por uma série de códigos culturais historicamente constituídos e presentes de formas variadas em cada um dos sujeitos trabalhados nesta dissertação.

Um universo de valores e visões de mundo esteve presentes nas linhas destes britânicos e norte-americanos que visitaram o Brasil, as quais não podem ser vistas como elementos imutáveis pelos quais poderíamos postar em categorias conceituais estes sujeitos, na medida em que, retomando as palavras de Maria Odila Dias: *“Qualquer indivíduo é sempre impregnado de incoerências, não sendo jamais suficientemente autônomo para tomar posição lógica e coerente ante os grandes temas de seu tempo”*⁶⁰².

Por esta razão ocorreu-nos a preocupação de abordar determinados aspectos concernentes à visão de mundo destes estrangeiros que tornaram-se bem mais visíveis ante o choque da alteridade, tendo em vista que o contato propiciado pela viagem tornou muito mais patente tais representações, sendo as mesmas ou reforçadas ou desconstruídas.

As noções acerca do ideário de “liberdade” presentes de maneiras diferenciadas entre estes sujeitos puderam ser confrontadas durante suas permanências no Brasil por várias experiências, como por exemplo, a escravidão, os tipos de administração pública despóticas e/ou nepotistas, os aspectos relacionados à intolerância religiosa.

Da mesma maneira que outras práticas foram vislumbradas pelos viajantes não por um estranhamento total às práticas dos habitantes do Brasil, mas pelo modo como os “viajados” partilhavam de tais momentos. Disto poderíamos relembrar as percepções acerca da violência, tema corriqueiro nos relatos de Koster, Kidder e Gardner, que não foi abordada pelo fato de práticas tidas por violentas terem sido totalmente estranhas e incompatíveis às

⁶⁰² DIAS, Maria Odila da Silva. Op. cit. p. 10.

realidades britânica e estadunidense, mas pelo fato de estes estrangeiros terem elaborado uma série de relações desta temática com suas visões de mundo acerca do papel e ação do “Estado”, das noções de “propriedade” e de suas conceituações acerca do “trabalho”.

Neste mesmo rol poderíamos destacar a missionária Mary Hoge Wardlaw e sua experiência com a morte no Ceará. Ao realçar seu estranhamento ante determinados ritos fúnebres presenciados por ela no Brasil da década de 1880, a esposa do reverendo Wardlaw, escreveu aos seus compatriotas acerca do embate pelo qual a “*zona de contato*” lhe propiciara refletir sobre seus conceitos relativos à vida, à morte, e até mesmo sobre o sagrado, na medida em que tais noções, muitas das vezes, viviam no universo do “senso comum”, não questionável, enquanto se permanece em sua territorialidade sem grandes confrontações sobrevindas da ideia de alteridade.

Poderíamos ter permanecido apenas nestes pontos, todavia, um último fator surgiu aos nossos olhos como deveras importante, o qual, talvez tenha sido o que mais nos chamou atenção na escrita deste trabalho, que foi justamente os resultados do contato com a alteridade, isto é, os projetos de tais estrangeiros advindos de suas perspectivas culturais pré-viagem, em determinado momento, chocaram-se com a experiência em si da viagem, a qual tornou possível o surgimento de uma série de conflitos que proporcionaram uma constante reformulação das representações que estes sujeitos faziam dos outros e de si mesmos.

Desta maneira, toda a impressão que Koster antes fazia de sua nação mãe – a Inglaterra – no que dizia respeito à superioridade de suas instituições pôde ser revisto sob o ponto de vista comparativo que este viajante teve enquanto senhor de engenho e dono de escravos em Pernambuco, a ponto de considerar o cativo no Brasil mais humanitário que o existente nas colônias caribenhas britânicas.

Ou o que dizer do romance “*Candida*” de Mary Wardlaw, o qual esboça uma espécie de fusão entre as memórias da missionária no Brasil e suas idealizações a este país pelo qual Mary Hoge havia dedicado duas décadas de sua vida. Isto é, os repertórios culturais pré-viagem e os projetos destes sujeitos, permaneceram “imaculados” somente enquanto seus pés não haviam tocado o solo estrangeiro.

Isso não significa afirmar que todas as suas visões de mundo foram modificadas com a experiência da viagem, porém a “*zona de contacto*” constituiu a estes sujeitos a entrada em uma zona de desconforto cultural na medida em que seus repertórios culturais puderam ser postados diante de práticas e representações diferenciadas das suas.

Tal confrontação não se deu apenas mediante o olhar. Muito se tem escrito acerca do “olhar do estrangeiro”, ou do “olhar do outro”, terminologias que, aliás, muito nos

utilizamos na escrita deste trabalho, no entanto estes sujeitos puderam experimentar uma série de sensações pelas quais jamais poderemos perceber em sua plenitude sensorial.

Nós, enquanto leitores dos relatos destes viajantes, podemos apenas captar – ou cremos que podemos –, através de nossa limitada imaginação, uma fagulha minúscula daquilo que fez parte da grande fogueira de sensações experienciadas por tais sujeitos.

Se não, o que dizer do gosto estranho que sentiu Henry Koster ao colocar em contato com suas papilas gustativas o pirão de farinha de mandioca presente na ceia oferecida com pompas a este inglês na casa do Capitão-mor da Paraíba⁶⁰³. Ou o som “ensurdecido” emitido pelos sapos da Serra dos Órgãos antes de uma chuva e que tomou a atenção do detalhista naturalista George Gardner⁶⁰⁴.

O que imaginar acerca da “*brisa marítima*” “*fresca e possante*”⁶⁰⁵ que em um dia de forte calor pôde sentir o rosto de Daniel Kidder em uma de suas jornadas na Província do Rio de Janeiro. Ou o que vislumbrar quando Mary Hoge descreve o jardim de Candida repleto de rosas, crisântemos, sempre-vivas e lágrimas de Vênus⁶⁰⁶ a exalar o variado perfume às narinas das personagens da trama, perfume talvez semelhante àquele que chamaria a atenção da missionária Wardlaw à janela de sua casa quando da passagem de um cortejo fúnebre de uma criança o qual devido às flores confundira Mary Wardlaw que pensava inicialmente ser um vendedor de rosas⁶⁰⁷.

Ora, tudo isto ocupa-se apenas de dizer que não tratou-se apenas do “olhar do estrangeiro”, mas de uma plenitude de sentidos – os cheiros, os sons, os gostos, os toques – que somente puderam ser experimentados, cada qual a sua maneira, por aqueles que se lançaram à viagem. E talvez este configure-se como um percurso interessante a ser mais explorado por nós historiadores que tratamos da alteridade, como já o vem fazendo alguns pesquisadores.

Ao iniciarmos este trabalho tivemos a preocupação que ficasse clara a periodização e a contextualização dos recortes históricos trabalhados, entretanto este não foi o foco central de nossa análise, já que optamos por fazer uma abordagem que não esbarrasse na prisão de estar dividida por periodizações. Por esta razão o leitor não vislumbrou um texto

⁶⁰³ KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Op. cit. (Vol. 1 - 2003). pp. 106-107.

⁶⁰⁴ GARDNER, George. Op. cit. p. 41.

⁶⁰⁵ KIDDER, Daniel P. Op. cit. (2001). p. 158.

⁶⁰⁶ WARDLAW, Mary Hoge. Op. cit. p. 144.

⁶⁰⁷ Jornal ‘*The Missionary*’. A monthly Journal, issued in behalf of The Foreign Missions of the Presbyterian Church in the United States. Edited by the secretaries. Vol. XXIII. Published by Whittet & Shepperson. Richmond: Novembro de 1890, p. 428. (<http://www.archive.org/details/missionary00missgoog>).

que estivesse subdividido em recortes temporais ou nos sujeitos analisados, mas pôde perceber um constante deslocamento espaço-temporal nas páginas anteriores.

Apesar do alerta de Ginzburg de que “*O modo como um ser humano reelabora os livros que lê é muitas vezes imprevisível*”⁶⁰⁸, geralmente quando se escreve algo, buscam-se mecanismos de colocar-se na figura do leitor de modo que este venha a ter uma leitura agradável. E por esta razão optamos por deslocarmo-nos pelos capítulos de forma temática muitas vezes atravessando as periodizações e alternado os sujeitos, mas sem perder de vista os cuidados inerentes a tal empreitada.

Daí termos podido trabalhar temas variados, tais como literatura de viagem, protestantismo, iluminismo, romantismo, ritos fúnebres, jogos de azar, violência, ideais de liberdade, trabalho, educação, missões protestantes no Brasil; além de termos tomado por temporalidade grande parte do século XIX e início do século XX. Concomitante à abordagem de tais temáticas houve de nossa parte a preocupação por um diálogo constante com os conceitos de alteridade, identidade, estrangeiro, civilização, modernidade, protestantismo, discurso, dentre outros.

Ao discorrer acerca da escrita da história, Certeau desenvolveu uma alegoria interessante comparando o ato de escrever do historiador como uma espécie de sepultamento⁶⁰⁹. Ao escrever sobre o passado estamos a enterrar os mortos para que estes possam dar lugar aos vivos. Nas próprias palavras de Certeau, a operação historiográfica se configuraria como um “exorcismo” da morte (passado) que é reconduzida a um plano simbólico visando “liberar” o presente.

Entretanto, tomando a liberdade de perceber a interpretação de Michel de Certeau de um ponto de vista inverso, uma das grandes belezas na prática da escrita da história consiste justamente no fato de que, por mais que venhamos a sepultar o passado, exorcizar os seus mortos e desenvolvermos uma série de “elogios fúnebres”, nunca o conseguimos fazê-lo por completo, isto é, sempre deixamos partes deste “morto” insepultas.

E eis aí a questão fundamental deste trabalho que se propõe a exorcizar certos sujeitos históricos e contextos sociais, que é justamente o fato de que os mesmos, por possuírem “membros” insepultos em nosso “cemitério”, continuarão a assombrar-nos e procurar-nos. E na medida em que o que tratamos aqui foi sobre viajantes e forasteiros, provavelmente estes “mortos” do passado clamarão por nós do presente nos seguintes termos:

⁶⁰⁸ GINZBURG, Carlo. *Nenhuma ilha é uma ilha: quatro visões da literatura inglesa*. Tradução de Samuel Titan Junior. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 14.

⁶⁰⁹ CERTEAU, Michel de. Op. cit. p. 108.

*“Sim, outrora eu era daqui; hoje a cada paisagem, nova para mim que seja, regresso estrangeiro, hóspede e peregrino da sua apresentação, forasteiro do que vejo e ouço, velho de mim.”*⁶¹⁰.

Onde o “daqui” tratar-se-á sempre de um presente que constantemente se faz passado tornando seus sujeitos estrangeiros do tempo, forasteiros de si mesmos, pelos quais ansiamos buscar e perceber, sabedores que estes “outros” também somos “nós”.

⁶¹⁰ PESSOA, Fernando. *Livro do Desassossego*. Por Bernardo Soares. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989. p. 133.

BIBLIOGRAFIA

Obras de referência

ALEGRE, Maria Sylvia Porto. *Comissão das borboletas: A ciência do Império entre o Ceará e a corte (1856-1867)*. Fortaleza: Museu do Ceará / Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2003.

ALENCASTRO, Luís Felipe de & RENAUX, Maria Luiza. *Caras e modos dos migrantes e imigrantes*. In: ALENCASTRO, Luís Felipe de. *História da vida privada no Brasil. Império: a corte e a modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ALVES, Rubem. *Religião e Repressão*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

_____. *Dogmatismo & Tolerância*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

_____. *O que é Religião*. 3 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

ARARIPE, Tristão de Alencar. *História da Província do Ceará: desde os tempos primitivos até 1850*. Fortaleza: Edições Fundação Demócrito Rocha, 2002.

BARREIRO, José Carlos. *Imaginário e viajantes no Brasil do século XIX: cultura e cotidiano, tradição e resistência*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

BATISTA, Henrique Sérgio de Araújo. *Assim na morte como na vida, arte e sociedade no cemitério São João Batista (1866-1915)*. Fortaleza: Museu do Ceará, 2002.

BAUDRILLARD, Jean & GUILLAUME, Marc. *Figures de l'altérité*. Paris: Descartes & Cie, 1994.

BETHENCOURT, Francisco. *História das Inquisições: Portugal, Espanha e Itália - séculos XV-XIX*. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

BOURGUET, Marie-Noëlle. *O Explorador*. In: VOVELLE, Michel (Org.). *O homem do Iluminismo*. pp. 207-249. Tradução de Maria Georgina Segurado. Lisboa: Editorial Presença, 1997.

BURKE, Peter. *Estereótipos do outro*. In. *Testemunha Ocular: história e imagem*. pp. 153-174. Tradução de Vera Maria Xavier dos Santos; revisão técnica de Daniel Aarão Reis Filho Bauru: Edusc, 2004.

_____. *O que é História Cultural?* Tradução de Sérgio Goez de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

_____. *Hibridismo cultural*. Tradução de Leila Souza Mendes. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2006.

CAPELARI, Márcia Regina & NAXARA, Izabel Andrade & MARSON, Marion Brepohl de Magalhães (orgs.). *Figurações do outro na história*. Uberlândia: EDUFU, 2009.

CARVALHO, Edgar Assis de. *Estrangeiras imagens*. In. KOLTAI, Caterina (Org.). *O Estrangeiro*. pp. 21-36. São Paulo: Escuta / FAPESP, 1998.

CARVALHO, José Murilo de. *D. Pedro II*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CATROGA, Fernando. *Nação, Mito e Rito: Religião civil e comemoracionismo (EUA, França e Portugal)*. Fortaleza: Edições NUDOC / Museu do Ceará, 2005.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Tradução Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Editora Universidade UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. (Org.). *História da vida privada, 3: Da Renascença ao Século das Luzes*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República. Momentos decisivos*. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Tradução de Sonia Coutinho. 5 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do Povo: sociedade e cultura no início da França moderna*. Tradução de Mariza Corrêa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

DELUMEAU, Jean. *Nascimento e afirmação da reforma*. Tradução de João Pedro Mendes. São Paulo: Pioneira, 1989.

_____. *O Pecado e o Medo: a culpabilização no Ocidente (séculos 13-18). Volume II*. Tradução de Álvaro Lorencini. Bauru: EDUSC, 2003.

DIAS, Maria Odila da Silva. *O fardo do homem branco: Southey o historiador do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.

DIDEROT, Denis & D'ALEMBERT, Jean Le Rond. *Verbetes Políticos da enciclopédia*. Tradução de Maria das Graças de Sousa. São Paulo: Discurso Editorial: Editora UNESP, 2006.

DUNSTAN, J. Leslie. *Protestantismo*. Tradução de George Braziller. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1964.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador. Volume 1: Uma História dos costumes*. Tradução de Ruy Jungmann. Revisão de Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

_____. *O Processo Civilizador. Volume 2: Formação do Estado e Civilização*. Tradução de Ruy Jungmann. Revisão de Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

FERREIRA, Júlio Andrade. *História da Igreja Presbiteriana do Brasil*. 2 ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992 (vol. I).

FORGET, Danielle. *Introdução: A alteridade revisitada*. In. FORGET, Danielle & OLIVEIRA, Humberto Luiz L. de (org.). *Images de l'autre: lectures divergentes de l'altérité./ Imagens do outro : leituras divergentes da alteridade*. pp. 9-15. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana; ABECAN, 2001.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe de Baeta Neves. Revisão de Ligia Vassalo. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

- _____. *A Ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Editora Loyola, 1999.
- FREYRE, Gilberto. *Ingleses no Brasil: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil*. 3 ed. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 2000.
- FUKUI, Lia Garcia. *O culto aos mortos entre sitiantes tradicionais do sertão de Itapeverica*. In. MARTINS, José de Souza. *A morte e os mortos na sociedade brasileira*. pp. 252-269. São Paulo: Editora Hucitec, 1983.
- GEERTZ, Clifford. *O Saber Local: Novos ensaios em antropologia interpretativa*. Tradução de Vera Mello Joscelyne. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GINZBURG, Carlo. *Nenhuma ilha é uma ilha: quatro visões da literatura inglesa*. Tradução de Samuel Titan Junior. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- GIRÃO, Raimundo. *Cidade de Fortaleza (Filmagem histórica)*. Fortaleza: Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda, 1945.
- _____. *Geografia estética de Fortaleza*. 2 ed. Fortaleza: BNB, 1970.
- GOLDMAN, Frank P. *Os pioneiros americanos no Brasil: educadores, sacerdotes, covos e reis*. São Paulo: Pioneira, 1972.
- GOMES, Antonio Máspoli de Araújo. *Religião, educação & Progresso: A contribuição do Mackenzie College para a formação do empresariado em São Paulo entre 1870 e 1914*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2000.
- GONÇALVES, Adelaide. *Imprensa dos trabalhadores no Ceará: histórias e memórias*. In. SOUSA, Simone de (Org.). *Uma nova história do Ceará*. 3 ed. Revista e Atualizada. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004.
- GONTARD, Marc. *O desejo do outro: por uma semiótica do olhar exótico*. In. FORGET, Danielle & OLIVEIRA, Humberto Luiz L. de (org.). *Images de l'autre: lectures divergentes de l'altérité./ Imagens do outro: leituras divergentes da alteridade*. pp. 171-190. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana; ABECAN, 2001.
- HABERMAS, Jürgen. *Ciência e Técnica como "Ideologia"*. In. *Os pensadores*. Vol. XLVIII. pp. 303-333. Tradução de Zeliko Loparic. São Paulo: Abril, 1975.

HELLER, Agnes. *Sociología de la vida cotidiana*. 3 ed. Barcelona: Éditions 62 s/a, 1991.

HOBBSBAWM, Eric J. *A Era das Revoluções: Europa 1789-1848*. 7 ed. Tradução de Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KUGELMAS, Eduardo (org.). *José Antônio Pimenta Bueno, Marquês de São Vicente*. São Paulo: Editora 34, 2002.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução de Bernardo Leitão [et al.]. 5 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

MANCHESTER, Alan K. *Preeminência inglesa no Brasil*. Tradução de Janaína Amado. São Paulo: Editora Brasiliense, 1973.

MARTINS, Luciana de Lima. *O Rio de Janeiro dos viajantes: o olhar britânico (1800-1850)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

MASSENZIO, Marcello. *A História das Religiões na Cultura Moderna*. Tradução de Camila Kintzel. São Paulo: Hedra, 2005.

MATOS, Alderi Souza de. *Os Pioneiros presbiterianos do Brasil (1859-1900): Missionários, pastores e leigos do século 19*. 1 ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004.

MENDES, Marcel (Org.). *Simonton, 140 anos de Brasil*. Série colóquios Volume 3. São Paulo: Editora Mackenzie, 2000.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O celeste porvir. A inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Editora Paulinas, 1984.

MONTAIGNE, Michel de. *Ensaaios*. Volume I. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.

- MONTANARI, Massimo. *Comida como Cultura*. Tradução de Letícia Martins de Andrade. São Paulo: Editora SENAC, 2008.
- MONTENEGRO, Abelardo F. *Os partidos políticos do Ceará*. Fortaleza: Edições UFC, 1980.
- MONTENEGRO, João Alfredo de Sousa. *O Trono e o Altar: as vicissitudes do tradicionalismo no Ceará (1817-1978)*. Fortaleza: BNB, 1992.
- NARDI, Jean Baptiste. *Sistema colonial e tráfico negreiro: Novas interpretações da história brasileira*. Campinas-SP: Pontes, 2002.
- NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Estrangeiros em sua própria terra: representações do brasileiro 1870 /1920*. São Paulo: Annablume, 1998.
- NEVES, Frederico de Castro. *A seca e a cidade: a formação da pobreza urbana em Fortaleza (1880-1900)*. pp. 75-104. In. SOUSA, Simone; NEVES, Frederico de Castro (Org.). *Seca*. (Coleção Fortaleza: história e cotidiano). Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.
- NOBRE, Geraldo da Silva. *Introdução à História do Jornalismo Cearense* – Edição fac-similar. Fortaleza: NUDOC / Secretaria de Cultura do Estado do Ceará – Arquivo Público do Estado do Ceará, 2006.
- NOVAES, Adauto (Org.). *Civilização e Barbárie*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *As muitas faces da história. Nove entrevistas*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- PECHMAN, Robert Moses. *Cidades estreitamente vigiadas: o detetive e o urbanista*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.
- PINHEIRO, Francisco José. *O processo de romanização do Ceará*. In. SOUSA, Simone (Org.). *História do Ceará*. 4 ed. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1995.
- PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Tradução de Jézio Gutierre. Bauru: Edusc, 1999.

- RÉMOND, Réne. *Historia de los Estados Unidos*. México, DF: Publicaciones Cruz O., S.A. 2002.
- SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. Traduzido por Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- _____. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SOUSA, Simone de. *Da “Revolução de 30” ao Estado Novo*. In. SOUSA, Simone de (Org.). *Uma nova história do Ceará*. 3 ed. Revista e Atualizada. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004.
- THOMAS, Keith. *O Homem e o mundo natural: Mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. Tradução de João Roberto Martins Filho São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*, volume II: A maldição de Adão. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. *Os Românticos: a Inglaterra na era revolucionária*. Tradução de Sérgio Moraes Rego Reis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- TODOROV, Tzvetan. *Nós e os Outros: A reflexão francesa sobre a diversidade humana. Volume 1*. Tradução de Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- _____. *A Conquista da América: a questão do outro*. 3 ed. Tradução de Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose. Antropologia das sociedades complexas*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. 4 ed. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

_____. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Tradução: Pietro Nassetti. São Paulo: Editora Martin Claret, 2002.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1979.

VENTURI, Franco. *Utopia e Reforma no Iluminismo*. Tradução de Modesto Florenzano. Bauru: EDUSC, 2003.

VIEIRA, David Gueiros. *O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*. Brasília: Editora UNB, 1980.

VOLTAIRE. François-Marie Arouet de. *Tratado sobre a tolerância*. Tradução de Antonio Geraldo da Silva. São Paulo: Editora Escala, S/d.

Monografias, Dissertações e Teses

BARROS, Kátia Maia Flôres. *O olhar do Outro: O Norte de Goiás na visão dos viajantes estrangeiros do século XIX*. Recife Dissertação UFPE, 1997.

GOMES, José Eudes Arrais Barroso. *As milícias d'El Rey: Tropas militares e poder no Ceará setecentista*. Niterói Dissertação UFF, 2009.

MORELLI, Jonice dos Reis Procópio. *Escravos e crimes – Fragmentos do cotidiano. Montes Claros de Formigas do século XIX*. Belo Horizonte Dissertação UFMG, 2002.

OLIVEIRA, Ana Paula Silva de. *Livros de viagem: relatos de estrangeiros sobre as províncias do Norte e a Zona de Contato*. Fortaleza Dissertação UFC, 2005.

OLIVEIRA, Gledson Ribeiro de. *Sal da Terra: identidade e intolerância de católicos e protestantes no Ceará do século XIX*. Recife Dissertação UFPE, 2001.

OLIVEIRA FILHO, Sérgio Willian de Castro. *“Emissários do frade apostata”: Inserção, transgressão e Disciplina Eclesiástica na Igreja Presbiteriana de Fortaleza (1882-1899)*. Fortaleza Monografia de Graduação UECE, 2008.

SOUZA, Robério Américo do Carmo. *Fortaleza e a “nova fé”: a inserção do protestantismo na capital cearense (1882-1915)*. São Paulo Dissertação PUC, 2001.

Artigos

BELLUZZO, Ana Maria de M. *A propósito d'O Brasil dos viajantes*. In. Revista USP. *Brasil dos viajantes*, junho-julho-agosto, Dossiê 30, pp. 08-19. São Paulo: 1996.

BETHELL, Leslie & CARVALHO, José Murilo de. *Joaquim Nabuco e os abolicionistas britânicos. Correspondência, 1880-1905*. In. Estudos Avançados USP, 23 (65), pp. 207-229. São Paulo, 2009.

BOURGUET, Marie-Noëlle. *La Collecte du monde: voyage et histoire naturelle (fin XVII siècle – début XIX siècle)*. In. C. Blanckaert et al (eds). *Le Muséum au premier siècle de son histoire: 163-196*. Museum national d'Histoire naturelle. Archives. Paris, 1997.

BOURGUET, Marie-Noëlle & LICOPPE, Christian. *Voyages, mesures et instruments: Une nouvelle expérience du monde au Siècle des Lumières*. In. Annales HSS, septembre – octobre. Nº5. pp. 1115-1151. Paris, 1997.

CERQUEIRA, Hugo E. A. da Gama. *Adam Smith e seu contexto: o iluminismo escocês*. In. Anais do VIII encontro de Economia da Região Sul. Área 4 Metodologia, História do Pensamento Econômico e Economia Política. pp. 1-20. 2005.

CRUZ, Ana Lúcia Rocha Barbalho da Cruz. *As viagens são os viajantes: Dimensões identitárias dos viajantes naturalistas brasileiros do século XVIII*. In: História: Questões & Debates. n. 36, pp. 61-98, Curitiba: Editora UFPR.

FERREIRA, Lúcio Menezes. *Ciência nômade: o IHGB e as viagens científicas no Brasil imperial*. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v. 13, n. 2, p. 271-92, abr.-jun. 2006.

GOMES, José Eudes Arrais Barroso. *“Vagabundos e ladrões, assassinos e facinorosos”. Violência, crime e impunidade na Capitania do Ceará (século XVIII)*. In. Documentos Revista do Arquivo Público do Ceará. V. 1 nº 4. pp. 127-155. Fortaleza: Arquivo Público do Ceará, 2005.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. *Nação e Civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional*. In. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, Nº 1. pp. 5-27. 1988.

- LINEBAUGH, Peter. *Todas as montanhas atlânticas estremeceram*. In: Revista Brasileira de História. pp. 7-46. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, nº 6, 1984.
- MANTHORNE, Katherine Emma. *O imaginário brasileiro para o público norte-americano do século XIX*. In: Revista USP. *Brasil dos viajantes*, junho-julho-agosto, Dossiê 30, pp. 58-71. São Paulo: 1996.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas*. In: Revista USP, Dossiê 67 (set-out-nov) pp. 48-67, 2005.
- MINDLIN, José E. *Viajantes no Brasil: viagem em torno de meus livros*. In: Estudos Históricos, v. 4 nº 7, pp. 35-54. Rio de Janeiro, 1991.
- PEREIRA, Jardel Costa. *O conceito de liberdade no pensamento político de John Locke*. In: Metanoia, FUNREI, nº 1, pp. 7-15. São João Del-Rei, 1999.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Em busca de uma outra história: Imaginando o imaginário*. In: São Paulo: Revista Brasileira de História. Volume 15 nº 29, pp. 9-27. 2009.
- RUPP-EISENREICH, Britta. *Christophe Meiners et Joseph-Marie de Gérando: un chapitre du comparatisme anthropologique*. In: Études sur le XVIII siècle. *L'homme des lumières et la découverte de l'autre*. Volume hors serie 3. pp. 21-49. Bruxelles: Editions de l'Université de Bruxelles, 1985.
- RODRIGUES, Cláudia. *A arte de bem morrer no Rio de Janeiro setecentista*. Varia hist., Belo Horizonte, v. 24, n. 39, jun. pp. 255-272. 2008.
- SAFIER, Neil. *Como era ardiloso o eu francês: Charles-Marie de la Condamine e a Amazônia das Luzes*. In: São Paulo: Revista Brasileira de História. Volume 29 nº 57, pp. 91-114. 2009.
- SALGUEIRO, Valéria. *Vistas urbanas nos álbuns ilustrados por viajantes europeus do século XIX*. In: Rio de Janeiro: Tempo. Vol. 4, pp. 103-123. 1997.
- _____. *Grand tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura*. In: São Paulo: Revista Brasileira de História. Volume 22 nº 44, 2002.

SEIXO, Maria Alzira. *Entre cultura e natureza: ambigüidades do olhar viajante*. In. Revista USP. *Brasil dos viajantes*, junho-julho-agosto, Dossiê 30, pp. 120-133. São Paulo: 1996.

SILVA, Eliane Moura. *Gênero, Religião, missionarismo e identidade protestante norte-americana no Brasil ao final do século XIX e inícios do XX*. In. Mandrágora (São Bernardo do Campo), v. 14, pp. 25-37, 2008.

SILVA, Fábio Carlos da. *Negócios com minas de ouro envolvendo famílias nobiliárquicas do Império Brasileiro*. In. Anais do Segundo Congresso Latinoamericano de Historia Económica. Ciudad de México: Centro Cultural Universitario Tlatelolco, 2010. (http://www.economia.unam.mx/cladhe/registro/ponencias/605_abstract.doc).

SILVA, Leonardo Dantas. *Viajantes: A paisagem vista por outros olhos*. In: Ciência & Trópico. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2000.

STORCH, Robert D. *O policiamento do cotidiano na cidade vitoriana*. In. Revista Brasileira de História. pp. 7-33. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, v. 5. nº 8-9, 1985.

THEODORO, Janice. *Visões e descrições da América: Alvar Nunez Cabeça de Vaca (XVI) e Hercules Florence (XIX)*. In. Revista USP. *Brasil dos viajantes*, junho-julho-agosto, Dossiê 30, pp. 74-83. São Paulo: 1996.

VAILATI, Luiz Lima. *Os funerais de "anjinho" na literatura de viagem*. Revista Brasileira de História, 2002, vol.22, no.44.

VIEIRA JÚNIOR, Antonio Otaviano. *Apresentando a família a partir da violência: Tramas, tensões e cotidianos no Ceará (1780-1850)*. In. Documentos Revista do Arquivo Público do Ceará. V. 1 nº 4. pp. 9-32. Fortaleza: Arquivo Público do Ceará, 2005.

Obras de literatura

CAMINHA, Adolfo. *A Normalista*. Rio de Janeiro – São Paulo - Fortaleza: ABC Editora, 2004.

PESSOA, Fernando. *Livro do Desassossego. Por Bernardo Soares*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

FONTES

Fontes Bibliográficas

GARDNER, George. *Viagem ao interior do Brasil, principalmente nas províncias do Norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841*. Tradução de Milton Amado. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975.

KIDDER, Daniel P. *Reminiscências de Viagens e Permanências nas Províncias do Norte do Brasil: compreendendo notícias históricas e geográficas do Império e das diversas províncias*. Tradução de Moacir N. Vasconcelos. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 1980.

_____. *Reminiscências de Viagens e Permanências no Brasil [Rio de Janeiro e Província de São Paulo]: compreendendo notícias históricas e geográficas do Império e de diversas províncias*. Tradução de Moacir N. Vasconcelos. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2001.

KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. 12 ed. Volume 1. Tradução de Câmara Cascudo. Rio – São Paulo – Fortaleza: ABC Editora, 2003.

_____. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. 12 ed. Volume 2. Tradução de Câmara Cascudo. Rio – São Paulo – Fortaleza: ABC Editora, 2003.

_____. *Como melhorar a escravidão*. Tradução de Nelson Patriota. Natal: EDUFRN – Editora da UFRN, 2003.

WARDLAW, Mary Hoge. *Cândida; or, by a way she knew not. A story from Ceará*. Richmond: The Presbyterian Committee of Publication, 1902.

Fontes Bibliográficas em Formato Digital

ANDERSON, William. *The Scottish Nation; or the surnames, families, literature, honour, and biographical history of the people of Scotland*. Vol. III. London: A. Fullarton & Co., 1878. (<http://www.archive.org/details/scottishnationor03ande>).

COMPENDIO DA DOCTRINA CRISTAÃ NA LINGUA PORTUGUESA, E BRASILICA.

Composto pelo P. João Filippe Betendorf, antigo missionário do Brasil, e reimpresso de ordem de S. Alteza Real o Príncipe Regente Nosso Senhor por Fr. José Mariano da Conceição Vellozo. Lisboa: Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1800. (http://books.google.com/books?id=XZA_AAAAcAAJ&printsec=frontcover&hl=ptBR#v=onepage&q=&f=false).

DICTIONARY OF NATIONAL BIOGRAPHY. Edited by Leslie Stephen. Vol. XX (Forrest-Garner). New York: Macmillan and Co. London: Smith, Elder & Co. 1889. (<http://www.archive.org/details/dictionarynatio20stepgoog>).

FEIJÓ, Antonio Diogo. *Demonstration of the necessity of abolishing a constrained Clerical Celibacy; exhibiting the evils of that institution, and the remedy.* Translated from the Portuguese by Rev. D. P. Kidder. Philadelphia: Sorin and Ball, 1844. (http://www.archive.org/details/MN41577ucmf_8).

GUERRANT, Edward O. *The Galax Gatherers: The Gospel among the Highlanders.* Kentucky: Published by Onward Press. 1910. (<http://www.archive.org/details/cu31924010165680>).

HISTORY OF THE OHIO FALLS CITIES AND THEIR COUNTIES. Vol. I. Cleveland: L. A. Williams & Co. 1882. (<http://www.archive.org/details/historyofohiof1285will>).

PHILLIPS, A. L. *The call of the home land: A study in home missions.* Richmond: The Presbyterian Committee of Publication, 1906. (<http://www.archive.org/details/callofhomelandst00phil>).

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Do Contrato Social.* Tradução de Rolando Roque da Silva, 2002. (www.jahr.org).

SELECTIONS FROM THE LETTERS OF ROBERT SOUTHEY. Edited by John Wood Warter. In four volumes. Vol. III. London: Longman, Brown, Green, Longmans & Roberts, 1856. (<http://www.archive.org/details/selectionsfroml05wartgoog>).

SOUTHEY, Robert. *The Poet's Pilgrimage to Waterloo.* London. Printed for Longman, Hurst, Rees, Orme and Brown, Paternoster Row, 1816

STROBRIDGE, G. E. *Biography of the Rev. Daniel Parish Kidder, D.D., LL.D.* New York: Hunt & Eadon, 1894. (<http://www.archive.org/details/biographyofrevda00stro>).

THE ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. A dictionary of arts, sciences, literature and general information. Eleventh edition. Volume XVI. Cambridge: University of Cambridge. (<http://www.archive.org/details/encyclopaediabri16chisrich>).

Revistas do Instituto do Ceará

CARVALHO, Alfredo de. *Um botânico inglês no Ceará, de 1838 a 1839*. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo XXVI. Ano XXVI. pp. 143-205. Typografia Minerva, 1912.

Jornal 'The Missionary'. A monthly Journal, issued in behalf of The Foreign Missions of the Presbyterian Church in the United States. Edited by the secretaries. Published by Whittet & Shepperson. Richmond: 1888.

PAIVA, Melquíades Pinto. *Os naturalistas e o Ceará: II – George Gardner (1812-1849)*. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo CVII. Ano CVII. pp. 77-95. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1993.

SOUSA, Eusébio. *Pela História do Ceará: Koster no Ceará*. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo XLIII e XLIV. Ano XLIII e XLIV. pp. 247-268. Typografia Minerva, 1930.

STUDART, Barão de. *Extrangeiros e o Ceará*. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo XXXII. Ano XXXII. pp. 191-274. Typografia Minerva, 1918.

_____. *Extrangeiros e o Ceará*. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo XXXIII. Ano XXXIII. pp. 239-248. Typografia Minerva, 1919.

_____. *Extrangeiros e o Ceará*. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo XXXIV. Ano XXXIV pp. 251-258. Typografia Minerva, 1920.

_____. *Extrangeiros e o Ceará*. In: *Revista do Instituto do Ceará*. Tomo XXXVI. Ano XXXVI pp. 381-389. Typografia Minerva, 1922.

Periódicos

Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel. Setor de Microfilmagem:

➤ Jornal 'Libertador'. Fortaleza, 1883-1886-1887-1889-1890.

Periódicos em Formato Digital

A General Catalogue of the officers and alumni of Union Theological Seminary in Virginia. Prepared and published by order of the board of trustees. Baltimore, 1884. (<http://www.archive.org/details/generalcatalogue00rich>).

Blackwood's Edinburgh Magazine. Volume I. April - September. 1817. London, 1817. (http://books.google.com/books?id=avKeseO1T0C&pg=PA297&dq=%22henry+koster%22&lr=&as_brr=1&hl=ptBR&cd=14#v=onepage&q=%22henry%20koster%22&f=false).

Hooker's Journal of Botany and Kew Garden Miscellany. Edited by Sir William Jackson Hooker. Vol. I. London: Reeve, Benham and Reeve, 1849. (<http://books.google.com/books?id=KWcCAAAAYAAJ&pg=PA154&dq=%22death+of+george+gardner%22&hl=ptBR&cd=2#v=onepage&q=%22death%20of%20george%20gardner%22&f=false>).

Information respecting Botanical Travellers. Mr. Gardner's Journeys in Brazil. In. Annals of natural history; or Magazine of zoology, botany and geology Vol. III, Number XVIII. pp. 327-336. Printed and by R. and J. E. Taylor. London, 1839. (<http://www.archive.org/details/annalsofnaturalh03lond>).

Jornal 'Miami Daily News and Metropolis'. Seção 'In the Social World'. Miami, 1921, 1924, 1934. (<http://news.google.com/newspapers>).

Jornal 'The Chicago Tribune', Chicago, 1891. (www.footnote.com).

Jornal 'The Constitution'. Atlanta, 1889. (www.footnote.com).

Jornal, 'The Gospel In All Lands'. An Illustrated Monthly Missionary Journal. Representing the Missionary Society of the Methodist Episcopal Church and the missions of other churches and societies. Nova York, 1880-1881. (<http://www.cmalliance.org/resources/archives/gospel-in-all-lands>).

Jornal, 'The Gospel In All Lands'. An Illustrated Monthly Missionary Journal. Representing the Missionary Society of the Methodist Episcopal Church and the missions of other churches and societies. Nova York, 1887. (<http://www.archive.org/details/gospelinallland06socioog>).

Jornal '*The Miami Metropolis*'. Seção '*Society and the Social Service*'. Miami, 1919. (<http://news.google.com/newspapers>).

Jornal '*The Missionary*'. A monthly Journal, issued in behalf of The Foreign Missions of the Presbyterian Church in the United States. Edited by the secretaries. Vol. XXIII. Published by Whittet & Shepperson. Richmond: 1890. (<http://www.archive.org/details/missionary00missgoog>).

Jornal '*The New York Times*'. Nova York, 1885-1887-1893-1896. (<http://query.nytimes.com/search/sitesearch>).

Journal Général de la Litterature Étrangere. Dix-septième année. Paris, 1817. (http://books.google.com/books?id=qrIEAAAAQAAJ&pg=PA143&dq=%22henry+koster%22&lr=&as_brr=1&hl=ptBR&cd=50#v=onepage&q=%22henry%20koster%22&f=false).

O Investigador Portuguez em Inglaterra, ou Jornal Literario, Político, & C. Número LVII. Londres. Março, 1816. (http://books.google.com/books?id=aSUDAAAAYAAJ&pg=PA441&dq=%22henry+koster%22&as_brr=1&hl=ptBR&cd=8#v=onepage&q=%22henry%20koster%22&f=false).

O Viajante Universal, ou Noticia do Mundo Antigo e Moderno. Obra recopilada dos melhores viajantes. Tomo XLVI. Lisboa: Typographia Rollandiana, 1808. (<http://books.google.com/books?id=IC1FAAAAAYAAJ&pg=PA204&dq=%22A+mania+de+fazer+apostas+em+Inglaterra+%22&hl=ptBR&cd=1#v=onepage&q=%22A%20mania%20de%20fazer%20apostas%20em%20Inglaterra%20%22&f=false>).

SMITHERS, Henry. *Liverpool, its commerce, statistics, and institutions; with a history of the cotton trade*. Liverpool: Thos. Kaye, 1825. (http://books.google.com/books?id=jdcAAAAYAAJ&pg=PA433&dq=%22henry+koster%22&lr=&as_brr=1&hl=ptBR&cd=16#v=onepage&q=%22henry%20koster%22&f=false).

St. Nicholas, an illustrated magazine for young folks. Conducted by Mary Mapes Dodge. Volume XXVI, part I – November 1898 to April 1899. The Century co. New York, 1899. (<http://www.archive.org/details/stnicholas04unkngoog>).

The American Catalogue. New York: Published by A. C. Armstrong & Son, 1905. (<http://www.archive.org/stream/americancatalog01applgoog>).

The Augustan Review. A monthly production. Volume III. July to December. 1816. London, 1816. (http://books.google.com/books?id=XvkEAAAQAAJ&pg=PA541&dq=%22henry+koster%22&lr=&as_brr=1&hl=ptBR&cd=23#v=onepage&q=%22henry%20koster%22&f=false).

The Christian Observer. For the year 1816. The fifteenth Volume. New York, 1817. (http://books.google.com/books?id=TYzNAAAAMAAJ&pg=PA750&dq=%22henry+koster%22&lr=&as_brr=1&hl=ptBR&cd=36#v=onepage&q=%22henry%20koster%22&f=false).

The Dublin Review. Vol. VI. February-May, 1839. London, 1839. (http://books.google.com/books?id=HecluhQbckoC&pg=PA274&dq=murder+england+ireland+wales&lr=&as_brr=1&hl=ptBR&cd=4#v=onepage&q=murder%20england%20ireland%20wales&f=false).

The Edinburgh Magazine, and literary miscellany; a new series of the Scots Magazine. January-June 1820. Vol. VI. Edinburgh, 1820. (<http://books.google.com/books?id=eFwAAAAAYAAJ&pg=PA252&dq=%22that+proportionately+more+crimes+against+the+right+of+property+are+committed+in+England+%22&hl=ptBR&cd=1#v=onepage&q=%22that%20proportionately%20more%20crimes%20against%20the%20right%20of%20property%20are%20committed%20in%20England%20%22&f=false>).

The Edinburgh Review, or Critical Journal: For Sept. 1816 - Dec. 1816. Volume XXVII. London, 1816. (http://books.google.com/books?id=Ohp0Z734tBYC&pg=PA540&dq=%22henry+koster%22&lr=&as_brr=1&hl=ptBR&cd=15#v=onepage&q=%22henry%20koster%22&f=false).

The European Magazine, and London Review. Vol. 70. From July to December, 1816. London, 1816. (http://books.google.com/books?id=NAPAAAAQAAJ&pg=PA86&dq=%22henry+koster%22&lr=&as_brr=1&hl=ptBR&cd=34#v=onepage&q=%22henry%20koster%22&f=false).

The Gentleman's Magazine: and Historical Chronicle. From July to December, 1816. Volume LXXXVI. Part the Second. London, 1816. (http://books.google.com/books?id=95A3LIhGBDEC&pg=PA481&dq=%22henry+koster%22&lr=&as_brr=1&hl=ptBR&cd=17#v=onepage&q=%22henry%20koster%22&f=false).

The Gentleman's Magazine: and Historical Chronicle. From July to December, 1820. Volume XC. London, 1820.

(http://books.google.com/books?id=2nJKpRjYVugC&pg=PA186&dq=%22henry+koster%22&as_brr=1&hl=ptBR&cd=10#v=onepage&q=%22henry%20koster%22&f=false).

The Quarterly Review. October & January, 1817. Vol. XVI. London, 1817. (http://books.google.com/books?id=1svBWWpCWE0C&pg=PA344&dq=%22henry+koster%22&as_brr=3&hl=ptBR&cd=5#v=onepage&q=%22henry%20koster%22&f=false).

Demais Fontes

Actas da sessão da Igreja Presbyteriana da cidade da Fortaleza capital do Estado do Ceará. (1890-1899).

Almanach Administrativo, estatístico, mercantil, industrial, e literário do Estado do Ceará para o ano de 1895. Confeccionado por João Câmara.

Almanach Administrativo, estatístico, mercantil, industrial, e literário do Estado do Ceará para o ano de 1896. Confeccionado por João Câmara. Typographia d'A República.

Almanach Administrativo, estatístico, mercantil, industrial, e literário do Estado do Ceará para o ano de 1897. Confeccionado por João Câmara. Typographia d'A República.

Almanach Administrativo, estatístico, mercantil, industrial, e literário do Estado do Ceará para o ano de 1898. Confeccionado por João Câmara. Typographia Universal.

Almanach Administrativo, estatístico, mercantil, industrial, e literário do Estado do Ceará para o ano de 1900. Confeccionado por João Câmara.

Almanach Administrativo, estatístico, mercantil, industrial, e literário do Estado do Ceará para o ano de 1902. Confeccionado por João Câmara.

Almanach Administrativo, estatístico, mercantil, industrial, e literário do Estado do Ceará para o ano de 1903. Confeccionado por João Câmara. Typographia Econômica.

Almanach Administrativo, estatístico, mercantil, industrial, e literário do Estado do Ceará para o ano de 1904. Confeccionado por João Câmara. Typographia Econômica.

Almanach Administrativo, estatístico, mercantil, industrial, e literário do Estado do Ceará para o ano de 1905. Confeccionado por João Câmara. Empreza Typographica.

Almanach Administrativo, estatístico, mercantil, industrial, e literário do Estado do Ceará para o ano de 1906. Confeccionado por João Câmara. Typo-Lithographia a vapor.

Almanach Administrativo, estatístico, mercantil, industrial, e literário do Estado do Ceará para o ano de 1907. Confeccionado por João Câmara. Typo-Lithographia a vapor.

Arrolamento da população da Freguesia de S. José da cidade da Fortaleza, capital do Ceará. 1887. Livro 383. Fundo: Chefatura de Polícia. p. 12. APEC – Arquivo Público do Estado do Ceará.

Bíblia Sagrada. Tradução Revista e Atualizada de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

Contracto entre o Governo Imperial e B. Dixon Armstrong para construcção de poços artesianos na Província do Ceará. Annexos ao Relatório apresentado à Assembléa Geral na quarta sessão da vigésima legislatura pelo ministro e secretário de Estado interino dos negócios da agricultura, commercio e obras públicas Rodrigo Augusto da Silva. Primeiro Volume. Brazil. Imprensa Nacional. Rio de Janeiro. 1889.

Corpo Consular estrangeiro residente n'esta Província, 1882-1916. Livro nº410. Fundo: Governo da Província do Ceará. APEC – Arquivo Público do Estado do Ceará.

Falla que o Exm. Sr. Conselheiro Sinval Odorico de Moura, Presidente da Província do Ceará, dirigio á respectiva Assembleia Legislativa no dia 2 de julho de 1885 por ocasião da instalação de sua sessão ordinária.

Folheto Presbiteriano '*Leite para crianças. Catechismo Bíblico para as classes infantis*'. De Lacey Wardlaw. Fortaleza Typographia do Libertador. 1883.

Livros nº 10, 14, 16, 17, 18, 19, 20 do 1º Cartório de Fortaleza: Cartório Feijó. Referente aos anos de 1887, 1888, 1895, 1896, 1897 e 1898. APEC – Arquivo Público do Estado do Ceará.

Relatório com que o Exm. Sr. Comendador Antonio Theodorico da Costa 2º Vice-presidente da Província do Ceará passou a respectiva administração ao Exm. Dr. Satyro D'Oliveira Dias em 21 de agosto de 1883.

Relatorio apresentado ao vice-presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil pelo Ministro d'Estado dos negócios da Agricultura, Commercio e Obras Publicas Engenheiro Antão Gonçalves de Faria em maio de 1892. Rio de Janeiro. Imprensa Nacional. 1892.

United States Passport applications, 1795-1905 [microform]. 1880, 1884, 1917, 1919. (<http://search.ancestry.com/search/db.aspx?dbid=1174>).

ANEXOS

Anexo 1: Passaporte de De Lacey Wardlaw.

75634

The application must be in duplicate and accompanied by three unmounted photographs of the applicant, not larger than three inches in size, one of which is to be affixed to the passport by the Department; the other two must be attached to this application and its duplicate, respectively. The photographs must be on thin paper and should have a light background. The one not attached to the application should be signed by the applicant across its face, so as not to obscure the features.

1st. This blank must be completely filled out. The legal fee of one dollar, in currency or postal money order, must accompany the application.
A woman's application must state whether she is married or not, and a married woman must state whether her husband is a native citizen.
The rules should be carefully read before mailing the application to the Department of State, Bureau of Consuls, Washington, D. C.

[EDITION OF 1917.]
[FORM FOR NATIVE CITIZEN.]

No. _____
Issued _____

UNITED STATES OF AMERICA.

STATE OF Florida.
COUNTY OF Dade

DEPARTMENT OF STATE
PASSPORT
APR 16 1919
ISSUED
WASHINGTON

I, DeLacey Wardlaw, a NATIVE AND LOYAL CITIZEN OF THE UNITED STATES, hereby apply to the Department of State, at Washington, for a passport.

I solemnly swear that I was born at Paris, in the State of Kentucky, on or about the 5th. day of November, 1856; that my father T. DeLacey Wardlaw, was born in Ireland and is now residing at Deceased [that he emigrated to the United States from the port of Liverpool, England. on or about Dont know 1842; that he resided 57 years, uninterruptedly, in the United States, from 1842 to 1879, at Pennsylvania & Kentucky; that he was naturalized as a citizen of the United States before the dont know the Court of _____, at Dont know _____, I _____, as shown by the accompanying Certificate of Naturalization]; that I have resided outside the United States at the following places for the following periods: Resided in Brazil from 1880 to 1882 & from 1882 to 1884 & from 1885 to 1889 & from 1890 to 1910 as missionary for the presbyterian church. and that I am domiciled in the United States, my permanent residence being at Bell Buuckle, in the State of Tennessee, where I follow the occupation of Retired minister My last passport was obtained from Washington, D. C. on 1880 and was Still have it at home I am about to go abroad temporarily; and I intend to return to the United States within 3 months with the purpose of residing and performing the duties of citizenship therein; and I desire a passport for use in visiting the countries hereinafter named for the following purpose:

Cuba.
(Name of country.) Visit my family and bring them back to
(Object of visit.)
the United States
(Object of visit.)
(Name of country.)
(Object of visit.)
(Name of country.)
(Object of visit.)

I intend to leave the United States from the port of Key West, Florida.
(Port of departure.)
sailing on board the First vessel after receiving passport, 191
(Name of vessel.) (Date of departure.)

OATH OF ALLEGIANCE.

Further, I do solemnly swear that I will support and defend the Constitution of the United States against all enemies, foreign and domestic; that I will bear true faith and allegiance to the same; and that I take this obligation freely, without any mental reservation or purpose of evasion: So help me God.

DeLacey Wardlaw.
(Signature of applicant.)

Sworn to before me this 12th. day of April, 1919
of _____
[Deputy Clerk of the U. S. Dist. Court at Miami, Fla.]

Fee Received
APR 15 1919
Forenoon

A person born in the United States should submit a birth certificate with his application, or if the birth was specially recorded, affidavits from the attending physician, parents, or other persons having actual knowledge of the birth.
If the applicant's father was born in this country, lines should be drawn through the blanks in brackets.
[OVER.]

DESCRIPTION OF APPLICANT.

Age: 62 years. Mouth: medium
 Stature: 5 feet, 5 1/2 inches, Eng. Chin: oval
 Forehead: high Hair: gray
 Eyes: blue Complexion: fair
 Nose: straight Face: oval
 Distinguishing marks: none

IDENTIFICATION.

April, 12th, 1919
 I, Jeff D. Atkinson, solemnly swear that I am a native citizen
 of the United States; that I reside at Miami, Florida.; that I have known
 the above-named DeLacey Wardlow, personally for 30 years and
 know him to be a native citizen of the United States; and that the facts stated in his affidavit
 are true to the best of my knowledge and belief.

Jeff D. Atkinson
 Real Estate & Insurance
 (Occupation)
Miami, Fla.
 (Address of witness.)

Sworn to before me this 12th day
 of April, 1919

[SEAL]

W. M. Mahan
 Deputy Clerk of the U. S. Dist. Court at Miami, Fla.

Applicant desires passport to be sent to the following address:

DeLacey Wardlow,

Gen. Delivery

Miami, Fla.

A duplicate of the photograph attached to the original application must be affixed in the space marked below.



Anexo 2: Passaporte de Mary Hoge Wardlaw.

56108

The application must be in duplicate and accompanied by three unmounted photographs of the applicant, not larger than three by three inches in size, one of which is to be affixed to the passport by the Department; the other two must be attached to this application and its duplicate, respectively. The photographs must be on thin paper and should have a light background. The one not attached to the applications should be signed by the applicant across its face, so as not to obscure the features.

ss-This blank must be completely filled out. The legal fee of one dollar, in currency or postal money order, must accompany the application. A woman's application must state whether she is married or not, and a married woman must state whether her husband is a native citizen. The rules should be carefully read before mailing the application to the Department of State, Bureau of Citizenship, Washington, D. C.

[EDITION OF 1915.]
[FORM FOR NATIVE CITIZEN.]

Issued JUN 16 1917
JUN 18 1917

UNITED STATES OF AMERICA.

~~XXXXXX~~ United States District Court
Middle District of Tennessee
(Mrs. De Lacey Wardlaw())
I, Mrs. Mary Hoge Wardlaw, a NATIVE AND LOYAL CITIZEN OF THE UNITED STATES, hereby apply to the Department of State, at Washington, for a passport.

I solemnly swear that I was born at Baltimore, in the State of Maryland, on or about the 15th day of October, 1855* that my ~~XXXXXX~~ (husband) is a native citizen of the United States; that I am domiciled in the United States, my permanent residence being at Bellbuckle, Bedford Co. in the State of Tennessee, where I follow the occupation of housewife; that I am about to go abroad temporarily; and I intend to return to the United States within six months with the purpose of residing and performing the duties of citizenship therein; and that I desire a passport for use in visiting the countries hereinafter named for the following purpose:

Cuba (Name of country.) To visit my married daughter, who resides in Cuba, and to accompany my daughter, Carolyn Wardlaw who also resides in Cuba.
(Name of country.)
(Name of country.) (Object of visit.)

I intend to leave the United States from the port of Key West, Florida S.S.Co. Do not know name of vessel sailing on board the Peninsular & Occidental on June 28th, 1917.
(Name of vessel.) (Date of departure.)

OATH OF ALLEGIANCE.

Further, I do solemnly swear that I will support and defend the Constitution of the United States against all enemies, foreign and domestic; that I will bear true faith and allegiance to the same; and that I take this obligation freely, without any mental reservation or purpose of evasion: So help me God.

Mary Hoge Wardlaw
(Signature of applicant.)

Sworn to before me this 13th day of June, 1917.

[SEAL OF COURT.]
H. M. Doak
Clerk of the District Court at Nashville, Tenn.

* A person born in the United States in a place where births are recorded must submit a birth certificate with his application.

[OVER.]

DESCRIPTION OF APPLICANT.

Age: 61 years.
 Stature: 5 feet, 5½ inches, Eng.
 Forehead: High
 Eyes: Grey
 Nose: Pointed
 Mouth: Large
 Chin: Medium
 Hair: Brown
 Complexion: Dark
 Face: Oval

IDENTIFICATION.

I, Egbert W. Smith, solemnly swear that I am a native citizen
 of the United States; that I reside at Nashville, Tennessee; that I have known
 the above-named Mrs. Mary Hoge Waddles personally for two years and
 know him to be a native citizen of the United States; and that the facts stated in his affidavit
 are true to the best of my knowledge and belief.

Egbert W. Smith
 Executive Secretary, Board of
 Foreign Missions.
 Nashville, Tennessee.

Sworn to before me this 13th day
 of June, 19 17

[SEAL.]

H. M. Jordan
 Clerk of the U. S. District Court at Nashville, Tenn.

Applicant may be communicated with at the following address:

410 Vendome Building
Nashville, Tennessee.

A duplicate of the photograph to be attached hereto
 must be sent to the Department with the application,
 to be affixed to the passport with an impression of the
 Department's seal.



Anexo 3: Passaporte de Caroline Cunningham Wardlaw.

56120

The application must be in duplicate and accompanied by three unmounted photographs of the applicant, not larger than three by three inches in size, one of which is to be affixed to the passport by the Department; the other two must be attached to this application and its duplicate, respectively. The photographs must be on thin paper and should have a light background. The one not attached to the applications should be signed by the applicant across its face, so as not to obscure the features.

52-This blank must be completely filled out. The legal fee of one dollar, in currency or postal money order, must accompany the application.
A woman's application must state whether she is married or not, and a married woman must state whether her husband is a native citizen.
The rules should be carefully read before mailing the application to the Department of State, Bureau of Citizenship, Washington, D. C.

[EDITION OF 1915.]
[FORM FOR NATIVE CITIZEN.]

No. 16
Issued JUN 16 1917

UNITED STATES OF AMERICA.

~~XXXXXX~~ United States of America
~~XXXXXX~~ Middle District of Tennessee.

I, Carolyn Wardlaw, a NATIVE AND LOYAL CITIZEN OF THE UNITED STATES, hereby apply to the Department of State, at Washington, for a passport.

My father was a native citizen and I submit letter ~~letter~~ ^{here} showing that I was born out of the United States while my parents were missionaries. I am at present living in Cuba with a married sister but expect to return to the U.S. to resume my permanent resident within a year. I solemnly swear that I was born at Ceara, Brazil, in the State of _____, on or about the 19th day of July, 1891,* that my [father] ~~is~~ is a native citizen of the United States; that I am domiciled in the United States, my permanent residence being at Bellbuckle, Bedford Co. in the State of Tennessee, which follows the requirements that I am about to go abroad temporarily; and I intend to return to the United States within one ~~years~~ years with the purpose of residing and performing the duties of citizenship therein; and that I desire a passport for use in visiting the countries hereinafter named for the following purpose:

Cuba (Name of country.) I returned to the United States from Cuba, where I have spent the past three years, to take my mother back with me for a visit to my married sister there, and I expect to spend the next year in Cuba, then returning to the U.S. to reside permanently.

I intend to leave the United States from the port of Ken Westm Florida Co. (Port of departure.) sailing on board the Peninsular & Occidental S.S. June the 28th, 1917, but do not know name of vessel sailing on that day. (Name of vessel) (Date of departure.)

OATH OF ALLEGIANCE.

Further, I do solemnly swear that I will support and defend the Constitution of the United States against all enemies, foreign and domestic; that I will bear true faith and allegiance to the same; and that I take this obligation freely, without any mental reservation or purpose of evasion: So help me God.

Carolyn Wardlaw
(Signature of applicant.)

Sworn to before me this 13th day of June, 1917.

[SEAL OF COURT.]
H. M. Smith
Clerk of the U. S. District Court at Nashville, Tenn.

* A person born in the United States in a place where births are recorded must submit a birth certificate with his application.

[OVER.]

DESCRIPTION OF APPLICANT.

Age: 25 years. Mouth: Medium
 Stature: 5 feet, 8 inches, Eng. Chin: Medium
 Forehead: Medium Hair: Blond
 Eyes: Hazel Complexion: Fair
 Nose: Medium Face: Round

IDENTIFICATION.

June 13th, 19 17

I, Egbert W. Smith, solemnly swear that I am a ~~native~~ citizen
 of the United States; that I reside at Nashville, Tennessee; that I have known
 the above-named ~~xxxxxx~~ Carolyn Wardlaw personally for Two years and
 know ~~him~~ her to be a native citizen of the United States; and that the facts stated in ~~his~~ her affidavit
 are true to the best of my knowledge and belief.

Egbert W. Smith
 Executive Secretary, Board of
 Foreign Missions.
 Nashville, Tennessee.

Sworn to before me this 13th day

[SEAL.]

of June 19 17

H. M. Cook
 Clerk of the U.S. District Court at Nashville, Tenn.

Applicant may be communicated with at the following address:

J. F. B. McLean Jr.
 410 Vendome Building
 Nashville, Tennessee.

M. K.

A duplicate of the photograph to be attached hereto
 must be sent to the Department with the application,
 to be affixed to the passport with an impression of the
 Department's seal.



Anexo 4: Notícia da morte de Daniel Kidder publicada no 'The Chicago Tribune'.

THE CHICAGO TRIBUNE. THURSDAY, JULY 30, 1891

DR. D. P. KIDDER DEAD.

HE PASSED AWAY AT HIS HOME IN EVANSTON.

One of the Most Widely Known of Methodist Theologians—A Man Whose Deeds Will Live After Him—Some Notable Efforts in the Literature of the Church—His Experience as a Missionary in Brazil—Funeral of the Rev. M. G. Bullock.

Dr. Daniel P. Kidder, one of the oldest and most widely known theologians of the Methodist Episcopal Church, died at his home in Evanston yesterday morning at 12:30 at the age of 76 in the presence of his wife, two sons, Henry M. and Daniel S. Kidder, and daughter, Mrs. George E. Strobbridge.

For the last four years he has been in poor health and has rapidly failed during the last ten days. Dr. Kidder entered the ministry of the Methodist church fifty-six years ago, since which time he has been a prominent figure in religious circles as a theologian, writer, and educator.

Funeral services will be held at his late residence, No. 418 University place, Evanston, Friday, at 3 o'clock p. m. The Rev. Dr. W. S. Studley will officiate, and Dr. Luke Hitchcock is expected to deliver a eulogy. Memorial exercises will be held in Evanston in September.

Dr. Kidder was born near Darien, Genesee County, N. Y., Oct. 18, 1815, his mother only surviving his birth a few days. As a boy he was thoughtful and studious to a remarkable degree, and at the age of 14 he took charge of the district school near his father's farm, in Genesee County. His preparation for college was made at the Genesee Seminary, Lima, N. Y., and when 16 years old he entered the Connecticut Wesleyan University at Middletown, graduating therefrom in 1836, when 20 years old. Immediately after graduation he was given the pastorate of the Rochester (N. Y.) Methodist Episcopal Church. In the fall of the same year he married Miss Cynthia Russell of Rochester, N. Y. A year and a half later the young couple went to Brazil as missionaries, arriving there in January, 1838. Two years of hardship were spent in this field, which had never before been invaded by a Protestant missionary of any denomination. During this time the young preacher thoroughly mastered the Portuguese language and translated and published the Protestant Bible in that language. His translation of the Portuguese work of Feijó, entitled "The Demonstration of the Necessity of Abolishing a Constrained Clerical Celibacy," caused a genuine sensation in theological circles, and especially in the Roman Catholic Church.

The first Protestant sermon ever preached on the Amazon was delivered by Dr. Kidder from the decks of a steamer at Para in 1840. His young wife died in Brazil in 1840, leaving two children, Henry M., now Col. Kidder, and Kate, now Mrs. Strobbridge of New York City, both of whom were born in Brazil.

His Return to America.

Returning to this country in 1841, he became pastor of the Methodist Church at Paterson, N. J. In 1842 he married Miss Harriet Smith of Cazenovia, N. Y., who became the mother of his third child, Daniel S. Kidder of New York. A year later Dr. Kidder was put in charge of the Methodist Church of Trenton, N. J. Elected in 1844 as Corresponding Secretary of the Methodist Sunday-School Union, and manager of the department of publication of the same church, he spent the next twelve years in writing and travel. During this time he wrote his "Brazil and the Brazilians," which, when published in Philadelphia in 1857, was the only work of its kind in existence. It reached a wide circulation and was translated and published in fourteen languages.

From 1856 to 1871 Dr. Kidder was Professor of Practical Theology at Garrett Biblical Institute, Evanston, during which time he wrote his work on "Homiletics," which is today used as a standard text-book in the Methodist theological seminaries of the country. In 1871 he was called to the chair of practical theology of Drew Theological Seminary at Morrison, N. J., which position he held till 1881, when he was made Secretary of the Board of Education of the Methodist Church. In this latter position he did much to advance the interest of collegiate and theological education in this country. The now general celebration of Children's day the second Sunday of each June was largely due to his efforts. Before the New Jersey annual conference in 1886 he preached a sermon in commemoration of his semi-centennial as a minister of the Methodist denomination. He was a member of the general conference of his church at Boston in 1852 and Chicago in 1868. The general conference of 1888 elected him Honorary Secretary of the United States Board of Education of that church.

Dr. Kidder was a tireless writer, and while Secretary of the Publication Society edited over 800 books for Sunday-school libraries, besides writing over 30 articles and reviews and contributing scholarly articles to the encyclopedias. From 1881 to 1888 he edited the Sunday-school lessons for *Golden Days*.

Prominent among his writings, in addition to those already mentioned, are "Mormonism and the Mormons" (New York, 1842); "Sketches of Residence and Travel in Brazil" (New York, 1845); "The Christian Pastorate" (Cincinnati, 1871); "Helps to Preyer" (New York, 1874). Miss Frances Willard, in speaking of the doctor, said: "He, if any one, bore without reproach that grand old name of gentleman." As a man Dr. Kidder was considered a model host and a gentleman of the old school. His home in Evanston was always the focus of social events in the early days of the village. He was actively associated with the growth of the town, and is sincerely mourned by hundreds who shared his hospitality.

Anexo 5: Comunicação da morte de George Gardner publicada no
'Hooker's Journal of Botany'.

Death of GEORGE GARDNER, Esq.; Superintendant of the Botanical
 Garden, Ceylon.

Our readers, we are sure, will bear with deep regret of the recent and sudden death of Mr. Gardner, while on a visit to the Governor, at one of the seats of His Excellency. We cannot do better than relate this sad event in the words of his steady friend and patron, as contained in a letter to the Editor of this Journal, received April 18th.

"Near Ellis Rest-house,

"Ceylon, March 11th, 1849.

"My dear Sir William,

"It is with very great pain and distress that I take up my pen to address you; but, knowing the interest and friendship you had for Dr. Gardner, and being unacquainted at this moment with his family

BOTANICAL INFORMATION.

135

in Scotland, I relate to you my melancholy tale, trusting to your kindness to make it known to those it must so deeply interest. Poor Gardner arrived here yesterday at three o'clock, in high health and spirits, and was going on an excursion with me to the Horton plains. Never did he seem so well, and never more cheerful or agreeable; so much so, that when some of us went out to ride at four o'clock, we remarked it. He took some luncheon, and he said he should go to his room and rest after his journey.

"We had not ridden two miles when an express was sent to us to say he was taken severely ill. Dr. Fleming, (the ablest physician in the island,) was with me at the time, when we immediately returned and found him lying in a fit of apoplexy. Every possible means that science and skill could invent were employed, but nothing proved of any avail:—he breathed his last at eleven o'clock last night, in my presence, and I can truly say, surrounded by as many sorrowing hearts as if his own relations had been here. It appears from the account of the Rest-house keeper, that hearing him scream in his room, and exclaim, 'I am going to die!' he rushed in, when poor Gardner fell into his arms and said:—'Fleming; bleed!'—He must have been in the act of taking off his boots.

"We hear he had for the last two or three days been complaining of pain at the back of the head; and it is to be feared that he had been labouring too hard on the book which he was preparing for the press, and leading too sedentary a life. I remained with him from the moment I arrived, and you may assure his friends that every attention was paid to him. I can honestly say, that the colony and the public in general have experienced a severe loss in this talented and excellent man:—one who was loved by all. Never did I see so amiable a person; one who possessed more benevolence, or was more ready to impart information to those who asked for it. He is to be buried this evening, at six o'clock, and everybody will attend to pay the last mark of respect to our lost friend.

"I sent an express, last night, to the Agent at Kandy, to put a seal on all his papers and property. I know not if he has made a will, nor am I acquainted with the state of his affairs; but his botanical collections shall be carefully secured till I hear from you or some of his friends. One work, I know, is ready for the press, and was on the point of being sent home for printing. As the mail leaves almost at

this very hour, I am prevented from writing further; but I have requested Sir Emerson Tennent, who was his greatest friend, and may consequently know more of his affairs, to write to you also; and as he is at Colombo, in case the steamer is late, he may have an opportunity of sending you fuller information. Forgive a hasty scrawl: this sad affair has quite upset me.

"Your's very faithfully,
"TORRINGTON."

We have reason to believe that Mr. Gardner's library and botanical works, and his Herbarium, will be offered at a valuation to the Government, to form part of the establishment of Peradenia, an institution that, under his able directorship, has stood at the head of all colonial gardens. To much of his scientific labours the pages of this and other Journals have borne ample testimony, and his friends looked with confidence for greater works than these. The publication on which he was engaged was an Introduction to the study of Botany, especially calculated for India. Our own portfolio contains an elaborate manuscript paper on some new plants of China, discovered by Captain Champion, and he had collections and materials in a very forward state for a complete *Flora Zeylanica*. But he is cut off in the midst of his useful labours, to the regret of all who knew him.*

Durability of OAK TIMBER.

Two interesting specimens of Oak wood have been recently sent to the Museum of the Royal Botanic Gardens, showing under two different circumstances its great durability.

Capt. Sir Everard Home, Bart., R.N., presented to us a pile of Oak, taken up in the year 1827, from Old London Bridge, in the most perfect state of preservation. It had been thus immersed in the bed of the river for 650 years. The outside was rough and furrowed, but little corroded; and the inside was as sound as when the tree was first cut down, partly blackened or stained by the action of the water, but perfectly firm to the centre and capable of receiving a fine polish.

* Scarcely was the above notice penned, when we see by the *Gardeners' Chronicle* (April 21st) that Science has lost another distinguished botanist in the death of Professor ENDLECHER, at Vienna, author of a *Genera Plantarum*, and many other works of great learning and research.

Anexo 6: Correspondência de Virginia Randolph Wardlaw publicada na revista infanto-juvenil 'St. Nicholas'.

PORTALEZA, CEARÁ, BRAZIL.

DEAR ST. NICHOLAS: We are all so delighted with your birthday number that I could not help writing to tell you so. A cousin has been sending you to us for over nine years, and I don't know what we could do without you. I like all the stories, but my favorites are "Lady Jane," "Jack Ballister's Fortunes," "Polly Oliver's Problem," "Master Skylark," and "Miss Nina Barrow." I take especial interest now in the ST. NICHOLAS because of the stories about the war. "Chuggins" and "Margaret Clyde" won a place in all our hearts.

My sister is enlarging the pictures of the American heroes to give me at Christmas. Sampson, Dewey, and Hobson are the ones we like best.

That is a very nice plan of Lavinia De Forest's. There are only newspapers in this part of Brazil, however, so I have n't even pictures of our own great men, who are, as yet, but few. Our most famous men are Carlos Gomes, who wrote our national hymn, which Gottschalk arranged so magnificently, and José d'Alen-

car, a Cearense author, to whom a statue has lately been erected at Rio de Janeiro. He wrote a novel which gave to this state the name of the "Land of Iracema." Another work of his, "Guarany," is the most beautiful tale I know of. I wish some one would translate it. It furnished the theme for Carlos Gomes's most famous opera, "Guarany."

The 15th of November is the Brazilian Fourth of July, because on that day it ceased to be an empire. I can't forgive the Brazilians yet for the way they treated our dear old emperor.

My two younger sisters and I have started a little paper we call "The Three Graces." We asked our little sister Carrie to write a story for us, and she said, "Then the paper ought to be called 'The Four Graces'!" She does sums in "subscrachin," and has learned what she calls a "grammatic scale." She is learning "Table Manners" by heart, and whatever thing we do at the table that is worthy of reproof, we remind each other of the Goops!

Wishing you many, many happy birthdays, I remain
Your constant reader,

VIRGINIA R. WARDEAW.

Anexo 7: Entrevista de De Lacey Wardlaw publicada no 'The Constitution'.

THE CONSTITUTION: ATLANTA, GA. WEDNESDAY AUGUST 21, 1889.

LANGUAGES IN THE SCHOOLS.

Mr. D. L. Wardlaw, a Missionary from Brazil Gives an Interesting Interview.

"In my opinion the public schools of this country, and especially of the south, makes a great mistake in not teaching the Spanish language instead of German and French."

The speaker was Mr. D. L. Wardlaw, formerly of Tennessee, but for the past nine years a missionary in Brazil.

"What advantage has Spanish over other foreign tongues?"

"It has this advantage. The Spanish language is spoken in Brazil, and in all the states to the south, to the exclusion of all others. In fact, it is hardly too much to say that there are more people speaking the Spanish language today than any other, except, of course, the English language. I count Portuguese in this estimate, as that language is a dialect of Spanish.

"The countries south of us from Mexico down, are making rapid strides in the development of their natural resources, and extending their trade. This trade properly belongs to the United States, and especially the south. Germany and England have not been idle in taking care of their trading interests, and if we do not look sharp when the country is developed and trade is built up, we will be shut out in favor of our competitors."

"Do they sell a better class of goods than we do?"

"No; they sell inferior goods, usually speaking, and imitate American manufacture. As the proof of the excellence of an article, they will tell you that it is American make. They are now beginning to manufacture their own cotton goods, and are using the latest machinery in their sugar refineries and in raising and manipulating the cotton crop. The south ought to sell all of this kind of machinery that is needed, and at a good profit."

"How does Germany keep up her trade?"

"Why, every large manufacturer in Germany keeps agents in this section, and in this way they find out what the people want and supply them with it. Take Krupp, for instance. He has two agents in Brazil all the time. England has held her own in this way for a long time, but Germany is beating her because she is making cheaper goods. The United States can beat either of them if she only tries. The Singer Manufacturing company have agents there, and make machines such as the people want.

"Mechanical engineers are very much in demand in Brazil, and it struck me as I passed your technological school, that it would be a good idea to teach Spanish there also. It can avail but little from a practical standpoint to learn French or German, but the time is not far distant when we will need Spanish correspondents, and salesmen who can speak the Spanish language.

"An Alabama boy, Mr. Dixon Armstrong, a son of ex-Governor Armstrong, of Alabama, is doing a pushing business boring artesian wells in Brazil. He has the contract for ten wells to cost \$50,000 each."

Mr. Wardlaw is located in the province of Ceara, which has about 900,000 population. He left yesterday for home.

Anexo 8: Prefácio do romance '*Candida; or, by a way she knew not. A Story From Ceará*' de autoria de Mary Hoge Wardlaw.

PREFACE.



HAWTHORNE says, "A foreigner seldom acquires that knowledge of a people, at once flexible and profound, which may justify him in endeavoring to idealize its traits."

This being also my own opinion, I have for years refused to attempt a story of life in Brazil, although frequently urged to write one. Now, however, after twenty years spent in

close and sympathetic study of Brazilians and their surroundings, I feel that it may not be presumptuous to portray them as I see them.

There are several facts which I would beg the reader to bear in mind as he follows the fortunes of "*Candida*."

1. This is exclusively a story of Northern Brazil. With the exception of the short chapter, "*In the Amazon Valley*," which is the result of much study and research, I describe nothing which I have not seen. Northern and Southern Brazil differ as widely from one another in

climate, customs, and characteristics, as New England and the Gulf States.

2. "Fortaleza" always means the capital city of Ceará. Residents in the same State refer to it invariably as "The Capital." "Ceará" is applied indifferently to Fortaleza or to the State—called, in the period of which I write, a province.

3. The action of the story is comprised between the beginning of 1880 and the latter part of 1889, when Brazil became a Republic. Ceará has advanced greatly in the last ten or twelve years.

4. The missionary characters are *not* characters. Every incident relating to the introduction and spread of the gospel, with the accompanying persecutions, is strictly true, and is recorded without embellishment. In a private capacity, however, the effort has been made to have "Mr. and Mrs. Cary" speak and act like missionaries, but no special missionaries.

The aim of this story is, primarily, to show the power of the gospel in Brazil, and, secondarily, to deepen the interest in Brazilians as fellow-beings. If, through its instrumentality, the way of salvation should become clearer to some groping soul, and the Saviour of sinners dearer, I shall be blessed above measure.

M. H. W.